

Laurent Binet

# HHHHH

ROMANCE

---

COMPANHIA DAS LETRAS



# LAURENT BINET

## HHhH

Tradução

Paulo Neves



# PRIMEIRA PARTE

De novo o pensamento do prosador põe manchas na árvore da História, mas não cabe a nós descobrir a artimanha que permitiria recolocar o animal na sua jaula portátil.

Óssip Mandelstam, "O fim do romance"

Gabčík é seu nome, é um personagem que realmente existiu. Teria ele ouvido, lá fora, atrás das janelas de um apartamento mergulhado na obscuridade, sozinho, estendido num pequeno leito de ferro, teria ele escutado o rangido muito reconhecível dos bondes de Praga? Quero crer que sim. Como conheço bem Praga, posso imaginar o número da linha do bonde (mas talvez tenha mudado), seu itinerário e o lugar onde Gabčík, deitado, atrás das janelas fechadas, espera, pensa e escuta. Estamos em Praga, no ângulo das ruas Vyšehradská e Trojička. O bonde no 18 (ou 22) parou diante do Jardim Botânico. Estamos, sobretudo, no ano de 1942. Em O livro do riso e do esquecimento, Kundera dá a entender que se envergonha um pouco de ter que batizar seus personagens, e embora quase não se perceba essa vergonha em seus romances, repletos de Tomas, Tamina, Tereza, existe aí a intuição de uma evidência: que há de mais vulgar do que atribuir arbitrariamente, por um cuidado pueril de efeito de realidade ou, no melhor dos casos, por simples comodidade, um nome inventado a um personagem inventado? Kundera deveria, em minha opinião, ter ido mais longe: de fato, que há de mais vulgar do que um personagem inventado?

Quanto a Gabčík, ele realmente existiu e era a esse nome que respondia (embora nem sempre). Sua história é tão verdadeira quanto excepcional. Ele e seus companheiros são, a meu ver, os autores de um dos maiores atos de resistência da história humana e, incontestavelmente, da mais alta façanha de resistência da Segunda Guerra Mundial. Há muito eu desejava homenageá-lo. Há muito o vejo, estendido nesse pequeno quarto, de janelas fechadas e vidraça aberta, escutar o rangido do bonde que para diante do Jardim Botânico (em qual sentido? não sei). Mas se ponho essa imagem no papel, como sorrateiramente estou fazendo aqui, não estou certo de homenageá-lo. Reduzo esse homem à condição de um vulgar personagem, e seus atos, à da literatura: alquimia infame, mas que posso fazer? Não quero arrastar essa visão a vida inteira sem ter ao menos tentado restituí-la. Espero simplesmente que, por trás da espessa camada refletora de idealização que vou aplicar a essa história fabulosa, o espelho de duas faces da realidade histórica ainda se deixe atravessar.

Não sei exatamente quando meu pai me falou a primeira vez dessa história, mas lembro de vê-lo pronunciar, no meu quarto de um apartamento alugado, as palavras "partisans", "tchecoslovacos", talvez "atentado", com muita certeza "liquidar", e depois esta data: "1942". Eu havia descoberto em sua biblioteca uma História da Gestapo, escrita por Jacques Delarue, e começara a ler algumas páginas. Meu pai, vendo-me com esse livro na mão, fez alguns comentários de passagem: mencionou Himmler, o chefe da ss, e seu braço direito, Heydrich, protetor da Boêmia-Morávia. Falou-me de um comando tchecoslovaco enviado por Londres, e desse atentado. Ele não conhecia os detalhes (e na época eu não tinha razões para lhe perguntar, esse acontecimento histórico ainda não ocupava o lugar que agora ocupa no meu imaginário), mas percebi aquela leve excitação que o caracteriza quando conta (em geral pela centésima vez, pois, por deformação profissional ou simples tendência natural, gosta de repetir-se) alguma coisa que o impressionou de uma maneira ou de outra. Não creio que ele mesmo tenha tido alguma vez consciência da importância que dava a essa anedota, pois, quando lhe falei recentemente da minha intenção de escrever um livro sobre o assunto, notei somente uma curiosidade polida, sem sinal de emoção particular. Mas sei que essa história sempre o fascinou, mesmo se

não produziu nele uma impressão tão forte quanto em mim. É também para devolver-lhe isso que empreendo este livro: os frutos de algumas palavras dispensadas a um adolescente por esse pai que, na época, ainda não era professor de história, mas que, em algumas frases mal torneadas, sabia contá-la bem.

A História.

3

Bem antes da separação dos dois países, eu já fazia, quando criança e graças ao tênis, a distinção entre tchecos e eslovacos. Por exemplo, sabia que Ivan Lendl era tcheco, enquanto Miroslav Mecir era eslovaco. E se Mecir, o eslovaco, era um jogador mais imaginativo, mais talentoso e mais simpático do que o tcheco Lendl, laborioso, frio, antipático (mas mesmo assim o número um mundial durante 270 semanas, recorde batido apenas por Pete Sampras com 286 semanas), também fiquei sabendo por meu pai que, durante a guerra, os eslovacos haviam colaborado, enquanto os tchecos haviam resistido. Na minha cabeça (cuja capacidade de perceber a espantosa complexidade do mundo era então muito limitada), isso significava que todos os tchecos tinham sido resistentes e todos os eslovacos colaboracionistas, como por natureza. Em nenhum instante pensei no caso da França, que no entanto colocava em causa esse esquematismo: não havíamos, nós, franceses, ao mesmo tempo resistido e colaborado? Na verdade, foi somente ao saber que Tito era croata (portanto, nem todos os croatas haviam colaborado, e por isso talvez nem todos os sérvios haviam resistido) que comecei a ter uma visão mais clara da situação da Tchecoslováquia durante a guerra: de um lado havia a Boêmia-Morávia (a República Tcheca atual) ocupada pelos alemães e anexada ao Reich (isto é, tendo o pouco invejável estatuto de protetorado e considerada como parte integrante da Grande Alemanha); de outro havia o Estado eslovaco, teoricamente independente, mas transformado em satélite pelos nazistas. Isso em nada prejudicava, evidentemente, o comportamento de cada um.

4

Quando cheguei a Bratislava em 1996, antes de ir lecionar como professor de francês numa academia militar da Eslováquia oriental, uma das primeiras coisas que perguntei ao secretário do adido de Defesa da embaixada (depois de notícias de minhas bagagens que haviam se extraviado para Istambul) foi sobre essa história do atentado. Ex-agente especializado em escutas telefônicas na Tchecoslováquia e reconvertido à diplomacia desde o final da guerra fria, esse homem deu-me os primeiros detalhes do caso. Antes de mais nada, foram dois que participaram: um tcheco e um eslovaco. Fiquei contente de saber que alguém originário do país que me acolhia fizera parte da operação (e que, portanto, houve resistentes eslovacos). Sobre o desenrolar da própria operação, pouca coisa, a não ser que uma das armas travou no momento de atirar contra o carro de Heydrich (e na mesma ocasião fiquei sabendo que Heydrich estava de carro no momento do atentado). Mas foi sobretudo a sequência que aguçou minha curiosidade: como os dois partisanos se refugiaram numa igreja e como os alemães tentaram pegá-los lá... História estranha. Eu queria mais detalhes. Mas o secretário do adido não sabia muito mais.

5

Pouco tempo depois da minha chegada à Eslováquia, conheci uma belíssima jovem eslovaca por quem me apaixonei perdidamente e com quem viveria uma história passionnal que haveria de durar cerca de cinco anos. Foi por ela que pude obter informações suplementares. O nome dos protagonistas, em primeiro lugar: Jozef Gabčík e Jan Kubiš. Gabčík era o eslovaco e Kubiš o tcheco — pela consonância de seus respectivos sobrenomes, não pode haver engano. Os dois homens, em todo caso, pareciam ser parte integrante da

paisagem histórica: Aurélia, a jovem em questão, aprendera o nome deles na escola, como todas as crianças tchecas e todas as crianças eslovacas da sua geração, acredito. Quanto ao resto, ela conhecia o episódio em linhas gerais, mas não muito mais do que o secretário do adido. Precisei esperar dois ou três anos para realmente tomar consciência do que sempre havia suspeitado: que essa história ultrapassava em romanesco e em intensidade as mais improváveis ficções. E isso eu descobri quase por acaso.

Eu havia alugado para Aurélia um apartamento situado no centro de Praga, entre o castelo de Vyšehrad e Karlovo náměstí, a praça Carlos. Ora, dessa praça sai uma rua, Resslova ulice, que alcança o rio, lá onde se encontra esse estranho prédio de vidro que parece ondular nos ares e que os tchecos chamam “Tančící Dům”, a casa que dança. Nessa rua Resslova, na calçada à direita de quem desce, há uma igreja. No flanco dessa igreja, um respiradouro em torno do qual se podem ver na pedra numerosos impactos de balas e uma placa que menciona, entre outras coisas, os nomes de Gabčík e de Kubiš, bem como o de Heydrich, a quem o destino deles está doravante ligado para sempre. Passei dezenas de vezes diante desse respiradouro sem notar nem os impactos nem a placa. Mas um dia me detive: eu havia encontrado a igreja onde os paraquedistas se refugiaram depois do atentado.

Voltei com Aurélia numa hora em que a igreja estava deserta e pudemos visitar a cripta.

Na cripta havia tudo.

## 6

Havia traços ainda terrivelmente recentes do drama que terminou nesse lugar, mais de sessenta anos atrás: no lado interno do respiradouro visto da rua, um túnel cavado em alguns metros, impactos de balas nas paredes e no teto curvado, duas pequenas portas de madeira. Mas havia também os rostos dos paraquedistas em fotos, num texto redigido em tcheco e em inglês, o nome de um traidor, um impermeável, uma sacola, uma bicicleta reunidos junto a um cartaz, havia uma submetralhadora Sten que travou no pior momento, havia mulheres evocadas, havia imprudências mencionadas, havia Londres, havia a França, havia os legionários estrangeiros, havia um governo no exílio, havia uma aldeia chamada Lídice, havia um jovem de atalaia chamado Valčík, havia um bonde que passa, ele também, no pior momento, havia uma máscara mortuária, havia uma recompensa de dez milhões de coroas para aquele ou aquela que denunciasse, havia cápsulas de cianureto, havia granadas e homens para lançá-las, havia estações de rádio e mensagens codificadas, havia um entorse no tornozelo, havia a penicilina que só podia ser obtida na Inglaterra, havia uma cidade inteira sob o controle daquele que denominavam “o carrasco”, havia bandeiras com a suástica e insígnias de caveira, havia espões alemães que trabalhavam para a Inglaterra, havia um Mercedes preto com um pneu furado, havia um motorista, havia um homem sanguinário, havia dignitários ao redor de um ataúde, havia policiais inclinados sobre cadáveres, havia represálias terríveis, havia a grandeza e a loucura, a fraqueza e a traição, a coragem e o medo, a esperança e a tristeza, havia todas as paixões humanas reunidas em poucos metros quadrados, havia a guerra e havia a morte, havia judeus deportados, famílias massacradas, soldados sacrificados, havia vingança e cálculo político, havia um homem que, entre outras coisas, tocava violino e praticava esgrima, havia um serralheiro que nunca pôde exercer seu ofício, havia o espírito da Resistência que se gravou para sempre naquelas paredes, havia os vestígios da luta entre as forças da vida e as da morte, havia a Boêmia, a Morávia, a Eslováquia, havia toda a história do mundo contida em algumas pedras.

Havia setecentos ss do lado de fora.

## 7

Navegando pela internet, descobri a existência de um filme, intitulado Conspiração, no qual Kenneth Branagh faz o papel de Heydrich. Por cinco euros, incluído o frete, me apressei a encomendar o DVD, que chegou

em três dias.

Trata-se de uma reconstituição da conferência de Wannsee durante a qual, em 20 de janeiro de 1942, Heydrich, assistido por Eichmann, fixou em algumas horas as modalidades de aplicação da Solução Final. Nessa data, as execuções em massa já haviam começado na Polônia e na União Soviética, mas confiadas aos comandos de extermínio ss, os Einsatzgruppen, que se contentavam em reunir suas vítimas às centenas ou mesmo aos milhares, geralmente num campo ou numa floresta, antes de abatê-las à metralhadora. O problema desse método é que ele submetia os nervos dos carrascos a uma rude prova e prejudicava o moral das tropas, mesmo tão endurecidas quanto o SD ou a Gestapo — o próprio Himmler desmaiaria ao assistir a uma dessas execuções em massa. Posteriormente os ss passaram a asfixiar suas vítimas em caminhões abarrotados, para o interior dos quais viravam o cano de escapamento, mas continuava sendo uma técnica relativamente artesanal. Depois de Wannsee, o extermínio dos judeus, confiado por Heydrich aos cuidados do seu fiel Eichmann, foi administrado como um projeto logístico, social, econômico, de grande envergadura.

A interpretação de Kenneth Branagh é bastante fina: ele consegue conjugar uma afabilidade extrema com um autoritarismo imperioso, o que torna seu personagem muito inquietante. Contudo, não li em parte alguma que o verdadeiro Heydrich soubesse dar prova de amabilidade, real ou fingida, em qualquer circunstância que fosse. Mesmo assim, uma cena muito breve do filme restitui bem o personagem na sua dimensão ao mesmo tempo psicológica e histórica. Dois dos participantes discutem à parte. Um segreda ao outro que ouviu dizer que Heydrich tinha origens judaicas e lhe pergunta se esse rumor tem fundamento. O segundo responde maldosamente: "Por que não fazer a pergunta diretamente a ele?". O primeiro empalidece só de pensar nisso. Ora, de fato um rumor tenaz de que seu pai seria judeu perseguiu por muito tempo Heydrich e envenenou sua juventude. Parece que o rumor era infundado, mas, se não o fosse, Heydrich, enquanto chefe dos serviços secretos do Partido Nazista e da ss, teria podido sem dificuldade fazer desaparecer todo traço suspeito na sua genealogia.

Seja como for, não é a primeira vez que o personagem de Heydrich terá sido levado às telas, pois menos de um ano depois do atentado, já em 1943, Fritz Lang rodava um filme de propaganda intitulado Os carrascos também morrem a partir de um roteiro de Bertolt Brecht. Esse filme reconstituía os acontecimentos de forma totalmente fantasiosa (Fritz Lang por certo ignorava como as coisas realmente se passaram e, mesmo se soubesse, não correria o risco de divulgá-las durante a guerra, naturalmente), mas bastante engenhosa: Heydrich era assassinado por um médico tcheco, membro da Resistência interna, que encontrou refúgio na casa de uma jovem cujo pai, um universitário, era arrebanhado pelo ocupante com outras personalidades locais e ameaçado de execução em represália, se o assassino não se denunciasse. A crise, tratada de forma extremamente dramática (é o dedo de Brecht, sem dúvida!), tem seu desfecho quando a Resistência consegue fazer pagar pelo crime um traidor colaboracionista, cuja morte encerra o caso e o filme. Na realidade, nem os partisanos nem a população tcheca saíram assim, sem grandes perdas, desse episódio.

Fritz Lang escolheu representar Heydrich, de forma bastante grosseira, como um perverso efeminado, um completo degenerado que maneja um chicote para sublinhar ao mesmo tempo sua ferocidade e seus costumes depravados. É fato que o verdadeiro Heydrich passava por ser um tarado sexual e emitia uma voz de falsete que contrastava com o resto da figura, mas sua arrogância, sua rigidez, seu perfil de ariano absoluto nada tinham a ver com a criatura que se requebra no filme. Na verdade, se quiséssemos buscar uma representação um pouco mais parecida, seria proveitoso rever O ditador de Chaplin: ali vemos Hinkel, o ditador, flanqueado de dois esbirros, um deles gordo, adiposo, que tem manifestamente Göring por modelo, e um outro alto e magro, bem mais astuto, frio e rígido: este não é Himmler, de bigodinho e cara de fuinha, mas antes Heydrich, seu perigoso braço direito.



francesa, apesar do nome: filha de comunistas, como todos nós), retornei à cripta. No primeiro dia ela estava fechada por motivo de festa nacional, mas de frente, eu não havia reparado antes, há um bar que se chama Aos Paraquedistas. No interior as paredes estão cobertas de fotos, documentos, afrescos e cartazes relativos ao caso. Ao fundo, uma grande pintura mural representa a Grã-Bretanha, com pontos que indicam as diferentes bases militares onde os comandos do Exército tcheco no exílio se preparavam para suas missões. Bebi uma cerveja com Natacha.

No dia seguinte voltamos no horário de expediente e mostrei a cripta a Natacha, que tirou algumas fotos a meu pedido. Um pequeno filme era projetado no hall, reconstituindo o atentado: tentei identificar o local do drama para ir até lá, mas é longe do centro da cidade. Os nomes das ruas mudaram, tive dificuldade de situar com precisão o lugar exato do ataque. Ao sair da cripta peguei um folheto bilíngue que anunciava uma exposição intitulada “Atentát” em tcheco, “Assassination” em inglês. Entre os dois títulos, uma foto mostrava Heydrich cercado de oficiais alemães e de seu braço direito local, o sudeta Karl Hermann Frank, todos em uniforme de gala, subindo uma escadaria revestida de lambris. No rosto de Heydrich, um círculo vermelho fora impresso. A exposição se realizava no museu do Exército, não longe de Florenc, a estação de metrô, mas não havia indicação de data (somente os horários de abertura do museu eram mencionados). Fomos até lá no mesmo dia.

À entrada do museu, uma simpática senhora bastante idosa nos acolheu com solicitude: parecia feliz de ver visitantes e nos convidou a percorrer as diferentes galerias do prédio. Mas somente uma me interessava, eu lhe apontei: aquela cuja entrada era decorada por uma enorme ilustração que anunciava, à maneira de um cartaz de filme de horror hollywoodiano, a exposição sobre Heydrich. Perguntei-me se essa exposição era permanente. Em todo caso era gratuita, como o resto do museu, e a simpática senhora, que quis saber nossa nacionalidade, nos entregou um fascículo de acompanhamento em inglês (ela ficou chateada por poder nos propor apenas inglês ou alemão).

A exposição ultrapassou todas as minhas expectativas. Ali havia realmente tudo: além de fotos, cartas, cartazes e documentos diversos, vi as armas e objetos pessoais dos paraquedistas, seus dossiês feitos pelos serviços ingleses, com notas, apreciações, avaliações das competências, o Mercedes de Heydrich, com seu pneu furado e o buraco na porta traseira direita, a carta fatal do amante à sua amada que foi a causa do massacre de Lídice, ao lado dos respectivos passaportes com a foto, e uma quantidade de outros vestígios autênticos e perturbadores do que se passou. Tomei notas febrilmente, mesmo sabendo que havia muito mais nomes, datas, detalhes. Ao sair, perguntei à simpática senhora se era possível comprar o fascículo que ela me entregara para a visita, no qual todas as legendas e comentários da exposição eram retranscritos: ela me disse que não, com um ar desolado. A brochura, muito bem-feita e composta de maneira artesanal, claramente não se destinava à comercialização. Vendo-me perplexo, e certamente tocado por meus esforços de balbuciar frases em tcheco, a simpática senhora acabou por tomar-me o fascículo das mãos e, com um ar decidido, o enfiou na bolsa de Natacha. Fez um sinal para nos calarmos e partirmos. Agradecemos com efusão. É verdade que, considerando o número de visitantes do museu, o fascículo com certeza não fará falta a ninguém. Mesmo assim foi uma grande gentileza. Dois dias depois, uma hora antes da partida do nosso ônibus para Paris, retornei ao museu para oferecer chocolates a essa simpática senhora que, muito confusa, não quis aceitá-los. É tal a riqueza do fascículo que ela me ofereceu que, sem ele — e portanto sem ela —, este livro certamente não teria a forma que terá agora. Lamento não ter ousado perguntar-lhe o nome, para poder um pouco mais solenemente agradecer de novo aqui.

Quando cursava o segundo grau, Natacha participou por dois anos seguidos do concurso da Resistência, e nas duas vezes se classificou em primeiro lugar, o que, ao que eu saiba, nunca acontecera antes e nunca aconteceu depois. Essa dupla vitória lhe permitiu, entre outras coisas, ser a porta-bandeira numa cerimônia

comemorativa e visitar um campo de concentração na Alsácia. Ora, durante o trajeto de ônibus, estava sentado a seu lado um ex-resistente que se afeiçoou por ela. Ele lhe emprestou livros, documentos, mas depois se perderam de vista. Dez anos mais tarde, quando me contou essa história com a culpa que se pode imaginar, pois ela continuava de posse dos documentos emprestados e não sabia sequer se seu resistente ainda vivia, eu a incitei a retomar contato e, embora ele tivesse se mudado para o outro extremo da França, encontrei sua pista.

Foi assim que fomos visitá-lo, numa bela casa pintada de branco, para os lados de Perpignan, onde ele se instalara com a mulher.

Degustando um vinho moscatel, nós o ouvimos contar como entrou na Resistência, como se tornou um maqui, quais eram suas atividades. Em 1943, ele tinha dezenove anos e trabalhava na leiteria de um tio que, de origem suíça, falava alemão, de modo que os soldados que vinham se abastecer habituaram-se a ficar um pouco mais, conversando com alguém que falava sua língua. De início pediram-lhe se podia colher informações interessantes nas frases trocadas pelos soldados com o tio, sobre movimentos de tropas, por exemplo. Depois o encarregaram dos lançamentos em paraquedas, isto é, ele ajudava a recuperar caixas de material lançadas à noite por aviões aliados. Por fim, quando chegou à idade de ser requisitado pelo Serviço de Trabalho Obrigatório e, portanto, com o risco de ser enviado à Alemanha, tornou-se propriamente um maqui, tendo servido em unidades de combate e participado da libertação da Borgonha, aparentemente de forma ativa, pelo número de alemães que disse ter matado.

Eu estava sinceramente interessado em sua história, mas esperava também saber alguma coisa que pudesse ser útil para o meu livro sobre Heydrich. O quê, exatamente, não fazia a menor ideia.

Perguntei-lhe se tinha seguido alguma instrução militar após entrar no maqui. Nenhuma, ele me disse. Posteriormente ensinaram-lhe a manejar uma metralhadora pesada e ele teve algumas sessões de treinamento: desmontagem e remontagem de olhos vendados, exercícios de tiro. Mas logo de início puseram-lhe uma submetralhadora nas mãos e foi tudo. Uma submetralhadora inglesa, uma Sten. Arma absolutamente não confiável, ao que parece: bastava bater com a coronha no chão para esvaziar todo o carregador nos ares. Uma porcaria. "A Sten era uma verdadeira merda, não há outro qualificativo."

Uma verdadeira merda, vejam só...

10

Eu disse que a eminência parda de Hynkel-Hitler em O ditador de Chaplin se inspirava em Heydrich, mas é falso. Deixo de lado o fato de que, em 1940, Heydrich era um homem ainda à sombra, amplamente desconhecido, a fortiori dos americanos. O problema evidentemente não está aí: Chaplin poderia ter adivinhado sua existência e acertado. A verdade é que o esbirro do ditador no filme é apresentado como uma serpente cuja inteligência contrasta com o ridículo daquele que parodia o gordo Göring, mas o personagem também possui traços cômicos e de frouxidão nos quais não se pode reconhecer o futuro açougueiro de Praga.

A propósito das representações fílmicas de Heydrich, acabo de ver na TV um velho filme de Douglas Sirk (que era de origem tcheca), intitulado O capanga de Hitler. Trata-se de um filme de propaganda, americano, rodado em uma semana, lançado pouco antes do de Fritz Lang, Os carrascos também morrem, em 1943. A história, totalmente fantasiosa (como a de Lang), situa o centro da Resistência em Lídice, a aldeia mártir que acabará como Oradour.<sup>1</sup> A questão é o engajamento dos aldeões ao lado de um paraquedista vindo de Londres: eles vão ajudá-lo ou manter-se à parte, quem sabe até traí-lo? O problema do filme é que ele reduz um pouco a organização do atentado a uma iniciativa local, baseada numa série de acasos e coincidências. (Heydrich atravessa por acaso a aldeia de Lídice, que abriga por acaso um paraquedista, e é ainda por acaso que se fica sabendo da hora da passagem do carro do protetor etc.) Assim, a intriga é bem menos forte que a do filme de Lang no qual, com Brecht no roteiro, a força dramática se desdobra para formar uma verdadeira epopeia nacional.

Em contrapartida, o ator que encarna Heydrich no filme de Douglas Sirk é excelente. Primeiro, porque se assemelha a ele fisicamente. Depois, porque consegue restituir a brutalidade do personagem sem lançar mão de tiques exagerados, facilidade a que Lang cedeu sob pretexto de sublinhar sua alma degenerada. Ora, Heydrich era um porco maléfico e sem piedade, mas não era Ricardo III. O ator em questão é John Carradine, o pai de David Carradine, o Bill do Kill Bill de Tarantino. A melhor cena do filme é a da agonia: Heydrich, moribundo, acamado e roído pela febre, faz a Himmler um discurso cínico que não deixa de ter, desta vez, ressonâncias shakespearianas, mas que me pareceu igualmente bastante verossímil: nem covarde nem heroico, o carrasco de Praga se extingue sem arrependimento nem fanatismo, apenas lamentando deixar uma vida à qual se apegara — a sua.

Eu disse: “verossímil”.

## 11

Passam-se meses, que se tornam anos, durante os quais essa história não cessa de crescer em mim. Enquanto minha vida transcorre, feita de alegrias, dramas, decepções e esperanças pessoais como para todo mundo, as prateleiras do meu apartamento se enchem de livros sobre a Segunda Guerra Mundial. Devoro tudo que me cai às mãos em todas as línguas possíveis, vou ver todos os filmes que entram em cartaz — O pianista, A queda, Os falsários, A espiã etc. —, minha TV não sai do History Channel. Fico sabendo um monte de coisas, algumas que só têm uma relação distante com Heydrich, digo-me que tudo pode servir, que é preciso impregnar-se de uma época para compreender seu espírito, e então o fio do conhecimento, tão logo se começou a puxar, continua a se desenrolar sozinho. A vastidão do saber que acumulo acaba por me assustar. Para mil páginas que leio, escrevo duas. A esse ritmo morrerei sem chegar sequer aos preparativos do atentado. Sinto que minha sede de documentação, saudável na base, torna-se um pouco mortífera: no fim das contas, um pretexto para adiar o momento da escrita.

Enquanto isso, tenho a impressão de que tudo, na minha vida cotidiana, me reconduz a essa história. Natacha aluga um estúdio em Montmartre, o código da porta de entrada é 4206, penso imediatamente em junho de 42. Natacha me anuncia a data de casamento da sua irmã, exclamo alegremente: “27 de maio? Inacreditável! O dia do atentado!”. (Natacha fica consternada.) Passamos por Munique no último verão ao voltar de Budapeste: na grande praça da cidade velha, reunião impressionante de neonazistas, os muniquenses envergonhados me dizem nunca terem visto isso (não sei se devo acreditar). Assisto pela primeira vez na vida a um Rohmer, em DVD: o personagem principal, um agente duplo, nos anos 1930, encontra Heydrich em pessoa. Num filme de Rohmer! É divertido constatar como, quando a gente se interessa por um tema, tudo parece nos levar a ele.

Leio também muitos romances históricos, para ver como os outros se arranjam com as exigências do gênero. Alguns dão prova de um rigor extremo, outros não se preocupam muito, há enfim os que conseguem contornar habilmente os muros da verdade histórica sem fabular em excesso. De todo modo, fico impressionado com o fato de que, em todos os casos, a ficção prevalece sobre a História. É lógico, mas sinto dificuldade de tomar essa decisão.

Um modelo de êxito, a meu ver, é *Le mors aux dents*, de Vladimir Pozner, que conta a história do barão Ungern, aquele que Corto Maltese encontra em Corto Maltese na Sibéria. O romance de Pozner divide-se em duas partes: a primeira se passa em Paris e mostra as pesquisas do escritor que recolhe testemunhos sobre seu personagem. A segunda nos mergulha brutalmente no coração da Mongólia e entramos então no romance propriamente dito. O efeito é impressionante e muito bem-sucedido. Releio de vez em quando essa passagem. Na verdade, para ser preciso, as duas partes são separadas por um pequeno capítulo de transição intitulado “Três páginas de História”, que termina com a frase: “1920 estava começando.”

Acho isso genial.

Maria está há uma hora tentando canhestramente tocar piano, quando ouve seus pais chegarem. Bruno, o pai, abre a porta para sua mulher, Elizabeth, que traz um bebê nos braços. Eles chamam a menina: “Venha ver, Maria! Olhe, é seu irmãozinho. Ele é muito pequeno e você deve ser gentil com ele. Chama-se Reinhardt”. Maria faz um vago gesto de assentimento. Bruno inclina-se delicadamente sobre o recém-nascido. “Como é bonito!”, ele diz. “Como é loiro!”, diz Elizabeth. “Ele será músico.”

Claro que eu poderia, talvez até deveria, para fazer como Victor Hugo, descrever longamente, à guisa de introdução, numa dezena de páginas, a boa cidade de Halle, onde nasceu Heydrich, em 1904. Falaria das ruas, do comércio, dos monumentos, de todas as curiosidades locais, da organização municipal, das diversas infraestruturas, das especialidades gastronômicas, dos habitantes e do seu estado de espírito, suas maneiras, suas tendências políticas, seus gostos, seus lazeres. Depois mostraria, num zoom, a casa dos Heydrich, a cor das janelas, das cortinas, a disposição das peças, a madeira da mesa no meio da sala. Faria uma descrição minuciosa do piano, acompanhada de um longo comentário sobre a música alemã no começo do século, seu lugar na sociedade, seus compositores, a questão da recepção das obras, a importância de Wagner... e somente então começaria meu relato propriamente dito. Lembro-me de uma interminável digressão de pelo menos oitenta páginas, em Notre-Dame de Paris, sobre o funcionamento das instituições judiciárias na Idade Média. Achei aquilo poderoso, mas saltei a passagem.

Adoto então o partido de estilizar um pouco minha história. É o que mais convém, pois mesmo se para alguns episódios ulteriores terei de resistir à tentação de exibir meu saber, restringindo detalhes sobre essa ou aquela cena sobre a qual estou superdocumentado, devo confessar que, no caso da cidade natal de Heydrich, meus conhecimentos são um tanto vagos. Há duas cidades com o nome de Halle na Alemanha e nem mesmo sei de qual das duas falo neste momento. Decido, provisoriamente, que isso não é importante. É o que veremos.

O professor chama os alunos um por um: “Reinhardt Heydrich!”. Reinhardt se apresenta, mas um menino levanta o dedo: “Senhor! Por que não o chama por seu verdadeiro nome?”. Um frêmito de prazer percorre a classe. “Ele se chama Süß, todo mundo sabe!” A classe explode, os alunos urram. Reinhardt não diz nada, cerra os punhos. Ele nunca diz nada. Tem as melhores notas da classe. Em breve será o melhor na ginástica. E não é judeu. Pelo menos assim espera. Foi sua avó que voltou a casar-se com um judeu, parece, mas isso nada tem a ver com a família dele. É o que julgou compreender entre o rumor público e as denegações indignadas do pai, mas, na verdade, não está completamente seguro. Seja como for, em breve fará todos se calarem na ginástica. E, ao voltar para casa nesse dia, antes que o pai lhe dê sua aula de violino, poderá lhe dizer que ainda foi o primeiro, e o pai ficará orgulhoso e o felicitará.

Mas nesse dia não haverá aula de violino e Reinhardt não poderá sequer contar ao pai como foi na escola. Quando voltar, ficará sabendo que há guerra.

- Por que há guerra, papai?
- Porque os franceses e os ingleses têm inveja da Alemanha, meu filho.
- Por que eles têm inveja?
- Porque os alemães são mais fortes que eles.

Nada mais artificial, num relato histórico, do que esses diálogos reconstituídos a partir de testemunhos mais ou menos de primeira mão, sob pretexto de insuflar vida às páginas mortas do passado. Em estilística, isso lembra a figura da hipotipose, que consiste em tornar um quadro tão vivo que dê ao leitor a impressão de tê-lo diante dos olhos. Quando se trata de fazer reviver uma conversa, o resultado é geralmente forçado e o efeito obtido é o oposto do desejado: vejo demais os cordões do procedimento, ouço demais a voz do autor querendo reaver a das figuras históricas das quais tenta se apropriar.

Há somente três casos em que se pode restituir um diálogo com toda a fidelidade: a partir de um documento de áudio, de vídeo ou estenográfico. Ainda assim este último modo não é uma garantia totalmente segura do teor exato do que foi dito, isso sem considerar a vírgula. Pois o estenógrafo, de fato, às vezes condensa, resume, reformula, sintetiza nas beiradas, mas digamos que o espírito e o tom do discurso são restituídos de maneira global satisfatória.

Seja como for, se meus diálogos não puderem se basear em fontes precisas, fiáveis, as mais exatas possíveis, eles serão inventados. Neste último caso, porém, lhes será atribuída não uma função de hipotipose, mas antes, ao contrário, de parábola. Ou a extrema exatidão, ou a extrema exemplaridade. E para que não haja confusão, todos os diálogos que eu inventar (mas não haverá muitos) serão tratados como cenas de teatro. Uma gota de estilização, portanto, no oceano do real.

O pequeno Heydrich, muito bonitinho, loirinho, bom aluno, aplicado, amado pelos pais, violinista, pianista, pequeno químico, possui uma voz de taquara rachada que lhe vale um apelido, o primeiro de uma longa lista: na escola, chamavam-no “a cabra”.

É uma época em que ainda se pode zombar dele sem risco de morte. Mas é também um período delicado da infância no qual se aprende o ressentimento.

Em *A morte é meu ofício*, Robert Merle reconstitui a biografia romanceada de Rudolf Höss, o comandante de Auschwitz, a partir dos testemunhos e das notas que este deixou na prisão antes de ser enforcado, em 1947. Toda a primeira parte é dedicada à sua infância, à sua educação incrivelmente mortífera por um pai ultraconservador de mentalidade rígida. A intenção do autor é evidente: trata-se de encontrar causas, se não explicações, para a trajetória desse homem. Robert Merle tenta adivinhar — digo adivinhar, não compreender — como alguém se torna comandante de Auschwitz.

Não tenho essa intenção — digo intenção, não ambição — com Heydrich. Não afirmo que Heydrich tornou-se o responsável da Solução Final porque seus coleguinhas o chamavam “a cabra” quando ele tinha dez anos. Tampouco penso que as humilhações de que foi vítima porque o tomavam por judeu devam necessariamente explicar o que quer que seja. Só menciono esses fatos pela coloração irônica que conferem a seu destino: “a cabra” se tornará aquele que, no auge do seu poder, será chamado “o homem mais perigoso do Terceiro Reich”. E o judeu Süß se transformará no Grande Planejador do Holocausto. Quem poderia adivinhar uma coisa dessas?

Imagino a cena.

Reinhardt e seu pai, inclinados sobre um mapa da Europa estendido na grande mesa da sala, deslocam bandeirinhas. Estão concentrados, pois a hora é grave, a situação tornou-se muito séria. Motins enfraqueceram o glorioso exército de Guilherme II. Mas também se espalharam pelo Exército francês. E a Rússia foi decididamente tomada pela Revolução Bolchevique. Por sorte a Alemanha não é a Rússia, esse país atrasado. A civilização germânica se apoia em pilares tão sólidos que os comunistas nunca poderão destruí-la. Nem eles, nem a França. Nem os judeus, evidentemente. Em Kiel, Munique, Hamburgo, Bremen, Berlim, a disciplina alemã retomarás as rédeas da razão, do poder e da guerra.

Mas a porta se abre. Elizabeth, a mãe, entra na peça. Está completamente transtornada. O Kaiser abdicou. A república é proclamada. Um socialista chefia o ministério. Eles querem assinar o armistício.

Reinhardt, mudo de estupor, de olhos arregalados, vira-se para o pai. Este, depois de longos segundos, consegue murmurar uma única frase: "Não é possível". Estamos em 9 de novembro de 1918.

19

Não sei por que Bruno Heydrich, o pai, era antissemita. O que sei é que o consideravam um homem muito divertido. Era, ao que parece, um piadista, um folgazão. Aliás, diziam que suas piadas eram engraçadas demais para que ele não fosse judeu. Esse argumento, pelo menos, não poderá ser utilizado contra seu filho, que nunca se distinguirá por um grande senso de humor.

20

A Alemanha perdeu, o país está agora exposto ao caos e, segundo uma faixa crescente da população, os judeus e os comunistas o conduzem à ruína. O jovem Heydrich entra vagamente na briga, como todo mundo. Alista-se nos Freikorps, milícias que querem substituir o Exército combatendo tudo o que está à esquerda da extrema direita.

E esses Corpos Livres, essas organizações paramilitares dedicadas à luta contra o bolchevismo, terão sua existência oficializada por um governo social-democrata. Meu pai diria que não há nada de surpreendente nisso, pois, segundo ele, os socialistas sempre traíram. Pactuar com o inimigo seria para eles uma segunda natureza. Não faltariam exemplos. No caso, foi um socialista que esmagou a Revolução Espartaquista e fez liquidar Rosa Luxemburgo. Pelos Corpos Livres.

Eu poderia dar detalhes sobre o engajamento de Heydrich nesses Corpos Livres, mas não me parece necessário. Basta saber que, enquanto adepto, ele fez parte das "tropas de apoio técnico", cuja vocação era impedir as ocupações de fábricas e assegurar o bom funcionamento dos serviços públicos em caso de greve geral. Já então um agudo senso do Estado!

O que é bom, com as histórias verdadeiras, é que a gente não precisa se preocupar com o efeito de real. Não tenho necessidade de pôr em cena o jovem Heydrich nesse período da sua vida. Entre 1919 e 1922, ele continua a viver na casa dos pais em Halle (Halle-an-der-Saale, verifiquei). Durante esse tempo, os Corpos Livres proliferam um pouco em toda parte. Um deles se originou da célebre brigada de marinha "branca" do capitão de corveta Ehrhardt. Tem por insígnia uma cruz gamada e seu canto de guerra intitula-se: Hakenkreuz am Stahlhelm ("Cruz gamada com capacete de aço"). Eis aí o cenário mais bem definido, em minha opinião, do que a mais longa descrição do mundo.

21

É a crise, o desemprego devasta a Alemanha, os tempos são duros. O pequeno Heydrich queria ser químico, seus pais haviam sonhado fazer dele um músico. Mas, em tempo de crise, o Exército é que oferece um

abrigo seguro. Fascinado pelas façanhas do legendário almirante Von Luckner, um amigo da família que se autodenominou “o demônio dos mares” no best-seller epônimo que escreveu em sua glória, Heydrich se engaja na Marinha. Numa manhã de 1922, o jovem alto e loiro se apresenta na escola de oficiais de Kiel, tendo na mão um estojo de violino preto, presente do pai.

22

O Berlin é um cruzador da Marinha alemã, que tem por auxiliar de comandante o primeiro-tenente Wilhelm Canaris, herói da Primeira Guerra, ex-agente secreto e futuro chefe da contraespionagem da Wehrmacht. Sua mulher, violinista, organiza em casa saraus musicais aos domingos. Ora, ocorre que há um lugar vago no seu quarteto de cordas. O jovem Heydrich, que serve no Berlin, é convidado a completar o grupo. Aparentemente ele toca bem e seus anfitriões, ao contrário dos colegas na Marinha, apreciam sua companhia. Torna-se um frequentador assíduo dos saraus de Frau Canaris, durante os quais escuta as histórias do seu chefe que não deixam de impressioná-lo. “A espionagem!”, ele pensa. E certamente fantasia.

23

Heydrich é um feroso oficial da Reichsmarine e um temível esgrimista. Sua reputação de espadachim nos diferentes torneios lhe vale o respeito dos colegas, na falta da amizade.

Dresden, naquele ano, organiza um torneio para os oficiais alemães. Heydrich concorre no sabre, a arma mais brutal, sua especialidade. O sabre, ao contrário do florete, que toca somente com a ponta, golpeia tanto com a ponta quanto com a lâmina, e os golpes desferidos como chicotadas são infinitamente mais violentos. O envolvimento físico dos lutadores de sabre é também mais espetacular. Tudo isso se ajusta perfeitamente ao jovem Reinhardt. Nesse dia, porém, ele não se sai bem na primeira partida. Quem é seu adversário? Minhas pesquisas não me permitiram descobrir. Imagino um canhoto, rápido, astuto, moreno, nariz comprido, mas não necessariamente judeu, seria demais. Um jogador não impressionável, que se esquivava, recusa o combate, multiplica as fintas de corpo que são como pequenas provocações. No entanto, Heydrich é o franco favorito. Assim, ele se irrita cada vez mais, seus golpes não atingem o homem e se perdem no ar, ainda que obtenha alguns pontos. Mas no final da prova, esgotado, ele cai na armadilha, lança-se com demasiado vigor e recebe um contragolpe na cabeça. Sente a lâmina do outro bater na sua máscara de tela e é eliminado na primeira partida. De raiva, joga o sabre no chão. Os juízes lhe aplicam uma advertência.

24

Primeiro de maio, na Alemanha como em outros países, é o Dia do Trabalho, originado de uma longínqua decisão da Segunda Internacional em homenagem a uma grande greve operária em Chicago, num 1o de maio de 1886. Mas é também o aniversário de um acontecimento cuja importância não pôde ser avaliada no momento, mas cujas consequências terão sido incalculáveis e que evidentemente não é festejado em país algum: em 1o de maio de 1925, Hitler criava um corpo de elite originalmente destinado a garantir sua segurança, uma guarda composta de fanáticos supertreinados e que obedecia a critérios raciais extremamente rigorosos. É a escolta de proteção, a Schutz Staffel, ou seja, a ss.

Em 1929, essa guarda especial se transforma em verdadeira milícia, organização paramilitar confiada aos cuidados de Himmler. Após a conquista do poder em 1933, este declara, por ocasião de um discurso em Munique: “Cada Estado tem necessidade de uma elite. A elite do Estado nacional-socialista é a ss. Ela é o lugar onde se perpetuam, sobre a base da seleção racial, conjugada às exigências do tempo presente, a tradição militar alemã, a dignidade da nobreza alemã e a eficácia do industrial alemão”.

Ainda não obtive o livro escrito depois da guerra pela mulher de Heydrich, *Leben mit einem Kriegsverbrecher* ("Viver com um criminoso de guerra", só que nunca foi traduzido, nem em francês, nem em inglês). Imagino que esse livro seria uma mina de informações para mim, mas não consigo chegar até ele. Parece ser extremamente raro e seu preço, na internet, situa-se em geral entre 350 e setecentos euros. Suponho que os neonazistas alemães, fascinados por Heydrich, um nazista como nunca teriam ousado imaginar, sejam os responsáveis por esse preço exorbitante. Uma vez o encontrei por 250 euros e fiz a loucura de encomendá-lo. Felizmente para o meu orçamento, a livraria alemã que o pusera à venda não aceitava pagamentos com cartão. Se quisesse receber o precioso volume, seria necessário que meu banco fizesse uma transferência a uma conta na Alemanha. Havia toda uma série interminável de números e de letras, e a operação não podia ser feita diretamente pela internet, eu teria de ir até a minha agência bancária. Essa simples perspectiva, com tudo que implica de profundamente deprimente para qualquer indivíduo médio, me dissuadiu de levar adiante a operação. De todo modo, considerando que meu nível de alemão não ultrapassa a 5ª série (embora o tenha estudado oito anos na escola), o investimento era aleatório.

Tive, portanto, de abster-me desse documento capital. Mas eis que me aproximo da etapa da história em que devo relatar o encontro de Heydrich com sua mulher. Sem dúvida nenhuma, aqui, mais que para qualquer outra passagem, o raríssimo e oneroso livro me teria sido de grande valia.

Quando digo "devo", não quero dizer, claro, que seja absolutamente necessário. Eu poderia perfeitamente contar toda a Operação Antropoide sem mencionar uma única vez o nome de Lina Heydrich. Por outro lado, se me ocupo do personagem de Heydrich, como pareço estar fazendo, seria difícil ocultar o papel desempenhado por sua esposa na sua ascensão no seio da Alemanha nazista.

Ao mesmo tempo, não fico necessariamente descontente de evitar a versão romântica do idílio dos dois, que a sra. Heydrich não terá deixado de apresentar em suas memórias. Evito assim a tentação de uma cena água com açúcar. Não que eu recuse considerar os aspectos humanos de um indivíduo como Heydrich. Não sou daqueles que se melindram com o filme *A queda* porque ali se vê (entre outras coisas) um Hitler amável com suas secretárias e afetuoso com seu cão. Suponho naturalmente que Hitler podia, de vez em quando, ser amável. Também não duvido, a julgar pelos fac-símiles das cartas que lhe endereçou, que Heydrich estivesse sinceramente apaixonado por sua mulher quando a conheceu. Na época, era uma jovem de sorriso afável, que podia mesmo ser considerada graciosa, muito diferente da mulher de rosto duro que haveria de ser.

Mas o encontro deles, tal como é relatado por um biógrafo que se baseia manifestamente nas lembranças de Lina, é de fato muito kitsch: durante um baile em que teme se aborrecer a noite toda porque não há rapazes em número suficiente, ela e uma amiga se fazem abordar por um oficial de cabelos pretos, acompanhado de um loiro tímido. Amor à primeira vista pelo tímido. Encontro dois dias depois no parque Hohenzollern de Kiel (muito bonito, vi as fotos), passeio romântico à beira de um pequeno lago. Teatro no dia seguinte, depois o quartinho onde, imagino, eles se deitam juntos, embora o biógrafo seja muito pudico sobre esse ponto. A versão oficial é que Heydrich desembarca no seu mais belo uniforme, eles vão beber alguma coisa depois da peça, ficam silenciosos diante dos seus copos e, de repente, sem o menor aviso, Heydrich a pede em casamento. "Mein Gott, Herr Heydrich, o senhor nada sabe de mim nem da minha família! Não sabe sequer quem é meu pai! A Marinha não deixa seus oficiais se casarem com qualquer uma." Mas, como é dito noutra parte que Lina estava de posse das chaves de um quarto, suponho que antes ou depois do pedido, nessa noite, eles consumaram. O fato é que Lina von Osten, oriunda de uma família de aristocratas um pouco desqualificada, é um partido muito conveniente. Portanto, eles se casaram.

Essa história vale tanto quanto qualquer outra. E eu não tinha a menor vontade de descrever a cena do baile, muito menos o passeio no parque. Assim, era preferível que eu não tivesse conhecimento de mais detalhes. Quando encontro elementos que me permitem reconstituir com minúcia uma cena inteira da vida de Heydrich, em geral tenho dificuldade de renunciar a fazê-lo, mesmo se a cena em si não possui um forte interesse. Ora, suponho que as memórias de Lina estejam repletas de histórias desse gênero.



Enfim, talvez eu possa dispensar esse livro dispendioso.

Apesar de tudo, existe algo que me intrigou no encontro dos dois pombinhos: o oficial moreno que acompanhava Heydrich chamava-se Von Manstein. Primeiro me perguntei se era o mesmo Manstein que estaria na origem da ofensiva das Ardenas durante a campanha francesa, que reapareceria como general de Exército no front russo, em Leningrado, Stalingrado, Kursk, e que dirigiria a Operação Cidadela em 1943, quando a Wehrmacht procurava conter da melhor maneira possível a contraofensiva do Exército Vermelho. O mesmo também que, para justificar o trabalho dos Einsatzgruppen de Heydrich no front russo, declararia em 1941: "O soldado deve mostrar compreensão em relação à necessidade de severas medidas de expiação praticadas contra judeus, que são os depositários espirituais do terror bolchevique. Essa expiação é necessária para sufocar no ovo todas as revoltas que, em sua maior parte, são organizadas por judeus". O mesmo, enfim, que morreria em 1973, o que significa que durante um ano terei vivido no mesmo planeta que ele. Na verdade, é pouco provável: o oficial moreno é apresentado como um jovem, quando Manstein, em 1930, já tem quarenta e três anos. Talvez alguém da sua família, um sobrinho ou um primo distante.

Aos dezoito anos, a jovem Lina, já era, pelo que se sabe a seu respeito, uma nazista convicta. Ela, dizem, é que converterá Heydrich. Alguns indícios levam a crer, porém, que já antes de 1930 Heydrich se situava politicamente bem mais à direita que a média dos militares, e era muito atraído pelo nacional-socialismo. Mas, evidentemente, a versão da "mulher por trás de tudo" tem sempre algo de mais sedutor...

## 26

É sem dúvida arriscado querer determinar os momentos na vida em que uma existência muda irreversivelmente de rumo. Não sei sequer se tais momentos existem. Eric-Emmanuel Schmidt escreveu um livro, *La part de l'autre*, em que imagina Hitler bem-sucedido no seu concurso de belas-arts. Com isso, seu destino e o do mundo são inteiramente mudados: ele acumula aventuras, transforma-se num maníaco por sexo, casa com uma judia e tem dois ou três filhos, junta-se ao grupo dos surrealistas em Paris e torna-se um pintor célebre. Paralelamente, a Alemanha contenta-se com uma pequena guerra com a Polônia e é tudo. Nada de guerra mundial, nada de genocídio, e um Hitler radicalmente diferente do verdadeiro.

Postas de lado todas as facécias ficcionais, duvido que o destino de uma nação, e com mais razão do mundo inteiro, dependa alguma vez de um único homem. No entanto, é forçoso constatar que uma personalidade tão maléfica quanto Hitler dificilmente encontraria outra igual. E é provável que esse concurso de belas-arts tenha sido uma circunstância decisiva no seu destino individual, pois foi depois desse fracasso que Hitler passou a vagabundear em Munique, período durante o qual fatalmente terá desenvolvido um forte ressentimento contra a sociedade.

Se devêssemos determinar um momento-chave semelhante na vida de Heydrich, seria sem dúvida alguma aquele dia de 1931 em que levou para casa o que acreditava ser só uma mulher a mais na sua coleção. Sem essa mulher, tudo teria sido diferente, para Heydrich, para Gabčík, Kubiš e Valčík, bem como para milhares de tchecos e, talvez, centenas de milhares de judeus. Não chego ao ponto de pensar que sem Heydrich os judeus teriam sido poupados. Mas a improvável eficácia que ele vai demonstrar ao longo da sua carreira entre os nazistas leva a pensar que Hitler e Himmler teriam tido dificuldade de se arranjar sem ele.

Em 1931, Heydrich é apenas um tenente de navio, oficial na Marinha, prometido a uma brilhante carreira militar. É noivo de uma jovem aristocrata e seu futuro se apresenta da melhor maneira possível. Mas é também um mulherengo inveterado, que multiplica as conquistas femininas e as visitas ao bordel. Uma noite, ele leva para casa uma jovem que conhecera num baile em Potsdam e que viera expressamente a Kiel para visitá-lo. Não sei exatamente se a jovem engravidou, mas o fato é que os pais pediram reparação. Heydrich não deu importância ao caso, visto que devia se casar com Lina von Osten, cujo pedigree lhe convinha mais, sem negligenciar também que parecia sinceramente apaixonado por ela e não pela outra. Mas, por azar, o pai da referida jovem era um amigo do almirante Raeder, nada menos que o chefe da Marinha. Ele fez o maior

escândalo. Heydrich se embrulhou em explicações confusas que lhe permitiram desculpar-se junto à noiva, mas não perante a instituição militar. Foi levado à corte marcial, acusado de indignidade, e acabou expulso da Marinha.

Em 1931, no auge da crise econômica que devasta a Alemanha, o jovem oficial prometido a uma brilhante carreira se vê sem emprego, um desempregado entre cinco milhões.

Felizmente para ele, a noiva não o abandonou. Antissemita feroz, ela o incita a entrar em contato com um nazista muito bem colocado no organograma dessa nova organização de elite de renome crescente: a ss.

O dia 30 de abril de 1931, em que Heydrich se faz expulsar ignominiosamente da Marinha, sela seu destino e o de suas futuras vítimas? Não se pode ter certeza disso, pois, já nas eleições de 1930, Heydrich declarava: "Agora o velho Hindenburg não terá outra escolha senão nomear Hitler chanceler. E em seguida nossa hora vai chegar". Descontado o engano de três anos quanto à nomeação de Hitler, percebem-se quais eram as opiniões políticas de Heydrich já em 1930 e pode-se portanto supor que, mesmo permanecendo oficial da Marinha, ele teria feito uma bela carreira entre os nazistas. Mas talvez não tão monstruosa.

27

Seja como for, ele retorna à casa dos pais e, ao que parece, chora como uma criança durante cinco dias.

Depois se engaja na ss. Mas, em 1931, um cargo subalterno na ss não é recompensador. É quase um trabalho voluntário, por assim dizer. A menos que se suba no organograma.

28

Haveria algo de cômico nesse confronto se ele não augurasse a morte de milhões de pessoas. De um lado, o loiro alto de uniforme preto, rosto equino, voz aguda, botas bem lustradas. Do outro, um pequeno hamster de óculos, cabelo castanho-escuro, bigodinho, um aspecto muito pouco ariano. É na irrisória vontade de se assemelhar pelo bigode a seu mestre Adolf Hitler que se manifesta fisicamente a ligação de Heinrich Himmler com o nazismo, pouco evidente à primeira vista, sem levar em conta os diferentes disfarces de roupa à sua disposição.

Contra toda a lógica racial, é o hamster que comanda. Sua posição já é consideravelmente bem estabelecida no seio do partido a caminho de ganhar as eleições. Em vista disso, diante dessa curiosa figurinha com cabeça de roedor, mas de influência crescente, o alto e loiro Heydrich procura mostrar-se ao mesmo tempo respeitoso e seguro de si. É a primeira vez que ele encontra Himmler, o chefe supremo do corpo ao qual pertence. Enquanto oficial ss, Heydrich, recomendado por um amigo de sua mãe, concorre ao cargo de direção do serviço de informação que Himmler deseja instalar no seio da organização. Há um outro candidato, que tem a preferência de Himmler. Ele ignora que esse candidato é um agente da República encarregado de se infiltrar no aparelho nazista. Está tão convencido de ser esse o homem indicado que quis adiar sine die a entrevista com Heydrich. Mas, quando sabe disso, Lina lança o marido no primeiro trem para Munique, instruindo-o a ir imediatamente ao domicílio do ex-criador de frangos, futuro Reichsführer Himmler, aquele que Hitler em breve chamará apenas de "meu fiel Heinrich".

Ao forçar o encontro, Heydrich impôs, portanto, sua presença a um Himmler bastante maldisposto. E, se não quisesse continuar sendo instrutor de navegação de recreio para ricos num clube náutico de Kiel, seu interesse é causar rapidamente uma boa impressão.

Por outro lado, ele dispõe de um trunfo: a notável incompetência de Himmler no domínio da inteligência.

Em alemão, Nachrichtenoffizier significa "oficial de transmissão", enquanto Nachrichtendienstoffizier significa "oficial de informação". É porque Himmler, ignorante notório das coisas militares, não faz a distinção entre os dois termos que Heydrich, ex-oficial de transmissão na Marinha, está sentado hoje diante dele. Na

realidade, Heydrich não tem quase nenhuma experiência em informação. E o que Himmler lhe pede é, nem mais nem menos, criar no interior da SS um serviço de espionagem que possa concorrer com a Abwehr, o serviço de informação do almirante Canaris, ou seja, diga-se de passagem, seu ex-chefe na Marinha. Agora que está ali, Himmler espera que ele lhe exponha as linhas gerais do projeto. "Tem vinte minutos."

Heydrich não quer ser instrutor náutico a vida inteira. Assim, ele se concentra para reunir seus conhecimentos no assunto. Estes se limitam principalmente ao que reteve dos inúmeros romances de espionagem que há anos vem devorando. Pouco importa! Heydrich compreendeu que Himmler dominava ainda menos a questão e decide blefar. Esboça alguns diagramas, tendo o cuidado de multiplicar os termos militares. E a coisa funciona. Himmler fica favoravelmente impressionado. Esquecendo seu segundo candidato, o agente duplo de Weimar, ele contrata o jovem por um salário de 1800 marcos por mês, seis vezes mais que seu salário médio desde que foi expulso da Marinha. Heydrich virá se instalar em Munique. As fundações do sinistro SD estão lançadas.

29

SD: Sicherheitsdienst, serviço de segurança. A menos conhecida e a pior de todas as organizações nazistas, incluída a Gestapo.

No início, porém, um pequeno escritório com recursos reduzidos: Heydrich elabora seus primeiros fichários em caixas de sapato e dispõe de meia dúzia de agentes. Mas já assimilou o espírito da informação: saber tudo sobre todo mundo. Sem exceção. Heydrich, à medida que o SD estende sua teia, descobrirá possuir um dom fora do comum para a burocracia, que é a qualidade primeira para a gestão de uma boa rede de espionagem. Sua divisa poderia ser então: fichas! Fichas, sempre mais fichas! De todas as cores. Em todos os domínios. Heydrich logo toma gosto pelo que faz. A informação, a manipulação, a chantagem e a espionagem se tornam suas drogas.

Acrescente-se a isso uma megalomania um tanto pueril. Ao ficar sabendo que o chefe do Serviço Secreto de Inteligência inglês se faz chamar M (sim, como em James Bond), ele decide sobriamente fazer-se chamar H. De certo modo, é sua primeira verdadeira alcunha, antes dos epítetos que em breve lhe serão aplicados: "o carrasco", "o açougueiro", "a besta loira" e, este dado por Adolf Hitler em pessoa, "o homem do coração de ferro".

Não creio que H tenha se imposto como uma denominação muito difundida junto a seus homens (que preferirão "a besta loira", mais eloquente). E havia o risco de lamentáveis confusões com muitos H eminentes acima dele: Himmler, Hitler... Por prudência, ele mesmo deve ter abandonado essa infantilidade. No entanto, H como Holocausto... Isso poderia perfeitamente servir de título à sua biografia.

30

Natacha folheia distraidamente o número do Magazine Littéraire que ela gentilmente me comprou. Detém-se na crítica de um livro sobre a vida de Bach, o músico. O artigo começa por uma citação do autor: "Há um biógrafo que não sonhe afirmar: Jesus de Nazaré tinha o tique de levantar a sobrancelha esquerda quando refletia?". Ela me lê a frase sorrindo.

Na hora não avalio de imediato o alcance da fórmula e, fiel à minha velha aversão pelos romances realistas, penso: puf! Mas depois lhe peço para me mostrar a revista e releio a frase. Sou obrigado a convir que gostaria, de fato, de dispor desse tipo de detalhe no que se refere a Heydrich. Natacha então ri abertamente: "Sim, já te vejo escrevendo — Heydrich tinha o tique de levantar a sobrancelha esquerda quando refletia!".

No imaginário dos incensadores do Terceiro Reich, Heydrich sempre é tido como o ariano ideal, porque era alto e loiro, e porque tinha os traços bastante finos. Os biógrafos complacentes o descrevem em geral como um homem belo, um sedutor cheio de charme. Se fossem honestos, ou menos cegos pelo fascínio turvo que exerce sobre eles tudo que provém do nazismo, veriam, observando melhor as fotos, que Heydrich, além de não ser exatamente um modelo de beleza física, também possui certos traços pouco compatíveis com as exigências da classificação ariana: lábios espessos, certamente não desprovidos de uma certa sensualidade, mas de tipo quase negroide, bem como um nariz proeminente que poderia passar por adunco se fosse o de um judeu. Acrescentando-se a isso as orelhas grandes relativamente descoladas e um rosto alongado no qual todos concordam em reconhecer o caráter equino, obtém-se um resultado não necessariamente feio, mas que mesmo assim se afasta dos padrões de Gobineau.

Os Heydrich, recém-instalados num belo apartamento em Munique ao gosto de Lina (confesso que acabei comprando seu livro e pedi a uma jovem estudante russa que cresceu na Alemanha para fichá-lo — eu poderia ter encontrado uma alemã, mas está muito bom assim), não poupam esforços para agradar. Nessa noite eles recebem Himmler para jantar, e um outro convidado notável: Ernst Röhm, o chefe da SA. Ele se assemelha fisicamente a um porco, barrigudo, cabeça grande, pequenos olhos afundados, o pescoço enrolado num anel de gordura e o nariz mutilado, levantado como um focinho, lembrança da Primeira Guerra. Orgulhoso de suas maneiras de soldado, tem também o hábito de se comportar como um porco. Mas ele chefia um exército irregular de mais de quatrocentos mil camisas-pardas e dizem que trata Hitler por você. Aos olhos de Heydrich, portanto, é uma figura perfeitamente recomendável. E, de fato, a noite transcorre na maior animação. Muitas risadas. Após uma boa refeição preparada pela dona da casa, os homens desejam fumar enquanto tomam uma bebida digestiva. Lina lhes traz fósforos e desce à adega para buscar o conhaque. De repente ela ouve uma detonação. Volta a subir às pressas e então compreende: na ânsia de servir seus hóspedes estrelados, ela confundiu os fósforos comuns com os de ano-novo. Todos morrem de rir. Só faltou registrar as gargalhadas.

Velho companheiro de Hitler, membro do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães desde sua criação, Gregor Strasser dirige o Arbeiter Zeitung, jornal berlinense que ele fundou ao sair da prisão, em 1925. Seu prestígio e sua posição explicam que as pessoas se dirijam a ele em certos casos. Mas eis que surge um que ultrapassa o quadro de uma simples decisão da seção local do partido. Em 1932, o questionamento de um oficial superior da SS não é sem riscos, mesmo para um alto funcionário nazista, e a reputação crescente da ordem negra incita à prudência. Por isso, o líder da província de Halle-Merseburg, alertado por seus administrados, preferiu transferir este delicado problema: na velha edição de uma enciclopédia musical, acha-se mencionado "Heydrich, Bruno, cujo verdadeiro nome é Süß".

O novo protegido de Himmler seria filho de judeu? Gregor Strasser, certamente querendo provar que ainda devem contar com ele, ordena um inquérito. Deseja a pele de um jovem lobo em ascensão? Quer dar um novo brilho à sua estrela que declina no partido que ele fundou? Há um temor real de ver a gangrena judia infiltrar-se no núcleo do aparelho nazista? O fato é que um relatório é enviado a Munique e aterriza na mesa de Himmler.

Este fica consternado. Já teve a ocasião de enaltecer os méritos do seu jovem recruta junto ao Führer e teme por sua própria credibilidade se a acusação for verídica. Assim, ele acompanha com muita atenção o

inquérito feito pelo partido. As suspeitas relativas ao ramo paterno serão rapidamente abandonadas: o nome Süß é o do segundo marido da avó de Heydrich, ao qual, portanto, ele não é filiado, e de todo modo o homem não era judeu, apesar do sobrenome. Em troca, o inquérito teria feito surgir dúvidas sobre a pureza do ramo materno. Na falta de provas, Heydrich acaba por ser oficialmente desculpado. Mas Himmler se pergunta, mesmo assim, se não seria melhor desembaraçar-se dele, pois sabe que daí por diante Heydrich estará eternamente à mercê dos boatos. Por outro lado, as atividades do jovem Heydrich no seio da ss já o revelaram como um elemento, se não indispensável, ao menos muito promissor. Indeciso, Himmler resolve entregar-se à sabedoria do Führer em pessoa.

Hitler convoca Heydrich, com quem tem uma longa conversa em particular. O que Heydrich pôde lhe dizer, ignoro, mas à saída desse encontro sua opinião está tomada. Ele explica a Himmler: “Esse homem é extraordinariamente dotado e extraordinariamente perigoso. Seríamos estúpidos de dispensar seus serviços. O partido tem necessidade de homens como ele, e seus talentos, no futuro, serão muito úteis. Além do mais, ele nos será eternamente grato por tê-lo conservado e obedecerá cegamente”. Himmler, mesmo vagamente inquieto por ter sob suas ordens um homem capaz de inspirar tal admiração ao Führer, acata, pois não é de seus hábitos discutir as opiniões do mestre.

Heydrich, portanto, salvou a pele. Mas reviveu o pesadelo da infância. Que estranha fatalidade permite que o acusem de ser judeu, ele que encarna tão claramente a raça ariana em toda a sua pureza? Seu ódio cresce contra o povo maldito. Por ora, ele grava o nome de Gregor Strasser.

34

Não sei em que época exatamente, mas me inclino a pensar que é nesses anos que ele decide fazer uma pequena modificação na ortografia do seu prenome. Elimina o t final: Reinhardt torna-se Reinhard. Algo de mais duro, seco.

35

Eu disse uma besteira, vítima ao mesmo tempo de um erro de memória e de uma imaginação um pouco intrusiva. Na realidade, o chefe dos serviços secretos ingleses, nessa época, fazia-se chamar “C” e não “M”, como em James Bond. Heydrich também se fez chamar “C” e não “H”. Mas não é seguro que, ao fazê-lo, tenha querido copiar os ingleses, a inicial podendo designar mais simplesmente der Chef.

Em compensação, ao verificar minhas fontes, descobri essa confidência, feita a não sei quem, mas que mostra que Heydrich tinha uma ideia muito clara da sua função: “Num sistema de governo totalitário moderno, o princípio da segurança do Estado não tem limite, portanto o encarregado dela deve buscar adquirir um poder quase sem obstáculo”.

Poderão reprovar muitas coisas a Heydrich, mas não de não cumprir suas promessas.

36

Vinte de abril de 1934 é uma data importante na história da ordem negra: Göring cede a Gestapo, que ele criou, aos dois chefes da ss. Himmler e Heydrich tomam posse das soberbas instalações na Prinz-Albrecht Strasse, em Berlim. Heydrich escolhe sua mesa. Abanca-se. Lança-se ao trabalho imediatamente. Coloca papel à sua frente. Pega a caneta. E começa a fazer listas.

Evidentemente, não é de boa vontade que Göring abandona a direção da polícia secreta, que já é uma das joias do regime nazista. Mas é o preço a pagar para garantir o apoio de Himmler contra Röhm; o pequeno-burguês da ss o preocupa menos do que o agitador socializante da SA. Röhm se compraz em clamar que a

revolução nacional-socialista não terminou. Mas Göring não vê as coisas por esse ângulo: eles tomaram o poder, sua única tarefa daí por diante consiste em conservá-lo. Com toda a certeza, Heydrich, mesmo sendo Röhm o padrinho de seu filho, subscreve esse ponto de vista.

37

Berlim inteira murmura, numa atmosfera de complô, por causa de um documento que circula na cidade. É uma lista batida à máquina. Os observadores neutros se surpreendem com a falta de precaução com que essa folha de papel passa de mão em mão nos cafés, sob os olhos dos atendentes que são, todo mundo sabe, informantes a soldo de Heydrich.

Trata-se, nem mais nem menos, do organograma de um hipotético gabinete ministerial. Nesse futuro governo, Hitler permanece o chanceler, mas os nomes de Papen ou Göring desaparecem. Em troca, figuram os de Röhm e seus amigos, os de Schleicher, Strasser, Brüning.

Heydrich mostra a lista a Hitler. Este, que adora poder reforçar suas tendências paranoicas, morde-se de raiva. No entanto, a heterogeneidade da coalizão o deixa perplexo: Schleicher, por exemplo, nunca esteve entre os amigos de Röhm, que ele despreza soberanamente. Heydrich argumenta que o general Von Schleicher foi visto em animada conversa com o embaixador da França, prova de que ele conspira.

Na verdade, a montagem heteróclita dessa estranha coalizão mostra sobretudo que Heydrich ainda deve refinar seus conhecimentos em matéria de política interna, pois foi ele que redigiu e fez circular essa lista. O princípio que prevaleceu em sua redação era muito simples: com muita naturalidade, pôs ali os nomes dos inimigos de seus dois chefes, Himmler e Göring, e dos seus.

38

Por fora, o imponente prédio de pedra cinzenta nada revela. Adivinha-se quando muito uma atividade anormal no vaivém das silhuetas que entram e saem. Mas no interior da colmeia ss reina uma agitação frenética: homens correm em todos os sentidos, ruídos de vozes repercutem no grande saguão branco, portas batem em todos os andares, os telefones tocam sem parar nos escritórios. No centro do edifício e do drama, Heydrich já desempenha aquele que será seu melhor papel, o de burocrata matador. Em volta dele, mesas, telefones e homens de preto que atendem às chamadas. Ele recebe todas as comunicações:

— Alô! Ele está morto?... Deixe o corpo no lugar. Oficialmente, é um suicídio. Coloque sua arma na mão dele... Você atirou na nuca?... Bem, não tem importância. Suicídio.

— Alô! Está feito?... Muito bom... A mulher também?... Bem, diga que eles resistiram à prisão... Sim, a mulher também!... Olhe, melhor dizer que ela quis se interpor!... Os domésticos?... Quantos?... Pegue os nomes, veremos isso depois.

— Alô! Terminado?... Certo, jogue os corpos no Oder.

— Alô!... O quê?... No clube de tênis? Ele jogava tênis?... Pulou a cerca e desapareceu no bosque? Está gozando da minha cara?... Passe um pente-fino e trate de encontrá-lo!

— Alô!... Como assim, "um outro"? Como "o mesmo nome"?... O prenome também?... Traga-o e o enviaremos a Dachau até encontrarmos o certo.

— Alô!... Onde ele foi visto pela última vez?... No hotel Adlon? Mas todo mundo sabe que os atendentes trabalham para nós, é idiota! Ele disse que queria se entregar?... Muito bem, volte a esperá-lo na casa dele e envie-o para cá.

— Alô! Passe-me o Reichsführer!... Alô!... Sim, está feito... Sim, também... Está em andamento... Está feito... E o que foi decidido sobre o número um?... O Führer se recusa? Mas por quê?... É imperativo que o senhor convença o Führer!... Insista sobre seus costumes! E todos os escândalos que tivemos de abafar!

Lembre-lhe a mala esquecida no bordel!... Entendido, ligo para Göring em seguida.

— Alô! Quem fala é Heydrich. O Reichsführer me disse que o Führer quer poupar o SA Führer!... Naturalmente, de maneira nenhuma!... É preciso dizer-lhe que o Exército jamais aceitará! Executamos oficiais da Reichswehr: se Röhm permanecer vivo, Blomberg se recusará a caucionar a operação!... Sim, isso mesmo, uma questão de justiça, inteiramente!... Entendido, aguardo sua chamada.

Entra um ss. Tem o ar preocupado. Ele se aproxima de Heydrich e inclina-se para lhe falar ao ouvido. Os dois deixam a peça. Heydrich retorna ao cabo de cinco minutos, sozinho. Seu rosto nada deixa transparecer. Ele retoma o fio de suas comunicações.

— Alô!... Queime o cadáver! E envie as cinzas à viúva!

— Alô!... Não, Göring não quer que toquem nele... Você deixará seis homens em frente à casa... Ninguém entra e ninguém sai!

— Alô!... etc.

Ao mesmo tempo, ele preenche metodicamente pequenas fichas brancas.

A cena dura todo um fim de semana.

Finalmente chega a notícia que o mantinha suspenso: o Führer cedeu. Ele dará a ordem de executar Röhm, o chefe da Sturmabteilung, seu mais velho cúmplice. Röhm é também o padrinho do primeiro filho de Heydrich, mas é sobretudo o superior direto de Himmler. Ao decapitar a direção das SA, Himmler e Heydrich limpam o caminho da ss, que se torna uma organização autônoma que só tem contas a prestar a Hitler. Heydrich é nomeado Gruppenführer, um grau equivalente ao de general de divisão. Ele tem trinta anos.

39

Gregor Strasser almoça com a família, num sábado, 30 de junho de 1934, quando soa a campainha de seu domicílio. Oito homens armados estão ali para prendê-lo. Sem dar-lhe sequer o tempo de despedir-se da mulher, eles o levam para a sede da Gestapo. Lá não é submetido a interrogatório, mas encarcerado numa cela em companhia de vários SA que se aglutinam em torno dele: ainda que não exerça mais nenhuma responsabilidade política há vários meses, seu prestígio de velho companheiro do Führer os tranquiliza. Ele não sabe por que está ali, mas conhece bem os arcanos do partido para temer o que pode advir de arbitrário e de irracional.

Às dezessete horas, um ss vem buscá-lo para conduzi-lo a uma cela individual, provida de uma abertura gradeada. Strasser, isolado, ignora que a Noite dos Longos Punhais começou, porém adivinha seus traços gerais. Não sabe se deve temer por sua vida. Certamente ele é uma figura histórica do partido, ligado a Hitler pela lembrança dos combates passados. Afinal, os dois conheceram juntos a prisão após o putsch de Munique. Mas ele sabe também que Hitler não é um sentimental. E, mesmo se não chega a perceber em que sentido ele próprio poderia ser uma ameaça comparável a Röhm ou Schleicher, deve levar em conta a incalculável paranoia do Führer. Strasser logo se dá conta de que deve agir com cautela para salvar a pele.

Está nesse ponto de suas reflexões quando sente em suas costas uma sombra que passa. Com o instinto seguro dos velhos combatentes habituados à clandestinidade, compreende o perigo e abaixa-se no momento em que uma arma de fogo dispara. Alguém passou o braço pela grade e atirou à queima-roupa. Ele se abaixou, mas não tão rápido. Está caído.

De bruços no chão da cela, Strasser ouve o ferrolho girar na porta, depois o ruído de botas a seu redor, o hálito de um homem que se inclina sobre sua nuca, e vozes:

— Ainda está vivo.

— Que vamos fazer? Acabar com ele?

Ele ouve o estalo de uma pistola sendo armada.

— Espere, vou me informar.

Um par de botas se afasta. Passam-se alguns momentos. As botas retornam acompanhadas. Ruído de pés

tomando posição de sentido, pisando numa poça, à entrada do recém-chegado. Silêncio. E então aquela voz de falsete que ele reconhece entre milhares e que lhe faz gelar a espinha:

— Ainda não está morto? Deixem-no sangrar como um porco!

A voz de Heydrich é a última voz humana que ele ouvirá antes de morrer. Humana... Enfim, modo de dizer.

40

Fabrice vem me visitar e falar do meu futuro livro. É um velho colega de faculdade que, como eu, é apaixonado por história e que possui, entre outras qualidades, a de se interessar pelo que escrevo. Nessa noite de verão, comemos no meu terraço e ele comenta o início com um entusiasmo encorajador. Detém-se na construção do capítulo relativo à Noite dos Longos Punhais: segundo ele, esse encadeamento de telefonemas restitui bem tanto a dimensão burocrática quanto o tratamento em série daquilo que será a marca do nazismo — o assassinato. Fico lisonjeado mas tenho uma suspeita, e acho bom esclarecer: “Você sabe que cada telefonema corresponde a um caso real? Eu poderia indicar quase todos os nomes, se quisesse”. Ele está surpreso e me responde ingenuamente que achava que eu tinha inventado. Vagamente inquieto, pergunto-lhe: “E em relação a Strasser?”. Heydrich indo pessoalmente até lá, dando a ordem de deixar o moribundo agonizar lentamente na cela: ele também achou que eu tivesse inventado. Fico um pouco mortificado e exclamo: “De modo nenhum, tudo é verdadeiro!”. E penso: “Droga, ainda não deu!”. Eu deveria ter sido mais claro quanto ao pacto narrativo.

Nessa mesma noite, vejo na TV um documentário sobre um velho filme hollywoodiano dedicado ao general Patton. O filme é sobriamente intitulado Patton. O essencial do documentário consiste em mostrar trechos do filme e em entrevistar testemunhas que explicam: “na realidade, não foi assim que aconteceu...”. Ele não enfrentou dois caças alemães que vinham bombardear a base, armado apenas do seu Colt (mas seguramente o teria feito, segundo a testemunha, se os caças lhe tivessem dado tempo). Não fez tal afirmação diante de todo o Exército mas privadamente, e aliás não disse aquilo. Não soube no último momento que seria enviado à França, mas já recebera essa informação com várias semanas de antecedência. Não desobedeceu às ordens na tomada de Palermo, mas o fez com o aval do alto-comando aliado e do seu chefe direto. Certamente não disse a um general russo que fosse se foder, mesmo se não gostava dos russos etc. Em suma, o filme fala de um personagem fictício cuja vida é inspirada na carreira de Patton, mas que evidentemente não é ele. No entanto, o filme intitula-se Patton. E ninguém fica chocado, todo mundo acha normal retocar a realidade para valorizar o roteiro, ou dar uma coerência à trajetória de um personagem cujo percurso real comportava por certo irregularidades e solavancos nem sempre muito significativos. É por causa dessa gente, que trapaceia desde sempre com a verdade histórica a fim de vender seu peixe, que um velho colega conhecedor de todos os gêneros ficcionais, e portanto fatalmente habituado a esses procedimentos de falsificação tranquila, pode se espantar inocentemente e me dizer: “Não diga! Então não é inventado?”.

Não, não é inventado! Aliás, que interesse haveria em “inventar” o nazismo?

41

Toda essa história, terão compreendido, me fascina, e ao mesmo tempo me dá nos nervos.

Uma noite tive um sonho. Eu era um soldado alemão, vestia o uniforme verde oxidado da Wehrmacht e montava guarda numa paisagem nevada, não identificada, mas delimitada por arames farpados que eu devia percorrer. Esse cenário se inspirava claramente nos inúmeros videogames que tomam por tema a Segunda Guerra Mundial e aos quais tenho às vezes a fraqueza de me entregar: Call of Duty, Medal of Honor, Red Orchestra...

De repente, em minha ronda, eu era surpreendido por Heydrich em pessoa, que vinha fazer uma inspeção.



Acautelado, retinha a respiração enquanto ele girava ao meu redor com um ar inquisidor. Estava aterrorizado com a ideia de que ele pudesse encontrar algo a me reprovar. Mas despertei antes de saber.

Natacha, para brincar comigo, às vezes finge se preocupar com o número impressionante de livros sobre o nazismo que proliferam em minha casa, e com o risco de conversão ideológica que poderiam produzir. Para rir com ela, nunca deixo de mencionar os inúmeros sites tendenciosos — ou mesmo francamente neonazistas — que acabo cruzando na internet durante minhas pesquisas. É óbvio que, em nenhum momento, eu, filho de mãe judia e pai comunista, criado nos valores republicanos da pequena-burguesia francesa mais progressista e impregnado, por meus estudos literários, tanto do humanismo de Montaigne e da filosofia das Luzes quanto das grandes revoltas surrealistas e dos pensamentos existencialistas, não pude e não poderei ser tentado a “simpatizar” com o que quer que seja que evoque o nazismo, nem de perto nem de longe.

Mas sou forçado a me inclinar, uma vez mais, diante do incomensurável e nefasto poder da literatura. De fato, esse sonho prova formalmente que, por sua indiscutível dimensão romanesca, Heydrich me impressiona.

42

Anthony Eden, então ministro das Relações Exteriores britânico, escuta com estupefação. O novo presidente tcheco, Edvard Beneš, demonstra uma confiança estarecedora em sua capacidade de resolver a questão dos Sudetos. Não apenas afirma poder conter as veleidades expansionistas da Alemanha, mas, ainda por cima, conseguir isso sozinho, isto é, sem a ajuda da França e da Grã-Bretanha. Eden não sabe o que pensar sobre esse discurso. “Certamente, para ser tcheco nos dias de hoje, é preciso ser otimista...”, ele imagina. Estamos apenas em 1935.

43

Em 1936, o comandante Moravec, chefe dos serviços secretos tchecoslovacos, presta um exame para subir ao posto de coronel. Entre outras perguntas, propõem-lhe esta hipótese: “As circunstâncias fazem com que a Tchecoslováquia seja atacada pela Alemanha. A Hungria e a Áustria mostram-se igualmente hostis. A França não intervém e a Pequena Entente tem dificuldade de agir. Quais são as soluções militares para a Tchecoslováquia?”.

Análise do tema: desmembrada a Áustria-Hungria em 1918, Viena e Budapeste estão naturalmente de olho em suas antigas províncias, a saber: a Boêmia-Morávia, que dependia da Áustria, e a Eslováquia, que estava sob controle húngaro. Além disso, a Hungria é dirigida por um fascista amigo da Alemanha, o almirante Horthy. Quanto à Áustria, muito enfraquecida, ela resiste como pode às pressões dos que, de um lado e de outro da fronteira alemã, reclamam a união do país ao grande irmão germânico. O acordo assinado com Hitler, que promete não intervir nos assuntos austríacos, não vale mais que um pedaço de papel. Em caso de conflito com a Alemanha, a Tchecoslováquia terá também de enfrentar as duas cabeças do extinto Império. A Pequena Entente, assinada em 1921 pela Tchecoslováquia com a Romênia e a Iugoslávia para se proteger de seus antigos senhores austro-húngaros, não constitui, propriamente falando, uma aliança estratégica muito dissuasiva. E as reticências da França em honrar seus compromissos com o aliado tcheco em caso de conflito já se manifestaram. A situação proposta como hipótese para o tema é, portanto, inteiramente realista. A resposta de Moravec se resume em três palavras: “Problema militarmente insolúvel”. Ele é aprovado com mérito no exame e torna-se coronel.

44

Se tivesse de relatar todos os complôs nos quais Heydrich se envolveu, a coisa não teria fim. Em minhas

pesquisas, muitas vezes me deparo com uma história que decido não relatar, seja porque me parece muito anedótica, seja porque me faltam detalhes ou não consigo reunir todas as peças do quebra-cabeça, seja ainda porque a considero sujeita a caução. Pode também ocorrer de encontrar várias versões de uma mesma história, e às vezes essas versões são absolutamente contraditórias. Em alguns casos, permito-me optar, caso contrário, deixo de lado.

Eu havia decidido não mencionar o papel de Heydrich na queda de Tukhatchevsky. Primeiro porque esse papel me parecia secundário ou mesmo ilusório. Depois porque a política soviética dos anos 1930 ultrapassava as margens narrativas dentro das quais encaixo meus capítulos. Enfim, provavelmente, por receio de me lançar num novo terreno histórico: os expurgos stalinistas, a carreira do marechal Tukhatchevsky, as origens de sua desavença com Stálin, tudo isso requeria ao mesmo tempo erudição e minúcia, e poderia me levar um pouco longe.

Mas mesmo assim imaginei uma cena, de certo modo por prazer: nela se via o jovem general Tukhatchevsky contemplando a derrota do Exército bolchevista às portas de Varsóvia. Estamos em 1920. A Polônia e a União Soviética estão em guerra. "A Revolução passará sobre o cadáver da Polônia!", disse Trótski. É preciso dizer que, ao aliar-se à Ucrânia, sonhando com uma confederação que incluiria também a Lituânia e a Bielorrússia, a Polônia ameaça a frágil unidade da Rússia soviética nascente. Além disso, se os bolchevistas querem fazer triunfar a revolução na Alemanha, são obrigados, de todo modo, a atravessar a região.

Em agosto de 1920, o contra-ataque soviético leva o Exército Vermelho às portas de Varsóvia, e a sorte dos poloneses parece selada. Mas a independência da jovem nação ainda se prolongará por dezenove anos. O que não saberá fazer em 1939 diante dos alemães, a Polônia o faz naquele dia diante dos russos: ela os rechaça. É o "milagre do Vístula". Tukhatchevsky é vencido por um excepcional estrategista, Jozef Pilsudski, o herói da independência, quase trinta anos mais velho que ele.

As forças em confronto estão equilibradas: cento e treze mil poloneses enfrentam cento e catorze mil russos. Tukhatchevsky, porém, está certo de vencer, é ele quem tem a iniciativa. Lança o grosso de suas forças ao norte, para onde Pilsudski o atraiu fazendo-o supor uma concentração de tropas imaginária. Na realidade, Pilsudski ataca pelo outro lado, ao sul. É nesse ponto preciso que o episódio terá uma ligação com a futura Operação Antropoide. Tukhatchevsky chama em reforço o 1o Exército de Cavalaria do não menos legendário general Budienny, que luta no front sudoeste pela tomada de Lvov. A cavalaria de Budienny é temível, Pilsudski sabe que sua intervenção pode decidir a sorte do combate. Mas acontece então algo inacreditável: o general Budienny se recusa a obedecer às ordens e seu Exército permanece em Lvov. Para os poloneses, esse é realmente o verdadeiro milagre do Vístula. Para Tukhatchevsky, em troca, a derrota é amarga e ele quer compreender a razão. Não precisa ir muito longe: o comissário político responsável pelo front sudoeste, a cuja autoridade Budienny se submetia, fizera da tomada de Lvov uma questão de prestígio. Não lhe interessava privar-se de suas melhores tropas, mesmo para evitar uma derrota militar noutra parte, considerando que o setor do desastre não era de sua responsabilidade. Pouco importa que a sorte da guerra estivesse sendo jogada lá. As ambições desse comissário vinham, com frequência, antes de qualquer outra consideração. Ele se chamava Josef Dugachvili, seu nome de guerra era Stálin.

Quinze anos mais tarde, Tukhatchevsky sucedeu a Trótski no comando do Exército Vermelho, enquanto Stálin sucedeu a Lênin no comando do país. Os dois homens se detestam, estão no auge do seu poder e suas análises político-estratégicas divergem: enquanto Stálin busca retardar um conflito com a Alemanha nazista, Tukhatchevsky preconiza passar à ofensiva sem demora.

Eu ainda não sabia nada disso quando vi Agente triplo, de Eric Rohmer. Mas decidi debruçar-me a sério sobre a questão quando ouvi o personagem principal, o general Skoblin, um eminente russo branco refugiado em Paris, dizer à sua mulher: "Você lembra? Eu te disse que em Berlim fui ver o chefe da espionagem alemã, um certo Heydrich. E sabe o que eu não quis dizer a ele? Coisas acerca do meu companheiro Tukhatchevsky, que eu havia encontrado secretamente em Paris por ocasião da sua viagem ao Ocidente para os funerais do rei da Inglaterra. Oh, é claro, ele não me abriu seu coração, mas de suas palavras muito reservadas pude mesmo assim fazer algumas deduções. A Gestapo deve ter ficado a par desse encontro; com um ar indiferente,

Heydrich me interrogou, respondi de forma evasiva, ele me agradeceu com um olhar glacial e ficamos nisso”.

Heydrich num filme de Rohmer, ainda custo a acreditar.

Na continuação do diálogo, a mulher de Skoblin pergunta: “E esse sr. Heydrich, por que queria essa informação?”.

Skoblin limita-se a responder: “Oh, é lógico pensar que os alemães tinham todo o interesse em comprometer o chefe do Exército Vermelho, que provavelmente sabiam já estar em desfavor junto a Stálin... É o que suponho”.

Skoblin defende-se a seguir de qualquer conluio com os nazistas, e essa parece ser também a tese de Rohmer, embora o diretor tenha muito cuidado em cultivar a ambiguidade do seu personagem (branco? vermelho? pardo?). Mas para mim é difícil acreditar que esse Skoblin tenha se dado ao trabalho de ir encontrar Heydrich em Berlim para não lhe dizer nada.

Penso mais é que Skoblin foi ver Heydrich para lhe informar que um complô era tramado por Tukhatchevsky, e que na realidade Skoblin agia em favor do NKVD [Comissariado do povo para assuntos internos], ou seja, para o próprio Stálin. O objetivo? Espalhar o boato do complô a fim de dar crédito a uma acusação de alta traição (acusação que parece desprovida de fundamento).

Heydrich acreditou em Skoblin? Em todo caso, ele viu a ocasião de eliminar um adversário perigoso do Reich: afastar Tukhatchevsky, em 1937, é decapitar o Exército Vermelho. Ele decide alimentar o boato. Sabe que esse assunto é da alçada do serviço de informação de Canaris, pois se trata de uma questão militar. Mas, entusiasmado pela envergadura do seu projeto, consegue convencer Himmler, e o próprio Hitler, a confiar-lhe uma minuciosa operação de intoxicação. Para tanto vale-se do seu melhor capanga, Alfred Naujocks, especialista em tarefas baixas. Durante três meses, este forjará uma série de documentos falsos a fim de comprometer o marechal russo. Ele não tem a menor dificuldade de encontrar sua assinatura: basta-lhe consultar os arquivos da República de Weimar; na época, muitos documentos oficiais receberam o visto de Tukhatchevsky, quando os dois países mantinham relações diplomáticas mais amistosas.

Preparado o dossiê, Heydrich encarrega um de seus homens de vendê-lo a um agente do NKVD. O encontro dá ensejo a um magnífico combate de espionagem: o russo compra o falso dossiê do alemão, pagando-lhe com falsos rublos. Cada um crê enganar o outro, todos enganam todos.

Em última instância, Stálin obtém o que quer: provas de que seu mais sério rival prepara um golpe de Estado. Os historiadores não sabem muito bem a importância que se deve atribuir à manobra de Heydrich nesse caso, mas convém notar que o dossiê foi transmitido em maio de 1937 e que Tukhatchevsky foi executado em junho. Para mim, a proximidade das datas sugere fortemente uma relação de causa e consequência.

Afinal, quem enganou quem? Penso que Heydrich serviu aos interesses de Stálin, permitindo-lhe livrar-se do único homem capaz de fazer-lhe sombra. Mas esse homem era também o mais apto a dirigir uma guerra contra a Alemanha. A desorganização total do Exército Vermelho, despreparado para reagir à invasão alemã em junho de 1941, será a última sequela dessa sombria história. No fim das contas, não foi exatamente Heydrich que deu um golpe de mestre, foi Stálin que deu um tiro no pé. Enquanto este inicia uma série de expurgos sem precedentes, Heydrich exulta. De fato, ele não hesita em atribuir-se todo o mérito do caso.

Trata-se de boa guerra, se ousar dizer.

Tenho trinta e três anos, já sou mais velho que Tukhatchevsky em 1920. Estamos em 27 de maio de 2006, dia do aniversário do atentado contra Heydrich. A irmã de Natacha casa-se hoje. Não irei ao casamento. Natacha me chamou de “merdinha”, acho que ela não me suporta mais. Minha vida se assemelha a um campo de ruínas. Pergunto-me se Tukhatchevsky se sentiu pior do que eu quando compreendeu que perdera a batalha, quando viu seu Exército derrotado e tomou consciência de um fracasso lamentável. Pergunto-me se ele

acreditou que estava acabado, descartado, se amaldiçoou a sorte, a adversidade, os que o traíram, ou se amaldiçoou a si mesmo. Em todo caso, sei que ele se recuperou. É encorajador, mesmo se foi para fazer-se esmagar quinze anos mais tarde por seu pior inimigo. A roda gira, é o que me digo. Natacha não me liga. Estou em 1920, diante das muralhas trêmulas de Varsóvia, e a meus pés corre, indiferente, o Vístula.

46

Esta noite sonhei que redigia um capítulo do atentado, e começava assim: "Um Mercedes preto deslizava no caminho como uma serpente". Então compreendi que tinha de começar a escrever o resto, pois todo o resto devia convergir para esse episódio. Remontando ao infinito a cadeia das causalidades, isso me permitiria retardar o momento de enfrentar o sol de cara, o ponto culminante do romance, a cena por criar.

47

É preciso imaginar um planisfério e círculos concêntricos que se fecham em torno da Alemanha. Na tarde de 5 de novembro de 1937, Hitler expõe seus projetos aos chefes militares, Blomberg, Fritsch, Raeder, Göring, e a seu ministro das Relações Exteriores, Neurath. O objetivo político da Alemanha, ele lembra (e creio que todos haviam compreendido), consiste em garantir a segurança da comunidade racial, assegurar sua existência e favorecer seu desenvolvimento. É, portanto, uma questão de espaço vital (o famoso Lebensraum), e é aí que podemos começar a traçar círculos sobre o planisfério. Não do mais estreito ao mais largo, para abarcar num só olhar as ambições expansionistas do Reich, mas, ao contrário, do mais largo ao mais estreito, a fim de acompanhar o movimento focal que vai se concentrar impiedosamente nos primeiros alvos do ogro. Por razões que julgo inútil explicar, Hitler decreta que os alemães têm direito a um espaço vital maior que o dos outros povos. O futuro da Alemanha depende inteiramente da solução ao problema colocado por essa necessidade de espaço. Onde encontrar esse espaço? Não em alguma longínqua colônia da África ou da Ásia, mas no centro da Europa — é traçado um círculo em torno do Velho Continente —, na vizinhança imediata do Reich — cujo círculo engloba apenas a França, a Bélgica, a Holanda, a Polônia, a Tchecoslováquia, a Áustria, a Itália e a Suíça, mais a Lituânia, se nos lembrarmos da ponta da Alemanha que na época se estende de Dantzig a Memel e confina com os países bálticos. A questão que Hitler se coloca é então a seguinte: onde a Alemanha pode obter o maior proveito ao menor preço? Seu presumido poderio militar e seus vínculos com a Grã-Bretanha excluem a França do círculo, e com ela a Bélgica e a Holanda, pelo interesse estratégico que representam aos olhos do Estado-Maior francês. A Itália mussoliniana é naturalmente excluída desde o início. Uma expansão a leste rumo à Polônia e aos países bálticos mexeria prematuramente com as suscetibilidades soviéticas. A Suíça, como de hábito, é preservada por sua vocação de cofre-forte, bem mais do que por sua neutralidade. O círculo, portanto, se retrai e se desloca a uma zona que se reduz a dois países: "Nosso primeiro objetivo consiste em bater simultaneamente a Áustria e a Tchecoslováquia, a fim de suprimir o perigo de um ataque de flanco em uma eventual operação contra o Oeste". Como se vê, tão logo definido o "primeiro objetivo", Hitler já pensava em ampliar o círculo.

Com exceção de Göring e Raeder, ambos nazistas autênticos, os projetos de Hitler paralisaram sua assistência, inclusive no sentido próprio, pois Neurath teve várias paradas cardíacas nos dias que se seguiram à exposição desse brilhante programa. Quanto a Blomberg e Fritsch — respectivamente ministro da Guerra e comandante-chefe das Forças Armadas, o primeiro, e comandante-chefe do Exército de terra, o segundo —, eles protestaram com uma veemência totalmente inapropriada aos costumes do Terceiro Reich. O velho Exército ainda acreditava, em 1937, que podia ser uma força importante perante o ditador que ele ajudara imprudentemente a tomar o poder.

O Exército nada havia compreendido de Hitler, mas Blomberg e Fritsch logo aprenderiam a conhecê-lo.

Pouco depois dessa agitada conferência, Blomberg, que voltara a se casar com sua secretária, teve o

desprazer de ver revelado (e talvez de ficar sabendo ele próprio) que sua mulher, bem mais jovem que ele, era uma ex-prostituta. E, como o escândalo devia ser o maior possível, fotos dela despida circularam nos ministérios. Corajosamente, Blomberg recusou divorciar-se, mas foi imediatamente demitido. Afastado de toda responsabilidade militar, permaneceu fiel à segunda mulher até o fim, isto é, 1946, em Nuremberg, onde morreu à espera do seu processo.

Fritsch, por sua vez, foi vítima de uma maquinação ainda mais escabrosa, engenhosamente montada, como era de esperar, por Heydrich.

48

Heydrich, como Sherlock Holmes, toca violino (mas melhor que ele). E, como Sherlock Holmes, ocupa-se de inquéritos criminais. Mas, ao contrário do detetive, ele não busca a verdade; ele a fabrica, o que é bem diferente.

Sua missão é comprometer o general Von Fritsch, comandante-chefe do Exército. Heydrich não tem necessidade de ser o chefe do SD para conhecer os sentimentos antinazistas de Fritsch, pois este nunca fez mistério deles. Em Sarrebruck, em 1935, por ocasião de um desfile, ouviram-no em plena tribuna fazer comentários sarcásticos contra a SS, o partido e vários de seus membros eminentes. Seria bastante fácil inventar um complô que ele tivesse tramado.

Heydrich, porém, prefere algo mais humilhante para o velho barão. Ele sabe com que soberba e suscetibilidade a aristocracia prussiana se vangloria de retidão moral. Por isso decide comprometer Fritsch, a exemplo de Blomberg, num caso de costumes.

Mas Fritsch, ao contrário de Blomberg, é aparentemente um celibatário empedernido. Heydrich decide partir daí. Para esse tipo de perfil, o ângulo de ataque é evidente. A fim de preparar o dossiê, ele se dirige ao serviço da Gestapo criado para essa finalidade, o "departamento para a supressão da homossexualidade".

E eis o que ele encontra: um indivíduo suspeito, conhecido dos serviços de polícia por atividades de chantagem contra homossexuais, declarou ter visto Fritsch, numa ruela sombria perto da estação ferroviária de Potsdam, fornicando com um certo "Jo, o bávaro". Inacreditavelmente, a história parece verdadeira, com exceção de um detalhe. Que o Fritsch em questão seja apenas um homônimo mal ortografado, isso não tem muita importância aos olhos de Heydrich, o fato é que se trata de um oficial da cavalaria aposentado, portanto um militar, o que favorece a confusão, ainda mais que o informante está disposto a reconhecer quem quiser sob a pressão da Gestapo.

Heydrich tem imaginação, e é uma qualidade no seu ofício, mas esse tipo de maquinação, para ter chance de funcionar, requer também um perfeccionismo a cujo extremo ele não chegou nesse caso, mas que lhe será quase suficiente.

Confrontado, nas mesmas salas da Chancelaria, diante de Göring e Hitler em pessoa, ao pequeno informante sobre o qual se falou que tinha a aparência de um completo degenerado, o altivo barão não se digna a responder às acusações lançadas contra ele. Ora, fechar-se em sua dignidade não é uma atitude muito recompensadora nas altas esferas do Terceiro Reich. Hitler exige que Fritsch peça demissão imediata. Até aqui, tudo se desenrola conforme o previsto.

Mas Fritsch recusa. Pede para ser submetido à corte marcial. E, de súbito, a posição de Heydrich se vê extremamente fragilizada. Uma corte marcial implica um inquérito preliminar conduzido não mais pela Gestapo, mas pelo próprio Exército. Hitler então hesita. Como Heydrich, ele não deseja um processo em boa e devida forma, ainda teme um pouco as reações da velha casta militar.

Em poucos dias a situação se inverte completamente: os militares não apenas descobrem a verdade, mas conseguem também arrancar das garras da Gestapo as duas testemunhas-chave do caso, o informante e o oficial da cavalaria. O plano de Heydrich vai pelos ares e nesse momento sua cabeça está por um fio: se Hitler autorizar o processo, a trapaça virá à tona, o que ocasionará no mínimo a destituição de Heydrich e o fim de

suas ambições. Ele se verá quase no mesmo ponto que em 1931, após sua demissão da Marinha.

Heydrich vive muito mal essa perspectiva. O matador frio torna-se presa enlouquecida. Schellenberg, seu braço direito, lembra que um dia, no escritório, durante a crise, ele pede que lhe tragam uma arma. O chefe do SD está desesperado.

Mas ele se enganou ao duvidar de Hitler. Fritsch acabará afastado por razão de saúde. Nada de demissão, nada de processo, a coisa é mais simples e todos os problemas são resolvidos. Heydrich tinha, afinal, um trunfo considerável na manga: seu interesse convergia com o de Hitler, que havia decidido assumir ele mesmo o comando do Exército; assim, Fritsch devia ser eliminado a qualquer custo, era a vontade inabalável do chefe.

Em 5 de fevereiro de 1938, o *Völkischer Beobachter* anuncia em grande manchete: "Concentração de todos os poderes nas mãos do Führer".

Heydrich não tinha por que se atormentar.

O processo se realizará de todo modo, mas nesse meio-tempo as relações de força se modificam radicalmente: após o inacreditável delírio provocado pela Anschluss, o Exército inclina-se diante do gênio do Führer e desiste de causar problemas. Fritsch absolvido, dá-se um jeito de liquidar o informante e não se fala mais no assunto.

49

Hitler nunca brincou com os costumes. Desde 1935 e as leis de Nuremberg, é formalmente proibido a um judeu ter relações sexuais com uma ariana, e igualmente proibido a um ariano ter relações sexuais com uma judia. A falta é passível de prisão.

Mas, surpreendentemente, apenas o homem pode ser processado. Aparentemente a vontade de Hitler era que a mulher, judia ou ariana, não fosse molestada de forma jurídica.

Heydrich, mais realista que o rei, não entende assim. Essa forma de discriminação entre homens e mulheres fere, ao que parece, seu senso de equidade (mas somente no caso em que a mulher é judia). Por isso, em 1937, ele dá instruções secretas à Kripo e à Gestapo para que toda condenação pronunciada contra um alemão por causa de relação com uma judia implique automaticamente a prisão de sua parceira e sua deportação discreta a um campo de concentração.

Quando lhes era exigido, excepcionalmente, uma certa moderação, os chefes nazistas não temiam, portanto, se opor às ordens do Führer. É interessante, se pensarmos que a obediência às ordens, em nome da honra militar e do juramento prestado, foi o único argumento invocado depois da guerra para justificar todos os seus crimes.

50

Uma bomba explode, é a Anschluss. A Áustria finalmente "decidiu" se "unir" à Alemanha. É a primeira etapa do nascimento do Terceiro Reich. É também uma forma de prestidigitação que Hitler saberá em breve renovar: conquistar um país sem disparar um tiro.

A notícia é uma deflagração na Europa. O coronel Moravec encontra-se então em Londres e quer, logicamente, voltar a Praga com a maior urgência, mas é impossível achar um avião disponível. Ele consegue, porém, voar até a França, em La Hague, na Normandia. Ali, decide fazer o resto do trajeto de trem. Só que há um pequeno problema. Para chegar a Praga, quando se vem da França, é preciso atravessar... a Alemanha.

Inacreditavelmente, Moravec resolve correr o risco.

Temos, portanto, esta situação original: em 13 de março de 1938, durante várias horas, o chefe dos serviços secretos tchecoslovacos atravessa a Alemanha nazista de trem.

Procuro imaginar a viagem. Ele, por sua vez, procura ser o mais discreto possível. Fala alemão, é verdade,

mas não estou seguro de que seu sotaque esteja acima de qualquer suspeita. Ao mesmo tempo, a Alemanha ainda não está em guerra e os alemães, mesmo inflamados pelos discursos de Hitler sobre a judiaria internacional e o inimigo interno, ainda não estão naquele estado de alerta em que haverão de ficar. Por precaução, porém, Moravec provavelmente escolhe, ao comprar sua passagem, o bilheteiro cuja cara lhe parece a mais atenciosa ou a mais ingênua.

Uma vez no trem, suponho que ele tenha buscado um compartimento vazio e que tenha se instalado:

1. perto da janela, para virar as costas a eventuais companheiros de viagem, a fim de evitar qualquer intenção de puxar conversa, fingindo olhar a paisagem ao mesmo tempo que vigia o compartimento no reflexo da vidraça;

ou

2. perto da porta, para poder vigiar as idas e vindas no corredor do vagão.

Digamos perto da porta.

O que sei é que ele pensou, consciente e talvez bastante orgulhoso da sua importância, que a Gestapo pagaria caro para saber quem, naquele dia, a companhia ferroviária alemã transportava.

Cada movimento no vagão deve ter-lhe abalado os nervos.

Cada parada nas estações.

De tempo em tempo, subia um homem no vagão e sentava-se no compartimento, que logo se encheu de indivíduos obrigatoriamente suspeitos. Pessoas pobres, famílias, e nesse caso era mais tranquilizador, mas também homens bem vestidos.

Um homem sem chapéu, talvez, passa no corredor, e esse detalhe intriga Moravec. Ele lembra sua viagem de estudos à União Soviética, quando lhe disseram que lá um homem com chapéu era necessariamente um membro do NKVD ou um estrangeiro. Nesse caso, o que significa, na Alemanha, um homem sem chapéu?

Suponho que há mudanças, baldeações, horas de espera, o que significa um estresse suplementar. Moravec ouve os vendedores de jornais berrarem, histéricos e triunfantes, as grandes manchetes. Ele deve com certeza enfrentar os guichês várias vezes, nem que seja para dissimular ao máximo seu destino final.

E então chega à polícia de fronteira. Presumo que Moravec possui documentos falsos, mas ignoro de qual nacionalidade. Aliás, isso não parece inteiramente certo, pois ele estava em Londres para uma missão que efetuava em concordância com as autoridades inglesas. Antes de Londres, estivera alguns dias nos países bálticos, onde visitou, acredito, seus homólogos locais. Portanto, ele não tinha necessidade alguma de disfarce e talvez não tivesse previsto nenhum.

Talvez, mais simplesmente, estando seu passaporte em dia, o policial da fronteira, após tê-lo examinado conscienciosamente, durante aqueles segundos especiais na vida em que o tempo para, o tenha devolvido sem perguntar nada mais.

O fato é que ele passou.

Quando desceu do trem, pisando o solo natal, fora de perigo, deixou-se invadir por um imenso alívio.

Bem mais tarde ele declarou que foi a última sensação agradável que teria antes de muito tempo.

A Áustria é a primeira conquista do Reich. De um dia para o outro, o país se torna uma província alemã e cento e cinquenta mil judeus austríacos se veem subitamente à mercê de Hitler.

Em 1938, ainda não se pensa racionalmente em exterminá-los. A tendência é antes incitá-los a emigrar.

Para organizar a emigração dos judeus austríacos, um jovem tenente ss, enviado pelo sd, desembarca em Viena. Ele logo avalia a situação e está cheio de ideias. Aquela de que mais se orgulha, a julgar pelas declarações que fará no momento do seu processo, vinte anos mais tarde, é a da esteira rolante: para obter a autorização de emigrar, os judeus devem fazer um volumoso dossiê, composto de um monte de peças as mais diversas. Completado o dossiê, eles podem ir à Agência de Emigração Judaica, onde depositam seus

documentos numa esteira rolante. Concretamente, o objetivo do procedimento é despojá-los de todos os seus bens no menor tempo possível, que não partam antes de terem cedido legalmente o que possuem. No final da esteira, eles recuperam um passaporte num cesto.

Cinquenta mil judeus poderão assim escapar da armadilha hitleriana antes que ela se feche sobre eles. Nessa época, de certa maneira, essa solução satisfaz todo mundo: os judeus podem se considerar felizes de safar-se, enquanto os nazistas se apoderam de somas consideráveis. De Berlim, Heydrich considera, portanto, a operação como um sucesso e, por algum tempo ainda, a emigração de todos os judeus do Reich será vista como uma solução realista, a melhor resposta à “questão judaica”.

E Heydrich reterá o nome do jovem tenente que realiza tão bom trabalho com os judeus: Adolf Eichmann.

52

É em Viena que Eichmann inventa o método que formará a base de toda a política de deportação e de extermínio, ou seja, a de exigir das vítimas uma cooperação ativa. De fato, estas serão sempre convidadas a se apresentar espontaneamente às autoridades alemãs. Na grande maioria dos casos, tanto para emigrarem em 1938 quanto para serem enviados a Treblinka ou Auschwitz em 1943, os judeus comparecerão às convocações de seus inimigos. Sem isso, confrontada com problemas de recenseamento insolúveis, nenhuma política de extermínio em massa teria sido realmente possível. Em outras palavras, teria havido por certo inumeráveis crimes, mas tudo leva a crer que não sealaria de genocídio.

Heydrich, com a intuição que o caracteriza, imediatamente reconheceu em Eichmann um burocrata de talento, do qual saberá fazer um auxiliar precioso. Nenhum dos dois, então, pode suspeitar que 1938 prepara 1943. Em troca, todos os olhares já começam a se voltar para Praga. Mas ambos ignoram que papel desempenharão lá.

53

Mesmo assim, já existem alguns sinais. Há anos Heydrich vem encomendando numerosos estudos sobre a questão judaica a seus chefes de setor. E recebe este tipo de resposta:

“Convém privar os judeus de seus meios de vida — e não apenas na esfera econômica. A Alemanha deve ser um país sem futuro para eles. Somente a velha geração deve ser autorizada a morrer aqui em paz, não os jovens, de modo que subsista a incitação a emigrar. Quanto aos meios, o antisemitismo tumultuoso deve ser rejeitado. Ninguém combate os ratos com um revólver, mas com veneno e gás.”

Metáfora, fantasma, inconsciente que aflora: em todo caso, percebe-se que esse chefe de serviço já tem uma ideia na cabeça. O relatório data de maio de 1934: um visionário!

54

No centro da velha Boêmia ancestral, a leste de Praga, no caminho de Olomouc, ergue-se uma pequena cidade. Incluída no patrimônio mundial da UNESCO, Kutná Hora possui ruelas pitorescas, uma bela catedral gótica e sobretudo um magnífico ossuário, verdadeira curiosidade local onde se acumulam crânios humanos para formar abóbadas e ogivas de uma brancura sepulcral.

Em 1237, Kutná Hora não pode suspeitar que traz em suas entranhas o germe infeccioso da História, que ainda se prepara para abrir um de seus capítulos irônicos, longos e cruéis, dos quais ela tem o segredo. Este vai durar setecentos anos.

Venceslau I, filho de Prěmysl Otakar I, aparentado à gloriosa e fundadora linhagem dos Prěmyslidas, reina sobre as terras da Boêmia e da Morávia. O soberano casou com uma princesa alemã, Kunhuta, filha de



Felipe da Suábia, rei de Roma e gibelino, isto é, filiado à temível casa dos Hohenstaufen. Na querela dos guelfos, aliados do papa, e dos gibelinos, partidários do imperador da Alemanha, Venceslau escolheu o campo do Sacro Império Romano Germânico, e, embora este sofra durante o período reveses infligidos pela Cúria pontifícia, seu poder será fortalecido por essa aliança. Seja como for, o leão de cauda bífida orna desde então os brasões do reino, substituindo a velha águia flamejada. O país se enfeita de torreões. Sopra o espírito de cavalaria.

Praga terá em breve sua sinagoga Velha-Nova.

Kutná Hora é ainda apenas um pequeno burgo, não uma das maiores cidades da Europa.

Isto poderia ser como uma cena de western medieval. Caída a noite, uma taverna falstaffiana acolhe os habitantes de Kutná Hora, bem como os raros viajantes. Os fregueses bebem e brincam com as serventes beliscando-lhes as nádegas, os viajantes comem, calados e fatigados, os ladrões observam e preparam seus golpes diante dos copos que quase não tocam. Fora, chove, e da estrebaria vizinha ouvem-se relinchos. À porta aparece um velho de barba branca. Sua roupa em mau estado está molhada, as meias estão manchadas de lama, escorre água do seu gorro de algodão. Todos o conhecem em Kutná Hora, é uma espécie de velho louco da montanha e ninguém lhe dá realmente atenção. Ele encomenda bebida e comida e mais bebida. Exige que matem um porco. Risadas nas mesas vizinhas. Desconfiado, o taverneiro lhe pergunta se tem como pagar. Então um brilho de triunfo passa nos olhos do velho. Ele põe em cima da mesa uma pequena bolsa de couro ruim, da qual desfaz lentamente os laços. Dali tira um pequeno seixo cinzento que submete, com um falso ar de negligência, ao exame do taverneiro. Este franze as sobrancelhas, pega o seixo entre os dedos, leva-o à altura dos olhos, à luz das tochas presas às paredes. Passa um estupor por seu rosto e, subitamente impressionado, ele faz um movimento de recuo. Reconheceu o metal. É uma pepita de prata.

55

Pr̃emysl Otakar II, filho de Venceslau I, traz, como o avô, o nome de seu antepassado, Pr̃emysl, o Lavrador, que em tempos imemoriais foi tomado como esposo pela rainha Libuše, legendária fundadora de Praga. Assim, mais que qualquer outro, com exceção do avô, Pr̃emysl Otakar II sente-se o depositário da grandeza do reino. E, nesse ponto, ninguém pode acusá-lo de não ter merecido: graças a seus recursos em prata, a Boêmia obteve em média, desde o início de seu reinado, uma renda anual de cem mil marcos, o que faz dela, no século XIII, uma das regiões mais ricas da Europa, cinco vezes mais rica que a Baviera, por exemplo.

Mas aquele que foi denominado “o rei de ferro e de ouro”, o que, dito entre parênteses, não faz jus ao metal que fez sua fortuna, não quer, como todos os reis, contentar-se com o que tem. Ele sabe que a prosperidade do reino está intimamente ligada a suas minas de prata e deseja acelerar sua exploração. As jazidas que dormem, ainda invioladas, tiram-lhe o sono. Ele precisa de mais mão de obra. E os tchecos são camponeses, não mineiros.

Otakar, sonhador, contempla Praga, sua cidade. Do alto do seu castelo vê os mercados que proliferam em volta da imensa ponte Judith, uma das primeiras edificadas em pedra para substituir as antigas de madeira, situada no lugar da futura ponte Carlos, que liga a Cidade Velha ao bairro de Hradčany, depois chamado Malá Strana. Pequenos pontos coloridos movem-se em torno das mais diversas mercadorias, tecidos, carne, frutas e legumes, joias, metais lavrados. Todos esses comerciantes são alemães, ele sabe. Os tchecos são homens da terra, não citadinos, e talvez haja uma ponta de pesar, se não de desprezo, nessa reflexão do soberano. Otakar sabe também que são as cidades que fazem o prestígio dos reinos, e que uma nobreza digna desse nome não fica em suas terras, mas vem formar o que os franceses chamam a corte, junto do rei. Na época, toda a Europa se esforça por copiar o modelo e Otakar, como os outros, não escapa à influência da urbanidade francesa, mas para ele a França só possui uma realidade longínqua e muito abstrata. Quando Otakar pensa no belo conceito de cavalaria, são cavaleiros teutônicos que ele imagina, porque combateu ao lado deles na Prússia, durante a Cruzada de 1255. Não fundou ele mesmo Königsberg com a ponta da sua espada? Otakar está inteiramente

voltado para a Alemanha, porque as cortes alemãs encarnam a seus olhos a nobreza e a modernidade. Para beneficiar seu reino, ele decidiu, contra a opinião de seu conselheiro palatino e sobretudo contra a opinião do preboste de Vyšehrad, seu chanceler, promover uma vasta política de imigração alemã à Boêmia, justificada pelas necessidades de mão de obra nas minas. Trata-se de incitar centenas de milhares de colonos alemães a virem se implantar em seu belo país. Favorecendo-os, concedendo-lhes privilégios fiscais e terras, Otakar espera ao mesmo tempo encontrar aliados que enfraquecerão as posições da nobreza local, os Ryzmburk, os Vítek, os Falkenštejn, sempre ameaçadores e ávidos, que lhe inspiram apenas desconfiança e desdém. A História mostrará, com o fortalecimento do patriciado alemão em Praga, em Jihlava, em Kutná Hora, depois em toda a Boêmia e a Morávia, que a estratégia era muito boa, mesmo se Otakar não vivesse o bastante para aproveitá-la.

Mas, a longo prazo, tratava-se de uma péssima ideia.

56

Logo após a Anschluss, a Alemanha, com uma prudência inusual, multiplica os comunicados de apaziguamento endereçados à Tchecoslováquia: esta não devia de maneira alguma temer uma agressão próxima, embora a anexação da Áustria, e o sentimento de cerco que ela engendra, pudesse legitimamente inquietar os tchecos.

Aliás, é dada uma ordem para evitar toda tensão inútil: que as tropas alemãs que penetram a Áustria não se aproximem em parte alguma a menos de quinze ou vinte quilômetros da fronteira tcheca.

Mas, nos Sudetos, a notícia da Anschluss provoca um entusiasmo extraordinário. Agora não se fala de outra coisa senão desse fantasma último: a anexação ao Reich. As manifestações e provocações se multiplicam. Uma atmosfera de conspiração generalizada se instala. Proliferam os panfletos, as brochuras de propaganda. Os funcionários e os empregados alemães resolvem sabotar sistematicamente as ordens do governo tcheco, que busca conter a agitação separatista. O boicote das minorias tchecas nas zonas de língua alemã adquire uma dimensão sem precedente. Beneš dirá em suas memórias que ficou impressionando por essa espécie de romantismo místico que de repente se apoderou de todos os alemães da Boêmia.

57

“O Concílio de Constança foi responsável por ter incitado nossos inimigos naturais, todos os alemães que nos cercam, a uma luta injusta contra nós, embora eles não tenham razão nenhuma de se insurgir contra nós, a não ser seu implacável furor contra nossa língua.”

Manifesto hussita, cerca de 1420.

58

Uma única vez, a França e a Inglaterra disseram não a Hitler durante a crise tchecoslovaca. E olhe lá! A Inglaterra somente com a ponta dos lábios...

Em 19 de maio de 1938, movimentos de tropas alemãs são registrados na fronteira tcheca. No dia 20, a Tchecoslováquia decreta uma mobilização parcial de suas tropas, enviando ao mesmo tempo uma mensagem muito clara: se sofrer uma agressão, ela se defenderá.

A França, reagindo com uma firmeza que já não se esperava mais dela, declara imediatamente que cumprirá seus compromissos em relação à Tchecoslováquia, ou seja, lhe dará ajuda militar em caso de agressão alemã.

A Inglaterra, desagradavelmente surpreendida pela atitude francesa, apoia mesmo assim a posição de sua

aliada. Mas com a pequena ressalva de que nunca se falará, de maneira explícita, de uma intervenção clara das forças britânicas em caso de conflito armado. Chamberlain cuida para que seus diplomatas não transponham o limiar desta fórmula imprecisa: “Na eventualidade de um conflito europeu, é impossível saber se a Grã-Bretanha será levada a participar”. No passado ela já foi mais decidida.

Hitler se lembrará desses movimentos sinuosos, mas na hora se assusta e recua. Em 23 de maio, faz saber que a Alemanha não tem nenhuma intenção agressiva para com a Tchecoslováquia e manda retirar, como se fosse algo sem importância, as tropas concentradas na fronteira. A versão oficial é que se tratava de simples manobras de rotina.

Mas Hitler está furioso. Ele tem a impressão de ter sido humilhado por Beneš e sente a pulsão guerreira crescer dentro dele. Em 28 de maio, convoca os oficiais superiores da Wehrmacht para lhes bradar isto: “A Tchecoslováquia será riscada do mapa, é a minha vontade mais formal!”.

59

Beneš, preocupado com a falta de entusiasmo manifestada pela Grã-Bretanha para honrar seus compromissos, chama seu embaixador em Londres para ter notícias. A conversa, registrada pelos serviços secretos alemães, não deixa dúvida nenhuma sobre as poucas ilusões dos tchecos em relação aos ingleses, a começar por Chamberlain, que é tratado com aspereza:

— O maldito bastardo só quer lambe as botas de Hitler!

— Ponha isso na cabeça dele! Faça-o compreender!

— O velho camelo é incapaz de compreender, sabe apenas farejar o monte de areia nazista e girar em volta.

— Então converse com Horace Wilson. Diga-lhe para prevenir o primeiro-ministro que a Inglaterra também estará em perigo se não nos mostrarmos todos decididos. Pode fazê-lo compreender isso?

— Como quer que eu fale com Wilson? Não passa de um chacal!

Os alemães se apressam a transmitir as fitas gravadas aos ingleses. Chamberlain, ao que parece, sentiu-se extremamente vexado e nunca perdoou os tchecos.

No entanto é a esse mesmo Wilson, conselheiro especial de Chamberlain, quando vem propor uma tentativa de conciliação entre alemães e tchecos com a arbitragem britânica, que, pouco tempo depois, Hitler falará nos seguintes termos:

“Que me importa uma representação britânica? O velho cão está louco se imagina me possuir dessa forma!”

Wilson se surpreenderá:

“Se Herr Hitler se refere ao primeiro-ministro, posso lhe assegurar que o primeiro-ministro não está louco, mas apenas interessado no destino da paz.”

Hitler, então, abrirá claramente o jogo:

“As observações de um lambe-botas não me interessam. A única coisa que me interessa é o meu povo da Tchécua; meu povo torturado, assassinado por esse pederasta imundo do Beneš! Não suportarei mais isso. É mais do que um bom alemão pode suportar! Está me entendendo, seu porco estúpido?”

Assim, há pelo menos um ponto sobre o qual os tchecos e os alemães parecem estar de acordo: Chamberlain e sua claqué eram lambe-botas.

Mas, curiosamente, Chamberlain se ofendia muito menos com os insultos alemães que com os tchecos, e pode-se avaliar a posteriori o quanto isso foi lamentável.

60

É um discurso edificante que Edouard Daladier, nosso bom presidente do Conselho de ministros, pronuncia

pelo rádio em 21 de agosto de 1938:

“Em face de Estados autoritários que se equipam e se armam sem nenhuma consideração com a duração do trabalho, ao lado de Estados democráticos que procuram recuperar sua prosperidade e garantir sua segurança e que adotaram a semana de 48 horas, a França, mais empobrecida e ao mesmo tempo mais ameaçada, continuará retardando-se em controvérsias que arriscam comprometer seu futuro? Enquanto a situação internacional permanecer delicada, é preciso que se possa trabalhar mais de quarenta horas, inclusive até 48 horas, nas empresas que interessam à Defesa Nacional.”

Ao ler a transcrição de seu discurso, compreendi que fazer os franceses trabalharem mais era, decididamente, uma eterna obsessão da direita francesa. Fiquei escandalizado que as elites reacionárias, sem considerar a gravidade da situação, só pensassem em utilizar a crise dos Sudetos para acertar contas com a Frente Popular. Convém dizer que em 1938, na imprensa burguesa, os editorialistas estigmatizavam descaradamente os trabalhadores que só pensavam em aproveitar seus pequenos dias de folga.

Mas meu pai oportunamente lembrou que Daladier era um socialista radical; portanto, devia ter participado da Frente Popular. Acabo de verificar e, de fato: Daladier era ministro da Defesa no governo de Léon Blum! Fiquei pasmo. É com dificuldade que consigo recapitular: Daladier, ex-ministro da Defesa Nacional da Frente Popular, invoca questões de Defesa Nacional, não para impedir Hitler de desmembrar a Tchecoslováquia, mas para voltar atrás na semana de quarenta horas, justamente uma das conquistas da Frente Popular. Nesse grau de estupidez política, a traição torna-se quase uma obra de arte.

61

Vinte e seis de setembro de 1938. Hitler deve discursar diante da multidão reunida no Palácio dos Esportes de Berlim. Ele se exercita com uma delegação britânica que vem comunicar-lhe a recusa dos tchecos de evacuar imediatamente os Sudetos: “Tratam os alemães como negros! Em 1o de outubro, farei o que me aprouver com a Tchecoslováquia. Se a França e a Inglaterra decidirem atacar, que o façam! Não dou a menor importância! É inútil prosseguir as negociações, isso não leva a nada!”. E ele sai.

Depois, na tribuna, diante de seu público fanatizado:

“Durante vinte anos, os alemães da Tchecoslováquia tiveram de suportar as perseguições dos tchecos. Durante vinte anos, os alemães do Reich contemplaram esse espetáculo. Melhor dizendo, foram forçados a permanecer espectadores: não que o povo alemão tenha jamais aceitado essa situação, mas ele estava sem armas, não podia ajudar seus irmãos contra os que os martirizavam. Hoje é diferente. E o mundo das democracias se indigna! Aprendemos, durante esses anos, a desprezar os democratas deste mundo. Em toda a nossa época, encontramos um só Estado como grande potência europeia e, à frente desse Estado, um só homem que compreendeu o sofrimento do nosso povo: é o meu grande amigo Benito Mussolini [a multidão grita: Heil Duce!]. O sr. Beneš está em Praga, convencido de que nada lhe pode acontecer porque tem por trás a França e a Inglaterra [hilaridade prolongada]. Meus compatriotas, creio que chegou o momento de falar sem rodeios. O sr. Beneš tem um povo de sete milhões de indivíduos atrás dele e aqui há um povo de setenta e cinco milhões de homens [aplausos entusiasmados]. Assegurei ao primeiro-ministro britânico que, uma vez resolvido esse problema, não haveria mais problemas territoriais na Europa. Não queremos tchecos no Reich, mas declaro ao povo alemão: no que concerne à questão dos Sudetos, minha paciência acabou. Agora, o sr. Beneš tem a paz ou a guerra em suas mãos. Ou ele aceita essa oferta e concede enfim a liberdade aos alemães dos Sudetos, ou nós mesmos vamos buscar essa liberdade.

“Que o mundo tenha consciência disso!”

62

É à crise dos Sudetos que devemos os primeiros testemunhos formais da loucura do Führer. Nessa época, a evocação de Beneš e dos tchecos o punha em tal furor que ele podia perder completamente o autocontrole. É assim que relatam tê-lo visto jogar-se ao chão e morder as bordas do tapete. Essas crises de demência logo lhe valeram, nos meios ainda hostis ao nazismo, o epíteto de Teppichfresser ("devorador de tapete").<sup>2</sup> Não sei se ele conservou esse hábito de mastigador enfurecido, ou se o sintoma desapareceu depois do Acordo de Munique.

63

Vinte e oito de setembro de 1938, três dias antes dos acordos. O mundo retém a respiração. Hitler se mostra mais ameaçador do que nunca. Os tchecos sabem que, se abandonarem aos alemães a barreira natural que constitui para eles a região dos Sudetos, estarão mortos. Chamberlain declara: "Não é terrível, fantástico, inusitado, que estejamos em via de cavar abrigos por causa de uma disputa surgida num país distante, entre homens dos quais nada conhecemos?".

64

Saint-John Perse pertence a essa família de escritores-diplomatas, como Claudel e Giraudoux, pela qual sinto uma aversão epidérmica. No caso dele, essa repugnância instintiva me parece particularmente justificada, se considerarmos seu comportamento durante setembro de 1938.

Alexis Leger (o seu verdadeiro nome, e léger é o que ele foi, de fato) acompanha Daladier a Munique enquanto secretário-geral do Quai d'Orsay. Pacifista extremado, ele trabalhou sem descanso para convencer o presidente do Conselho francês a ceder a todas as exigências alemãs. Está presente quando fazem entrar os representantes tchecos, a fim de informá-los de sua sorte, doze horas após a assinatura do acordo decidido sem eles.

Hitler e Mussolini já partiram, Chamberlain boceja ostensivamente e Daladier dissimula mal seu nervosismo por trás de uma altivez forçada. Quando os tchecos aniquilados lhe perguntam se esperam do governo deles uma resposta ou uma declaração qualquer, é possível que a vergonha impeça Daladier de falar (como ela deve tê-lo sufocado, a ele e aos outros!). Assim, é seu colaborador que se encarrega de responder, com uma arrogância e uma desenvoltura que levaram o ministro tcheco das Relações Exteriores, seu interlocutor, a depois fazer o seguinte comentário lacônico, sobre o qual deveríamos todos meditar: "É um francês".

Concluído o acordo, nenhuma resposta é esperada. Em troca, o governo tcheco deve enviar seu representante a Berlim nesse mesmo dia, até as três da tarde no mais tardar (são três da madrugada), para assistir à sessão da comissão encarregada de aplicar o acordo. No sábado, um oficial tchecoslovaco deverá igualmente ir a Berlim para acertar os detalhes da evacuação. O tom do diplomata torna-se mais duro à medida que profere suas injunções. Diante dele, um dos dois representantes tchecos começa a chorar. Impaciente, e como para justificar sua brutalidade, o diplomata acrescenta que a atmosfera começa a ficar perigosa para o mundo inteiro. Sem piada!

Portanto, é um poeta francês que pronuncia de maneira quase performativa a sentença de morte da Tchecoslováquia, o país que mais amo no mundo.

65

À entrada do seu hotel em Munique, um jornalista o interroga:

— Enfim, senhor embaixador, esse acordo é apesar de tudo um alívio, não?

Silêncio. Então o secretário do Quai d'Orsay suspira:

— Sim, um alívio... como quando a gente faz nas calças!

Essa revelação tardia, acompanhada de uma frase espirituosa, não basta para redimir sua atitude infame. Saint-John Perse comportou-se como um grande merda. Ele diria, com aquele preciosismo ridículo de diplomata comedido, “um excremento”.

66

No Times, sobre Chamberlain: “Jamais um conquistador, após uma vitória obtida num campo de batalha, voltou ornado de mais nobres lauréis”.

67

Chamberlain na sacada, em Londres: “Meus caros amigos, pela segunda vez em nossa história a paz na honra foi trazida da Alemanha a Downing Street. Creio que, desta vez, é a paz duradoura”.

68

Krofta, o ministro das Relações Exteriores tcheco: “Impuseram-nos essa situação; hoje é nossa vez; amanhã será a dos outros”.

69

Por uma espécie de pedantismo pueril, eu hesitava em mencionar a mais célebre frase francesa de todo esse caso sombrio, mas não posso deixar de citar Daladier, ao descer do avião, aclamado pela multidão: “Ah, os imbecis! Se soubessem o que os espera...”.

Alguns duvidam, aliás, que ele chegou a pronunciar essas palavras, que tenha tido essa lucidez e esse resto de bravura. Sartre é quem teria propagado a citação apócrifa, em seu romance Sursis.

70

Seja como for, as frases ditas por Churchill na Câmara dos Comuns se distinguem por mais clarividência e, como sempre, mais grandeza.

“Sofremos uma derrota total e absoluta.”

(Churchill deve interromper-se por longos minutos até que cessem as vaias e os gritos de protesto.)

“Estamos no meio de uma catástrofe de dimensões sem precedentes. O caminho da embocadura do Danúbio, o caminho do mar Negro está aberto. Um após outro, todos os países da Europa Central e do vale do Danúbio serão conduzidos ao vasto sistema da política nazista que emana de Berlim. E não pensem que é o fim, não, é só o começo...”

Pouco tempo depois, Churchill faz a síntese, pronunciando seu quiasmo imortal:

“Vocês deviam escolher entre a guerra e a desonra. Escolheram a desonra. E terão a guerra.”

71

Ele soa, ele soa, o sino da traição.

Que mãos o puseram em ação?  
A doce França, a orgulhosa Albion,  
Que amávamos tanto.

František Halas

72

“Sobre o semicadáver de uma nação traída, a França retornou ao jogo de bisca e a Tino Rossi.”

Montherlant

73

Diante das pretensões arrogantes da Alemanha, as duas grandes democracias do Oeste foram esmagadas, Hitler pode festejar. Mas, muito pelo contrário, ele volta a Berlim mal-humorado, maldizendo Chamberlain: “Esse cara privou-me da minha entrada em Praga!”. De fato, o que fazer de algumas montanhas a mais? Forçando o governo tcheco a todas as concessões, a França e a Inglaterra, essas duas nações sem coragem, tiraram momentaneamente do ditador alemão a possibilidade de realizar seu verdadeiro objetivo: não apenas amputar, mas “riscar a Tchecoslováquia do mapa”, ou seja, transformá-la em província do Reich. Sete milhões de tchecos, setenta e cinco milhões de alemães... Partida adiada...

74

Em 1946, em Nuremberg, o representante da Tchecoslováquia perguntará a Keitel, o chefe do Estado-Maior alemão: “O Reich teria atacado a Tchecoslováquia em 1938 se as potências ocidentais tivessem sustentado Praga?”. Keitel responderá: “Com certeza, não. Militarmente, não éramos tão fortes”.

Hitler pode praguejar, mas a França e a Inglaterra lhe abriram uma porta da qual ele não tinha a chave. E, demonstrando uma tal complacência, o incitaram evidentemente a recomeçar.

75

Foi aqui que tudo começou, na Bürgerbräukeller, a grande cervejaria de Munique, há exatamente quinze anos. Mas, nessa noite de novembro de 1938, a hora não é de comemorações, embora cerca de três mil pessoas estejam reunidas. Os oradores se sucederam na tribuna e todos clamaram por vingança; dois dias antes, em Paris, um judeu de dezessete anos matou um secretário da Embaixada da Alemanha, porque deportaram seu pai. Heydrich está bem colocado para saber que a perda não é grande: o secretário da Embaixada era vigiado pela Gestapo por suspeita de antinazismo. Mas existe aí uma ocasião a aproveitar. Göbbels confiou-lhe uma missão importante e, enquanto a noite prossegue, Heydrich dita suas ordens: as manifestações espontâneas ocorrerão durante a noite. Todas as agências da polícia de Estado devem entrar imediatamente em contato com os responsáveis do partido e da ss. As manifestações que vão ocorrer não serão reprimidas pela polícia. Só deverão ser tomadas medidas que não comportem perigo nenhum para a vida e os bens dos alemães (por exemplo, as sinagogas só serão incendiadas se não houver risco de o fogo atingir os prédios vizinhos). As casas de comércio e os apartamentos privados dos judeus podem ser destruídos, mas não saqueados. Deverão ser presos tantos judeus, sobretudo ricos, quantos possam ser contidos nas prisões

atualmente existentes. A seguir convém entrar em contato imediato com os campos de concentração apropriados, a fim de interná-los o mais cedo possível. A ordem é transmitida à uma e vinte da madrugada.

Os SA já se puseram a caminho, os SS os seguem de perto. Nas ruas de Berlim e de todas as grandes cidades da Alemanha, as vitrines das lojas dos judeus são quebradas, móveis de apartamentos judeus passam pela janela e os próprios judeus são molestados, quando não detidos ou mesmo mortos. Foram vistas máquinas de escrever, máquinas de costura, até mesmo pianos espatifados na rua. Durante toda a noite prossegue o vandalismo. As pessoas honestas recolhem-se em casa, os mais curiosos assistem ao espetáculo sem intervir, como fantasmas silenciosos, e sem que se possa determinar a natureza do seu silêncio, cúmplice, desaprovador, incrédulo, satisfeito. Em alguma parte da Alemanha, batem à porta de uma senhora de oitenta e um anos. Ao abrir aos SA, ela zomba: "Tenho visitantes de marca esta manhã!". Mas, quando os SA lhe pedem para vestir-se e acompanhá-los, ela se senta no sofá e declara: "Não vou me vestir e não irei a parte alguma. Façam de mim o que quiserem". E, quando ela repete: "Façam de mim o que quiserem", o chefe do esquadrão saca o revólver e lhe dá um tiro no peito. Ela desaba sobre o sofá. Ele mete-lhe uma segunda bala na cabeça. Ela cai do sofá e rola sobre si mesma. Mas ainda não está morta. Com a cabeça virada para a janela, emite um leve estertor. Então o chefe dispara-lhe um terceiro tiro, no meio da testa, a dez centímetros.

Em outra parte, um SA sobe ao telhado de uma sinagoga saqueada e brande rolos da Torá, berrando: "Limpem o rabo com isso, judeus!". E os lança como serpentinas de Carnaval. Já esse estilo inimitável.

No relatório do prefeito de uma cidadezinha, pode-se ler: "A ação contra os judeus se desenrolou com rapidez e sem maior tensão. Em consequência das medidas tomadas, um casal judeu jogou-se no Danúbio".

Todas as sinagogas ardem, mas Heydrich, que conhece seu ofício, ordena que transfiram todos os arquivos nelas encontrados ao QG do SD. Caixas de documentos chegam à Wilhelmstrasse. Os nazistas adoram queimar livros, mas não os registros. Eficiência alemã? Talvez alguns SA tenham se limpado com preciosos arquivos...

No dia seguinte, é a Göring que Heydrich faz chegar um primeiro relatório confidencial: a importância das destruições, no que se refere a lojas e casas judias, ainda não pode ser verificada pelos números: 815 lojas destruídas, 171 moradias incendiadas ou destruídas indicam apenas uma fração dos verdadeiros estragos. O fogo foi ateado em 119 sinagogas e outras setenta e seis foram totalmente arrasadas. Vinte mil judeus foram detidos. Há o registro de trinta e seis mortos. Os feridos graves chegam igualmente a trinta e seis. Mortos e feridos são todos judeus.

Heydrich também foi informado de casos de estupro, o que caracteriza uma violação das leis raciais de Nuremberg. Em consequência disso, os culpados serão presos, expulsos do partido e entregues à Justiça. Mas os que mataram não têm com que se preocupar.

Dois dias mais tarde, no Ministério dos Transportes Aéreos, Göring preside uma reunião a fim de achar um meio de fazer os judeus pagarem o custo dos danos ocasionados. Pois, como observa o porta-voz das companhias de seguro, somente o preço das vidraças quebradas se eleva a cinco milhões de marcos (por isso se falará em Noite dos Cristais). Acontece que os proprietários das lojas judias são geralmente arianos e é preciso indenizá-los. Göring pragueja. Ninguém havia pensado no custo econômico da operação, e o ministro da Economia, aparentemente, menos que qualquer outro. Ele grita a Heydrich que teria sido melhor matar duzentos judeus do que destruir tantos objetos preciosos. Vexado, Heydrich lhe responde que trinta e cinco judeus foram mortos.

À medida que se encontram soluções para que os próprios judeus paguem pelos estragos, Göring se acalma e o ambiente fica mais leve. Heydrich o escuta gracejar com Göbbels sobre a criação de reservas de judeus na floresta. Segundo Göbbels, seria preciso introduzir nelas certos animais que têm um aspecto muito judeu, como o veado, com seu nariz comprido. Todos ao redor riem, descontraídos, exceto o responsável das companhias de seguros, não convencido pelo plano de financiamento elaborado pelo marechal de campo. E exceto Heydrich.

No final da reunião, quando se decidiu confiscar todos os bens dos judeus e proibir-lhes toda forma de participação administrativa, ele julga útil centralizar de novo o debate:

— Mesmo se os judeus forem eliminados da vida econômica, o problema maior permanece, que é colocá-los fora da Alemanha.



Até lá, ele sugere, seria preciso aplicar-lhes um sinal distintivo para que se possa reconhecê-los.

— Um uniforme! — exclama Göring, sempre apaixonado por coisas do vestuário.

— Seria melhor uma insígnia — responde Heydrich.

76

A reunião, porém, não termina com essa nota profética. Os judeus são daí por diante excluídos das escolas públicas, dos hospitais públicos, das praias e das estações balneárias. Devem fazer suas compras em horários restritos. Em troca, devido a objeções de Göbbels, renuncia-se a reservar-lhes um vagão ou compartimento à parte nos transportes em comum: de fato, o que aconteceria em caso de forte afluência? Os alemães se amontoariam enquanto os judeus teriam um vagão só para eles! Em suma, o nível dos debates atinge graus de tecnicidade e precisão extremos.

Heydrich propõe ainda outras restrições de deslocamento. Göring, completamente recuperado de sua cólera passageira, levanta então, como quem não quer nada, uma questão fundamental: “Mas, meu caro Heydrich, você não poderá evitar de criar guetos numa grande escala, em todas as grandes cidades. Isso acabará sendo necessário”.

Heydrich responde, ao que parece, num tom peremptório:

“Sobre o problema dos guetos, gostaria de definir desde já minha posição. Do ponto de vista policial, considero impossível estabelecer um gueto na forma de um bairro completamente isolado onde viveriam apenas judeus. Não se pode controlar um gueto onde o judeu se mistura a toda a população judia. Isso gera necessariamente um abrigo de criminosos e também um foco de epidemias. Não queremos deixar os judeus habitarem os mesmos prédios que a população alemã; mas atualmente, nos quarteirões ou nos prédios, os alemães forçam o judeu a comportar-se corretamente. É preferível controlá-lo mantendo-o sob o olhar vigilante de toda a população amontoá-lo aos milhares num bairro onde não posso controlar convenientemente sua vida cotidiana com agentes uniformizados.”

Raoul Hilberg vê nesse “ponto de vista policial” a concepção que Heydrich possui tanto do seu ofício quanto da sociedade alemã: a população inteira é considerada como uma espécie de polícia auxiliar, encarregada de vigiar e de indicar-lhe todo comportamento suspeito entre os judeus. A insurreição do gueto de Varsóvia em 1943, que o Exército alemão levará três semanas para esmagar, validará sua análise: seja como for, é preciso desconfiar dos judeus. Por outro lado, ele sabe também que os micróbios não fazem distinção de raça.

77

Fisicamente, monsenhor Tiso é baixinho e gordo. Historicamente, ocupa um lugar ao lado dos maiores colaboracionistas. Seu ódio ao poder central tcheco fará dele um Pétain eslovaco. Arcebispo de Bratislava, ele trabalhou a vida inteira pela independência de sua região e hoje, graças a Hitler, atinge o objetivo. Em 13 de março de 1939, quando as divisões da Wehrmacht estão a ponto de invadir a Boêmia e a Morávia, o chanceler do Reich recebe o futuro presidente eslovaco.

Como sempre, Hitler fala e seu interlocutor escuta. No caso, Tiso não sabe se deve se alegrar ou tremer. Por que o que ele desejou desde sempre deve vir sob a forma de ultimato e chantagem?

Hitler explica: a Tchecoslováquia deve à Alemanha o fato de não ter sido mais mutilada. Contentando-se em anexar a região dos Sudetos, o Reich dá prova de grande magnanimidade. No entanto, os tchecos não lhe mostraram nenhuma gratidão. Nas últimas semanas, a situação tornou-se impossível. Há muitas provocações. Os alemães que ainda residem lá são oprimidos e perseguidos. É o espírito do governo Beneš que retorna (a esse nome, Hitler inflama-se).

Os eslovacos o decepcionaram. Depois de Munique, ele se desentendeu com seus amigos húngaros porque

não permitiu que eles se apoderassem da Eslováquia. Acreditava então que os eslovacos queriam sua independência.

A Eslováquia deseja, sim ou não, sua independência? É uma questão não de dias, mas de horas. Se a Eslováquia quiser a independência, ele a ajudará e a tomará sob sua proteção. Mas se ela se recusar a separar-se de Praga, ou mesmo se hesitar, ele abandonará a Eslováquia à sua sorte: esta será o brinquedo de acontecimentos pelos quais não mais se responsabilizará.

Nesse momento preciso, Hitler faz com que Ribbentrop lhe entregue um documento, que supostamente acaba de chegar, revelando movimentos de tropas húngaras na fronteira eslovaca. Essa pequena encenação permite a Tiso, se houvesse necessidade, perceber claramente a urgência da situação, bem como os dois termos da alternativa: ou a Eslováquia declara sua independência para jurar fidelidade à Alemanha, ou será devorada pela Hungria.

Tiso responde: os eslovacos saberão se mostrar dignos da benevolência do Führer.

78

Em troca da cessão dos Sudetos à Alemanha, a Tchecoslováquia recebera em Munique a garantia da integridade de suas novas fronteiras da França e da Inglaterra. Mas a independência da Eslováquia modifica a situação. Pode-se proteger um país que não existe mais? O compromisso fora feito com a Tchecoslováquia, não com a Tchécua apenas. É o que respondem os diplomatas ingleses a seus homólogos de Praga que vêm lhes pedir ajuda. Estamos às vésperas da invasão alemã. A covardia da França e da Inglaterra, dessa vez, pode se exercer com toda a legalidade.

79

Em 14 de março de 1939, às vinte para as onze da noite, um trem proveniente de Praga entra na estação de Anhalt, em Berlim. Dele desce um velho vestido de preto, lábio pendente, cabelos ralos, olhar apagado. O presidente Hácha, que substituiu Beneš depois de Munique, veio suplicar a Hitler que seu país seja poupado. Não tomou o avião porque é doente cardíaco. Sua filha o acompanha, bem como seu ministro das Relações Exteriores.

Hácha teme o que o espera aqui. Sabe que tropas alemãs já cruzaram a fronteira e se concentram ao redor da Boêmia. Uma invasão é iminente e ele fez a viagem apenas para negociar uma rendição honrosa. Suponho que estaria pronto a aceitar condições similares àquelas impostas à Eslováquia: um estatuto de nação independente, mas sob tutela alemã. O que ele teme é, nem mais nem menos, o desaparecimento total de seu país.

Assim, quando põe o pé na plataforma, qual não é sua surpresa de ser acolhido por uma guarda de honra. O ministro das Relações Exteriores, Ribbentrop, compareceu pessoalmente. Ele oferece um magnífico ramalhete de flores à sua filha. O cortejo que acompanha a delegação tcheca é digno de um chefe de Estado, o que ele ainda é. Hácha respira um pouco melhor. Os alemães o instalaram na mais bela suíte do suntuoso hotel Adlon. Sobre a cama, sua filha encontra uma caixa de chocolates, presente pessoal do Führer.

O presidente tcheco é conduzido à Chancelaria, e lá são os ss que formam a guarda de honra. Hácha fica um pouco mais sereno.

Sua impressão se modifica, porém, quando entra na sala do chanceler. Ao lado Hitler, reconhece Göring e Keitel, cuja presença, enquanto chefes do Exército alemão, nada anuncia de bom. O rosto de Hitler também não é o que ele podia esperar, tendo em vista a boa acolhida que lhe reservaram até então. A pequena segurança que adquirira dissipa-se e Emil Hácha, nesse momento preciso, mergulha irremediavelmente no leito esponjoso da História.

“Posso assegurar ao Führer”, ele diz ao tradutor, “que nunca me envolvi com política. Nunca cruzei, por assim dizer, com Beneš e Masaryk, e, quando isso aconteceu, achei-os antipáticos. Sempre senti a maior aversão pelo governo Beneš, a tal ponto que, depois de Munique, me perguntei se seria bom continuarmos um Estado independente. Estou convencido de que o destino da Tchecoslováquia está nas mãos do Führer, e estou convencido de que está em boas mãos. O Führer, estou certo, é capaz de compreender meu ponto de vista quando lhe digo que a Tchecoslováquia tem direito a uma existência nacional. Censuram a Tchecoslováquia porque lá ainda há muitos partidários de Beneš, mas meu governo empenha-se por todos os meios em reduzi-los ao silêncio.”

É a vez de Hitler falar e suas palavras, segundo o testemunho do tradutor, transformam Hácha em estátua.

“A viagem feita pelo presidente, apesar de sua idade, pode ser muito proveitosa a seu país. De fato, a Alemanha se prepara para intervir nas próximas horas. Não alimento inimizade nenhuma contra nação nenhuma. Se o Estado amputado da Tchecoslováquia continuou a existir, é unicamente porque eu quis e porque respeitei meus compromissos. Mas, mesmo depois da saída de Beneš, a atitude da Tchecoslováquia não mudou! Eu os avisei! Disse que, se as provocações não cessassem, eu destruiria integralmente o Estado tchecoslovaco! E elas não cessaram! Agora a sorte está lançada... Dei ordens às tropas alemãs de invadir o país e decidi incorporar a Tchecoslováquia ao Reich alemão.”

O tradutor declarou, a propósito de Hácha e de seu ministro: “Somente os olhos deles mostravam que estavam vivos”.

Hitler prossegue:

“Amanhã, às seis horas, o Exército alemão entrará na Tchecoslováquia por todos os lados ao mesmo tempo e a aviação alemã ocupará os aeródromos. Duas eventualidades são possíveis. Ou a entrada das tropas alemãs provocará combates — nesse caso a resistência será rompida pela força bruta. Ou a entrada das tropas alemãs ocorrerá de maneira pacífica, e então concederei sem dificuldade à Tchécua um regime que lhe convém em larga medida... a autonomia e uma certa liberdade nacional.

“Não é o ódio que me anima, meu único objetivo é a proteção da Alemanha; mas, se a Tchecoslováquia não tivesse cedido em Munique, eu teria exterminado o povo tcheco sem hesitação e ninguém teria podido me impedir! Hoje, se os tchecos quiserem combater, o Exército tcheco deixará de existir em dois dias. Naturalmente haverá vítimas também entre os alemães, o que alimentará um ódio contra o povo tcheco que me obrigará, por cuidado de autopreservação, a não conceder a autonomia.

“O mundo não se importa com a sua sorte. Quando leio a imprensa estrangeira, a Tchecoslováquia me dá pena. Ela me faz pensar na célebre citação de Otelo: ‘O mouro fez seu dever, o mouro pode partir...’.”

Parece que essa citação é proverbial na Alemanha, mas não compreendo bem por que Hitler a empregou aqui, nem o que quis dizer.. Quem é o mouro? A Tchecoslováquia? Mas em que sentido ela fez seu dever? E para onde poderia partir?

Primeira hipótese: do ponto de vista alemão, a Tchecoslováquia serviu as democracias ocidentais por sua existência mesma, enfraquecendo a Alemanha depois de 1918. Agora que ela cumpriu sua missão, pode deixar de existir. Mas isso é pelo menos inexato: a criação da Tchecoslováquia homologou o desmantelamento da Áustria-Hungria, não da Alemanha. Além do mais, se o dever da Tchecoslováquia fosse enfraquecer a Alemanha, 1939 parece um momento pouco oportuno para abandoná-la, quando a Alemanha reconstitui seu poder, anexa a Áustria e se torna cada vez mais ameaçadora.

Ou, então, segunda hipótese: o mouro representa as democracias do Oeste, que fizeram o possível em Munique para limitar as perdas (o mouro fez seu dever), mas que daí por diante se absterão de intervir (o mouro pode partir). Mas o que se percebe claramente na boca de Hitler é que o mouro encarna a vítima, o estrangeiro que utilizaram, e designa a Tchecoslováquia.

Terceira hipótese: o próprio Hitler não sabe muito bem o que quis dizer; simplesmente não resistiu à vontade de fazer uma citação e sua pequena cultura literária não lhe permitiu encontrar uma mais adequada. Nesse caso, ele talvez pudesse ter-se contentado com um “Vae victis!” mais adaptado à situação, simples, porém eficaz. Ou, de maneira mais categórica, calar-se, pois, como diz Shakespeare, justamente, “o crime,

Diante do Führer, Hácha está completamente esmagado. Ele declarou que a situação era muito clara e que resistir seria uma loucura. Mas já são duas horas da madrugada, não lhe restam senão quatro horas para impedir o povo tcheco de defender-se. Segundo Hitler, a máquina militar alemã já está em marcha (o que é verdade) e nada poderá detê-la (em todo caso, ninguém parece disposto a tentar). Hácha deve assinar a capitulação imediata e informar Praga. A alternativa apresentada por Hitler é muito simples: ou a paz agora e uma longa colaboração entre os dois povos, ou o aniquilamento da Tchecoslováquia.

Completamente petrificado, o presidente Hácha foi entregue às mãos de Göring e Ribbentrop. Sentado a uma mesa, ele está diante do documento, só lhe resta assinar. Já tem a caneta à mão, mas a mão treme. A caneta detém-se antes de pousar no papel. Na ausência do Führer, que raramente fica para acertar os detalhes, Hácha tem um sobressalto: “Não posso assinar isso”, ele diz. “Se eu assinar a capitulação, serei amaldiçoado para sempre por meu povo.” É perfeitamente exato.

Assim, Göring e Ribbentrop terão de se esforçar para convencer Hácha de que é tarde demais para recuar. O que engendra uma cena burlesca na qual, segundo as testemunhas, os dois ministros nazistas põem-se literalmente a perseguir Hácha ao redor da mesa, não cessando de repor-lhe a caneta na mão, intimando-o a sentar-se e a assinar esse maldito documento. Ao mesmo tempo, Göring não para de vociferar: se Hácha perseverar em sua recusa, metade de Praga será destruída dentro de duas horas pela aviação alemã... para começar! Centenas de bombardeiros aguardam apenas uma ordem para decolar, ordem que receberão às seis horas, se a capitulação não for assinada.

Nesse meio-tempo, Hácha titubeia e desmaia. Agora, são os dois nazistas que estão petrificados diante do seu corpo inerte. É preciso absolutamente reanimá-lo, pois, se morrer, acusarão Hitler de tê-lo feito assassinar em plena Chancelaria. Por sorte, eles contam com um mestre da picada, o dr. Morell, o mesmo que dopará Hitler com anfetaminas até sua morte, mediante várias injeções por dia (o que, de passagem, provavelmente não deixará de ter relação com a demência crescente do Führer). Morell surge, portanto, e pica Hácha, que consegue despertar. Logo lhe põem um telefone na mão — em função da urgência, o papel pode esperar. Ribbentrop tivera o cuidado de instalar uma linha especial em ligação direta com Praga. Hácha reúne suas magras forças; informa ao gabinete tcheco em Praga o que se passa em Berlim e aconselha a capitulação. Dão-lhe uma nova injeção e o reconduzem à presença do Führer, que lhe apresenta de novo o documento maldito. São cerca de quatro da manhã, Hácha assina. “Sacrifiquei o Estado para salvar a nação”, ele acredita, o imbecil. É como se a estupidez de Chamberlain fosse contagiosa...

“Berlim, 15 de março de 1939.

“A seu pedido, o Führer recebeu hoje em Berlim o dr. Hácha, presidente da Tchecoslováquia [os alemães, ao que parece, ainda não haviam homologado oficialmente a independência da Eslováquia, não obstante ter sido por eles mesmos orquestrada], e o dr. Chvalkovsky, ministro das Relações Exteriores da Tchecoslováquia, em presença do sr. Von Ribbentrop, ministro das Relações Exteriores. Durante essa reunião, a grave situação criada pelos acontecimentos das últimas semanas no atual território tchecoslovaco foi examinada com uma completa franqueza.

“As duas partes se declararam ambas convencidas de que todos os esforços deviam ser feitos para manter a calma, a ordem e a paz nessa parte da Europa Central. O presidente do Estado tchecoslovaco declarou que, para alcançar esse objetivo e para chegar à pacificação definitiva, entregou com confiança o destino do país e do povo tcheco nas mãos do Führer do Reich alemão. O Führer consignou por escrito essa declaração; ele

expressiu sua intenção de colocar o povo tcheco sob a proteção do Reich alemão e de garantir-lhe o desenvolvimento autônomo de sua vida étnica, tal como convém a seu caráter próprio.”

82

Hitler exulta. Beija todas as suas secretárias, às quais declara: “Minhas filhas, hoje é o dia mais belo da minha vida! Meu nome ficará na História, serei considerado como o maior alemão que já viveu!”.

Para festejar, ele decide ir a Praga.

83

A mais bela cidade do mundo é como que agitada por espasmos esporádicos. Os alemães locais procuram organizar uma passeata. Manifestantes desfilam na Václavské náměstí, a imensa avenida dominada pelo imponente Museu de História Natural. Provocadores tentam desfazê-la, mas a polícia tcheca recebeu ordens de não intervir. As violências, as pilhagens, os vandalismos dos que esperam a chegada de seus irmãos nazistas são gritos de guerra que não encontram eco no silêncio da capital.

A noite se abate sobre a cidade. Um vento gelado varre as ruas de Praga. Somente um punhado de adolescentes excitados ainda lança alguns insultos a policiais de sentinela nas imediações da Deutsches Haus, a Casa da Alemanha. Sob o relógio astronômico, na praça da Cidade Velha, o esqueleto puxa sua cordinha como vem fazendo há séculos a cada hora. Soa meia-noite. O rangido característico das aberturas de madeira se faz ouvir, mas aposto que nessa noite ninguém se dá ao trabalho de ver desfilar os pequenos autômatos que rapidamente retornam às entranhas da torre onde estarão, talvez, mais seguros. Imagino nuvens de corvos voando ao redor de Nossa Senhora de Týn, a sombria catedral com suas sinistras ameias de vigia. Sob a ponte Carlos corre o Vltava. Sob a ponte Carlos corre o Moldau. O pacífico rio que atravessa Praga tem dois nomes, um tcheco, outro alemão, e sintomaticamente um deles, sem dúvida, é supérfluo.

Os tchecos tentam nervosamente encontrar o sono. Ainda esperam que concessões suplementares acalmem o apetite dos alemães — mas quantas concessões já não fizeram? Para abrandar o ogro hitleriano, contam com o servilismo do presidente Hácha. A vontade de resistência deles foi quebrada em Munique pela traição da França e da Inglaterra. Podem apenas opor sua passividade ao belicismo nazista. O que resta da Tchecoslováquia não aspira senão a ser uma nação pacífica, mas a gangrena inoculada há séculos por Prěmysl Otakar II propagou-se em todo o país, a amputação dos Sudetos nada poderá conter. Antes da aurora, a rádio anuncia os termos do acordo feito entre Hácha e Hitler. É a anexação pura e simples. A notícia explode como uma bomba em cada lar tcheco. O dia ainda não surgiu e as ruas começam a se agitar, primeiro num rumor abafado, que se transforma em vozerio e depois em tumulto geral. Aos poucos as pessoas saem de suas casas. Algumas carregam uma valise: são os que se precipitam às portas das embaixadas para pedir asilo e proteção, o que em geral é recusado. Registram-se os primeiros casos de suicídio.

Às nove horas, enfim, o primeiro tanque alemão adentra a cidade.

84

Na verdade, não sei se um tanque é o primeiro a adentrar Praga. As unidades mais avançadas pareciam ser formadas sobretudo de motos e sidecars.

Às nove horas, então, soldados alemães motorizados entram na capital tcheca. Lá são recebidos ao mesmo tempo por alemães locais que os aclamam como libertadores, o que lhes faz baixar a tensão nervosa acumulada há vários dias, e por tchecos que brandem o punho, gritando slogans hostis, cantando seu hino nacional, o que volta a inquietá-los.

Uma compacta multidão se reuniu na Václavské náměstí, o equivalente tcheco dos Champs-Élysées, e nas grandes artérias da cidade os caminhões da Wehrmacht são rapidamente bloqueados pela grande densidade dos manifestantes. Nesse momento, os alemães não sabem o que fazer.

Mas estamos longe de um movimento insurrecional. Em matéria de levante popular, as manifestações de resistência se limitarão a... bolas de neves lançadas contra o invasor.

Os objetivos estratégicos prioritários são atingidos sem disparar um tiro: tomada de controle do aeroporto, do Ministério da Guerra e, sobretudo, do Hradčany, o castelo empoleirado no alto da colina, centro do poder. Antes das dez horas, canhões de artilharia são dispostos sobre as muralhas e apontados para a cidade baixa.

Os únicos problemas encontrados são de ordem logística: a tempestade de neve foi quem mais duramente desafiou os veículos alemães, aqui e ali se veem caminhões em pane, tanques imobilizados por falhas mecânicas. Os alemães também têm dificuldade de se mover no dédalo das ruas de Praga: alguns pedem orientação a policiais tchecos que parecem mostrar-se obsequiosos — o respeito pavloviano do uniforme, certamente... A bela rua Nerudova, que sobe ao castelo, ornada com suas tabuletas esotéricas, é bloqueada por um blindado perdido. Enquanto o condutor foi perguntar o caminho à agência consular italiana, o soldado que ficou sozinho na torre de assalto vigia, com o dedo crispado no gatilho da metralhadora, a multidão silenciosa dos basbaques tchecos, amontoados ao redor. Mas nada acontece. O general que comanda a vanguarda alemã só terá a deplorar pequenos atos de sabotagem, como alguns pneus furados.

Hitler pode preparar sua visita com tranquilidade. Antes do fim do dia, a cidade está “em segurança”. Tropas a cavalo desfilam às margens do Vltava. Um toque de recolher é decretado, proibindo aos tchecos circular nas ruas depois das oito da noite. A entrada de hotéis e prédios oficiais é ornada de sentinelas alemães equipados de longos fuzis com baioneta. Praga caiu sem lutar. Manchas de neve suja cobrem as ruas da cidade. Um inverno muito longo está começando para os tchecos.

85

Ultrapassando a interminável coluna de soldados que avança como uma comprida serpente pela estrada coberta de geada branca, um cortejo de Mercedes se encaminha laboriosamente em direção a Praga. Os membros mais eminentes da claque hitleriana estão de viagem: Göring, Ribbentrop, Bormann. E, no carro pessoal do Führer, ao lado de Himmler, Heydrich.

Em que pensa ele, quando, após essa longa viagem, chegam finalmente ao destino? Está impressionado com a beleza cheia de meandros da cidade dos cem campanários? Está totalmente ocupado em saborear o insigne privilégio da sua posição? Irrita-se com o fato de o cortejo perder-se e penar para achar o caminho na cidade da qual o Führer tomou posse naquela manhã? Ou no seu cérebro calculista já germina a ideia de um plano de carreira que passa pela ex-capital tcheca?

O futuro “carrasco de Praga”, aquele que os tchecos chamarão também “o açougueiro”, descobre a cidade dos reis da Boêmia: as ruas estão desertas, esvaziadas pelo toque de recolher; a passagem dos veículos do Exército alemão deixou traços visíveis no calçamento coberto de lama e neve; uma calma impressionante reina numa cidade conquistada naquele dia mesmo; as vitrines das lojas expõem baixelas de cristal e produtos de salsicharia em profusão; no centro da cidade velha ergue-se a ópera, onde estreou o Don Giovanni de Mozart; os carros circulam à esquerda, como na Inglaterra; um trajeto sinuoso conduz ao castelo, magnificamente isolado em sua colina; esplêndidas e inquietantes estátuas enfeitam o pórtico da entrada principal, guardada por agentes ss.

O cortejo penetra no que servia até ontem de palácio presidencial. Hoje é diferente: uma bandeira com a suástica tremula sobre o castelo, assinalando a presença dos novos senhores do lugar. Quando Hácha voltar de Berlim — pois seu trem ainda não chegou, tendo sido oportunamente retardado na Alemanha —, o farão passar pela entrada de serviço. Suponho que sentirá toda a ironia dessa humilhação, ele que, na véspera, se alegrava com a acolhida de chefe de Estado que lhe reservaram em Berlim. O presidente não é mais que um fantoche, e

farão com que o saiba.

O cortejo hitleriano se instala no interior do castelo. O Führer sobe ao primeiro andar. Há uma célebre foto em que se vê Hitler, de mãos apoiadas na beirada de uma janela aberta, contemplar a cidade com um ar satisfeito. Ele torna a descer e se faz servir um jantar à luz de velas, num dos salões. Heydrich observa obrigatoriamente que o Führer come uma fatia de presunto e bebe uma Pilsner Urquell, a mais famosa cerveja tcheca, embora não costume beber e seja vegetariano. Enquanto repete que a Tchecoslováquia deixou de existir, ele certamente quer marcar a importância dessa jornada de 15 de março de 1939 infringindo seus hábitos alimentares.

86

No dia seguinte, 16 de março de 1939, Hitler faz a seguinte proclamação:

“Durante mil anos, as províncias da Boêmia e da Morávia fizeram parte do espaço vital do povo alemão. A Tchecoslováquia provou que era fundamentalmente incapaz de sobreviver e, de fato, está hoje reduzida a um estado de completa dissolução. O Reich alemão não pode tolerar a existência de distúrbios contínuos nesse território. Por isso, em virtude da lei de autoconservação, o Reich alemão está disposto agora a intervir e a empregar medidas decisivas para estabelecer as bases de uma ordem racional na Europa Central. Ao longo dos mil anos de sua história, ele já provou de fato que, em razão da grandeza e das qualidades do povo alemão, o Reich é o único qualificado a empreender essa tarefa.”

Depois, no começo da tarde, Hitler deixa Praga para nunca mais pôr de novo os pés na cidade. Heydrich o acompanha, mas ele vai voltar.

87

“Durante mil anos, as províncias da Boêmia e da Morávia fizeram parte do espaço vital do povo alemão.”

É exato que no século x, ou seja, mil anos antes, Václav I, o famoso São Venceslau, teve de jurar fidelidade ao não menos famoso Henrique I, o Passarinheiro, numa época em que a Boêmia não era ainda um reino nem o rei do Saxe chefiava o Sacro Império Romano Germânico. No entanto, Václav pôde conservar sua soberania, e somente três séculos depois é que colonos alemães se instalaram em massa — mas pacificamente — na Boêmia. Mesmo assim, a Boêmia sempre gozou de um estatuto de primeiro plano no seio do Império. A partir do século XIII, o rei da Boêmia foi um dos sete príncipes eleitores aptos a designar o imperador, entre os quais possuía o título honorífico de “grande servidor de vinhos”. Um rei da Boêmia chegou mesmo a ser imperador, o ilustre Carlos IV, da família Luxemburgo pelo pai, mas Prěmyslida pela mãe. Metade tcheco e metade alemão, ele fez de Praga sua capital, fundou ali a primeira universidade da Europa Central e substituiu a velha ponte Judith pela mais bela ponte do mundo, essa ponte de pedra que traz seu nome ainda hoje.

Em suma, é exato que tchecos e alemães sempre mantiveram estreitas relações. É exato também que a Boêmia esteve quase sem descontinuidade na esfera de influência alemã. Mas me parece totalmente abusivo falar de espaço vital alemão a propósito da Boêmia.

Foi também Henrique, o Passarinheiro, ícone nazista, ídolo de Himmler, que inaugurou o Drang nach Osten, o impulso em direção ao leste que Hitler evocará para legitimar suas pretensões de invadir a União Soviética. Mas Henrique, o Passarinheiro, nunca buscou invadir nem colonizar a Boêmia. Contentou-se apenas em reclamar-lhe um tributo anual. Posteriormente, aliás, nunca houve, que eu saiba, colonização alemã imposta à força na Boêmia-Morávia. O afluxo de colonos alemães no século XIII respondia à demanda do soberano tcheco que buscava mão de obra qualificada. Enfim, ninguém até então havia pensado em esvaziar a Boêmia-Morávia de seus habitantes tchecos. Pode-se portanto dizer que, em termos de projeto político, os nazistas mais uma vez vão inovar. E Heydrich, é claro, estará na jogada.

O que determina que um personagem seja o personagem principal de uma história? O número de páginas que lhe são dedicadas? A coisa é um pouco mais complicada, acredito.

Quando falo do livro que estou escrevendo, digo: “meu livro sobre Heydrich”. No entanto, Heydrich não deve ser visto como o personagem principal desta história. Há anos venho querendo escrever este livro e nunca pensei em intitulá-lo senão como Operação Antropoide (e, se não é o título que se lê na capa, saibam que cedi ao editor que não gostava dele: muito ficção científica, muito Robert Ludlum, ao que parece...). Ora, Heydrich é o alvo, não o ator da operação. Tudo que conto sobre ele serve para montar o cenário, de certo modo. Mas é preciso reconhecer que, de um ponto de vista literário, Heydrich é um belo personagem. É como se um dr. Frankenstein romancista tivesse engendrado uma criatura aterrorizante a partir dos maiores monstros da literatura. Só que Heydrich não é um monstro de papel.

Sinto claramente que meus dois heróis tardam a entrar em cena. Mas, se eles se fazem esperar, talvez não seja tão ruim. Talvez assim tenham mais corpo. Talvez a marca que deixaram na História e na minha memória possa se imprimir de maneira ainda mais profunda nestas páginas. Talvez essa longa estação na antecâmara do meu cérebro lhes restitua um pouco de realidade e não apenas uma vulgar verossimilhança. Talvez, talvez... mas nada é menos certo! Heydrich já não me impressiona mais. São eles que me intimidam.

E, no entanto, eu os vejo. Ou digamos que começo a percebê-los.

Nos confins da Eslováquia oriental, há esta cidade que conheço bem, Košice (pronuncia-se “Kochitsé”). Foi nessa cidade que fiz meu serviço militar: eu era o subtenente francês encarregado de ensinar minha língua natal a jovens futuros oficiais da Aeronáutica eslovaca. É a cidade natal de Aurélia, a bela mulher com quem tive cinco anos de paixão ardente, faz agora dez anos. É ainda a cidade do mundo em que vi a maior concentração de moças bonitas e, quando digo bonitas, quero dizer de uma beleza excepcional.

Não vejo razão para que esse quadro fosse diferente em 1939. As moças bonitas passeiam desde toda a eternidade pela Hlavna ulica, a comprida rua principal que constitui o núcleo da cidade, margeada de esplêndidas casas barrocas de cores pastel e marcada no seu centro por uma maravilhosa catedral gótica. Só que em 1939 há também uniformes alemães que se inclinam discretamente à passagem das moças. A Eslováquia ganhou sua independência, é verdade, ao preço de uma traição a Praga, mas ela vê impor-se a amistosa e invasora tutela da Alemanha.

Jozef Gabčík, quando percorre essa gigantesca artéria, vê necessariamente tudo isso: as moças bonitas e os uniformes alemães. E agora ele reflete, esse homem, como vem fazendo há vários meses.

Faz dois anos que deixou Košice para ir trabalhar em Žilina, numa fábrica de produtos químicos. Hoje está de volta para encontrar seus amigos do 14o Regimento de Infantaria, onde serviu durante três anos. A primavera demora a chegar e a neve tenaz range sob suas botas.

Os cafés, em Košice, raramente dão diretamente na rua. Em geral é preciso penetrar num alpendre, ou mesmo descer ou subir escadas, para chegar a uma sala bem aquecida. É num deles que Gabčík reencontra seus ex-colegas, ao anoitecer. Todos se alegram com esse reencontro em volta de uma garrafa de Steiger (uma cerveja fabricada na região de Banská tiavnica). Mas Gabčík não veio fazer uma simples visita de cortesia. Ele quer saber como está o Exército eslovaco e como se posiciona em relação ao governo de Tiso, o cardeal colaboracionista.

— Os oficiais superiores alinham-se a Tiso; você sabe, Jozef, para eles o rompimento com o Estado-Maior tcheco é a perspectiva de promoções rápidas!

— O Exército não hesitou, nem os oficiais, nem a tropa. Como novo Exército eslovaco, há a obrigação de obedecer ao novo governo independente, é normal.



— Havia muito eles queriam a independência e pouco importa como a obtiveram! Bem feito para os tchecos! Se nos tivessem tratado com mais consideração, talvez não tivéssemos chegado a isso! Você bem sabe que os tchecos sempre tiveram os melhores postos em toda parte. No governo, no Exército, na administração, em tudo! Era revoltante!

— De qualquer forma, era o único meio: se Tiso não tivesse dito sim a Hitler, teríamos sido engolidos como eles. Tudo bem, sei que se trata de uma semiocupação, mas mesmo assim temos mais autonomia que os tchecos.

— Sabe que em Praga decretaram o alemão língua oficial? Estão fechando todas as universidades tchecas, censuram toda atividade cultural tcheca, inclusive fuzilaram estudantes! É isso que você queria? Acredite, foi a melhor solução...

— Era a única solução, Jozef!

— Por que lutar quando foi o próprio Hácha que pediu a capitulação? O Exército apenas obedeceu às ordens.

— Certo, existe Beneš, mas este segue tranquilamente o combate em Londres, é mais fácil. Nós, pobres idiotas, continuamos aqui.

— E além do mais a culpa é dele. Ele assinou o Acordo de Munique, não foi? Não nos enviou para lutar pelos Sudetos, lembra? Na época, nosso Exército talvez pudesse — eu digo talvez! — rivalizar com o Exército alemão... Mas agora o que se poderia fazer? Você viu os números da Luftwaffe? Sabe quantos bombardeiros estão em serviço? Eles entraram como na manteiga, teríamos sido massacrados.

— Quanto a mim, não quero morrer por Hácha nem por Beneš!

— Nem por Tiso!

— Certo, temos alguns alemães de uniforme vagabundeando pela cidade, e daí? Não vou dizer que gosto, mas é menos ruim que uma verdadeira ocupação militar. Vá perguntar a seus amigos tchecos!

— Eu não tenho nada contra os tchecos, mas eles sempre nos trataram como caipiras. Uma vez fui a Praga, os caras fingiam não me compreender, por causa do meu sotaque! Sempre nos desprezaram. Que se virem agora com seus novos compatriotas! Veremos se preferem o sotaque alemão!

— Hitler obteve o que queria, ele disse que não faria mais nenhuma reivindicação territorial. E nós nunca estivemos em zona alemã. Sem ele, a Hungria é que nos teria engolido, Jozef! É preciso olhar as coisas de frente.

— O que você quer? Um golpe de Estado? Nenhum general teria colhões para isso. E a seguir, o que faríamos? Expulsar sozinhos o Exército alemão? Acha que a França e a Inglaterra virão voando em nossa ajuda? Ficamos esperando por eles durante um ano!

— Acredite, Jozef, você tem um trabalho tranquilo, volte a Žilina, arranje uma boa esposa e deixe de lado essa história. Afinal, as coisas não estão tão ruins.

Gabčík terminou sua cerveja. Já é tarde, ele e seus companheiros estão um pouco bêbados, a neve cai na rua. Ele se levanta para ir embora, despede-se do grupo, vai buscar seu casaco no vestiário. Enquanto uma moça o atende, um dos companheiros de mesa vem a seu encontro e lhe diz:

— Escute, Jozef, se quer saber, quando os tchecos foram desmobilizados, depois da chegada dos alemães, alguns se recusaram a voltar à vida civil. Foi talvez por patriotismo, ou talvez porque não queriam ficar desempregados, não sei. Em todo caso, foram para a Polônia e formaram um exército de libertação tcheco. Acho que a grande maioria é tcheca, mas há também eslovacos entre eles. A base é em Cracóvia. Eu, se fizer isso, serei considerado desertor, além do que não posso abandonar minha mulher e meus filhos. Mas, se tivesse tua idade, eu estaria livre... Tiso é um crápula, é o que eu penso, e a maior parte do pessoal aqui também. Nem todos viraram nazistas, mas estão se borrando de medo. Parece que em Praga o que está acontecendo é realmente terrível, eles executam todos os que esboçam um protesto. Quanto a mim, veja, vou tentar me acomodar à situação sem ser demasiadamente solícito, vou tentar ficar tranquilo. Enquanto não nos pedirem para deportar judeus...

Gabčík lhe sorri. Enfia o casaco, agradece e sai. Já é noite, as ruas estão desertas e a neve range sob seus

De volta a Žilina, Gabčík tomou sua decisão. No final da jornada de trabalho, na fábrica, saúda os companheiros como se nada houvesse, mas declina o convite ritual do bar da esquina. Passa rapidamente em casa, não pega mala, apenas uma sacola de pano, veste dois casacos, um sobre o outro, calça suas botas mais sólidas, suas botas de soldado, e parte fechando a porta atrás de si. Para na casa de uma das irmãs, aquela de que é mais próximo, uma das únicas pessoas a saber do seu projeto, para lhe deixar as chaves. Ela lhe oferece um chá, que ele bebe em silêncio. Levanta-se. Ela o aperta nos braços, chorando um pouco. Depois ele se dirige até a estação rodoviária. Ali espera um ônibus que o levará ao norte, na direção da fronteira. Fuma alguns cigarros. Sente-se perfeitamente calmo. Não é o único a esperar na plataforma, mas ninguém presta atenção nele, apesar da maneira como se veste: para um mês de maio, está agasalhado em excesso. O ônibus chega. Gabčík entra e se instala num assento. As portas se fecham, com um ronco do motor o ônibus põe-se em marcha. Pela janela Gabčík vê afastar-se Žilina, que ele nunca mais tornará a ver. As torres românicas e barrocas do centro histórico recortam-se no horizonte escuro que ele deixa para trás. Quando Gabčík lança um último olhar ao castelo de Budatin, situado na confluência de dois dos três pequenos rios que atravessam a cidade, ele ignora que este será quase totalmente destruído nos anos vindouros. Também não sabe que está deixando a Eslováquia para sempre.

Esta cena é perfeitamente acreditável e totalmente fictícia, como a anterior. Que impudência transformar em marionete um homem morto há tanto tempo, incapaz de defender-se! Fazê-lo beber chá quando é possível que só gostasse de café. Fazê-lo vestir dois casacos quando talvez só tivesse um para usar. Fazê-lo pegar o ônibus quando pode ter pegado o trem. Decidir que partiu num fim de tarde e não de manhã. Sinto vergonha.

Mas poderia ser pior. Poupei a Kubiš de um tratamento imaginativo similar, certamente porque conheço menos a Morávia, sua terra natal, do que a Eslováquia. Kubiš, ele, esperou o mês de junho de 1939 antes de passar à Polônia, de onde ganhou a França, não sei como, para entrar na Legião Estrangeira. É tudo que tenho a dizer. Ignoro se passou por Cracóvia, primeiro ponto de reunião dos soldados tchecos que recusaram a capitulação. Suponho que ele passou a integrar a Legião em Agde, no sul da França, com o 1o Batalhão de Infantaria das Forças Armadas tchecoslovacas do exterior. Ou então o batalhão, cujas fileiras aumentavam dia a dia, já havia se transformado em regimento. Alguns meses mais tarde, será uma divisão inteira que combaterá ao lado do Exército francês durante a drôle de guerre.<sup>3</sup> Eu poderia fazer um relato bastante longo sobre a integração das forças tchecas ao Exército francês, seus onze mil soldados, compostos de três mil voluntários e oito mil tchecos expatriados mobilizados por dever, bem como sobre os valorosos pilotos, treinados em Chartres, que derrubarão ou ajudarão a derrubar mais de cento e trinta aviões inimigos durante a batalha da França... Ao mesmo tempo, eu disse que não queria fazer um manual de história. O que faço é dar uma versão pessoal dessa história. Por isso minhas visões se misturam às vezes aos fatos comprovados. Enfim, é isso.

Mas não, não é isso, seria simples demais. Ao reler um dos livros que constituem a base da minha documentação, uma coletânea de testemunhos reunidos com sobriedade por um historiador tcheco, Miroslav Ivanov, sob o título *L'attentat contre Heydrich*, publicado na velha coleção verde *Ce Jour-Là* — a mesma em que

se encontra também *Le jour le plus long* [O mais longo dos dias] e *Paris brûle-t-il?* [Paris em chamas?] —, percebo com horror meus erros no que se refere a Gabčík.

Desde novembro de 1938, Košice já não pertence mais à Tchecoslováquia, mas sim à Hungria — a cidade estava ocupada pelo exército do almirante Horthy, por isso é bem pouco provável que Gabčík tenha visitado seus companheiros do 14o Regimento. Por outro lado, em 1o de maio de 1939, quando deixou a Eslováquia para passar à Polônia, ele havia sido transferido fazia quase dois anos para uma fábrica nos arredores de Trenčín e, portanto, provavelmente não vivia mais em Žilina. A passagem em que narro seu último olhar às torres do castelo da sua cidade natal me parece, de repente, ridícula. Na realidade, ele nunca deixou o Exército e é como suboficial que trabalha nessa fábrica de produtos químicos cuja produção é destinada a fins militares. Ora, esqueci de mencionar que ele não abandonou seu posto sem realizar um ato de sabotagem: despejou ácido no gás de mostarda, o que parece ter causado danos, como eu não fazia a menor ideia, ao Exército alemão. Esquecimento grave! Despojo Gabčík de um primeiro ato de resistência, certamente menor, mas já corajoso. Além disso, omito um elo na grande cadeia causal dos destinos humanos: o próprio Gabčík explica, numa nota biográfica que redigiu na Inglaterra a fim de candidatar-se a missões especiais, que deixou o país por causa desse ato de sabotagem, pelo qual inevitavelmente se faria prender, se permanecesse.

Em troca, ele passou de fato por Cracóvia, como eu supunha. Após ter combatido ao lado dos poloneses, por ocasião do ataque alemão que desencadeou a Segunda Guerra Mundial, fugiu talvez pelos Bálcãs, como um grande número de tchecos e eslovacos que ganharam a França, atravessando a Romênia, a Grécia, chegando depois a Istambul, ao Egito e finalmente a Marselha. Ou passou talvez simplesmente pelo Báltico, o que parece mais prático, partindo do porto de Gdynia para chegar a Boulogne-sur-Mer, antes de alcançar o sul da França. Seja como for, estou certo de que esse périplo é uma epopeia que mereceria um livro inteiro. O ponto de suspensão, para mim, seria o encontro com Kubiš. Onde e quando eles se encontraram? Na Polônia? Na França? Durante a viagem entre as duas? Mais tarde, na Inglaterra? É o que eu gostaria de saber. Não sei ainda se vou “visualizar” (isto é, inventar!) esse encontro ou não. Se o fizer, será a prova definitiva de que, decididamente, a ficção não respeita coisa alguma.

Um trem entra na estação. No vasto saguão da Victoria Station, o coronel Moravec, em companhia de alguns outros compatriotas no exílio, espera na plataforma. Um homenzinho sério, de bigodes, com sinais de calvície, desce do trem. É Beneš, o ex-presidente que se demitiu após o Acordo de Munique. Mas hoje, 18 de julho de 1939, data de sua chegada a Londres, é sobretudo o homem que proclamou, depois de 15 de março, que a Primeira República tchecoslovaca ainda existe, apesar da agressão de que foi vítima. As divisões alemãs, ele disse, varreram as concessões arrancadas em Praga por seus inimigos e por seus aliados em nome da paz, da justiça, do bom senso, das boas razões invocadas por ocasião da crise de 1938. Agora o território tchecoslovaco está ocupado. Mas a República não morreu. Deve continuar combatendo mesmo fora de suas fronteiras. Beneš, reconhecido pelos patriotas tchecoslovacos como o único presidente legítimo, quer formar o mais rápido possível um governo provisório no exílio. Um ano antes do apelo de 18 de junho, Beneš é um misto de De Gaulle e Churchill. Possui o espírito da Resistência.

Infelizmente, ainda não é Churchill quem comanda o destino inglês e mundial, mas o ignóbil Chamberlain, cuja frouxidão só se iguala à cegueira. Ele enviou um funcionário das Relações Exteriores, de condição particularmente subalterna, para acolher o ex-presidente. E, em matéria de acolhida, o burocrata mostra-se imediatamente desagradável. Notifica a Beneš, assim que este desceu do trem, as condições do exílio: a Grã-Bretanha só aceita conceder-lhe asilo político com a condição de que prometa manter-se afastado de toda atividade política. Beneš, já reconhecido de fato como chefe de um movimento de libertação por seus amigos e seus inimigos, recebe o insulto demonstrando sua costumeira dignidade. Ele, mais que qualquer outro, terá de suportar com um estoicismo propriamente sobre-humano a estupidez desdenhosa de Chamberlain. Só por isso,

Faz catorze dias que o ss-Sturmbannführer Alfred Naujocks chegou incógnito à cidade de Gleiwitz, na fronteira germano-polonesa, na Silésia alemã. Ele preparou minuciosamente um golpe e agora espera. Heydrich telefonou no dia anterior ao meio-dia, pedindo-lhe para acertar um último detalhe com “Gestapo” Müller, que se deslocou pessoalmente e encontra-se na cidade vizinha de Oppeln. Müller deve fornecer-lhe o que eles chamam a “lata de conserva”.

São quatro horas da madrugada quando o telefone toca no seu quarto de hotel. Ele atende, pedem-lhe para ligar para a Wilhelmstrasse. Na outra ponta da linha, a voz aguda de Heydrich lhe diz: “Vovó morreu”. É o sinal, a Operação Tannenberg pode começar. Naujocks reúne seus homens e vai à estação de rádio que ele projeta atacar. Mas, antes de passar à ação, deve distribuir um uniforme polonês a cada membro da expedição e receber a “conserva”: um detido tirado de um campo de concentração, ele também vestido como soldado polonês, inconsciente mas ainda vivo, parece, embora Müller tenha recebido ordens de administrar-lhe uma injeção letal.

O assalto começa às oito horas. Os empregados da rádio são neutralizados sem conflitos e alguns tiros são disparados no ar por formalidade. A “conserva” é posta de atravessado na porta e é Naujocks, muito provavelmente — ainda que ele jamais vá confessá-lo em seu processo —, que a liquida com um tiro no coração, a fim de deixar uma prova concreta do ataque polonês (uma bala na nuca teria assinalado demais a execução e uma bala na cabeça poderia retardar a identificação). Trata-se agora de divulgar em polonês o pequeno discurso preparado por Heydrich. Um dos ss, escolhido por suas competências linguísticas, é encarregado de pronunciá-lo. O problema é que ninguém sabe como fazer funcionar a rádio. Naujocks entra um pouco em pânico, mas finalmente dão um jeito e conseguem fazer a emissão. O discurso é lido num polonês febril. É uma curta alocução que declara que a Polônia, em resposta às provocações alemãs, decidiu passar ao ataque. A emissão não dura mais que quatro minutos. De todo modo, a rádio não é muito potente e, excetuadas algumas cidadezinhas da fronteira, o mundo não a ouvirá. Quem se preocupa com isso? Naujocks, sobretudo, a quem Heydrich previamente alertou: “Se fracassar, você morre. E provavelmente eu também”.

Mas Hitler obtém seu incidente e as vicissitudes da técnica não lhe importam. Algumas horas mais tarde, ele se dirige aos deputados do Reichstag: “A Polônia, esta noite, pela primeira vez, e em território alemão, fez abrir fogo por seus soldados regulares. Desde esta manhã, a Alemanha respondeu prontamente. A partir de agora, a Alemanha devolverá bomba por bomba”.

A Segunda Guerra Mundial acaba de começar.

É na Polônia que Heydrich inaugura sua mais diabólica criação: os Einsatzgruppen. Tropas especiais da ss, formadas de membros do sd ou da Gestapo, encarregadas de limpar as zonas ocupadas pela Wehrmacht. Cada unidade recebe um livrinho no qual, em caracteres minúsculos, em papel extrafino, estão consignadas todas as informações necessárias. A saber: a lista de todas as pessoas a liquidar à medida que o país vai sendo ocupado. Ou seja, comunistas, evidentemente, mas também professores, escritores, jornalistas, padres, industriais, banqueiros, funcionários, comerciantes, camponeses enriquecidos, notáveis de todo tipo... Milhares de nomes são mencionados, com endereço e telefone, bem como a lista de seus conhecidos, caso os elementos subversivos tenham se refugiado na casa de parentes ou amigos. Cada nome é acompanhado de uma descrição física e às vezes até de uma fotografia. Os serviços de informação de Heydrich já atingiram um nível de eficiência impressionante.

Mas essa meticulosidade é certamente um tanto supérflua, diante do comportamento das unidades em ação que se distinguem imediatamente por não se preocupar com os detalhes. Entre as primeiras vítimas civis da campanha polonesa está um grupo de escoteiros com idades entre doze e dezesseis anos: alinhados contra um muro, na praça do mercado, são fuzilados. O padre que quis administrar-lhes os últimos sacramentos é alinhado com eles, e fuzilado também. É só depois que os Einsatz-gruppen se ocupam de seus objetivos: será a vez de fuzilar os comerciantes e os notáveis locais. A partir daí, o trabalho dos Einsatzgruppen, cujo relato detalhado exigiria milhares de páginas, poderá se resumir a três letras terríveis: etc. Quando chegar a vez da União Soviética, mesmo a infinita abertura do et caetera não será mais suficiente.

96

É inacreditável o quanto Heydrich, no que se refere à política do Terceiro Reich, e especialmente no que ela tem de mais aterrorizante, aparece sempre no centro de tudo.

Em 21 de setembro de 1939, ele transmite aos serviços especializados uma circular assinada de próprio punho, relativa ao “problema judeu nos territórios ocupados”. Essa circular decide o agrupamento dos judeus em guetos e ordena a criação de conselhos judeus, os Judenrat de sinistra memória, diretamente submetidos à autoridade do RSHA. O Judenräte se inspira, sem dúvida alguma, nas ideias de Eichmann que Heydrich viu aplicadas na Áustria: a chave consiste em fazer as vítimas colaborarem com seu próprio destino. Espoliação ontem, destruição amanhã.

97

Em 22 de setembro de 1939, Himmler oficializa a criação do RSHA.

O RSHA, Departamento Central de Segurança do Reich (Reichssicherheitshauptamt), funde o SD, a Gestapo e a Kripo (a Polícia Criminal). As atribuições dessa monstruosa organização ultrapassam em poder tudo que se possa imaginar. Para chefiá-la, Himmler nomeia Heydrich. Serviço de espionagem, polícia política, polícia criminal, colocados nas mãos de um único homem. Equivale a nomeá-lo diretamente “o homem mais perigoso do Terceiro Reich”. Aliás, esse logo será o seu novo epíteto. Uma única polícia lhe escapa, a Ordnungspolizei, a polícia uniformizada que se encarrega da manutenção da ordem e confiada a um sujeito nulo, Dalüge, responsável direto perante Himmler. Um raminho comparado ao resto, que Heydrich, na sua sede de poder, não parece levar a sério, mas mesmo assim um raminho, em minha opinião, que não tenho a aptidão nem a experiência de Heydrich para julgar. Seja como for, a Hidra que é o RSHA tem cabeças suficientes para ocupá-lo. E ele é obrigado a delegar. Atribui cada uma das sete divisões do RSHA a colaboradores selecionados antes de tudo — o que é bastante raro para ser assinalado, nesse asilo de loucos que é o aparelho nazista — em função de suas competências, e não com base em critérios políticos. Por exemplo, Heinrich Müller, a quem ele confia a Gestapo, e que se identificará tão bem a ela que logo passará a ser designado apenas por “Gestapo Müller”, é um ex-social-democrata, o que não o impedirá de ser considerado um dos mais ferozes instrumentos do regime. Os outros setores do RSHA são confiados a intelectuais brilhantes, jovens como Schellenberg (SD exterior) e Ohlendorf (SD interior) ou universitários veteranos como Six (Documentação e concepção do mundo), o que também contrasta com a quantidade de iletrados, malucos e degenerados mentais que povoam a cúpula do partido.

Um sub-ramo da Gestapo, sem relação com sua importância real — mas sempre é melhor ser discreto com os temas sensíveis —, é consagrado aos Assuntos Judaicos. Para dirigi-lo, Heydrich já sabe quem escolher: o pequeno Hauptsturmführer austríaco que realiza um trabalho tão bom, Adolf Eichmann, é prontamente indicado. Nesse momento ele trabalha num dossiê muito original: o projeto Madagascar. A ideia é deportar todos os judeus para lá. Uma ideia a pensar. Mas primeiro é preciso vencer a Inglaterra, sem o que será

Hitler decidiu invadir a Inglaterra. Mas, para desembarcar com sucesso nas costas britânicas, a Alemanha precisa primeiro assegurar o controle dos ares. Ora, a despeito das promessas do gordo Göring, os Spitfire e os Hurricane da RAF continuam ativos sobre o canal da Mancha. Dia após dia, noite após noite, os heroicos pilotos ingleses rechaçam os ataques dos bombardeiros e caças alemães. Prevista para 11 de setembro de 1940, a Operação Otária (codinome dado ao projeto de invasão cuja tonalidade burlesca provém da tradução francesa, pois em alemão é "leão-marinho") é adiada uma primeira vez para o dia 14, depois para 17. Mas, em 17 de setembro, um relatório da Kriegsmarine indica: "A aviação inimiga ainda não foi batida. Ao contrário, mostra uma atividade crescente. No conjunto, as condições atmosféricas não nos permitem esperar um período de calma". O Führer decide então adiar "Otária" sine die.

Nesse mesmo dia, porém, Heydrich, encarregado por Göring de organizar a repressão e a eliminação dos adversários assim que a invasão começar, dá instruções a um dos seus colaboradores, o Standartenführer Franck Six, ex-decano da Faculdade de Economia da Universidade de Berlim, agora membro do SD. Six foi escolhido por ele para instalar-se em Londres e comandar os Einsatzgruppen a serem especialmente criados lá, com unidades em Londres, Bristol, Birmingham, Liverpool, Manchester e Edimburgo, ou Glasgow, se porventura a ponte do Firth of Forth, na Escócia, for destruída nesse meio-tempo. "Sua tarefa", diz-lhe Heydrich, "é combater, com os meios requeridos, todas as organizações, instituições e grupos de oposição." Concretamente, o trabalho desses Einsatzgruppen será o mesmo que na Polônia, o mesmo que mais tarde na Rússia: são sempre "unidades móveis de matança" encarregadas de um extermínio brutal.

Mas aqui a missão complica-se com a Sonderfahndungsliste gb, a lista especial de buscas para a Grã-Bretanha, que Heydrich remete a Six. Trata-se de uma lista de cerca de duas mil e trezentas personalidades que deverão ser encontradas, detidas e entregues à Gestapo o mais rápido possível. No topo da lista aparece, sem surpresa, Churchill. Com ele, outros políticos ingleses ou estrangeiros, em particular Beneš e Masaryk, os representantes do governo tchecoslovaco no exílio. Até aí é lógico. Mas aparecem igualmente escritores como H. G. Wells, Virginia Woolf, Aldous Huxley, Rebecca West... Figura na lista Freud, embora morto em 1939... E também Baden-Powell, o inventor dos escoteiros. Retrospectivamente, a execução dos pequenos escoteiros na Polônia é mais do que um excesso de zelo, é um erro, pois os escoteiros são considerados como fontes de informação potenciais de primeiríssima ordem para os serviços secretos alemães. Essa reunião de nomes forma um conjunto bastante estapafúrdio. Parece que não foi Heydrich, mas Schellenberg que fez a lista. E certamente foi porque este andava muito ocupado em preparar em Lisboa o rapto do duque de Windsor que o trabalho dá a impressão de ter sido feito nas coxas.

A lista se revela bastante amadorista, o rapto do duque não dará certo, a Luftwaffe perderá a batalha da Inglaterra e a Operação Otária nunca será deflagrada. Portanto, há algumas pedras desconjuntadas no jardim da eficiência alemã.

Nem sempre estou bem certo da veracidade das anedotas que coleto sobre Heydrich, mas quanto a esta é pior: a testemunha e protagonista da cena que me proponho a relatar não tem certeza ela própria do que lhe aconteceu. Schellenberg é o braço direito de Heydrich no SD. É um burocrata feroz e sem escrúpulos, mas também um jovem brilhante, culto, elegante, que frequenta os bordéis com Heydrich, o qual às vezes também o convida a sair com ele e Lina, em idas ao teatro, à ópera. Assim, o jovem é quase íntimo do casal. Num dia em que Heydrich precisou ir a uma reunião distante, Lina chama Schellenberg e propõe-lhe um passeio bucólico

em volta de um lago. Os dois tomam um café, falam de literatura, de música. O resto, não sei. Quatro dias mais tarde, Heydrich, após o trabalho, sai com Schellenberg e "Gestapo" Müller para uma rodada pelas boates. A noite começa num restaurante chique da Alexanderplatz. Müller é quem serve os aperitivos. O ambiente é descontraído, perfeitamente normal, até que Müller diz a Schellenberg: "Então, parece que fez um belo passeio outro dia?". Schellenberg compreende imediatamente. Heydrich, empalidecendo, não diz nada. "O senhor deseja ser informado sobre o desenrolar da excursão?", pergunta-lhe Schellenberg, adotando contra a vontade um tom quase administrativo. E então a noite oscila. Heydrich responde com uma voz sibilante: "Você acaba de beber veneno. Ele pode matá-lo em seis horas. Se me disser a verdade completa e absoluta, eu lhe darei o antídoto. Mas quero a verdade". O ritmo cardíaco de Schellenberg se acelera. Ele começa por resumir a tarde, tentando conter o tremor da voz. Müller o interrompe: "Depois do café, você foi dar um passeio a pé com a mulher do chefe. Por que esconde? Sabe que estava sendo vigiado, não é?". Sim, mas se Heydrich já sabia de tudo, para que serve essa cena? Schellenberg confessa um passeio de um quarto de hora e presta conta dos temas de conversa que foram abordados. Heydrich permanece pensativo durante longos minutos. Depois dá seu veredicto: "Então, suponho que devo acreditar em você. Mas dê sua palavra de honra de que nunca mais fará esse tipo de escapada". Schellenberg, sentindo que o perigo maior havia passado, consegue dominar o medo e responde num tom agressivo que ele dará sua palavra após beber o antídoto, pois um juramento extorquido nessas condições não teria o menor valor. Ele se arrisca mesmo a perguntar: "Como ex-oficial da Marinha, o senhor acharia honroso proceder de outra forma?". Quando se sabe como terminou a carreira de Heydrich na Marinha, pode-se reconhecer um certo atrevimento no interlocutor. Heydrich fixa Schellenberg. Depois lhe serve um martíni seco. "Foi um efeito da minha imaginação", escreve Schellenberg em suas memórias, "mas me pareceu mais amargo do que deveria ser." Ele bebe, apresenta suas desculpas, dá sua palavra de honra e a noite volta ao normal.

100

De tanto frequentar os bordéis, Heydrich tem uma ideia genial: abrir o seu.

Seus mais próximos colaboradores, Schellenberg, Nebe, Naujocks, são mobilizados para levar a cabo o empreendimento. Schellenberg encontra uma casa num bairro chique nos arredores de Berlim. Nebe, que trabalhou durante anos na polícia de costumes, recruta as mulheres. E Naujocks se ocupa de aparelhar a casa: cada quarto está cheio de microfones e câmeras, atrás dos quadros, dentro das luminárias, debaixo das poltronas, em cima dos armários. Um centro de escuta é instalado no porão.

A ideia é de uma simplicidade genial: em vez de ir espionar as pessoas em suas casas, fazem-nas vir. Trata-se, pois, de montar um bordel de alto nível, para atrair uma clientela prestigiosa de personalidades eminentes.

Quando tudo está pronto, o salão Kitty abre suas portas e de boca em boca logo se transforma num estabelecimento renomado nos meios diplomáticos. As escutas funcionam vinte e quatro horas por dia. As câmeras servem para fazer os clientes falarem.

Kitty, a patroa, é uma ambiciosa alcoviteira de Viena, distinta, competente e apaixonada por seu trabalho. Adora poder vangloriar-se da visita de uma celebridade. A vinda do conde Ciano, ministro italiano das Relações Exteriores e genro de Mussolini, deixa-a felicíssima. Suponho que um livro apaixonante também poderia ser escrito sobre ela.

Heydrich não tarda a fazer visitas de inspeção. Chega tarde da noite, geralmente bêbado, e sobe com uma das moças.

De manhã, acontece uma vez de Naujocks deparar com a gravação do seu chefe. Por curiosidade, ele escuta a fita — não sei se houve um filme — e decide prudentemente apagar o registro, depois de divertir-se. Não tenho os detalhes, mas aparentemente o desempenho de Heydrich prestava-se a risadas.

Naujocks está de pé na sala de Heydrich, que não o convidou a sentar-se, sob um enorme lustre cuja ponta é como uma espada de Dâmocles acima de sua cabeça, que ele sente, naquela manhã, que está por um fio. Heydrich permanece sentado diante da imensa tapeçaria mural na qual está bordada uma águia gigantesca que envolve uma suástica desenhada num estilo rúnico. Ele bate com o punho na chapa de mármore pousada sobre uma mesa de madeira maciça e o choque faz tremer a foto da mulher e dos filhos.

— Como ousou tomar a iniciativa de fazer registrar minha visita ao salão Kitty a noite passada?

Mesmo tendo desconfiado do motivo da convocação matinal à sala do chefe, Naujocks empalidece interiormente.

— Registrar?

— Sim, não negue!

Naujocks calcula rapidamente que Heydrich não tem prova material nenhuma, pois ele mesmo teve o cuidado de apagar a gravação. Ele adota então a estratégia que julga ser a mais rentável. Conhecendo bem o chefe, sabe que arrisca a pele.

— Mas eu nego! Não sei sequer em que quarto o senhor esteve! Ninguém me disse!

O longo silêncio que segue põe à prova os nervos do superagente.

— Está mentindo! Ou então tornou-se negligente.

Naujocks se pergunta qual é, aos olhos do chefe, a pior dessas duas hipóteses. Heydrich retoma num tom mais calmo, que é ainda mais inquietante.

— Você deveria saber onde eu estava. Isso faz parte das suas atribuições. E é igualmente seu dever desligar os microfones e os gravadores quando estou lá. Não fez isso a noite passada. Se acredita poder zombar de mim, Naujocks, faria melhor se pensasse nisso duas vezes. Saia.

Naujocks, o faz-tudo, aquele que em Gleiwitz desencadeou a guerra, é chutado para escanteio. Ele deverá apenas a seu notável instinto de sobrevivência não ter sido pura e simplesmente liquidado. No caso, depois desse lamentável incidente, passará a maior parte do tempo tentando fazer-se esquecer. Afinal, poderia ter-lhe custado a vida meter-se com Heydrich, seu chefe, Heydrich, braço direito de Himmler, número dois da SS, chefe supremo do RSHA, mestre do SD e da Gestapo, Heydrich, a besta loira que, por sua ferocidade mas também por seu desempenho sexual, merece assim duplamente o seu cognome ou, ao contrário, não o merece: é o que deve dizer-se Naujocks, entre dois acessos de angústia.

Esse diálogo é o exemplo mesmo das dificuldades que encontro. Certamente Flaubert não teve os mesmos problemas com Salammbô, porque ninguém gravou as conversas de Amílcar, o pai de Aníbal. Mas quando faço Heydrich dizer: "Se acredita poder zombar de mim, faria melhor se pensasse nisso duas vezes", apenas retomo as palavras tais como foram relatadas pelo próprio Naujocks. Não pode haver melhor testemunha para relatar uma frase que o interlocutor direto que a ouviu e a quem era dirigida. No entanto, duvido que Heydrich tenha formulado sua ameaça dessa forma. Não é o estilo dele, é Naujocks que rememora uma frase anos depois, reescrita por quem recolhe seu testemunho e a seguir pelo tradutor. E assim Heydrich, a besta loira, o homem mais perigoso do Reich, dizer: "Se acredita poder zombar de mim, Naujocks, faria melhor se pensasse nisso duas vezes", soa ridículo. É bem mais verossímil que Heydrich, personagem grosseiro e imbuído do seu poder, então furioso, tenha dito algo como: "Está gozando da minha cara? Tome cuidado, vou arrancar seus colhões!". Mas o que vale minha visão das coisas diante de um testemunho direto?

Se dependesse de mim, eu escreveria:

— Diga-me, Naujocks, onde passei a noite?

— Perdoe, meu general, não compreendi.



— Você compreendeu perfeitamente a pergunta.

— Bem... não sei, meu general.

— Não sabe?

— Não, meu general.

— Não sabe que eu estava na Kitty?

— ...

— O que fez da gravação?

— Não compreendo, meu general.

— Pare de gozar da minha cara! Pergunto se guardou a gravação!

— Meu general... eu não sabia que o senhor estava lá! Ninguém me avisou! Naturalmente destruí a gravação tão logo o reconheci... enfim, tão logo reconheci sua voz!

— Pare de bancar o idiota, Naujocks! Você é pago para saber tudo, e especialmente onde estou, porque sou eu que lhe pago! No instante mesmo em que entro num quarto da Kitty, você fecha os microfones! A próxima vez que tentar gozar da minha cara, despacho-o para Dachau onde será pendurado pelos colhões, estou sendo claro?

— Muito claro, meu general.

— Caia fora!

Seria, parece-me, um pouco mais realista, um pouco mais vivo, e provavelmente mais próximo da verdade. Mas não é seguro. Heydrich podia ser grosseiro, mas sabia também mostrar-se o burocrata glacial quando necessário. Pensando bem, portanto, entre a versão de Naujocks, mesmo deformada, e a minha, certamente é melhor escolher a de Naujocks. Mas continuo convencido de que Heydrich, naquela manhã, gostaria de ter lhe arrancado os colhões.

## 103

Por uma das altas janelas da torre norte do castelo de Wewelsburg, Heydrich contempla a planície da Vestfália. No meio da floresta, pode avistar os barracos e as cercas de arame farpado do menor campo de concentração da Alemanha. Mas provavelmente sua atenção é mais retida pelo campo de manobras no qual se exercitam as tropas dos seus Einsatzgruppen. O início da Operação Barbarossa está previsto para dali a uma semana. Dentro de duas, esses homens estarão na Bielorrússia, na Ucrânia, na Lituânia, e entrarão em ação. Prometeram-lhes que estariam de volta para casa no Natal, uma vez terminado o trabalho. Na realidade, Heydrich não tem a menor ideia da duração da guerra que se prepara. No seio do partido e do Exército, porém, todos os que sabem da operação rivalizam de otimismo. O desempenho do Exército Vermelho, medíocre na Polônia, francamente lamentável na Finlândia, faz esperar um sucesso rápido da sempre invencível Wehrmacht. Mas Heydrich, baseado em relatórios do SD, mostra-se mais circunspecto. As forças do inimigo, o número de seus tanques, por exemplo, ou de suas divisões de reserva, parecem-lhe perigosamente subestimados. Mas o alto-comando das Forças Armadas, que dispõe do seu próprio serviço de informação, a Abwehr, preferiu ignorar as precauções de Heydrich e confiar nas conclusões mais encorajadoras do almirante Canaris, seu ex-chefe. Heydrich, para quem a demissão da Marinha é uma ferida jamais cicatrizada, precisa sufocar a raiva. No entanto Hitler declarou: "O início de uma guerra sempre se assemelha à abertura de uma porta numa peça mergulhada na escuridão. Nunca se sabe o que ali se esconde". É a admissão implícita de que as precauções do SD talvez não sejam sem fundamento. Mas, mesmo assim, a decisão de atacar a União Soviética foi tomada. Heydrich observa com inquietação as nuvens que se amontoam sobre a planície.

Às suas costas, ouve a voz de Himmler, que se dirige a seus generais.

Para Himmler, a SS é uma ordem de cavaleiros. Ele próprio considera-se o descendente de Henrique, o Passarinheiro, o rei saxão que, repelindo os magiares no século X, lançou as fundações do Sacro Império Romano Germânico e passou a maior parte de seu reinado a exterminar os eslavos. Ao invocar tal linhagem, o

Reichsführer tinha necessidade de um castelo. Quando encontrou este, em ruínas, precisou mandar vir quatro mil prisioneiros de Sachsenhausen para restaurá-lo. Cerca de um terço deles morreu durante as obras, mas agora a construção ergue-se imperiosamente acima do rio Alme, que atravessa o vale. As duas torres e o torreão, ligados por muralhas, formam um triângulo cujo vértice, voltado para a mítica Thule, terra natal dos arianos, representa o Axis mundi, o centro simbólico do mundo.

É precisamente aí, no centro do torreão, na antiga capela rebatizada Obergruppenführersaal, que se realiza a reunião organizada por Himmler, à qual Heydrich não pôde deixar de comparecer. No meio dessa grande peça circular, os mais altos dignitários ss se reúnem em volta de uma enorme mesa em carvalho maciço, que seu chefe quis redonda e com doze lugares a fim de reproduzir o simbolismo da gesta do rei Artur. Mas a busca do Graal do Reich, em 1941, é um pouco diferente da de Percival: "Enfrentamento último entre duas ideologias... necessidade de apoderar-se de um novo espaço vital...". Heydrich conhece de cor esse refrão, como a totalidade dos alemães na época. "Questão de sobrevivência... luta racial sem piedade... vinte a trinta milhões de eslavos e de judeus..." Aqui Heydrich, que adora números, deve ter levantado as orelhas: "Vinte a trinta milhões de eslavos e de judeus perecerão pelas ações militares e por problemas de abastecimento de comida".

Heydrich não deixa transparecer sua irritação. Ele fixa o magnífico sol negro incrustado de runas, desenhado no mármore do piso. Ações militares... problemas de abastecimento... Nada mais evasivo. Heydrich sabe perfeitamente que sobre certos temas sensíveis é preciso evitar ser muito explícito, mas chega um momento em que se deve dar nome aos bois e ele pode legitimamente pensar que esse momento chegou. Caso contrário, na falta de instruções claras, os homens se arriscam a fazer o que bem entenderem. E afinal é ele o responsável por essa missão.

Quando Himmler termina a reunião, Heydrich atravessa às pressas os corredores atulhados de armaduras, brasões, quadros, signos rúnicos os mais diversos. Ele sabe que ali trabalham permanentemente alquimistas, ocultistas, magos, sobre problemas esotéricos que não lhe interessam. Há dois dias está trancado nesse asilo de loucos, quer voltar a Berlim o mais cedo possível.

Lá fora, as nuvens se acumulam no vale e, se ele demorar muito, seu avião não poderá decolar. Conduzem-no ao campo de manobras, onde lhe cabe a honra de passar as tropas em revista. Dispensa longos discursos e caminha entre as fileiras. Mal passa os olhos no bando de assassinos selecionados para ir exterminar os sub-homens do Leste. No total, cerca de três mil homens. O uniforme deles, de todo modo, é impecável. Heydrich entra no avião, com os motores já ligados, no fim da pista. Ele decola pouco antes de cair a tempestade. Sob uma tromba d'água, as tropas dos quatro Einsatzgruppen põem-se imediatamente em marcha.

Em Berlim não há mesa redonda nem magia negra, o ambiente é burocrático e Heydrich redige aplicadamente suas diretivas. Göring pediu-lhe para ser simples e claro. Em 2 de julho de 1941, ou seja, quinze dias após o início da "Barbarossa", ele faz difundir esta nota aos responsáveis ss que operam atrás do front:

"Devem ser executados todos os funcionários do Komintern, os funcionários do partido, comissários do povo, os judeus que ocupam funções no seio do partido ou do Estado e outros elementos radicais (propagandistas, franco-atiradores, assassinos, agitadores)."

Simples, de fato, mas ainda prudente, e até mesmo curioso: por que essa especificação sobre os judeus funcionários, quando os funcionários devem ser executados de qualquer maneira, judeus ou não? É que então Heydrich ignora que acolhida os soldados do Exército regular darão às truculências dos seus Einsatzgruppen. É verdade que a famosa "diretiva dos comissários", assinada por Keitel em 6 de junho de 1941, portanto aprovada pela Wehrmacht, autoriza os massacres, mas estes oficialmente se limitam aos inimigos políticos. Assim, de início é unicamente enquanto inimigos políticos que os judeus soviéticos são designados como alvo. O efeito de redundância produzido na nota é como o vestígio de um último escrúpulo. Naturalmente, se populações locais desejarem organizar pogroms, estes serão discretamente encorajados. Mas, no começo do

mês de julho, ainda não é o caso de assumir de rosto descoberto o projeto de um extermínio dos judeus pela simples razão de serem judeus.

Duas semanas mais tarde, varrido pela euforia das vitórias, o constrangimento terá desaparecido. Enquanto a Wehrmacht vence o Exército Vermelho em todas as frentes, enquanto a invasão progride para além das previsões mais otimistas e trezentos mil soldados soviéticos já foram feitos prisioneiros, Heydrich reescreve sua diretiva. Retoma os pontos essenciais e amplia a lista, detalhando-a um pouco mais (por exemplo, inclui os ex-comissários do Exército Vermelho). E, enfim, substitui os judeus que ocupam funções no seio do partido e do Estado por todos os judeus.

105

O Hauptmann Heydrich, a bordo de um Messerschmitt 109 cuja carlinga, com as iniciais rh em caracteres rúnicos, indica que se trata de um aparelho pessoal, sobrevoa o território soviético à frente de uma formação de caças da Luftwaffe. Quando os aviões alemães distinguem no chão colunas de soldados russos batendo penosamente em retirada, lançam-se em cima deles como tigres e, pegando a coluna de enfiada, os massacram com metralhadora.

Hoje, porém, não são colunas de infantaria que Heydrich identifica abaixo, mas um Yak. Reconhece sem dificuldade a silhueta arredondada do pequeno caça soviético. A despeito da enorme quantidade de aviões inimigos destruídos no solo pelos bombardeiros alemães no início da ofensiva, o espaço aéreo soviético não foi completamente limpo, ainda há resistências esporádicas: esse Yak é uma prova. Mas a superioridade da aviação alemã é incontestável, tanto em termos de qualidade como de quantidade. No estado atual das forças em confronto, nenhum caça soviético pode pretender rivalizar com o Me109. Heydrich, impetuoso, vaidoso, ordena à sua esquadrilha que permaneça em formação. Ele quer oferecer uma demonstração a seus homens e abater sozinho o avião russo. Desce à altura dele e segue seu rasto. O piloto do Yak não o viu. O objetivo da manobra é aproximar-se do alvo para abrir fogo a cerca de cento e cinquenta metros de distância. O avião alemão, muito mais rápido, logo se aproxima. Quando distingue nitidamente a cauda do avião russo no visor, Heydrich dispara. Imediatamente o Yak bate asas como uma ave desesperada. Mas não foi atingido pela primeira salva e, na realidade, não se desespera, apenas mergulha em direção ao chão. Heydrich tenta segui-lo, mas sua manobra é desesperadamente longa em relação à do piloto russo. Aquele imbecil do Göring disse que a aviação soviética era completamente obsoleta e nisso, como em quase tudo que os nazistas pensavam da União Soviética, ele se enganou. É verdade que o Yak não se compara aos caças alemães termos de performance, mas sabe compensar sua relativa lentidão por uma capacidade de manobra propriamente diabólica. O pequeno avião russo continua a descer, ao mesmo tempo que efetua zigue-zagues sempre mais tortuosos. Heydrich o acompanha, sem conseguir fixá-lo no visor. É como uma lebre perseguida por um galgo. Obstinado, Heydrich quer a vitória, quer pintar um aviãozinho na fuselagem do seu aparelho, sem perceber que o Yak, enquanto multiplica as mudanças de direção para escapar aos tiros do perseguidor, não faz qualquer coisa, mas se dirige a um ponto preciso. Quando explosões ressoam de repente ao redor, Heydrich compreende: o piloto russo o atraiu para o alto de uma bateria antiaérea soviética e ele, imbecil, caiu na armadilha.

Um choque violento sacode a carlinga, uma fumaça preta sai da cauda. O avião de Heydrich vai cair.

106

É como se Himmler tivesse levado um tapa em pleno rosto. O sangue sobe-lhe às faces e ele sente o cérebro inchar na caixa craniana. Acaba de receber a notícia: durante um combate aéreo acima do rio Berezina, o Messerschmitt 109 de Heydrich foi abatido. Claro, se Heydrich morreu, é uma grande perda para a ss, homem

devotado, colaborador zeloso etc. Mas é sobretudo se ele está vivo que é uma catástrofe. Pois o caça fez-se atingir atrás das linhas soviéticas. Se é preciso informar o Führer que seu chefe da segurança caiu nas mãos do inimigo, Himmler espera uma cena muito penosa. Ele recenseia mentalmente o número de informações detidas por Heydrich capazes de interessar Stálin. Parece algo vertiginoso. Sem contar que o Reichsführer ss ignora com exatidão tudo o que seu subcomandante sabe. Politicamente, estrategicamente, se Heydrich falar, o desastre pode ser gigantesco, as consequências, incalculáveis. Himmler nem consegue avaliá-las. Por trás dos pequenos óculos redondos e do bigodinho, ele transpira.

Na verdade, esse não é sequer o problema mais urgente. Estando Heydrich morto ou prisioneiro dos russos, a prioridade absoluta é recuperar seus dossiês. Só Deus sabe o que eles podem conter, e sobre quem. Será preciso apoderar-se do cofre, em seu escritório e também em seu domicílio. Quanto à Prinz-Albert-Strasse, avisar Müller, que se ocupará do RSHA, com Schellenberg. Quanto à casa, respeitar as formalidades com Lina, mas vasculhar tudo. Enquanto isso, esperar: Heydrich está desaparecido, não há outra coisa a fazer. Passar na casa de Lina, para preparar o terreno, e dar ordens no front para fazerem de tudo a fim de recuperá-lo, ele ou seu cadáver.

Pode-se com razão perguntar o que fazia o chefe dos serviços secretos nazistas num caça alemão acima de uma zona de combates soviética. É que, paralelamente às suas responsabilidades na ss, Heydrich era oficial da reserva na Luftwaffe. Prevendo a guerra, ele fizera cursos de pilotagem e, quando a invasão da Polônia começou, fez questão de responder ao chamado do dever. Por mais prestigioso que fosse seu cargo de chefe do sd, julgava-o, apesar de tudo, um trabalho de burocrata; já que havia guerra, era preciso comportar-se como um verdadeiro cavaleiro teutônico e combater. Foi assim que inicialmente operou como metralhador num bombardeiro. Mas, sem surpresa, esse papel muito secundário não lhe agradou e ele preferiu assumir o comando de um Messerschmitt 110, para fazer voos de reconhecimento sobre a Grã-Bretanha, e depois pilotar um Messerschmitt 109 (o equivalente alemão do Spitfire inglês), no qual quebrou um braço, numa decolagem malfeita durante a campanha da Noruega. Uma biografia ligeiramente apologética que obtive relata com admiração como ele efetuou voos com o braço na tipoia. Posteriormente participou, ao que parece, de combates contra a RAF.

Nessa época, Himmler já se preocupava com ele como um pai. Tenho sob os olhos uma carta datada de 15 de maio de 1940, escrita no seu trem especial (o Sonderzug "Heinrich", sic), endereçada a seu "caríssimo Heydrich", que mostra bem a solicitude do chefe por seu braço direito: "Dê-me notícias suas todos os dias, se possível". Por tudo que sabia, Heydrich, de fato, era muito valioso.

Somente dois dias mais tarde é que ele foi recuperado por uma "patrulha" alemã, homens do seu Einsatzgruppe D, que acabavam de liquidar quarenta e cinco judeus e trinta reféns. Aparentemente, foi atingido pela defesa antiaérea soviética, fez um pouso de emergência, ficou escondido durante dois dias e duas noites, até finalmente alcançar a pé as linhas alemãs. Sujo e barbudo ao chegar de volta em casa, ele também estava, segundo a mulher, um tanto irritado com sua desventura, pela qual obteve mesmo assim o que buscava: a cruz de ferro de primeira classe, condecoração altamente respeitada entre os militares alemães. Depois dessa façanha, porém, nunca mais teve a autorização de participar de ações aéreas em nenhuma frente de combate. Parece que Hitler em pessoa, horrorizado retrospectivamente pela história do Berezina, teria lhe manifestado sua oposição formal. Portanto, apesar dos seus esforços e da sua inegável impetuosidade, Heydrich interrompeu sua carreira de piloto sem conseguir nenhuma vitória.

Natacha lê o capítulo que acabo de escrever. À segunda frase, ela exclama: "Como assim, 'o sangue sobe-lhe às faces'? 'Sente o cérebro inchar na caixa craniana'? Você está inventando!".

Já faz anos que a fadiga com minhas teorias sobre o caráter pueril e ridículo da invenção romanesca, herança das minhas leituras de juventude ("a marquesa saiu às cinco horas" etc.), e é justo, suponho, que ela

não deixe passar essa história de caixa craniana. Por meu lado, eu me acreditava bem decidido a evitar esse tipo de menções que, em princípio, não têm outro interesse senão dar ao texto a cor do romance, o que é bastante feio. Além do mais, mesmo se disponho de indícios sobre a reação de Himmler e seu transtorno, não posso realmente estar seguro dos sintomas desse transtorno: talvez tenha ficado vermelho (é assim que o imagino), mas também pode ter ficado branco. Em suma, o caso me parece bastante grave.

Com Natacha, na hora, defendo-me frouxamente: é mais do que provável que Himmler sentiu como que um golpe na cabeça e, de qualquer modo, essa história de cérebro que incha é apenas uma metáfora um pouco barata para exprimir a angústia que se apoderou dele ao receber a notícia. Mas eu mesmo não estou muito convencido. No dia seguinte, suprimo a frase. Só que isso cria um vazio que acho desagradável. Não sei bem por quê, não gosto do encadeamento de Himmler levar “um tapa em pleno rosto” com “acaba de receber a notícia”, muito abrupto, perde-se a ligação antes assegurada por minha caixa craniana. Sinto-me então obrigado a substituir a frase suprimida por outra, mais prudente. Reescrevo algo como: “Imagino que sua cabeça de ratinho de óculos deve ter ficado vermelha”. É verdade que Himmler tinha uma cabeça de roedor, com suas bochechas e seu bigode, mas evidentemente a fórmula perde em sobriedade. Decido retirar “de óculos”. O efeito produzido por “ratinho”, mesmo sem os óculos, ainda me incomoda, mas se percebe a vantagem dessa opção, posta numa modalização circunspecta: “Imagino...”, “deve ter...”. Com uma hipótese abertamente apresentada como tal, evito assim todo ato de violência sobre o real. Não sei por que razão me sinto obrigado a acrescentar: “Ele está todo congestionado”.

Eu tinha essa visão de Himmler muito vermelho e como que gripado (talvez porque eu mesmo esteja há quatro dias com uma gripe entalada) e a minha imaginação tirânica não dava o braço a torcer: eu queria uma descrição desse tipo sobre a cara do Reichsführer. Mas, decididamente, o resultado não me agradava: de novo apaguei tudo. Contemplei longamente o espaço reduzido a nada entre a primeira e a terceira frase. E, devagar, fui escrevendo outra vez: “O sangue sobe-lhe às faces e ele sente o cérebro inchar na caixa craniana”.

Penso em Oscar Wilde, como de hábito, é sempre a mesma história: “A manhã toda corriji um texto, para finalmente suprimir apenas uma vírgula. À tarde, a pus de volta”.

108

Heydrich, que imagino imóvel no fundo de seu Mercedes preto, aperta uma pasta sobre os joelhos, pois esta contém certamente o documento mais decisivo de sua carreira e da história do Terceiro Reich.

O carro atravessa os subúrbios de Berlim. O tempo está bom, é verão, o fim de tarde avança e é difícil imaginar que em breve o céu se encherá de pontos escuros que largarão bombas. Alguns prédios arrasados, algumas casas destruídas, alguns passantes apressados lembram com insistência, porém, a extraordinária obstinação da Royal Air Force.

Há mais de quatro meses Heydrich fez redigir por Eichmann o rascunho desse documento para submetê-lo à aprovação de Göring. Mas era preciso também a concordância de Rosenberg, enquanto ministro designado para os territórios do Leste. E essa nulidade é que vinha pondo obstáculos! Desde então Eichmann trabalhou bem, o texto foi modificado e todas as dificuldades estão agora normalmente removidas.

Estamos no centro da floresta, ao norte de Berlim. O Mercedes para diante do pórtico de uma mansão guardada por ss fortemente armados. É Karinhall, o pequeno palácio barroco que Göring mandou construir para se consolar da morte de sua primeira mulher. Os guardas batem continência, os portões se abrem, o carro penetra na aleia. Göring já se encontra na entrada, jovial e cingido num desses uniformes excêntricos que lhe valeram o cognome de “Nero perfumado”. Ele cumprimenta Heydrich com efusão, muito feliz de poder reunir-se pessoalmente com o temível chefe do SD. Heydrich sabe que já é tido como o homem mais perigoso do Reich e se envaidece, mas sabe também que, se todos os dignitários nazistas o cortejam com tanta insistência, é antes de tudo para tentar enfraquecer seu chefe, Himmler. Para essa gente, Heydrich ainda não é um rival, mas um instrumento. Com certeza, no par infernal que forma com Himmler, ele é considerado como o cérebro (“HHHH”,

dizem na ss: Himmlers Hirn heißt Heydrich — o cérebro de Himmler chama-se Heydrich), mas continua sendo o braço direito, o subordinado, o número dois. A ambição de Heydrich não poderia se contentar eternamente com essa situação, mas, por ora, quando examina a evolução das relações de força no seio do partido, ele se felicita por ter permanecido fiel a Himmler, cujo poder não cessa de crescer, enquanto Göring mergulha numa semidesgraça desde o fracasso da Luftwaffe na Inglaterra.

Göring, no entanto, ainda é o responsável pela questão judaica, e é a razão pela qual Heydrich está ali esta noite.

Mas primeiro ele precisa aguentar as infantilidades do anfitrião. O gordo Hermann quer lhe mostrar seu trem elétrico, um presente do Teatro Nacional da Prússia do qual ele muito se orgulha e com o qual brinca todas as noites. Heydrich suporta com paciência. Depois de ter ainda se extasiado diante de uma sala de cinema privada, banhos turcos, um salão com uma altura de teto faraônica e mesmo um leão chamado César, consegue enfim ver-se sentado em frente a Göring, num escritório decorado de lambris. Pode então tirar seu precioso papel, que submete à leitura do Reichsmarschall. Göring lê:

Do Marechal do Reich da Grande Alemanha  
Responsável pelo Plano Quadrienal  
Presidente do Conselho de Ministros para a Defesa do Reich  
Aos cuidados do  
Chefe da Polícia de Segurança e do SD  
SS-Gruppenführer Heydrich

Berlim

Em complemento à tarefa que lhe foi confiada, pelo édito de 24 de janeiro de 1939, de resolver a questão judaica por meio da migração ou da evacuação da maneira mais vantajosa, dadas as condições atuais, encarrego-o de efetuar todos os preparativos necessários relativos aos aspectos organizacionais, práticos e financeiros, tendo em vista uma solução global da questão judaica na esfera de influência alemã na Europa. Na medida em que as competências de outras organizações centrais são concernidas, elas devem estar implicadas.

Göring se interrompe e sorri. Eichmann acrescentou esse parágrafo para satisfazer Rosenberg. Heydrich também sorri, mas sem poder dissimular o desprezo que sente por todos esses burocratas dos ministérios. Göring continua:

“Além disso, encarrego-o de me apresentar, no prazo mais curto, um plano de conjunto das medidas preliminares de natureza organizacional, prática e financeira, necessárias à execução da solução final da questão judaica tal como é considerada.”

Em silêncio, Göring põe a data e assina o que será para a História a Ermächtigung: a autorização. Heydrich não consegue reprimir um ríctus de contentamento. Ele recoloca o precioso papel na pasta. Estamos em 31 de julho de 1941, é a certidão de nascimento da Solução Final e ele vai ser seu principal artífice.

No primeiro jato escrevi: “cingido num uniforme azul”. Não sei por quê, eu o via azul. É verdade que nas fotos geralmente se vê Göring num uniforme azul-claro. Mas, nesse dia, não sei se ele o usava. Podia também ser branco, por exemplo.

Não sei tampouco se esse tipo de escrúpulo ainda faz sentido nesta etapa da história.

“Bad Kreuznach, agosto de 41. Os campeonatos de esgrima alemães acabam de se realizar pela segunda

vez. Os doze melhores da Reichssonderklasse [literalmente, 'classe excepcional do Reich'] foram distinguidos e vão receber a medalha de ouro ou de prata da NSRL (Sociedade Nacional-Socialista para a Ginástica). Em 5o lugar figura um Obergruppenführer [erro de grau ou bajulação por promoção antecipada?] da SS e general da polícia: é Reinhard Heydrich, o chefe da polícia de segurança e do SD. Ele recebe com alegria as congratulações, mas toda a sua atitude respira a modéstia do vencedor. Quem o conhece sabe bem que o repouso é para ele uma noção desconhecida. Não se conceder repouso nenhum nem folga, eis seu princípio fundamental, quer se trate de esporte ou de serviço."

Artigo publicado na revista especializada Ginástica e Educação Física.

Quem o conhece sabe, sobretudo, que convém não regatear louvores em relação a esse genial atleta de trinta e seis anos, nem abordar a questão do estresse dos árbitros no momento de validar um toque contra o chefe da Gestapo. Nem evocar Cômico ou Calígula que lutavam na arena contra gladiadores perfeitamente conscientes de que não deviam mostrar o braço muito pesado diante do imperador.

Dito isto, parece que durante os torneios o Obergruppenführer Heydrich teve um comportamento correto. Num dia em que praguejou contra uma decisão da arbitragem, o diretor do encontro secamente o pôs de volta em seu lugar, dizendo, diante de todo o público: "Na pista de esgrima, valem somente as leis do esporte e nada mais!". Atordado pela coragem do homem, Heydrich não protestou.

Ele reservava seus acessos de húbri para outras ocasiões, ao que parece, pois foi à margem desse torneio de Bad Kreuznach que teria confiado a dois amigos (mas desde quando Heydrich tem amigos?), em termos muito claros, que não hesitaria em ter sob seu controle o próprio Hitler, eventualmente, se "o velho pisar na merda".

O que ele quis dizer exatamente com isso? Eu gostaria muito de saber.

1 Aldeia francesa destruída pelos nazistas em 10 de junho de 1944, poucos dias depois do desembarque dos Aliados na Normandia. Mais de seiscentos homens, mulheres e crianças dessa aldeia foram chacinados. (N. T.)

2 Alguns afirmam que "devorar o tapete" é uma expressão em alemão comparável a "manger son chapeau" em francês [literalmente, "comer seu chapéu", mas com o significado de "desdizer-se"], e que os correspondentes estrangeiros, na época, cometeram o erro de compreendê-la no sentido literal, o que valeu a Hitler ser gratificado com essa lenda burlesca. No entanto, me informei e não descobri em parte nenhuma um vestígio dessa expressão idiomática.

3 Guerra de araque: os primeiros meses sem combates após a declaração da Segunda Guerra Mundial. (N. T.)

Nesse verão, no zoo de Kiev, um homem entrou no fosso do leão. A um visitante que quis retê-lo, ele disse, transpondo a barreira: “Deus me salvará”. E fez-se devorar vivo. Se eu estivesse lá, teria dito a ele: “Não se deve acreditar em tudo que contam”.

Deus não foi de utilidade nenhuma às pessoas que morreram em Babi Yar.

Em russo, yar significa ravina. Babi yar, a “ravina da vovó”, era um imenso declive natural situado na periferia de Kiev. Hoje resta somente uma vala não muito profunda, coberta de relva, em torno de uma impressionante escultura erigida num estilo muito socialista em memória dos que ali morreram. Quando eu quis ir até lá, o motorista do táxi que me conduzia fez questão de mostrar-me até onde, na época, se estendia Babi Yar. Levou-me a uma espécie de bosque em declive onde, me explicou, por intermédio de uma jovem ucraniana que me acompanhava e servia de tradutora, eram lançados os corpos do alto do talude. Depois voltamos a entrar no carro e ele me deixou no local do memorial, situado a mais de um quilômetro.

Entre 1941 e 1943, os nazistas fizeram da “cova da vovó” o que é provavelmente a maior pilha de ossos de toda a história da humanidade: como indica a placa comemorativa, traduzida em três línguas (ucraniano, russo e hebraico), aqui pereceram mais de cem mil pessoas, vítimas do fascismo.

Mais de um terço delas foram executadas em menos de quarenta e oito horas.

Numa manhã de setembro de 1941, os judeus de Kiev se dirigiram aos milhares ao local de reunião onde haviam sido convocados, com seus poucos pertences, resignados a serem deportados, sem suspeitar da sorte que o alemão lhes reservava.

Todos compreenderam tarde demais, alguns logo ao chegarem, outros apenas à beira da cova. Entre esses dois momentos, o procedimento era sumário: os judeus entregavam suas malas, seus objetos de valor e seus papéis de identidade, que eram rasgados diante deles. Depois deviam passar entre duas fileiras de ss sob uma saraivada de golpes. Os Einsatzgruppen batiam neles com porretes de pau ou de borracha, demonstrando uma violência extrema. Se um judeu caía, soltavam-lhe os cães em cima ou ele era pisoteado pela multidão enlouquecida. Ao sair desse corredor infernal, desembocando num terreno baldio, os judeus estarrecidos eram intimados a se despir inteiramente, depois eram conduzidos completamente nus até a beira de uma cova gigantesca. Ali, os mais obtusos ou os mais otimistas deviam abandonar toda a esperança. O absoluto terror que os invadia nesse instante preciso os fazia urrar. No fundo da cova empilhavam-se os cadáveres.

Mas a história desses homens, dessas mulheres e dessas crianças ainda não terminou inteiramente à beira desse abismo. De fato, por um cuidado de eficiência muito alemão, os ss, antes de abater suas vítimas, faziam-nas primeiro descer ao fundo da cova onde as esperava um “amontoador”. O trabalho do amontoador era equivalente ao do lanterninha de um teatro. Ele conduzia cada judeu sobre um monte de corpos e, quando encontrava um lugar, fazia-o deitar-se de bruços, vivente nu estendido sobre cadáveres nus. Então um atirador, caminhando sobre os mortos, abatia os vivos com uma bala na nuca. Notável taylorização da morte em massa. Em 2 de outubro de 1941, o Einsatzgruppe encarregado de Babi Yar podia consignar em seu relatório: “O Sonderkommando 4a, com a colaboração do estado-maior do grupo e de dois comandos do regimento Sul da polícia, executou 33771 judeus em Kiev, nos dias 29 e 30 de setembro de 1941”.

Fiquei sabendo de uma história extraordinária que se passou em Kiev durante a guerra. Foi no verão de 1942 e não diz respeito a nenhum dos atores da Antropoide; portanto, em princípio, não tem lugar no meu romance. Mas uma das grandes vantagens do gênero é a liberdade quase ilimitada que confere ao narrador.

Assim, no verão de 1942, a Ucrânia é administrada pelos nazistas com a brutalidade que os caracteriza. No entanto, os alemães quiseram organizar partidas de futebol entre os diferentes países ocupados ou satelitizados no Leste. E eis que uma equipe logo se distingue, acumulando vitórias contra seus adversários



romenos ou húngaros: o FC Start, montado às pressas a partir da ossatura do defunto Dínamo de Kiev, proibido desde o início da ocupação, mas cujos jogadores foram chamados de volta para a ocasião.

A notícia dos sucessos dessa equipe chega aos alemães, que decidem organizar uma partida de prestígio em Kiev, entre a equipe local e a equipe da Luftwaffe. Os jogadores ucranianos são obrigados, no momento da apresentação das equipes, a fazer a saudação nazista.

No dia da partida, as duas equipes entram no estádio, lotado, e os jogadores alemães estendem o braço, gritando: "Heil Hitler!". Os ucranianos também estendem o braço, por certo para a decepção do público, que, evidentemente, vê na partida a ocasião de uma demonstração de resistência simbólica ao invasor. Mas, em vez de pontuarem seu gesto com o "Heil Hitler" convencionado, os jogadores fecham o punho, dobram o braço sobre o peito e gritam: "Viva a cultura física!". O slogan, impregnado de uma conotação soviética, faz o público delirar.

Mal iniciada a partida, um atacante ucraniano tem a perna fraturada por um jogador alemão. Ora, na época não há reservas. O FC Start deve assim jogar com dez. Em superioridade numérica, os alemães abrem o placar. A situação parece bem difícil, mas os jogadores de Kiev não desistem. Conseguem o empate, para a alegria da multidão. Depois marcam um segundo gol, que faz o estádio explodir.

No intervalo, o general Ebherardt, superintendente de Kiev, vai visitar os jogadores ucranianos no vestiário e lhes faz este discurso: "Bravo, vocês jogaram muito bem e nós apreciamos. Só que agora, no segundo tempo, vocês devem perder. Devem! A equipe da Luftwaffe nunca foi derrotada, especialmente em territórios ocupados. É uma ordem! Se não perderem, serão executados".

Os jogadores escutam em silêncio. De volta ao campo, sem acordo prévio e após um breve momento de incerteza, eles tomam sua decisão: vão jogar. Marcam um gol, depois mais um, acabam vencendo por cinco a um. O público ucraniano delira. O lado alemão resmunga. Tiros são disparados no ar. Mas por enquanto nenhum dos jogadores é ainda atingido, pois os alemães pretendem lavar a afronta em campo.

Três dias depois, uma revanche é organizada e anunciada através de uma grande quantidade de cartazes. Nesse meio-tempo, os alemães fazem vir com urgência jogadores profissionais de Berlim para reforçar sua equipe.

A segunda partida começa. O estádio está de novo lotado, mas desta vez tropas da ss se postam ao redor, oficialmente a fim de manter a ordem. Os alemães abrem outra vez o placar. Mas os ucranianos reagem e vencem por cinco a três. No final da partida, a torcida ucraniana delira de alegria, mas os jogadores estão lívidos. Os alemães disparam tiros, o campo é invadido. Na confusão, três jogadores desaparecem na multidão. Eles sobreviverão à guerra. O resto da equipe é detido e quatro jogadores são imediatamente levados a Babi Yar, onde são executados. Ajoelhado diante da cova, o capitão e goleiro Nicolaï Trusevich tem tempo de gritar, antes de receber uma bala na nuca: "O esporte vermelho não morrerá jamais!". Os outros jogadores serão a seguir também assassinados. Hoje, um monumento lhes é dedicado diante do estádio do Dínamo.

Existe um número incrível de versões sobre essa "partida da morte" legendária. Algumas afirmam que houve uma terceira partida, na qual os ucranianos venceram por... oito a zero! E que foi somente no final dessa partida que os jogadores foram detidos e executados. Mas a versão que apresento aqui me parece a mais confiável e, de todo modo, todas concordam em linhas gerais. Posso ter cometido algumas inexatidões, porque não tive tempo de fazer uma pesquisa aprofundada sobre um assunto que não tem relação direta com Heydrich, mas não queria falar de Kiev sem contar essa inacreditável história.

Na mesa de Hitler, os relatórios do SD se amontoam, para denunciar a escandalosa permissividade que reina no protetorado. Relações do primeiro-ministro tcheco Aloïs Eliaš com Londres, atos de sabotagem, redes de Resistência ainda ativas, multiplicação de discursos sediciosos ouvidos em público, mercado negro em plena expansão, baixa da produção em dezoito por cento: a situação, tal como é pintada pelos homens de Heydrich,

parece explosiva. Ora, com a abertura da frente russa, o rendimento da indústria tcheca, uma das melhores da Europa, começa a ter um caráter vital para o Reich. É preciso que as fábricas koda trabalhem a todo vapor para sustentar o esforço de guerra.

Por mais paranoico que seja, Hitler certamente não é bobo: deve saber que Heydrich, que cobiça o lugar de Neurath, o protetor da Boêmia-Morávia, tem todo o interesse em denegrir o quadro para desacreditar a política do velho barão. Mas, ao mesmo tempo, Hitler não gosta de homens frouxos (aliás, nem de barões). E as últimas notícias são a gota d'água que faz transbordar o copo. Um apelo ao boicote aos jornais de ocupação, lançado de Londres por Beneš e sua turma, foi atendido pela população local durante toda uma semana. O mal, em si, não é muito grande, mas trata-se de uma magistral demonstração da influência que o governo tcheco no exílio conservou, e isso revela um estado de espírito geral insatisfatório em relação ao ocupante. Quando lembramos o ódio que Hitler sente por Beneš, é fácil adivinhar a raiva que essa informação lhe causou.

Hitler sabe que Heydrich é um arrivista disposto a tudo para chegar a seus fins, mas isso não o choca, e por uma razão evidente. Ele mesmo foi alguma vez outra coisa? Hitler respeita Heydrich porque ele casa ferocidade com eficiência. Se acrescentarmos uma lealdade nunca desmentida em relação ao Führer, obtemos os três termos que dão a fórmula do nazista perfeito. Isso sem falar de um puro físico de ariano. Embora Himmler se declare o "fiel Heinrich", ele não pode rivalizar nesse plano. Portanto, é provável que Hitler admire Heydrich. Com Stálin, ele seria então uma das únicas pessoas vivas que tiveram essa honra. Hitler parece também não ter medo de Heydrich, o que, para um paranoico como ele, é um tanto espantoso. Talvez ele quisesse atizar a concorrência entre Heydrich e Himmler. Talvez pensasse, como confiou ao seu Reichsführer, que o dossiê sobre a suposta judeidade de Heydrich era uma garantia segura de seu devotamento. Ou talvez a besta loira encarnasse a tal ponto o ideal nazista que Hitler não podia considerar nenhuma traição, nenhuma defecção nesse homem.

O fato é que ele chamou Bormann para organizar uma reunião de crise no seu qg de Rastenburg. São convocados imediatamente: Himmler, Heydrich, Neurath e seu adjunto Frank, o dirigente dos Sudetos.

Frank é o primeiro a chegar. É um homem de uns cinquenta anos, com uma cara de mafioso já marcada pelas rugas. Durante o almoço, ele apresenta a Hitler um quadro do protetorado que confirma ponto por ponto os relatórios do sd. Himmler e Heydrich chegam a seguir. Heydrich faz uma brilhante exposição na qual coloca os problemas e propõe soluções. Hitler mostra-se favoravelmente impressionado. Neurath, atrasado pelo mau tempo, chega no dia seguinte, quando sua sorte está selada. Hitler procede com ele como faz com os generais quando quer lhes retirar um comando: férias forçadas por razões de saúde. O cargo de protetor está vago.

114

Vinte e sete de setembro de 1941. A agência de imprensa tcheca, controlada pelos alemães, publica este comunicado:

"O protetor do Reich da Boêmia-Morávia, ministro do Reich e cidadão de honra Herr Konstantin von Neurath considerou de seu dever solicitar ao Führer uma licença prolongada por razões de saúde. Na medida em que o estado de guerra atual requer o serviço em tempo integral do protetor do Reich, Herr von Neurath pediu ao Führer para retirar-lhe temporariamente suas funções e nomear um substituto por toda a duração de sua ausência. Em vista das circunstâncias, o Führer não podia deixar de atender ao pedido do protetor e nomeou o Obergruppenführer e general de polícia Heydrich ao cargo de protetor da Boêmia-Morávia por toda a duração da doença do ministro do Reich Von Neurath."

115

Para ocupar um cargo tão prestigioso, Heydrich foi promovido a Obergruppenführer, o segundo mais alto

grau na hierarquia ss, se excetuarmos o título de Reichsführer, reservado a Himmler. Somente o grau de Oberstgruppenführer o supera, ainda não alcançado por ninguém em setembro de 1941 (somente quatro, no final da guerra, o terão obtido).

Heydrich saboreia assim essa etapa decisiva de sua irresistível, embora tortuosa, ascensão. Ele telefona para a mulher, de início aparentemente não seduzida pela ideia de instalar-se em Praga (ela afirma ter dito a ele: “Ah! teria sido melhor se você fosse carteiro!”, mas a seguir revelará uma fatuidade que combina mal com essa expressão de desagrado). Heydrich responderá: “Tente compreender o que isso representa para mim! Vou ser dispensado das tarefas sujas! Serei enfim algo mais do que o cesto de lixo do Reich!”. Cesto de lixo do Reich, é como ele definia as funções de chefe da Gestapo e do SD, funções que não obstante continuará a cumprir com a mesma eficiência de sempre.

116

Heydrich desembarca em Praga no mesmo dia em que sua nomeação é anunciada ao povo tcheco. Seu avião, um trimotor Junker modelo Ju 52, pousa no aeroporto de Ruzyne no final da manhã ou no começo da tarde.

Ele se hospeda no hotel Esplanade, um dos mais elegantes da cidade, mas não perde tempo, pois na mesma noite Himmler lê o relatório que seu colaborador lhe envia por teletipo:

Às 15h10, o ex-primeiro-ministro Eliaš foi preso, como previsto.

Às dezoito horas, igualmente como previsto, ocorreu a prisão do ex-ministro Havelka.

Às dezenove horas, a rádio tcheca anunciou minha nomeação pelo Führer.

Eliaš e Havelka estão sendo atualmente interrogados. Por razões diplomáticas, devo mandar convocar uma assembleia especial para que o primeiro-ministro Eliaš seja julgado por um tribunal popular.

Eliaš e Havelka são os dois membros mais importantes do governo tcheco que colabora com os alemães sob a presidência do velho Hácha. Eles mantêm contatos regulares com Beneš em Londres, o que os serviços de Heydrich não ignoram. Por esse motivo, serão imediatamente condenados à morte, mas Heydrich, após refletir, decide não executar a sentença em seguida. O que é só um adiamento, naturalmente.

117

No dia seguinte, às onze horas, a cerimônia de investidura de Heydrich tem lugar no castelo Hradčany, o Hradchine, em alemão. O imundo Karl Hermann Frank, o livreiro dos Sudetos transformado em general ss e secretário de Estado, o acolhe com grande pompa no pátio do castelo, ao som do hino nazista, o Horst Wessel Lied, tocado por uma orquestra especialmente convocada para a ocasião. Heydrich passa em revista a guarda, enquanto é içada, ao lado da bandeira com a suástica, uma outra, a indicar um novo patamar na escala do terror: a bandeira preta com os dois S rúnicos tremula sobre o castelo e a cidade. Daí por diante, a Boêmia-Morávia torna-se quase oficialmente o primeiro Estado ss.

118

No mesmo dia, dois grandes chefes da Resistência tcheca, o general de Exército Josef Bílý e o general de divisão Hugo Vojta, que fomentavam um levante armado, são fuzilados. O general Bílý cai sob as balas do pelotão após ter gritado: “Longa vida à República tchecoslovaca! Atirem, bando de cachorros!”. Esses dois homens — dois a mais — não têm nenhum verdadeiro papel na minha história, mas eu teria a impressão de

desprez4-los se n4o citasse seus nomes.

Com B4ly e Vojta, dezenove ex-oficiais do Ex4rcito tcheco s4o executados, quatro deles tamb4m generais. E as primeiras medidas entram em vigor nos dias que seguem: o estado de emerg4ncia 4 decretado em todo o pa4s. Qualquer reuni4o, tanto no interior quanto no exterior, 4 proibida em virtude da lei marcial. Os tribunais s4o t4m duas op4o4es: a absolvi4o ou a pena de morte, quaisquer que sejam os motivos de acusa4o. Condena4o4es 4 morte s4o pronunciadas contra tchecos que distribu4ram folhetos, praticaram o mercado negro ou simplesmente escutaram r4dios estrangeiras. Os cartazes vermelhos que anunciam cada nova medida se multiplicam nos muros. Os tchecos logo ficam sabendo quem 4 seu novo mestre.

E, entre eles, os judeus, 4 claro, ficam sabendo ainda mais depressa. Em 29 de setembro, Heydrich decreta o fechamento das sinagogas e a pris4o dos tchecos que, para protestar contra a obriga4o recente feita aos judeus de portar uma estrela amarela, exibem uma, eles mesmos. Em 1942, na Fran4a, haver4 manifesta4o4es de solidariedade similares e ser4o deportados "com seus amigos judeus" os imprudentes que se arriscarem a tanto. Mas, no protetorado, tudo isso 4 s4o um prel4dio.

119

Em 2 de outubro de 1941, Heydrich exp4e no pal4cio 4ern4n, hoje hotel Savoy, situado na extremidade da muralha do castelo, as grandes orienta4o4es da sua pol4tica vindoura, enquanto protetor interino da Bo4mia-Mor4via. De p4, com as m4os apoiadas nas bordas de um p4lpito de madeira, a cruz de ferro pregada sobre o peito, uma alian4a bem vis4vel na m4o esquerda (mas me disseram que os alem4es a usam na m4o direita, normalmente), ele toma a palavra diante dos principais representantes das for4as de ocupa4o. Seu rosto mostra um ar de compet4ncia e de autoridade. Seu discurso quer-se pedag4gico com os compatriotas que comp4em o audit4rio:

"Por raz4o4es t4ticas e de conduta da guerra, n4o devemos provocar inutilmente o tcheco em alguns pontos, nem lev4-lo a crer que n4o tem outra sa4da sen4o a revolta."

4 o primeiro ponto de sua pol4tica, que conta com apenas dois: a cenoura e o bast4o.<sup>4</sup>Segue o bast4o, num balan4o dial4tico de equil4brio incerto:

"O Reich n4o admite brincadeiras e 4 senhor em sua casa. Isso quer dizer que nenhum alem4o deve ser tolerante com um tcheco, assim como com um judeu no Reich; nenhum alem4o deve dizer que o tcheco 4 apesar de tudo uma pessoa honesta. Se disser isso, ser4 mandado embora — se n4o formarmos uma frente unida contra a 'tchequeria', o tcheco sempre achar4 um meio de trapacear."

A seguir Heydrich, pouco habituado a fazer discursos e longe ainda de ser um C4cero, passa 4 fase illustratio:

"O alem4o n4o pode se permitir embriagar-se em p4blico, no restaurante. Sejam4s francos sobre esse ponto: que a gente beba e possa relaxar, nada contra, mas isso ser4 feito entre quatro paredes ou na cantina dos oficiais. O tcheco deve ver que o alem4o se mant4m na linha, tanto em servi4o como 4 paisana, que ele 4 um senhor e um mestre da cabe4a aos p4s."

Ap4s esse curioso exemplo, o discurso faz-se mais concreto e amea4ador:

"Sem a menor ambiguidade e com uma dureza inabal4vel, devo fazer compreender aos cidad4os deste pa4s, tchecos ou outros, que eles n4o podem ignorar o fato de que fazem parte do Reich e, como tais, devem mostrar lealdade ao Reich. 4 uma prioridade absoluta ditada pela guerra. Quero ter certeza de que cada oper4rio tcheco faz o m4ximo em favor do esfor4o de guerra alem4o. Isso implica, para ser claro, que o oper4rio tcheco ser4 alimentado na medida em que fizer seu trabalho."

Resolvida a quest4o social e econ4mica, o novo protetor interino aborda a seguir a quest4o racial, da qual ele pode com raz4o se apresentar como um dos primeir4ssimos especialistas do Reich:

"4 evidente que devemos tratar o povo tcheco de uma maneira bem diferente daquela como tratamos povos de outras ra4as, como os eslavos. Os tchecos de ra4a germ4nica devem ser tratados com firmeza, mas

com justiça. Precisamos guiá-los com a mesma humanidade que nosso próprio povo, se quisermos conservá-los definitivamente no Reich e fundi-los conosco. Para determinar quem é apto à germanização, vou precisar de um inventário racial.

“Temos todo tipo de populações aqui. Para os que são de boa raça e se mostram bem-dispostos em relação a nós, as coisas serão simples, eles serão germanizados. Ao contrário, devemos nos desembaraçar daqueles de raças inferiores com intenções hostis. Há um lugar que convém a eles, no Leste.

“Entre esses dois extremos, há aqueles cujo caso devemos examinar atentamente. Temos populações racialmente inferiores, mas favoravelmente dispostas. Para essa espécie, deveremos deslocá-los dentro do Reich ou a outra parte, mas nos certificando de que não se reproduzam mais, pois não temos interesse nenhum em seu desenvolvimento. Com o tempo, essa parte de elementos não germanizáveis, que pode ser estimada em cerca de metade da população, poderia mais tarde ser transferida ao Ártico, onde construímos os campos de concentração dos russos.

“Resta um grupo: os que são racialmente aceitáveis, mas ideologicamente hostis. Estes são os mais perigosos, porque pertencem a uma raça de líderes. Devemos nos perguntar muito seriamente o que fazer deles. Podemos realojar alguns no interior do Reich, num ambiente puramente alemão, para germanizá-los e reeducá-los. Se for impossível, deveremos fuzilá-los, pois não posso me permitir transferi-los para o Leste, onde formariam uma camada dirigente que se voltaria contra nós.”

Creio que ele percorreu de fato todos os casos possíveis. A notar esta discreta e eufemística metonímia, “o Leste”, que o auditório ainda ignora que significa: a Polônia, em Auschwitz.

120

Em 3 de outubro, em Londres, a imprensa livre tchecoslovaca noticia a mudança política em Praga com este título: “Assassinatos em massa no protetorado”.

121

Um homem de Heydrich já exerceu um cargo nesse lugar há dois anos: Eichmann, depois do bom trabalho realizado na Áustria, recebeu a direção do Escritório Central para a Emigração Judaica de Praga, em 1939, antes de ser promovido a responsável pelos assuntos judaicos na sede do RSHA em Berlim. Hoje ele volta a Praga, chamado por seu mestre. Mas em dois anos as coisas mudaram bastante. Agora, quando Heydrich organiza uma conferência, é para discutir “a Solução Final da questão judaica” no protetorado, e não mais a “emigração”. Os dados são os seguintes: oitenta e oito mil judeus vivem no protetorado, dos quais quarenta e oito mil na capital, dez mil em Brno, dez mil em Ostrava. Heydrich decide que Terezín será um campo de trânsito ideal. Eichmann toma notas. Os transportes serão rápidos, dois ou três trens por dia, à razão de mil pessoas por trem. Segundo um método testado, cada judeu será autorizado a levar consigo uma bagagem sem cadeado, contendo até cinquenta quilos de bens pessoais e, a fim de simplificar a tarefa dos alemães, alimentos para duas a quatro semanas.

122

Pelo rádio e pelos jornais, notícias do protetorado chegam a Londres. O sargento Kubiš escuta o que lhe relata um amigo paraquedista sobre a situação no país. Assassinatos, assassinatos, assassinatos. Nada mais. Desde que Heydrich chegou, cada dia é um dia de luto. Pessoas enforcadas, torturadas, deportadas. Que detalhes monstruosos conseguiram mergulhar Kubiš, hoje, nesse estado de estupor? Ele balança a cabeça, repetindo como num disco riscado: “Como isso é possível? Como isso é possível?”.

Fui a Terezín, uma vez. Queria ver esse lugar porque foi lá que Robert Desnos morreu. Voltando de Auschwitz, tendo passado por Buchenwald, Flossenbürg, Flöha, ele foi parar, em 8 de maio de 1945, em Terezín libertada, ao cabo de estafantes marchas da morte durante as quais terá contraído o tifo que iria matá-lo. Morreu em 8 de junho de 1945, morreu como viveu, livre, nos braços de um jovem enfermeiro e de uma jovem enfermeira tchecos que amavam o surrealismo e admiravam sua obra. Mais uma história sobre a qual eu queria escrever todo um livro: os dois jovens chamavam-se Josef e Alena...

Terezín, Theresienstadt, em alemão, era "uma cidade fortificada construída pela imperatriz da Áustria para defender o quadrilátero boêmio das cobiças do rei da Prússia, Frederico II". Que imperatriz? Não sei: tomo a frase, porque me agrada, de Pierre Volmer, companheiro de Desnos e testemunha de seus últimos dias. Maria Teresa? É claro: Theresienstadt, a cidade de Teresa.

Em novembro de 1941, Heydrich manda transformar a cidade em gueto e a caserna em campo de concentração.

Mas isso não é tudo, de modo nenhum, que se deve dizer sobre Terezín.

Terezín não era um gueto como os outros.

O campo servia como campo de trânsito, é sabido: os judeus agrupados esperavam ali a deportação para o Leste, a Polônia ou os países bálticos. O primeiro comboio partiu para Riga em 9 de janeiro de 1942: mil pessoas, das quais cento e cinco sobreviverão. O segundo, uma semana mais tarde, também para Riga, mil pessoas, dezesseis sobreviventes. O terceiro, em março, mil pessoas, sete sobreviventes. O quarto, mil pessoas, três sobreviventes. Nada de notável nessa gradação assustadora rumo aos cem por cento, marca terrível da renomada eficiência alemã.

Mas, enquanto as deportações continuam, o gueto de Terezín deve servir de Propagandalager, isto é, de gueto-vitrine para os observadores estrangeiros. Os habitantes do gueto deverão fazer boa figura por ocasião das visitas de observadores do CICR (Comitê Internacional da Cruz Vermelha).

Em Wannsee, Heydrich declara que os judeus alemães condecorados na Primeira Guerra, os judeus alemães com mais de sessenta e cinco anos e alguns judeus célebres, os Prominenten, célebres demais para desaparecer de um dia para o outro sem deixar vestígio, devem ser instalados em Terezín, em condições decentes, a fim de sossegar a opinião pública alemã, um tanto atordoada, em 1942, pela política do monstro que, no entanto, ela não cessou de aclamar desde 1933.

Para que Terezín possa servir de alibi, será preciso que, na fachada, os judeus pareçam ser corretamente tratados. Por isso os nazistas autorizam os judeus do gueto a organizar uma vida cultural relativamente desenvolvida: espetáculos e artes são estimulados, sob o controle vigilante dos ss que lhes pedem para exibir seu melhor sorriso. Os representantes da Cruz Vermelha, favoravelmente impressionados nas suas visitas de inspeção, farão relatórios muito positivos sobre o gueto, sua vida cultural e a maneira como os prisioneiros são tratados. Dos cento e quarenta mil judeus que passarão por Terezín durante a guerra, somente dezessete mil sobreviverão. Deles, Kundera escreve:

"Os judeus de Terezín não tinham ilusões: viviam na antecâmara da morte, sua vida cultural era mostrada pela propaganda nazista como alibi. Sendo assim, deviam ter renunciado a essa liberdade precária e enganosa? A resposta que eles deram foi de uma total clareza. Sua vida, suas criações, suas exposições, seus quartetos, seus amores, todo o leque de suas atividades tinha uma importância incomparavelmente maior que a comédia macabra dos carcereiros. Tal foi a aposta deles." E ele acrescenta, generalizando: "Tal deveria ser a nossa".

O presidente Beneš está muito preocupado, ele não tem necessidade de dirigir os serviços secretos para saber. Londres não cessa de avaliar a contribuição dada ao esforço de guerra pelos diferentes movimentos

clandestinos dos países ocupados. Ora, enquanto a França, em consequência da Operação Barbarossa, beneficia-se com a entrada em ação dos grupos comunistas, a atividade da Resistência tcheca é praticamente igual a zero. Desde que Heydrich tomou as rédeas do país, os movimentos clandestinos tchecos caíram um atrás do outro, e o pouco que resta está amplamente infiltrado pela Gestapo. Essa ineficácia coloca Beneš numa posição muito desconfortável: por enquanto, mesmo em caso de vitória, a Inglaterra não quer ouvir falar de refazer o Acordo de Munique. Isso significa que, mesmo em caso de vitória, a Tchecoslováquia só veria restabelecidas suas fronteiras posteriores a setembro de 1938, amputadas dos Sudetos, em vez de sua integridade territorial primitiva.

É preciso fazer alguma coisa. O coronel Moravec escuta as queixas amargas de seu presidente, a insistência humilhante com que os ingleses comparam a apatia dos tchecos ao patriotismo dos franceses, dos russos, mesmo dos iugoslavos! Isso não pode mais continuar.

Mas como agir? No estado de desorganização em que se encontra, inútil passar qualquer ordem à Resistência interior para aumentar suas atividades. A solução, portanto, está aqui, na Inglaterra. Os olhos de Beneš devem ter brilhado, e o imagino batendo com o punho na mesa quando explicou a Moravec o que ele cogitava: uma ação espetacular contra os nazistas — um assassinato preparado no maior segredo por seus comandos paraquedistas.

Moravec compreende o raciocínio de Beneš: já que a Resistência interior está moribunda, é preciso enviar reforços de fora — homens armados, treinados e motivados que cumprirão uma missão cujas ressonâncias serão ao mesmo tempo internacionais e nacionais. De fato, trata-se, por um lado, de impressionar os Aliados mostrando-lhes que não devem minimizar a Tchecoslováquia; por outro lado, de estimular o patriotismo tcheco para fazer renascer a Resistência de suas cinzas. Digo “patriotismo tcheco”, mas estou certo de que Beneš disse “tchecoslovaco”. Estou certo também de que foi ele que pediu imperativamente a Moravec a escolha de um tcheco e de um eslovaco para essa operação. Dois homens para simbolizar a unidade indivisível dos dois povos.

Contudo, antes de chegar lá, é preciso determinar primeiro o alvo. Moravec logo pensa em seu homônimo, Emanuel Moravec, o ministro mais envolvido no colaboracionismo, uma espécie de Laval tcheco. Mas é uma figura muito local, a ressonância internacional seria nula. Karl Hermann Frank é um pouco mais conhecido, sua ferocidade e seu ódio aos tchecos são legendários, além do mais é um alemão e um ss. Ele poderia ser um bom alvo. Mas, se é para escolher um alemão e um ss...

Imagino o que deve ter representado, especialmente para o coronel Moravec, chefe dos serviços secretos tchecos, a perspectiva de assassinar o Obergruppenführer Heydrich, protetor interino da Boêmia-Morávia, o carrasco de seu povo, o açougueiro de Praga, e também o chefe dos serviços secretos alemães, de certo modo seu homólogo.

Sim, já que é preciso, por que não Heydrich?

125

Li um livro genial que tem por pano de fundo o atentado contra Heydrich. É um romance escrito por um tcheco, Jirí Weil, que se intitula Mendelssohn está no telhado.

O romance tira o título do primeiro capítulo que se lê quase como uma história cômica: operários tchecos estão no telhado da Ópera, em Praga, para remover uma estátua de Mendelssohn, o compositor, porque é judeu. Foi Heydrich, apaixonado por música clássica e recentemente nomeado protetor da Boêmia-Morávia, que deu a ordem. Só que há uma série de estátuas e Heydrich não especificou qual era a de Mendelssohn. Ora, com exceção de Heydrich, parece que ninguém, mesmo entre os alemães, é capaz de reconhecê-lo. Mas ninguém ousaria perturbar Heydrich por tão pouco. O ss alemão que supervisiona a operação decide então indicar aos operários tchecos a estátua que tem o nariz mais comprido, já que procuram um judeu. Mas, por azar, é a de Wagner que começam a remover!

O equívoco será prontamente corrigido e, dez capítulos adiante, a estátua de Mendelssohn é finalmente

derrubada. Apesar dos esforços para não danificá-la, os operários tchecos lhe quebrarão uma das mãos ao deitá-la. Essa anedota divertida baseia-se em fatos reais: a estátua de Mendelssohn foi de fato retirada em 1941 e teve, como no romance, uma das mãos quebrada. Não sei se a mão foi depois restaurada. Em todo caso, as peregrinações do pobre ss encarregado de remoções, e imaginadas por um homem que viveu nesse período, são um dos pontos altos do burlesco típico da literatura tcheca, sempre impregnada daquele humor particular, adocicado e subversivo, cujo santo padroeiro é Jaroslav Hašek, o imortal autor das aventuras do valente soldado Chvéik.

126

Moravec observa o treinamento de seus comandos paraquedistas. Soldados com roupas de brim resistente correm, saltam e atiram. Ele observa um homenzinho ágil e enérgico que derruba todos os adversários no corpo a corpo. Pergunta ao instrutor, um velho inglês que serviu nas colônias, como o homem se comporta com explosivos. "Um perito", responde o inglês. E com armas de fogo? "Um artista!" Seu nome? "Jozef Gabčík." Um nome de consonância eslovaca. Ele é imediatamente convocado.

127

O coronel Moravec dirige-se aos dois paraquedistas que selecionou para a missão Antropoide, o sargento Jozef Gabčík e o sargento Anton Svoboda, um eslovaco e um tcheco, conforme o desejo do presidente Beneš.

"Vocês estão informados, pelo rádio e pelos jornais, dos assassinatos absurdos que se cometem em nosso país. Os alemães matam os melhores dos melhores. No entanto, esse estado de fato é apenas o sinal da guerra; assim, não cabe lamentar nem chorar, mas combater.

"Em casa, os nossos combateram e agora se encontram numa situação que limita suas possibilidades. Chegou nossa vez de ajudá-los do exterior. Uma das tarefas dessa ajuda exterior será confiada a vocês. O mês de outubro é o mês de nossa festa nacional, a mais triste desde a independência. É preciso marcar essa festa de uma maneira retumbante. Foi decidido que isso será feito por um ato que entrará para a história, do mesmo modo que os assassinatos cometidos contra os nossos.

"Em Praga há duas pessoas que encarnam esse extermínio: Karl Hermann Frank e Heydrich, o recém-chegado. A nosso ver, e em conformidade com a opinião dos nossos líderes, é preciso fazer que um deles pague por todos, para mostrar que daremos o troco. É a missão da qual serão encarregados. Portanto, vocês dois retornarão a nosso país, dando apoio um ao outro. Isso será necessário, pois, por razões que lhes parecerão claras, devem realizar essa tarefa sem a colaboração dos nossos compatriotas que ficaram no país. Se digo sem essa colaboração, quero dizer que tal ajuda será excluída até a realização do trabalho. Depois receberão deles uma assistência completa. Vocês mesmos devem decidir a maneira de cumprir a tarefa e o tempo necessário. Serão lançados de paraquedas num local que oferece as melhores possibilidades de aterragem. Estarão equipados de tudo que pudermos oferecer. Como conhecemos a situação no país, é certo que receberão o apoio daqueles de nossos compatriotas aos quais recorrerão. Mas, da parte de vocês, será preciso agir com prudência e reflexão. É inútil repetir que essa missão é de alta importância histórica e que o risco é grande. Ela depende das condições que por habilidade souberem aproveitar. Voltaremos a falar disso quando retornarem do treinamento especial que os espera. Como eu disse, a tarefa é séria. Devem, assim, considerá-la de um modo franco e leal. Se têm dúvidas sobre o que expus, digam."

Gabčík e Svoboda não têm dúvida nenhuma. E se o alto-comando talvez ainda hesite sobre a escolha do alvo, como o discurso de Moravec parece dar a entender, os dois já sabem para que lado pende a vontade de Moravec. É o carrasco de Praga, o açougueiro, a besta loira que deve pagar.



O capitão ustr dirige-se a Gabčík: “As notícias não são boas”. Em consequência de um acidente de paraquedas num salto de treinamento, Svoboda, o segundo homem da Antropoide, o tcheco, vem sofrendo de dores de cabeça persistentes. Ele foi enviado a Londres, onde um médico o examinou. Gabčík deve terminar sua preparação sozinho, mas ele sabe que a missão Antropoide já está adiada. Seu parceiro não partirá com ele. “Sabe de algum dos nossos homens que possa substituí-lo?”, pergunta o capitão. “Sim, capitão, sei de um”, responde Gabčík.

Jan Kubiš pode fazer sua entrada no grande palco da História.

Vou agora oferecer um retrato dos dois heróis com um mínimo de reticências, pois limito-me a traduzir do inglês os relatórios de avaliação elaborados pelo Exército britânico.

JOZEF Gabčík:

Soldado de espírito vivo e disciplinado.

Não possui as capacidades intelectuais de alguns, lento na aquisição de conhecimentos.

Absolutamente confiável e muito entusiasta, dotado de muito bom senso.

Confiança em si próprio para as operações práticas, mas falta de confiança quando se trata de um trabalho intelectual.

Bom condutor de homens quando seguro de sua retaguarda e obediente às ordens até os mínimos detalhes. É extremamente bom em sinalização.

Possui também conhecimentos técnicos que podem ser úteis (trabalhou numa fábrica de gases tóxicos).

Preparo físico: MB

Manobras no terreno: B

Corpo a corpo: MB

Manejo de armas: B

Explosivos: B (86%)

Comunicações: MB (12 palavras/min. em morse)

Relatórios: MB

Leitura e traçado de mapa: R-B (68%)

Condução de veículos:

Bicicleta sim

Moto não

Carro sim

JAN KUBIŠ :

Bom soldado, confiável, calmo.

Preparo físico: MB

Manobras no terreno: B

Corpo a corpo: MB

Manejo de armas: B

Explosivos: B (90%; lento na execução + instruções)

Comunicações: B

Relatórios: B

Leitura e traçado de mapa: MB (95%)

Condução de veículos: bicicleta, moto, carro.

Só Natacha saberia descrever minha alegria infantil ao deparar com esse documento, no Museu do Exército em Praga, ela, que me viu copiar febrilmente as preciosas fichas.

Essas fichas já permitem esboçar a oposição de estilo e de caráter entre os dois amigos: Gabčík, o baixo, é um sanguíneo enérgico, enquanto Kubiš, o alto, é bonachão e ponderado. Todos os testemunhos que me chegaram vão nesse sentido. O que, concretamente, anuncia uma repartição das tarefas: caberá a Gabčík a

metralhadora, a Kubiš, os explosivos.

Por outro lado, o que sei de Gabčík leva-me a pensar que o oficial que fez sua ficha de avaliação subestimou escandalosamente a extensão das suas capacidades intelectuais. Aliás, minha impressão é corroborada por seu chefe, o coronel Moravec, que escreve em suas memórias:

“Durante a instrução, ele se revelou talentoso, esperto e bem-humorado, mesmo nas situações mais difíceis. Era franco, cordial, empreendedor e cheio de iniciativa. A natural born leader. Superou todas as dificuldades do treinamento sem nunca se queixar e com excelentes resultados.”

Com relação a Kubiš, Moravec confirma que era “lento nos movimentos, mas paciente e perseverante. Seus instrutores perceberam sua inteligência e sua imaginação. Era muito disciplinado, discreto e confiável. Era igualmente calmo, sério e reservado, em completa oposição ao temperamento alegre e extrovertido de Gabčík”.

Considero esse livro, Master of spies, que consegui baixar de uma biblioteca de Illinois, como a menina dos meus olhos. O coronel Moravec tinha muitas coisas a contar. Se eu me escutasse, copiaria o livro inteiro. Às vezes sinto-me como um personagem de Borges, só que eu também não sou um personagem.

130

“Se vocês tiverem bastante sorte de escapar à morte no momento do atentado, terão duas opções: tentar sobreviver no interior do país ou tentar cruzar a fronteira e retornar à base em Londres. As duas possibilidades são extremamente duvidosas diante das reações previsíveis por parte dos alemães. Mas, para ser totalmente honesto, o mais provável é que sejam mortos no local da ação.”

Moravec recebe separadamente os dois homens para fazer-lhes o mesmo discurso. Gabčík e Kubiš respondem sem nenhuma emoção aparente.

Para Gabčík, a missão é uma operação de guerra, e o risco de ser morto faz parte do trabalho.

Kubiš agradece ao coronel por tê-lo escolhido para uma missão dessa importância.

Os dois homens declaram que preferirão a morte a cair nas mãos na Gestapo.

131

Você é tcheco ou eslovaco. Não gosta que lhe digam o que fazer nem que façam mal às pessoas, por isso decide deixar seu país para se reunir a outros compatriotas que resistem ao invasor. Você passa pelo norte ou pelo sul, pela Polônia ou pelos Bálcãs, e chega à França por mar, enfrentando inúmeras complicações.

Ao chegar, as coisas se complicam ainda mais. A França o obriga a entrar em sua Legião e o envia à Argélia ou à Tunísia. Mas você se reúne finalmente a uma divisão tchecoslovaca que se forma numa cidade onde se abrigam os refugiados espanhóis e vai combater ao lado dos franceses, quando é a vez deles de serem agredidos pelo ogro hitleriano. Você luta com coragem e participa de todos os recuos e derrotas, cobre a retirada que não cessa de recuar enquanto os aviões zumbem no céu, participa dessa longa agonia, a Debacle, para você é a primeira e a última. No sul da França vencida, é o tumulto, você consegue de novo embarcar e dessa vez aterriza na Inglaterra. Como mostrou coragem e resistiu heroicamente ao invasor, preenchendo assim o vazio histórico de março de 1939, o presidente Beneš em pessoa o condecora no meio de um acampamento. Você está exausto no seu uniforme amarrotado, mas está ao lado do seu amigo quando Beneš lhe pendura uma medalha no casaco. Depois é Churchill himself, apoiado na bengala, que lhe passa em revista. Você combateu o invasor e, incidentalmente, salvou a honra do seu país. Mas não deseja ficar nisso.

Você se junta às forças especiais e treina em castelos chamados House, Manor ou Villa, na Escócia e na Inglaterra. Salta de paraquedas, atira, luta, lança granadas. Você é bom e é uma pessoa encantadora. É bom companheiro e agrada as mulheres. Você flerta com as inglesas, bebe chá na casa dos pais delas, que acham você simpático. Continua a treinar tendo em vista a maior missão que um país já confiou a somente dois homens. Você acredita na justiça e acredita na vingança. É valoroso, decidido e dotado. Está pronto a morrer

por seu país. Você sente alguma coisa crescer dentro de você e que aos poucos já começa a ultrapassá-lo, mas continua sendo você mesmo. Você é um homem simples. Você é um homem.

Você é Jozef Gabčík ou Jan Kubiš, e você vai entrar para a História.

132

Cada governo no exílio refugiado em Londres possui, no interior de seu Exército reconstituído, sua própria equipe de futebol, e partidas amistosas são regularmente organizadas. Hoje, em campo, a França e a Tchecoslováquia se enfrentam. Como sempre, o público, composto de soldados de todas as nacionalidades e de todos os graus, é numeroso. O clima é jovial e a torcida estimula os atletas em uniformes coloridos. No meio da multidão, na arquibancada, podem-se ver Gabčík e Kubiš, ambos de boné marrom na cabeça, conversando com animação. Seus lábios se mexem depressa e as mãos também. Adivinha-se que é uma conversa técnica e complicada. Pouco concentrados na partida, eles se interrompem, porém, quando uma ação perigosa faz elevar um clamor no estádio. Acompanham então o lance do jogo até o final, para depois retomar sua discussão com o mesmo afincio, em meio aos gritos e aos cantos.

A França faz um primeiro gol. A torcida francesa manifesta ruidosamente sua satisfação.

A atitude deles, que contrasta com a dos outros espectadores muito absorvidos na partida, talvez se note. Em todo caso, entre os soldados das forças livres tchecoslovacas já começam os mexericos a propósito da missão especial que eles aceitaram. Essa operação, preparada no maior segredo, cerca os dois homens de uma espécie de prestígio, tanto mais misterioso quanto eles recusam responder a qualquer pergunta, mesmo vindo de seus mais velhos companheiros, os da evacuação pela Polônia, os da Legião Francesa.

Gabčík e Kubiš discutem, sem dúvida, sobre sua missão. Em campo, a Tchecoslováquia pressiona em busca do empate. Na marca do pênalti, o número dez recupera a bola, prepara o chute, mas é interceptado por um zagueiro francês. No rebote, o centroavante chega pela esquerda e dispara um chute seco contra o gol. O goleiro, batido, rola na poeira. A Tchecoslováquia empata, o estádio explode. Gabčík e Kubiš se calaram. Estão vagamente contentes. As duas equipes se separam numa partida sem vencedor.

133

Em 19 de novembro de 1941, por ocasião de uma cerimônia organizada entre os ouros da catedral Saint-Guy, no centro do Hradčany, nos altos de Praga, o presidente Hácha entrega solenemente as sete chaves da cidade a seu novo mestre, Heydrich. A peça onde ficam essas grandes chaves cinzeladas é a mesma onde se guarda a coroa de São Venceslau, a joia mais preciosa da nação tcheca. Há uma foto em que vemos Heydrich e Hácha de pé diante da coroa, pousada sobre uma almofada finamente bordada. Conta-se que nessa ocasião Heydrich, não podendo resistir, pôs a coroa na cabeça. Ora, uma antiga lenda diz que todo aquele que indevidamente puser na cabeça a coroa morrerá durante o ano, bem como seu filho mais velho.

Na realidade, se observarmos a foto, vemos um Hácha que, com seu ar de velha coruja calva, olha o emblema real com desconfiança, enquanto Heydrich parece demonstrar um respeito um tanto forçado, e suponho que não se sentia de modo nenhum transportado diante do que ele poderia perfeitamente julgar ser um simples adorno folclórico. Pergunto-me até se a cerimônia não o aborrecia um pouco.

Nunca foi verificado de maneira certa que Heydrich tenha de fato posto a coroa na cabeça nessa ocasião. Penso que alguns quiseram acreditar nesse episódio para fazer dele, retrospectivamente, um ato de húbris que não podia ficar impune. Na verdade, não creio que Heydrich se imaginasse, de repente, numa ópera wagneriana. Tanto é que ele devolveu três das sete chaves a Hácha, à guisa de prova de amizade, para dar a ilusão de que o ocupante alemão estava disposto a partilhar a direção do país com o governo tcheco. Além do fato de tratar-se de um gesto simbólico desprovido de qualquer realidade, essa meia devolução das chaves

retira da cena toda a sua potencial desmedida. Estamos aqui na diplomacia mais protocolar, ou seja, a de menor importância e desprovida de significado. Heydrich deve ter pressa de que aquilo termine para voltar a brincar com seus filhos ou trabalhar na Solução Final.

No entanto... se examinarmos mais de perto, vemos a mão direita de Heydrich, na foto, parcialmente coberta pela almofada sobre a qual está pousada a coroa. Heydrich retirou a luva, sua mão direita está descoberta, enquanto a esquerda continua com a luva. Colocado diante da coroa, ultrapassando em mais da metade a almofada, há um cetro, na foto. Ora, mesmo se o que se passa aqui está oculto pela almofada, acreditamos adivinhar e há fortes razões para pensar que a mão toca ou vai tocar o cetro. E esse elemento novo me faz reinterpretar a expressão no rosto de Heydrich. De fato, pode-se ver nele também a cobiça que busca dominar-se. Penso que ele não pôs a coroa na cabeça porque não estamos num filme de Charlie Chaplin, mas tenho certeza de que pegou o cetro, para sopesá-lo com um ar negligente: claro que não há prova evidente, mas o símbolo é claro, e Heydrich, por mais pragmático que fosse, tinha também um gosto pronunciado pelos atributos do poder.

134

Jozef Gabčík e Jan Kubiš molham biscoitos no chá que sua hospedeira, a sra. Ellison, lhes preparou. Todos os ingleses desejam participar, de uma maneira ou de outra, do esforço de guerra. Assim, quando propuseram à sra. Ellison alugar um quarto aos dois rapazes, ela aceitou com prazer. Ainda mais que eles são encantadores. Não sei onde nem como ele aprendeu, mas Gabčík fala inglês fluentemente, por assim dizer. Desinibido e simpático, ele sustenta a conversa e a sra. Ellison está encantada. Kubiš, menos à vontade com a língua, é mais discreto, mas sorri com seu ar bonachão, e sua bondade natural não escapa à dona da casa. "Querem mais um pouco de chá?" Os dois homens, sentados lado a lado no sofá, aceitam polidamente. De todo modo, eles já atravessaram provas suficientes para nunca dispensar uma ocasião de se alimentar. Deixam dissolver os biscoitos sob o céu da boca, imagino que sejam amanteigados. De repente toca a campainha à porta de entrada. A sra. Ellison levanta-se, mas o ruído da fechadura a precede. Entram duas moças. "Come in, darlings, venham, vou apresentá-las!" Gabčík e Kubiš também se levantam. "Lorna, Edna, estes são Djôseph e Yann, eles vão morar aqui por algum tempo." As duas moças avançam, sorridentes. "Senhores, apresento-lhes minhas duas netas." Nesse momento preciso, os dois soldados devem se dizer que, apesar de tudo, às vezes há um pouco de justiça neste triste mundo.

135

"Minha missão consiste basicamente em ser enviado ao meu país natal com um outro membro do Exército tchecoslovaco, a fim de cometer um ato de sabotagem ou de terrorismo num lugar e segundo modalidades que dependerão do que encontrarmos e das circunstâncias dadas. Farei tudo que estiver ao meu alcance para obter o resultado almejado, não apenas no meu país natal, mas também fora dele. Farei o que puder, em minha alma e consciência, para cumprir essa missão com sucesso, para a qual me apresentei voluntariamente."

Em 1o de dezembro de 1941, Gabčík e Kubiš assinam o que parece ser um documento padrão. Pergunto-me se ele se aplicava a todos os paraquedistas de todos os exércitos com bases na Grã-Bretanha.

136

Albert Speer, arquiteto de Hitler e ministro do Armamento, deveria agradar Heydrich. Refinado, elegante, sedutor, inteligente, ele contrastava com o nível cultural dos outros dignitários. Não é um criador de frangos como Himmler, nem um visionário como Rosenberg, nem um porco como Göring ou Bormann.

Speer está de passagem por Praga. Heydrich leva-o a visitar a cidade de carro. Mostra-lhe a Ópera, em cujo telhado falta agora a estátua de Mendelssohn. Speer compartilha de seu gosto pela música clássica. No entanto, os dois homens não se apreciam. Speer, o intelectual distinto, vê em Heydrich o executor das baixarias de Hitler, aquele a quem confiam as tarefas sujas e que as cumpre sem pestanejar: um bruto cultivado. Quanto a Heydrich, ele vê em Speer um homem competente cujas qualidades admira, mas que continua sendo um civil, esnobe e manicurado. O que reprova nele, exatamente ao contrário, é não meter as mãos na merda.

Speer foi enviado por Göring, enquanto ministro do Armamento, para pedir a Heydrich que forneça dezesseis mil trabalhadores tchecos suplementares ao esforço de guerra alemão. Heydrich promete atender ao pedido no mais curto prazo. Ele explica a Speer que os tchecos já estão dominados, ao contrário da França, por exemplo, infestada de resistentes comunistas e de sabotadores.

A inquietante fila dos Mercedes oficiais atravessa a ponte Carlos. Speer extasia-se diante dos ornamentos dos edifícios góticos e barrocos. Enquanto as ruas desfilam, o arquiteto volta a prevalecer sobre o ministro. Ele pensa em diversas obras urbanas: essa imensa superfície inexplorada, no bairro de Letna, poderia servir de terreno à construção de uma nova sede para o governo alemão. Heydrich não diz nada, mas não gosta da ideia de que possam obrigá-lo a deixar o Hradchine, castelo dos reis da Boêmia onde pode se considerar um monarca. Em Strahov, perto do mosteiro que possui uma das mais belas bibliotecas da Europa, Speer imagina saindo do chão uma grande universidade alemã. Ele também tem muitas ideias para reurbanizar completamente as margens do Moldau. Além disso, prega a destruição pura e simples da pequena réplica da torre Eiffel que pontifica no Petr̃in, a mais alta colina da cidade. Heydrich explica a Speer que deseja fazer de Praga a capital cultural do Reich alemão. E não pode deixar de mencionar com orgulho a peça de abertura que programou para a próxima temporada musical: uma ópera de seu pai. “Excelente ideia”, responde polidamente Speer, que ignora por completo a produção do pai de Heydrich. “Para quando está prevista a estreia?”, pergunta o arquiteto. Vinte e seis de maio. A mulher de Speer, no segundo carro, observa a roupa de sua vizinha, Lina. As duas esposas, ao que parece, pouco conversaram. Durante duas horas, os Mercedes pretos continuam a percorrer as artérias da cidade. No final da visita, Speer já esqueceu a data.

Vinte e seis de maio de 1942. A véspera.

137

Gabčík, o eslovaco, e Kubiš, o morávio, nunca foram a Praga, e esse é também um critério de seleção. A certeza de que lá não conhecem ninguém garante que não serão reconhecidos. Mas sua ignorância de jovens interioranos constitui também uma desvantagem. Eles não se beneficiam do conhecimento do lugar. Assim, a preparação intensiva dos dois inclui o estudo cartográfico da bela capital.

Para memorizar a localização das principais praças e artérias, Gabčík e Kubiš se debruçam sobre um mapa de Praga, eles, que nunca pisaram a ponte Carlos, a praça da Cidade Velha, o Malá Strana, a praça Venceslau, a rua Nerudova, a colina de Petr̃in, a de Strahov, as margens do Vltava, a rua Resslova, o pátio do castelo Hradčany, o cemitério do castelo Vyšehrad onde o poeta Vítězslav Nezval, autor da imortal coletânea Praga com dedos de chuva, não está ainda enterrado, as ilhas tristes no rio com seus cisnes e patos, a rua Wilsonova que passa junto à estação ferroviária central, a praça da República e sua torre da Pólvora. Eles nunca viram com os próprios olhos as torres azuladas da catedral de Týn, nem o relógio astronômico da prefeitura, com seus autômatos que se movimentam a cada hora. Ainda não beberam um chocolate no café Louvre ou uma cerveja no café Slavia. Ainda não ficaram ao lado da estátua do homem de ferro na rua Platnerska. Por enquanto, as linhas no mapa não lhes evocam senão nomes que ouviram em criança ou objetivos militares. Ao vê-los estudar a topografia do lugar que será o palco da missão, poder-se-ia pensar, não fosse o uniforme, que são estudantes em férias preparando meticulosamente um roteiro de viagem.

Heydrich recebe uma delegação de ruralistas tchecos e sua acolhida é glacial. Ele escuta em silêncio suas promessas servis de cooperação, depois lhes explica que os proprietários rurais tchecos são sabotadores: trapaceiam no inventário de rebanhos e cereais. Com que objetivo? É evidente: alimentar o mercado negro. Heydrich já começou a executar açougueiros, atacadistas e outros comerciantes, mas, para lutar contra esse flagelo que priva de alimentos a população, somente um controle eficaz da produção agrícola pode obter resultados significativos. Em vista disso, Heydrich ameaça: todos os que não prestarem uma conta exata de sua produção terão as propriedades confiscadas. Os ruralistas estão paralisados. Sabem que, mesmo se Heydrich decidisse esfolar vivos os contraventores na praça da Cidade Velha, ninguém viria defendê-los. Ser cúmplice do mercado negro é tirar a comida do povo, e nesse ponto o povo apoia as medidas de Heydrich, que realiza, assim, uma façanha política: fazer reinar o terror e aplicar uma medida popular ao mesmo tempo.

Logo que os ruralistas partem, Karl Hermann Frank, seu secretário de Estado, deseja traçar de imediato uma lista de propriedades rurais a confiscar. Mas Heydrich o convida a temperar seus ardores: serão confiscadas apenas as propriedades julgadas impróprias à germanização.

É verdade; afinal, não se trata de criar sovietes!

A cena se passou talvez no escritório revestido de lambris de Heydrich. Ele se ocupa de seus dossiês. Batem à porta. Entra um homem de uniforme, agitado, com um papel na mão.

— Herr Obergruppenführer, a notícia acaba de chegar! A Alemanha declarou guerra aos Estados Unidos!

Heydrich não pestaneja. O homem lhe estende o telegrama. Ele o lê em silêncio.

Um longo momento transcorre.

— Quais são suas ordens, Herr Obergruppenführer?

— Leve uma brigada à estação ferroviária e derrube a estátua de Wilson.

— ...

— Amanhã de manhã, não quero mais ver aquela imundície. Execução, major Pomme!

O presidente Beneš sabe que deverá enfrentar as responsabilidades e prepara-se, talvez, caso a Operação Antropoide seja bem-sucedida, para a amplitude das represálias que os alemães certamente desencadearão. Mas tomar uma decisão é uma coisa, assumi-la é outra. E Beneš, que fundou a Tchecoslováquia com Tomáš Masaryk em 1918 e que, vinte anos mais tarde, não pôde evitar o desastre de Munique, sabe que a pressão da História é enorme, e que o julgamento da História é o mais terrível de todos. Daqui por diante, todos os seus esforços visam a restaurar a integridade do país que ele criou. A libertação da Tchecoslováquia, infelizmente, não está a seu alcance. É a RAF e o Exército Vermelho que decidirão a sorte das armas. Certo, Beneš pôde fornecer sete vezes mais pilotos à RAF do que a França. E o recorde de aviões abatidos pertence a Josef František: o ás da aviação inglesa é um tcheco, o que muito orgulha Beneš. Mas ele sabe também que, em tempo de guerra, o peso de um chefe de Estado se mede apenas pelo número de suas divisões. Por isso, as atividades do presidente Beneš se reduzem quase unicamente a uma diplomacia humilhante: ele deve dar provas de boa vontade às duas únicas potências que resistem ainda ao ogro alemão, sem garantia de que essas potências acabarão por vencer. É verdade que, frente aos bombardeios de 1940, a Inglaterra resistiu ao choque e ganhou, ao menos provisoriamente, a batalha dos ares. É verdade que o Exército Vermelho, após ter recuado até Moscou, deteve o avanço do invasor quando este atingia o alvo. A Inglaterra e a União Soviética,

depois de terem evitado por pouco a derrocada, parecem hoje capazes de se opor a um Reich até então invencível. Mas estamos no final de 1941. A Wehrmacht está quase no auge de seu poder. Por enquanto, nenhuma derrota significativa pôs em dúvida sua aparente invencibilidade. Stalingrado ainda está longe, ainda estão longe as imagens do soldado alemão vencido de olhos baixos na neve. Beneš só pode apostar num resultado incerto. Claro, a entrada dos Estados Unidos na guerra representa uma enorme esperança, mas ainda falta muito para os GI's atravessarem o Atlântico, e o Japão os ocupa bastante para que pensem na sorte de um pequeno país da Europa Central. Assim, Beneš faz sua própria aposta pascaliana: seu deus é um deus de duas cabeças, a Inglaterra e a União Soviética, e ele aposta na sobrevivência das duas. Mas agradar essas duas cabeças ao mesmo tempo não é fácil. Claro que a Inglaterra e a União Soviética são aliadas e Churchill, apesar de seu anticomunismo de nascença, dará provas durante toda a guerra de uma lealdade indefectível, de um ponto de vista militar, para com o urso soviético. Quanto ao pós-guerra, se pós-guerra houver e se os Aliados vencerem, será outra história.

Beneš tenta uma grande jogada com a Antropoide, a fim de impressionar favoravelmente os dois gigantes europeus. Ele recebeu o aval e o apoio logístico de Londres, e é em estreita colaboração com Londres que a operação foi montada. Mas é bom não ferir a suscetibilidade dos russos, por isso Beneš decidiu informar Moscou do lançamento da Antropoide. E agora a pressão chega ao ponto máximo: Churchill e Stálin esperam para ver. O futuro da Tchecoslováquia está em suas mãos, convém não decepcioná-los. Se o Exército Vermelho libertar seu país, sobretudo, ele quer poder se apresentar como interlocutor digno de crédito perante Stálin, ainda mais que teme o peso dos comunistas tchecos.

Beneš pensa provavelmente em tudo isso quando seu secretário vem avisá-lo:

— Sr. presidente, o coronel Moravec está aí com dois jovens. Diz que tem um encontro marcado, mas sua visita não consta na agenda de hoje.

— Faça-os entrar.

Gabčík e Kubiš foram levados de táxi sem saber para onde eram conduzidos, nas ruas de Londres, e são agora recebidos pelo presidente. Sobre sua mesa, a primeira coisa na qual reparam é uma pequena réplica de um Spitfire em estanho. Beneš queria vê-los antes da partida. Mas não queria que um documento oficial guardasse o traço desse encontro, pois governar é também tomar precauções. Agora os dois homens estão à sua frente. Enquanto lhes fala da importância histórica da missão, ele os observa. Está impressionado com o aspecto juvenil — Kubiš, em particular, lhe parece muito jovem, mesmo tendo só um ano a menos que Gabčík — e com a tocante simplicidade da determinação dos dois. De repente, por alguns minutos, ele esquece suas considerações geopolíticas, não pensa mais na Inglaterra nem na União Soviética, nem em Munique, nem em Masaryk, nem nos comunistas, nem nos alemães, e mal pensa em Heydrich. Está totalmente absorvido na contemplação desses dois soldados, desses dois rapazes que ele sabe, seja qual for o resultado da missão, contarem com uma chance em mil de saírem vivos.

Não conheço as últimas palavras que lhes dirige. “Boa sorte”, ou “Deus os proteja”, ou “o mundo livre conta com vocês”, ou “levem com vocês a honra da Tchecoslováquia”, qualquer coisa assim, provavelmente. Segundo Moravec, ele tem lágrimas nos olhos quando Gabčík e Kubiš deixam sua sala. Por certo pressente o futuro terrível. O pequeno Spitfire, impassível, mantém o nariz erguido no ar.

Lina Heydrich, desde que se reuniu ao marido em Praga, está nas nuvens. Ela escreve em suas memórias: “Sou uma princesa e vivo num país de contos de fadas”.

Por quê?

Primeiro porque Praga, de fato, é uma cidade de contos de fadas. Não por acaso Walt Disney se inspirou na catedral de Týn para desenhar o castelo da rainha em A bela adormecida.

Depois porque, evidentemente, em Praga a rainha é ela. Seu marido foi propulsado de um dia para o outro

à condição de quase chefe de Estado. Nesse país de contos de fadas, ele é o vice-rei de Hitler e faz sua mulher compartilhar todas as honras devidas à sua condição. Enquanto esposa do protetor, Lina goza de uma consideração que seus pais, os Von Osten, jamais sonharam para ela nem para eles. Vai longe o tempo em que ela enfrentou o pai que queria romper seu noivado porque Reinhard fora expulso da Marinha. Agora, graças a ele, a vida de Lina é uma sucessão interminável de recepções, de inaugurações, de manifestações oficiais em que todos lhe mostram a maior deferência. Vejo-a numa foto tirada por ocasião de um concerto realizado no Rudolfinum para o aniversário de Mozart. Empetecada, penteada, maquiada, com um vestido branco de gala e enfeitada de anéis, braceletes, longos brincos, em meio a homens sérios de smoking que solicitam o marido a seu lado, sorridente, relaxado e seguro de sua posição, ela está de pé, com as mãos ajuizadamente postas uma sobre a outra, um ar de contentamento extático no rosto.

Mas não é somente Praga. Agora a posição do marido lhe permite frequentar a alta sociedade do Reich. Já faz tempo que Himmler lhe testemunha sua amizade, mas ela frequenta também os Göbbels e os Speer, inclusive teve a honra suprema de encontrar o Führer, que fez este comentário ao vê-la de braço dado ao marido: "Que belo casal!". Doravante ela faz parte da elite. E Hitler lhe faz elogios.

Além disso, possui o seu próprio castelo: um palácio confiscado de um judeu, vinte quilômetros ao norte de Praga, cercado de um amplo terreno no qual ela se dedica a fazer melhorias. Princesa e dona de castelo, portanto. Mas, como a rainha da Bela Adormecida, ela é má. Trata os empregados com dureza, insulta todo mundo quando está de mau humor e, se está bem-humorada, não fala com ninguém. Para efetuar os trabalhos em sua residência principesca, explora uma abundante mão de obra que faz vir dos campos de concentração e que ela trata igualmente mal. Supervisiona os trabalhos em traje de amazona, com um chicote na mão. Faz reinar um clima de terror, de sadismo e de erotismo.

Fora isso, ocupa-se dos três filhos e felicita-se pelo afeto que Reinhard lhe demonstra. Ele adora especialmente a caçula, Silke. E engravida a mulher de um quarto filho. Foi-se o tempo em que ela se deitava com Schellenberg, seu braço direito. Foi-se o tempo em que ele estava sempre ausente. Em Praga, volta quase todas as noites para casa. Faz amor com ela, feito um cavalo, e brinca com os filhos.

Gabčík e Kubiš vão embarcar no Halifax que deve levá-los de volta para casa. Mas antes têm algumas formalidades a cumprir. Atrás do guichê, um suboficial inglês lhes pede para se despirem. Onde quer que toquem o chão, não devem correr pelo campo tcheco com roupas de paraquedista inglês. Eles tiram então o uniforme. "Tudo", acrescenta o suboficial, assim que estão só de cueca. Os dois homens, disciplinados, obedecem. Assim, estão totalmente pelados quando lhes é apresentada toda uma escolha de roupas. Sem abandonar sua sobriedade ao mesmo tempo britânica e militar, o suboficial comporta-se como um vendedor da Harrod's, comentando com orgulho os produtos que oferece: "Ternos made in Tchecoslováquia. Camisas made in Tchecoslováquia. Camisetas made in Tchecoslováquia. Calçados made in Tchecoslováquia. Verifiquem o número. Gravatas made in Tchecoslováquia. Escolham a cor. Cigarros made in Tchecoslováquia. Várias marcas disponíveis. Fósforos made in... Pasta de dentes made in...".

Uma vez vestidos, são entregues a cada um documentos falsos, devidamente carimbados.

Os dois homens estão prontos. O coronel Moravec os espera ao pé do Halifax, cujos motores já estão ligados. Cinco outros paraquedistas partem com eles no mesmo avião, mas com destinos e missões diferentes. Moravec aperta a mão de Kubiš, desejando-lhe boa sorte. Mas, quando se volta para Gabčík, este lhe pede para falar em particular por alguns instantes. Moravec faz uma careta, interiormente. Ele teme uma defecção de última hora e súbito arrepende-se do que disse aos dois rapazes quando os escolheu: que não hesitassem em dizer-lhe francamente que não se sentiam à altura da tarefa que lhes era confiada. Havia acrescentado que nada haveria de vergonhoso em mudar de ideia. Ainda pensa assim, mas, ao pé do avião, a coisa pegaria mal. Seria preciso fazer Kubiš descer e adiar a partida até encontrar um substituto para Gabčík. A missão seria



transferida sabe-se lá até quando. Gabčík começa por precauções oratórias de mau augúrio: “Coronel, estou muito embaraçado por lhe pedir isso...”. Mas a continuação dissipa os temores do chefe: “Deixei uma conta pendurada de dez libras no nosso restaurante. Seria possível o senhor acertá-la para mim?”. Moravec, aliviado, relata em suas memórias que soube apenas aquiescer com a cabeça. Gabčík estende-lhe a mão. “Pode contar conosco, coronel. Cumpriremos nossa missão segundo as ordens”, foram suas últimas palavras antes de entrar no avião.

143

Os dois homens redigiram suas últimas vontades pouco antes de embarcar, e tenho sob os olhos esses dois magníficos documentos rabiscados às pressas. Com manchas de tinta e rasuras, eles são quase idênticos. Ambos datados de 28 de dezembro de 1941, ambos divididos em duas partes, ambos com o acréscimo de algumas linhas em diagonal. Gabčík e Kubiš pedem que cuidem de suas famílias se vierem a morrer. Para isso, cada um indica um endereço, na Eslováquia, na Morávia. Os dois são órfãos e não têm mulher nem filhos. Mas sei que Gabčík tem irmãs, que Kubiš tem irmãos. Depois eles pedem também que avisem suas namoradas inglesas em caso de morte. A folha de Gabčík menciona o nome de Lorna Ellison; a de Kubiš, Edna Ellison. Os dois homens haviam se tornado irmãos, então saíam com duas irmãs. Introduzida no livrinho militar de Gabčík, uma foto de Lorna chegou até nós. O perfil de uma moça morena, de cabelos crespos, que ele não voltará a ver.

144

Nada me diz que foram os ingleses do SOE (o Special Operation Executive) que forneceram roupas a Gabčík e Kubiš. Muito pelo contrário, é mais provável que a questão das roupas tenha sido providenciada pelos serviços tchecos de Moravec. Portanto, não há razão para que o suboficial que se ocupa disso seja inglês. A troco de quê?

145

O comissário-geral administrador da Bielorrússia, sediado em Minsk, queixa-se das violências cometidas pelos Einsatzgruppen de Heydrich. Ele deplora que a liquidação sistemática dos judeus o prive de uma preciosa mão de obra. Também protesta, junto a Heydrich, quando constata que judeus ex-combatentes condecorados são deportados para seu gueto de Minsk. Submete-lhe uma lista de judeus a liberar, ao mesmo tempo que denuncia a falta de discernimento dos Einsatzgruppen que matam tudo que lhes cai nas mãos. Ele recebe esta resposta: “O senhor concordará comigo que, no terceiro ano da guerra, mesmo para a polícia e os serviços de segurança, há tarefas mais importantes para o esforço de guerra do que se preocupar em toda parte com exigências dos judeus, perder tempo em fazer listas e desviar meus colegas de missões bem mais urgentes. Se pedi um inquérito sobre as pessoas da sua lista, é apenas para provar, de uma vez por todas e por escrito, que tais ataques são infundados. Lamento, seis anos e meio após a entrada em vigor das leis raciais de Nuremberg, ainda ter que justificar meus serviços”.

Pelo menos, isso tem o mérito de ser claro.

146

“Naquela noite, a uma altitude de dois mil pés, um enorme avião Halifax zumbia no céu acima do campo

gelado da Tchecoslováquia. As quatro hélices revolviavam nuvens esparsas, lançando-as contra os flancos negros e úmidos do aparelho, e, da fuselagem gelada, Jan Kubiš e Jozef Gabčík avistaram sua terra natal através do dispositivo de saída, em forma de ataúde, aberto no piso do aparelho.”

É assim que começa o romance de Alan Burgess, *Seven men at daybreak*, escrito em 1960. E, já nas primeiras linhas, sei que ele não escreveu o livro que quero escrever. Não sei se Gabčík e Kubiš puderam ver qualquer coisa de sua terra natal, a setecentos metros de altitude, numa noite escura de dezembro de 1941, e, quanto à imagem do ataúde, desejo evitar ao máximo metáforas muito carregadas.

“Eles verificaram maquinalmente o mecanismo e as correias de lançamento automático do seu equipamento de paraquedistas. Em poucos minutos mergulhariam nas trevas, sabendo que eram os primeiros paraquedistas largados acima da Tchecoslováquia e que sua missão era uma das mais raras e arriscadas até então imaginadas.”

Sei tudo que se pode saber sobre esse voo. Sei o que Gabčík e Kubiš traziam na mochila: uma faca dobrável, uma pistola com dois carregadores e doze cartuchos, uma cápsula de cianureto, tabletes de extrato de carne, lâminas de barbear, uma falsa carteira de identidade e coroas, dinheiro tcheco. Sei que usavam roupas civis fabricadas na Tchecoslováquia. Sei que nada disseram durante o voo, conforme as ordens recebidas, exceto “oi” e “boa sorte” a seus colegas paraquedistas. Sei que estes desconfiavam, embora o objetivo fosse altamente secreto, que eles eram enviados ao país para matar Heydrich. Sei que foi Gabčík que, durante o trajeto, causou a melhor impressão ao dispatcher, o oficial encarregado de controlar a boa ordem dos lançamentos. Sei que antes da decolagem os fizeram redigir um testamento às pressas. Conheço os nomes de cada um dos membros das duas outras equipes que os acompanhavam, bem como a natureza de suas respectivas missões. Havia sete paraquedistas no avião, e conheço também a falsa identidade de cada um deles. Gabčík e Kubiš, por exemplo, chamavam-se respectivamente Zdeněk Vyskočil e Ota Navrátil, e seus documentos falsos indicavam como profissão: serralheiro e operário. Sei mais ou menos tudo que se pode saber sobre esse voo e me recuso a escrever uma frase como: “Eles verificaram maquinalmente o mecanismo e as correias de lançamento automático de seu equipamento de paraquedistas”. Embora o tenham feito, com toda a certeza.

“O mais alto dos dois, de vinte e sete anos, media cerca de um metro e setenta e cinco. Tinha cabelos loiros e, sob as sobrelanceiras bem marcadas, seus olhos cinzentos, muito fundos, olhavam o mundo com firmeza. Seus lábios nítidos, bem desenhados...” etc. Paro aqui. É uma pena que Burgess tenha perdido tempo com tais clichês, pois não resta dúvida de que ele estava bem documentado. Identifiquei dois erros flagrantes em seu livro, relativamente à mulher de Heydrich, que ele chama Inga em vez de Lina, e à cor do seu Mercedes, que insiste em dizer verde e não preto. Também encontrei episódios duvidosos, que suspeito terem sido inventados por Burgess, como a história tenebrosa de suásticas tatuadas nas nádegas a ferro em brasa. Mas, por outro lado, fiquei sabendo de muitas coisas sobre a vida de Gabčík e Kubiš em Praga durante os meses que precederam o atentado. É preciso dizer que Burgess tinha uma vantagem sobre mim: vinte anos depois dos fatos, ele pôde encontrar testemunhas ainda vivas. Algumas, de fato, sobreviveram.

147

Em suma, finalmente eles saltaram.

148

Segundo Edouard Husson, um universitário de renome que prepara uma biografia sobre Heydrich, tudo, desde o início, deu errado.

Gabčík e Kubiš são largados muito longe do lugar previsto. Deviam aterrar perto de Pilsen e se veem a alguns quilômetros... de Praga. Alguém dirá que, afinal, é lá que está o objetivo e que assim ganharam tempo.

São reflexões de quem nada conhece da clandestinidade. Pois os contatos na Resistência interior os esperam em Pilsen. Em Praga eles não têm endereço nenhum. São os homens de Pilsen que devem orientá-los. Bem, o fato é que estão nas proximidades de Praga e é realmente lá que devem ir, mas passando por Pilsen. Eles sentem, como nós, o absurdo desse ir e vir, não obstante necessário.

E o sentem ao ficarem sabendo onde estão, pois na hora não fazem a menor ideia. Acham-se num cemitério. Não sabem onde esconder os paraquedas e Gabčík está mancando, pois fraturou um dedo do pé ao pousar no chão natal. Os dois caminham sem saber onde vão, deixando pegadas. Dissimulam rapidamente o paraquedas sob um monte de neve. Sabem que logo amanhecerá, que estão perigosamente expostos e que devem se esconder em alguma parte.

Encontram um abrigo na gruta de uma pedreira. Protegidos da neve e do frio, porém não da Gestapo, sabem que não podem ficar, mas não sabem aonde ir. Estrangeiros em seu país, perdidos, feridos, certamente já procurados pelos que não terão deixado de ouvir no céu os motores do avião que os trouxe, os dois homens decidem esperar, que mais podem fazer? Inclinação sobre um mapa, o que esperam? Identificar a localização dessa minúscula pedreira? A missão ameaça abortar nem bem começada, ou nem começar, admitindo que nunca sejam descobertos, o que é uma suposição ridícula.

E, de fato, eles são descobertos.

É um guarda-florestal que os descobre ao amanhecer. Ele ouviu o avião durante a noite, encontrou os paraquedas sob a neve, seguiu as pegadas na neve. Entrou na gruta. E disse a eles: "Bom dia, rapazes!", tossindo ligeiramente.

Segundo Edouard Husson, tudo deu errado desde o início, mas a sorte também os serviu. O guarda-florestal, que sabe que arrisca a vida, é um homem corajoso e vai ajudá-los.

149

Uma longa cadeia resistente começa com esse guarda-florestal e vai levar nossos dois heróis até Praga e ao apartamento dos Moravec.

A família Moravec é composta pelo pai, a mãe, o filho mais moço, Ata, enquanto o mais velho partiu para a Inglaterra para pilotar um Spitfire. São homônimos do coronel Moravec, sem laço de parentesco, mas, como ele, combatem a ocupação alemã.

E não são os únicos. Gabčík e Kubiš vão encontrar muitas dessas pessoas simples dispostas a arriscar a vida para poder ajudá-los.

150

É um combate perdido de antemão. Não posso contar essa história tal como deveria ser contada. Há uma quantidade de personagens, de acontecimentos, de datas, a arborescência infinita das ligações de causa e efeito, essas pessoas verdadeiras que verdadeiramente existiram, com sua vida, seus atos e seus pensamentos, e das quais retenho uma ínfima porção... Esbarro a todo instante nesse muro da História no qual cresce e se estende, sem nunca parar, sempre mais alta e mais espessa, a hera desanimadora da causalidade.

Olho um mapa de Praga onde estão assinalados todos os apartamentos das famílias que ajudaram e abrigaram os paraquedistas, envolvimento que quase todas elas pagaram com a vida. Homens, mulheres e crianças, naturalmente. A família Svatoš, a dois passos da ponte Carlos; a família Ogoun, perto do castelo; as famílias Novák, Moravec, Zelenka, Fafek, situadas mais a leste. Cada membro de cada uma dessas famílias mereceria seu próprio livro, o relato de seu engajamento na Resistência até o campo de concentração de Mauthausen e seu trágico desfecho. Quantos heróis esquecidos dormem no grande cemitério da História... Milhares, milhões de Fafek e de Moravec, de Novák e de Zelenka...

Os que morreram estão mortos e não lhes faz diferença serem homenageados. É para nós, os vivos, que isso significa alguma coisa. A memória não tem utilidade nenhuma aos que ela honra, mas serve quem a busca. Com ela me construo, e com ela me consolo.

Leitor nenhum reterá essa lista de nomes, por que o faria? Para que alguma coisa penetre na memória, primeiro é preciso transformá-la em literatura. É feio, mas é assim. Já sei que apenas os Moravec, e talvez os Fafek, encontrarão lugar na economia narrativa da minha história. Os Svatoš, os Novák, os Zelenka, sem contar todos aqueles cujo nome ou a existência ignoro, retornarão a seu esquecimento. Mas, afinal, um nome é somente um nome. Penso em todos eles. Quero dizer isso a eles. E, se ninguém me ouvir, não é grave. Nem para eles, nem para mim. Um dia, quem sabe, alguém que tiver necessidade de reconforto escreverá a história dos Novák e dos Svatoš, dos Zelenka ou dos Fafek.

151

Em 8 de janeiro de 1942, Gabčík, mancando, e Kubiš pisam o solo sagrado de Praga pela primeira vez, e estou certo de que ficam maravilhados com a beleza barroca da cidade. Imediatamente, porém, colocam-se para eles os três grandes problemas do clandestino: alojamento, provisões, documentos. Claro que Londres os dotou de falsas carteiras de identidade, mas está longe de ser suficiente. No protetorado da Boêmia-Morávia, em 1942, é absolutamente vital possuir uma licença de trabalho e, principalmente, no caso de ser surpreendido a flunar nas ruas durante o dia, como acontecerá com frequência nos meses que seguem para os dois homens, um bom motivo para não trabalhar. É ao médico que trata o pé de Gabčík que a Resistência local se dirige: ele diagnostica uma úlcera no duodeno em Gabčík e uma inflamação da vesícula biliar em Kubiš, o que lhes permite justificar a incapacidade de trabalhar. Assim, os papéis dos dois estão em ordem. Eles têm dinheiro. Resta a questão do alojamento. Mas, como eles descobrirão com prazer, não faltam pessoas de boa vontade nessa época negra.

152

Convém não acreditar em tudo que contam, especialmente se são os nazistas que contam: em geral, ou eles tomam seus desejos por realidades e enganam-se redondamente, como o gordo Göring, ou mentem descaradamente para fins de propaganda, como Göbbels trismegisto, que Joseph Roth chamava “o alto-falante personificado”. Com frequência, as duas coisas ao mesmo tempo.

Heydrich não escapa a esse tropismo nazista. Quando ele afirma ter decapitado e inutilizado a Resistência tcheca, provavelmente é sincero e não está de todo enganado. No momento em que Gabčík pisa de mau jeito o solo de seu país natal e se fere, na noite de 28 de dezembro de 1941, o estado da Resistência no protetorado é preocupante, mas não completamente desesperado. Ainda lhe restam alguns trunfos na mão.

Antes de mais nada, Tr̂i králové, “os três reis”, grande organização de movimentos unificados da Resistência tcheca, ainda se mostra ativa, embora duramente atingida na cabeça. Os três reis são os chefes da organização, três ex-oficiais do Exército tchecoslovaco. Em janeiro de 1942, dois caíram: um foi fuzilado à chegada de Heydrich, o outro se faz torturar nos cárceres da Gestapo. Mas resta um, Václav Morávek (com um k no final, de modo que não se deve confundi-lo nem com o coronel Moravec, nem com a família Moravec, nem com Emanuel Moravec, o ministro da Educação). Ele usa luvas tanto no inverno como no verão, porque teve um dedo cortado ao escorregar ao longo de um cabo de para-raios para escapar a uma batida policial da Gestapo. É o último dos três reis: mostra uma atividade intensa, coordena o que resta de sua rede e expõe-se a riscos sempre maiores. Espera o que sua organização vem pedindo há meses: o envio por Londres de paraquedistas.

É por ele que chegam a Londres as inacreditáveis informações fornecidas por um dos maiores espiões da Segunda Guerra Mundial, um oficial alemão de altíssimo nível que trabalha para o serviço secreto do Exército, a

Abwehr: Paul Thümmel, codinome A54, também chamado René. Sozinho, ele pôde prevenir o coronel Moravec da agressão nazista contra a Tchecoslováquia, contra a Polônia, contra a França em maio de 1940, contra a Grã-Bretanha no momento do plano de invasão, em junho de 1940, contra a União Soviética em junho de 1941. Infelizmente, os países interessados nem sempre souberam ou puderam levar em conta tais informações. Mas a qualidade delas impressiona enormemente Londres e é pelo canal tcheco que ele as faz chegar, pois A54 está sediado em Praga e, prudente, não deseja senão um único interlocutor. Ele representa, assim, um formidável trunfo na manga de Beneš, que gasta o que for preciso para alimentar sua preciosa fonte.

Enfim, na outra ponta da corrente, as pequenas mãos da Resistência, gente como você e eu, com a diferença de que aceitam correr o risco de esconder pessoas, estocar material e levar mensagens, formam um não negligenciável exército de sombras tchecas com o qual ainda se pode contar.

Gabčík e Kubiš são os dois que vão cumprir a missão, mas na realidade não estão sozinhos.

153

Num apartamento de Praga, no bairro de Smíchov, dois homens esperam. Uma campainha os faz sobressaltar. Um deles levanta-se e vai abrir. Um homem com uma roupa pouco acinturada para a época entra. É Kubiš.

— Sou Ota, ele diz.

— E eu, Jindra, responde-lhe um dos homens.

Jindra é o nome de um dos mais ativos grupos de resistência, organizado no interior de uma associação de esporte e cultura física, os Sokols.

Servem chá ao recém-chegado. Os três homens observam um silêncio pesado, por fim rompido pelo que se apresentou em nome da organização.

— Gostaria de lhe dizer que a casa é guardada e que cada um de nós tem algo no bolso.

Kubiš sorri e tira uma pistola do casaco (na realidade, ele tem uma outra na manga).

— Também gosto de brinquedos — ele diz.

— De onde vem?

— Não posso lhe dizer.

— Por quê?

— Nossa missão é secreta.

— Mas já confiou a várias pessoas que vinha da Inglaterra...

— E então?

Um silêncio, suponho.

— Não se surpreenda com a nossa desconfiança, não faltam agentes provocadores neste país.

Kubiš nada responde, ele não conhece essas pessoas, talvez precise da ajuda delas, mas parece decidido a não lhes prestar contas.

— Conhece oficiais tchecos na Inglaterra?

Kubiš consente em dar alguns nomes. Responde mais ou menos de boa vontade a outras perguntas destinadas a confundi-lo. O outro homem então intervém. Mostra-lhe a foto de seu genro que partiu para Londres. Kubiš o reconhece, ou não reconhece, mas parece à vontade, e de fato está. O que se apresentou sob o nome de Jindra retoma a palavra.

— Você é da Boêmia?

— Não, da Morávia.

— Que coincidência, eu também!

Novo silêncio. Kubiš sabe que passa por um teste.

— E poderia me dizer de que cidade?

— Dos arredores de Tržebíč — responde Kubiš, de má vontade.

— Conheço o lugar. Sabe o que há de extraordinário na estação ferroviária de Vladislav?  
— Há um magnífico canteiro de rosas. Suponho que o chefe da estação adore flores.  
Os dois homens começam a se descontraírem. Kubiš termina por acrescentar:  
— Não se inquietem com meu silêncio sobre a nossa missão. Posso lhes dizer apenas seu codinome: Antropoide.

O que resta da Resistência tcheca toma seu desejo por realidade e, abrindo o jogo por uma vez, não se engana:

— Veio para matar Heydrich? — pergunta o que se faz chamar Jindra.

Kubiš tem um sobressalto.

— Como sabe?

Quebrado o gelo, os três homens voltam a se servir de chá. Tudo que ainda resta da Resistência em Praga vai se colocar a serviço dos dois paraquedistas vindos de Londres.

154

Durante quinze anos detestei Flaubert, porque me parecia responsável por uma certa literatura francesa desprovida de grandeza e de fantasia, que se comprazia na pintura de todas as mediocridades, entregando-se com delícia ao realismo mais tedioso, deleitando-se com um universo pequeno-burguês que ela pretendia denunciar. E então li Salammbô, que imediatamente entrou na lista dos meus dez livros preferidos.

Quando tive a ideia de remontar à Idade Média para expor em algumas cenas as origens do contencioso tcheco-alemão, quis buscar alguns exemplos de romances históricos cuja ação se passasse antes da era moderna e voltei a pensar em Flaubert.

Na sua correspondência, enquanto redige Salammbô, Flaubert se inquieta: “É a História, sei muito bem, mas se um romance for tão chato quanto um livro científico...”. Ele também tem a impressão de escrever “num estilo acadêmico deplorável” e “o que [o] atormenta é o lado psicológico da [sua] história”, ainda mais quando se trata de “dar às pessoas uma linguagem na qual elas não pensaram!”. Em matéria de documentação: “A propósito de uma palavra ou de uma ideia, faço pesquisas, entrego-me a divagações, entro em devaneios infinitos...”. Esse problema vai de par com o da veracidade: “Quanto à arqueologia, ela será ‘provável’. Eis tudo. Basta que não me possam provar que digo absurdos, é o que peço”. Nesse ponto estou em desvantagem: é mais fácil me pegarem em erro quanto à placa de um Mercedes dos anos 1940 do que quanto aos arreios de um elefante do século III a.C.

Seja como for, sinto um certo reconforto com a ideia de que Flaubert, ao escrever sua obra-prima, conheceu essas angústias e colocou-se essas questões antes de mim. E é ainda ele que me tranquiliza quando escreve: “Valemos mais por nossas aspirações do que por nossas obras”. O que significa que posso parar de me afligir com meu livro. Tudo deveria andar mais depressa agora.

155

É incrível, acabo de encontrar mais um romance sobre o atentado. Chama-se Like a man, de um certo David Chacko. O título é supostamente a tradução aproximada da palavra grega antropoide. O autor, muito bem documentado, me deu a impressão de ter utilizado tudo que se sabe até hoje sobre o atentado e sobre Heydrich, para fazer disso episódios de romance. Mesmo teorias muito pouco conhecidas (e às vezes duvidosas), como a hipótese da bomba envenenada, aparecem na trama narrativa. Seu conhecimento do dossiê me impressionou muito, considerando a quantidade de detalhes que reuniu e que acredito serem verídicos, pois, na medida do meu próprio saber, não o peguei em erro uma única vez. Aliás, ele me obrigou a matizar minha apreciação de Seven men at daybreak, o romance de Alan Burgess, que julguei bastante fantasioso. Eu

havia me mostrado muito cético, em particular, acerca das suásticas marcadas com ferro em brasa nas nádegas de Kubiš. Também havia reconhecido com condescendência um erro grosseiro sobre a cor do Mercedes de Heydrich, apresentada como verde. Ora, o romance de David Chacko confirma tanto as suásticas quanto a cor. Como, por outro lado, não o vi enganar-se uma única vez, mesmo sobre minúcias que eu pensava — num acesso de orgulho que, pensando bem, é levemente delirante — fossem talvez conhecidas só por mim, sou obrigado a dar muito crédito a tudo que ele pode contar. Assim, me interrogo: esse Mercedes é preto, eu o vi, estou certo disso, no Museu do Exército em Praga, onde o carro estava exposto, e em numerosas fotos que pude depois consultar. Evidentemente é possível, numa foto em preto e branco, confundir o preto com o verde-escuro. Além do mais, houve uma pequena polêmica a propósito do carro exposto: o museu o apresentava como o original, o que alguns contestaram, afirmando tratar-se na realidade de uma reprodução, de um Mercedes maquiado de forma idêntica (com o pneu furado e a porta traseira arrebatada). Mas, mesmo se fosse uma réplica, imagino que prestariam atenção à cor! Está certo, sei que estou dando uma importância exagerada ao que, afinal de contas, é só um elemento do cenário. E parece-me que esse é um sintoma clássico nos neuróticos. Devo ser psicorrigido. Mas sigamos adiante.

Quando Chacko escreve: “Podia-se chegar ao castelo por diferentes caminhos, mas Heydrich, o showman, passava sempre pela entrada principal onde se achava a guarda”, fico fascinado por tanta segurança. Pergunto-me: “Como ele sabe? Como pode estar tão seguro?”.

Um outro exemplo. É um diálogo entre Gabčík e o cozinheiro tcheco de Heydrich. O cozinheiro informa Gabčík sobre a proteção dada a Heydrich em seu domicílio privado: “Heydrich desdenha toda proteção, mas os ss levam seu trabalho a sério. É o chefe deles, você compreende. Tratam-no como um deus, ele é a imagem à qual todos querem se assemelhar. A besta loira. É assim que o chamam no serviço. Você só será capaz de compreender bem os alemães quando tiver compreendido que eles tomam isso como um louvor”.

A arte de Chacko reside aqui na sua capacidade de integrar uma informação histórica — Heydrich era de fato apelidado de a besta loira — numa réplica que já vale em si mesma pela fineza psicológica e sobretudo, de um ponto de vista literário, pela tirada final. Aliás, de uma maneira geral, Chacko é excelente nos diálogos; é essencialmente por meio deles que se dá a passagem da História ao romance. E devo dizer, embora a mim me repugne empregar esse procedimento, que ele é muito bem-sucedido, achei várias passagens muito interessantes. Quando Gabčík responde ao cozinheiro, que acaba de lhe fazer uma descrição aterrorizante de Heydrich: “Não se atormente, ele é um ser humano. Há um meio de provar isso”, divirto-me como diante de um western italiano.

Bem, as cenas em que ele descreve Gabčík fazendo-se chupar no meio da sala ou Kubiš batendo punheta no banheiro são certamente inventadas. Eu sei que Chacko não sabe se Gabčík se fez chupar, nem, se aconteceu, em quais circunstâncias, muito menos onde e quando Kubiš se masturbou: por definição, esse tipo de cena não comporta testemunhas — salvo raras exceções — e Kubiš não tinha razão nenhuma para relatar suas punhetas a quem quer que fosse e não deixou diário. Mas o autor assume perfeitamente a dimensão psicológica do seu romance, repleto de monólogos interiores, portanto despreocupado com uma exatidão histórica à qual nem mesmo pretende, pois o livro se abre com a fórmula “qualquer semelhança com fatos etc. não é mais que mera coincidência”. Chacko quis fazer antes de tudo um romance, muito bem documentado, é verdade, mas sem ser escravo da documentação. Apoia-se numa história verdadeira, explora ao máximo seus elementos romanescos, mas inventando com vivacidade quando isso pode servir à narração sem ter de prestar contas à História. Um trapaceiro hábil. Um prestidigitador. Um romancista, enfim.

É verdade que, examinando bem as fotos, fico em dúvida sobre a cor. Como faz vários anos que vi a exposição, talvez minha memória me traia. Aquele Mercedes, vejo-o realmente preto! Mas quem sabe é minha imaginação que me prega peças. Chegado o momento, terei de decidir. Ou verificar. De uma maneira ou de outra.

Perguntei a Natacha sobre o Mercedes. Ela também o viu preto.

157

Quanto mais cresce o poder de Heydrich, mais ele se comporta como Hitler. Agora, como o seu Führer, ele inflige a seus colaboradores longos discursos inflamados sobre o destino do mundo. Frank, Eichmann, Böhme, Müller, Schellenberg escutam ajuizadamente os comentários delirantes do chefe quando ele se inclina sobre um planisfério:

“Os escandinavos, os holandeses e os flamengos são de raça germânica... o Oriente Próximo e a África ficarão com os italianos... os russos serão repelidos para além dos Urais e seu país será colonizado por camponeses-soldados... os Urais serão nossa fronteira a leste. Nossos recrutas prestarão ali seu serviço militar e serão formados na guerrilha como guardas fronteiriços. Quem não combater sem descanso poderá ir embora, não lhe farei nada...”

Vertigem do poder pela violência, certamente: Heydrich, como seu mestre, já se considera o senhor do mundo. Mas há ainda uma guerra a ganhar, russos a vencer e uma lista de príncipes herdeiros a descartar. Mesmo sendo otimista, e se é verdade que a estrela de Heydrich não cessa de subir na noite negra do Reich, tudo isso é ainda muito prematuro.

Sabe-se que desde o início a luta foi sempre feroz entre os delfins de Hitler. Onde se coloca Heydrich nesse pântano? Muitos, fascinados pela aura maléfica do personagem, e argumentando com sua meteórica ascensão, estão convencidos de que ele acabaria por suceder ao Führer ou tomar seu lugar.

Em 1942, porém, o caminho ainda é longo até o topo supremo. Heydrich é mais do que nunca cortejado pela primeira fila dos pretendentes, Göring, Bormann, Göbbels, todos tentam arrancá-lo de Himmler, que ciosamente se apegava a seu braço direito. Mas, mesmo tendo passado a um outro patamar com a nomeação em Praga e o encargo da Solução Final de que foi incumbido, Heydrich ainda não chegou ao nível deles. Göring, embora distanciado na corrida, continua sendo oficialmente o número dois do regime e sucessor designado de Hitler. Bormann substituiu Rudolf Hess na chefia do partido e junto ao Führer. A propaganda de Göbbels é mais do que nunca o sustentáculo do regime. Himmler dirige os Waffen ss, cujas divisões combatentes se cobrem de glória em todas as frentes, e controla todo o sistema concentracionário, dois domínios que escapam às prerrogativas de Heydrich.

Embora seu posto de protetor lhe permita agora dispensar a via hierárquica e ter um acesso direto a Hitler, Heydrich ainda não está decidido a suplantá-lo: sabe que seu chefe, por mais insignificante que possa parecer, não deve ser subestimado; além disso, a posição de número dois na ss lhe possibilita abrigar-se atrás dele em caso de necessidade, até o dia em que for tão poderoso que não temerá mais ninguém.

Assim, por enquanto, os rivais diretos de Heydrich são de menor envergadura: são Alfred Rosenberg, ministro dos territórios do Leste e teórico da colonização nesses territórios; Oswald Pohl, supervisor-geral dos campos de concentração, responsável como ele por um “departamento central” (Hauptamt, o ha do rsha) no seio da ss; Hans Frank, governador-geral da Polônia, seu homólogo em Varsóvia; ou ainda Canaris, chefe da Abwehr, seu homólogo na Wehrmacht... É verdade que, acumulando funções e atribuições, seu poder ultrapassa amplamente o deles, considerado um por um. Mas cada qual em seu domínio restringe a extensão desse poder. Sob esse ângulo, deve-se acrescentar Dalüge, chefe da polícia-geral, outro “departamento central” que depende diretamente de Himmler no organograma ss. Evidentemente sua ação se limita às tarefas de gendarmaria, manutenção da ordem, direito comum, mas mesmo assim a Orpo, a Schupo, a Kripo, sem ter o poder nem o prestígio negro da Gestapo, são polícias que escapam ao controle de Heydrich.

O caminho, portanto, ainda é longo. Mas Heydrich já mostrou suficientemente que não é homem de se desencorajar facilmente.



Encontrei esta anedota em muitos livros: assistindo a uma sessão de execução em Minsk, Himmler desmaiou ao ser salpicado pelo sangue de duas moças abatidas sob seus olhos. Foi depois dessa cena penosa que ele teria tomado consciência da necessidade de achar um outro meio, menos duro de suportar para os nervos dos executores, de prosseguir o trabalho de eliminação dos judeus e outros Untermenschen.

Mas, a julgar por minhas notas, o fim das execuções coincide com uma tomada de consciência semelhante da parte de Heydrich, também em visita de inspeção, num dia em que estava acompanhado de “Gestapo” Müller, seu subordinado.

Os Einsatzgruppen procediam sempre mais ou menos da mesma forma: faziam cavar uma gigantesca trincheira, levavam para lá centenas ou até milhares de judeus ou de supostos oponentes recolhidos nas cidades ou aldeias dos arredores, os quais eram alinhados à beira dessa trincheira e abatidos à metralhadora. Eventualmente os punham de joelhos para disparar-lhes uma bala na nuca. Mas, na maioria das vezes, nem se davam ao trabalho de verificar se todos estavam mortos e alguns eram enterrados vivos. Houve quem sobrevivesse por baixo de um cadáver, semimorto ele próprio, esperando a noite para subir à superfície escavando a terra sob a qual fora sepultado (mas são casos milagrosos). Várias testemunhas descreveram o espetáculo desses corpos amontoados uns sobre os outros, massa em movimento confuso da qual escapavam os gritos e os gemidos dos agonizantes. As trincheiras eram em seguida cobertas de terra. Ao todo, com esse método primário, os Einsatzgruppen liquidaram um milhão e meio de pessoas, judeus ou outros, mas judeus em grande maioria.

Heydrich assistiu, ora em companhia de Himmler, ora de Eichmann ou de Müller, a várias dessas execuções. Numa delas, uma mulher jovem lhe estendeu seu bebê para que ele o salvasse. A mãe e a criança foram abatidas bem à sua frente. Heydrich, mais hermético que Himmler a qualquer forma de sensibilidade, não desmaiou. Mas, apesar de tudo impressionado pela crueldade da cena, interrogou-se sobre a pertinência desse modo de execução. E, como Himmler, preocupou-se com o efeito desastroso sobre o moral e os nervos dos seus valorosos ss. É provável então que tenha pegado uma garrafa e engolido uma boa dose de slivovice — uma cachaça tcheca à base de ameixa, muito forte e, segundo a opinião de muitos tchecos, não muito boa. Grande bebedor, Heydrich deve ter tomado gosto por ela desde sua instalação em Praga.

Mas ele certamente levou algum tempo antes de chegar à conclusão de que seus Einsatzgruppen não eram necessariamente a solução ideal para resolver a questão judaica. Quando, em julho de 1941, efetuou sua primeira inspeção com Himmler, já em Minsk, para onde os dois homens foram no trem especial do Reichsführer, Heydrich, assim como seu chefe, nada comentou sobre a matança a que haviam assistido. Ambos precisarão de vários meses até compreender que esse procedimento fazia o nazismo e a Alemanha entrarem numa esfera de barbárie que ameaçava atrair para o Terceiro Reich a condenação das gerações futuras. Era preciso fazer algo para remediar a situação. Mas o processo de matança estava tão estabelecido que o único remédio que eles encontraram foi Auschwitz.

Surpreendentemente, durante esse período horrível e sombrio, o número de casamentos tchecos não cessa de aumentar. Na realidade, há uma razão para isso. O Serviço do Trabalho Obrigatório, no começo de 1942, ainda se aplica apenas aos solteiros. Assim, há um aumento significativo de cidadãos tchecos que se casam às pressas. Mas isso, evidentemente, não escapa ao olhar inquisidor dos serviços de Heydrich. Portanto, é decidido que o STO tcheco se estende a todos os cidadãos tchecos do sexo masculino, sem restrição. E dezenas de milhares de trabalhadores tchecos, casados ou solteiros, são enviados à força aos quatro cantos do Reich para servir de mão de obra onde houver necessidade, ou seja, em toda parte, pois a Wehrmacht requisita trabalhadores aosmilhões. Eles cruzam ali com poloneses, belgas, dinamarqueses, holandeses, noruegueses,

franceses etc.

Essa política, aliás, não deixa de ter efeitos secundários. Num dos inúmeros relatórios que aterrizam invariavelmente na mesa de Heydrich, pode-se ler:

“Em diversos lugares do Reich, onde milhões de trabalhadores estrangeiros são empregados, ouvimos falar de casos de relações sexuais com mulheres alemãs. O perigo de enfraquecimento biológico está em aumento constante. O número de queixas relativas a mulheres de sangue alemão que se envolvem em relações sentimentais com trabalhadores tchecos continua a se multiplicar.”

Suponho que Heydrich, à leitura desse relatório, faz cara feia. A ele, beijar estrangeiras nunca o incomodou. Mas que mulheres arianas queiram se acasalar com metecos é algo que o repugna, com certeza, e é uma razão suplementar para desprezar as mulheres em geral. No entanto, é certo que Lina jamais faria uma coisa dessas, mesmo para se vingar das suas infidelidades: Lina é uma verdadeira alemã, de sangue puro, de sangue nobre, que preferiria matar-se a ter de deitar-se com um judeu, um negro, um eslavo, um árabe ou qualquer outro de raça inferior. Não é como essas porcas sem consciência, que não merecem ser alemãs. Ele jogaria todas elas no bordel ou nesses centros de criação de arianos, esses haras onde jovens loiras esperam se acasalar com garanhões ss. Seria surpreendente vê-las então se queixar.

Pergunto-me de que maneira os nazistas acomodavam sua doutrina com a beleza das eslavas: na Europa oriental se encontram não só as mais belas mulheres do continente, mas em geral elas também são loiras de olhos azuis. Aliás, quando Göbbels teve um caso com Lida Baarová, uma esplêndida atriz tcheca, ele não parece ter se colocado muitas questões sobre a pureza da raça. Mas certamente pensou que sua beleza fatal a tornava apta à germanização. Quando se pensa no físico degenerado da maior parte dos dignitários nazistas — e Göbbels com seu pé aleijado é um dos mais belos espécimes —, só se pode rir desse medo de “enfraquecimento da raça” que os atormentava tanto. Mas em relação a Heydrich é diferente, claro. Ele não é um baixote moreno, e seu físico eleva bem alto o estandarte da germanidade. Ele acreditava nisso? Penso que sim. Sempre acreditamos facilmente no que nos convém e nos lisonjeia. Volto a pensar nesta frase de Paul Newman: “Se eu não tivesse olhos azuis, nunca teria feito tal carreira”. Pergunto-me se Heydrich pensava a mesma coisa.

160

Mais uma vez deparo, por acaso, com uma ficção relativa a Heydrich. Agora se trata de um telefilme inglês, *Fatherland*, baseado no romance homônimo de Robert Harris. O personagem principal é vivido por Rutger Hauer, o ator holandês consagrado por seu papel imortal de replicante no *Blade Runner* de Ridley Scott. Aqui ele faz o papel de um comandante ss que serve na Polícia Criminal (a Kripo).

A história se passa nos anos 1960. O Führer ainda reina na Alemanha. Berlim foi reconstruída segundo os planos de Albert Speer e assemelha-se a uma cidade que mistura os estilos barroco, art nouveau, mussoliniano e futurista. A guerra continua com a Rússia, mas todo o resto da Europa está sob o domínio do Terceiro Reich. No entanto, a época é de degelo das relações com os Estados Unidos. Kennedy deve se encontrar com Hitler nos próximos dias para assinar um acordo histórico. Nessa ficção, é o pai, Joseph Patrick, e não o filho, John Fitzgerald, que foi eleito presidente. Ora, o pai de JFK nunca ocultou suas simpatias nazistas. O relato se baseia assim no princípio do “e se?”. Uma história alternativa é construída a partir de uma hipótese, a da perenidade do regime hitleriano. Chama-se isso uma ucronia.

No caso, esta toma a forma de uma intriga policial: altos dignitários nazistas são misteriosamente assassinados. Com a ajuda de uma jornalista americana que veio cobrir a visita de Kennedy, o inspetor ss representado por Rutger Hauer descobre a ligação entre todos esses assassinatos: Bühler, Stuckart, Luther, Neumann, Lange... todos participaram de uma misteriosa reunião vinte anos antes, em janeiro de 1942, organizada em Wannsee por Heydrich. Este, nos anos 1960, tornou-se ministro, Reichsmarschall no lugar de Göring, e é agora o número dois do regime. Hitler, para não comprometer o acordo que deve assinar com

Kennedy, resolve fazer desaparecer definitivamente todos os que participaram da reunião, a fim de que a decisão tomada nesse dia nunca seja revelada. Foi então, em 20 de janeiro de 1942, que se homologou oficialmente a Solução Final, por todos os ministérios concernidos de perto ou de longe. Foi então, sob a égide de Heydrich, assistido por seu fiel adjunto Eichmann, que se planejou o extermínio a gás de onze milhões de judeus.

Um dos participantes, Franz Luther, na época representante de Ribbentrop para as Relações Exteriores, não quer morrer. Ele possui provas irrefutáveis do genocídio dos judeus e quer barganhá-las com os americanos em troca de asilo político. O mundo inteiro, de fato, vive na ignorância do genocídio: oficialmente, os judeus europeus foram deportados e reinstalados na Ucrânia, onde a proximidade do front russo impede qualquer observador internacional de ir até lá verificar. Luther, pouco antes de ser assassinado, por sua vez, entra em contato com a jornalista americana, que consegue na última hora, quando Hitler está a ponto de receber Kennedy com grande pompa, entregar os preciosos documentos ao presidente americano. Com isso o encontro entre Kennedy e Hitler é anulado, os Estados Unidos voltam a combater a Alemanha e o Terceiro Reich acaba por sucumbir, com vinte anos de atraso.

Essa ficção faz da Conferência de Wannsee, de certo modo, o instante crucial da Solução Final. É verdade que não foi em Wannsee que a decisão foi tomada. É verdade que os Einsatzgruppen de Heydrich matam já por centenas de milhares no front do Leste. Mas é Wannsee que oficializa o genocídio. Não se trata mais de confiar a tarefa mais ou menos discretamente (se é que se podem matar milhões de pessoas discretamente) a algumas unidades de assassinos, mas de colocar todas as infraestruturas políticas e econômicas do regime a serviço do genocídio.

A reunião mesma durou apenas duas horas. Duas horas para acertar essencialmente questões jurídicas: o que fazer dos judeus pela metade, dos judeus por uma quarta parte? Dos judeus condecorados na Primeira Guerra? Dos judeus casados com alemãs? Será preciso indenizar as viúvas arianas desses judeus, dando-lhes uma pensão? Como em todas as reuniões, as únicas decisões verdadeiramente tomadas são as que foram decididas previamente. Na realidade, para Heydrich, tratava-se apenas de informar todos os ministérios do Reich que eles deviam trabalhar tendo em vista um objetivo: a eliminação física de todos os judeus da Europa.

Tenho sob os olhos o quadro distribuído por Heydrich aos participantes da conferência, detalhando o número de judeus a “evacuar”, país por país. O quadro divide-se em duas partes. A primeira agrupa os países do Reich, entre os quais se indica que a Estônia já é judenfrei, enquanto o governo-geral (isto é, a Polônia) possui ainda mais de dois milhões de judeus. A segunda, que dá uma ideia do otimismo nazista ainda prevalente no início de 1942, reúne os países satélites (Eslováquia, oitenta e oito mil judeus, Croácia, quarenta mil judeus...) ou aliados (Itália, incluída a Sardenha, cinquenta e oito mil judeus...), mas também países neutros (Suíça, dezoito mil; Suécia, oito mil; Turquia, parte europeia, cinquenta e cinco mil e quinhentos; Espanha, seis mil...) ou inimigos (os únicos dois da Europa que ainda restam nessa data: a União Soviética, embora já amplamente invadida, cinco milhões de judeus — sendo que a Ucrânia, inteiramente ocupada, contém cerca de três milhões deles — e a Inglaterra, trezentos e trinta mil judeus, mas muito longe de ser invadida). Pela persuasão ou pela força, era previsto, portanto, obrigar todos os países europeus a deportar seus judeus. Total inscrito embaixo na página: mais de onze milhões. A missão será cumprida pela metade.

Eichmann contou o que se passou depois da conferência. Tendo partido os representantes dos ministérios, restaram apenas Heydrich e seus dois mais próximos colaboradores, o próprio Eichmann e “Gestapo” Müller. Eles passaram a um pequeno salão com elegantes revestimentos de madeira. Heydrich serviu-se um conhaque que degustou escutando música clássica (Schubert, acredito), e os três homens fumaram juntos um charuto. Eichmann relatou que Heydrich estava de excelente humor.

dos judeus não foi realmente premeditado, mas sim ditado pelas circunstâncias, contrariamente aos “intencionalistas”, para os quais o projeto era claro e nítido desde o início, isto é, desde a redação de Mein Kampf, em 1924.

Por ocasião de sua morte, Le Monde publica trechos de uma entrevista que ele deu em 1994, na qual são retomadas as linhas principais de sua teoria:

“Acho que os alemães ignoravam, no início, o que fariam. É como se eles conduzissem um trem cuja direção geral ia no sentido de uma violência crescente contra os judeus, mas cujo destino exato não estava definido. Não esqueçamos que o nazismo, bem mais do que um partido, era um movimento que devia sempre ir em frente, sem jamais se deter. Confrontada a uma tarefa que nunca tivera precedente, a burocracia alemã não sabia o que fazer: é aí que entra o papel de Hitler. Era preciso que alguém, no topo, desse um sinal verde a burocratas conservadores por natureza.”

Um dos argumentos principais dos intencionalistas é esta frase de Hitler, pronunciada num discurso público, em janeiro de 1939: “Se a finança judaica internacional na Europa e fora da Europa conseguir novamente precipitar os povos numa guerra mundial, o resultado não será a bolchevização da terra e a vitória do judaísmo, mas o extermínio da raça judaica na Europa”. Inversamente, o índice mais revelador que tenderia a dar razão aos funcionalistas é que por muito tempo os nazistas buscaram realmente territórios para onde deportar os judeus: Madagascar, o oceano Ártico, a Sibéria, a Palestina — Eichmann inclusive encontrou-se várias vezes com militantes sionistas. As vicissitudes da guerra é que lhes teriam feito abandonar tais projetos. O transporte dos judeus a Madagascar, notadamente, não era viável enquanto o controle dos mares não estivesse assegurado, isto é, enquanto a guerra com a Grã-Bretanha se prolongasse. Foi o curso da guerra no Leste que teria precipitado a busca de soluções radicais. Mesmo se não o confessavam, os nazistas sabiam que suas conquistas no Leste eram precárias, e a formidável resistência soviética podia fazer temer, não o pior, pois em 1942 ninguém imaginava o Exército Vermelho penetrando na Alemanha para chegar a Berlim, mas pelo menos a perda dos territórios ocupados. Era preciso, portanto, agir depressa. E foi assim que, imperceptivelmente, a questão judaica adquiriu uma dimensão industrial.

162

Um trem de mercadorias imobiliza-se num rangido interminável. Na plataforma há uma longa rampa. No céu ouve-se o grasnar dos corvos. No final da rampa, um grande portão, com uma inscrição em alemão no alto. Atrás dele, uma construção em pedra castanha. O portão é aberto. Entra-se em Auschwitz.

163

Heydrich recebe uma carta de Himmler, indignado, falando de uns quinhentos jovens alemães detidos pela polícia de Hamburgo porque dançavam o swing, essa dança estrangeira degenerada que se pratica escutando música de negro.

“Sou contra qualquer meia medida nesse ponto. Todos os instigadores devem ser mandados ao campo de concentração. Essa juventude receberá primeiro uma boa surra. A temporada no campo será bastante longa, dois ou três anos. Deve ficar claro que eles não terão mais o direito de estudar. É somente por uma ação brutal que poderemos evitar uma perigosa propagação dessas tendências anglófilas.”

Heydrich fará efetivamente deportar uns cinquenta desses jovens. Não é porque o Führer lhe confiou a tarefa histórica de fazer desaparecer até o último judeu da Europa que ele deve negligenciar os pequenos processos.

164

Diário de Göbbels, 21 de janeiro de 1942:

"Heydrich nomeou finalmente o novo governo do protetorado. Hácha entregou a declaração de solidariedade com o Reich que Heydrich pediu. A política que Heydrich conduziu no protetorado pode realmente ser considerada um modelo. Ele apaziguou a crise que havia se instalado e, em consequência, o protetorado acha-se agora num estado bem melhor, ao contrário dos outros territórios ocupados ou satélites."

165

Como todos os dias, Hitler entrega-se a intermináveis solilóquios e confia suas fulminantes análises políticas a um auditório servil e silencioso. Em meio à sua logorreia, ele aborda a situação do protetorado:

"Neurath deixou-se enrolar completamente pelos tchecos! Mais seis meses desse regime e a produção teria uma queda de vinte e cinco por cento! De todos os eslavos, o tcheco é o mais perigoso por ser um operário. Ele tem o senso da disciplina, é metódico, sabe como dissimular suas intenções. Agora eles vão trabalhar, pois sabem que somos violentos e sem piedade."

É sua maneira de dizer que está muito satisfeito com o trabalho de Heydrich.

166

Pouco tempo depois, Hitler recebe Heydrich em Berlim. Heydrich se vê, portanto, em presença de Hitler, ou é o contrário. Hitler perora: "Repararemos a desordem tcheca se seguirmos uma política coerente com eles. Uma grande parte dos tchecos é de origem germânica e não é impossível regermanizá-los". Esse discurso é ainda uma maneira de estimular o trabalho do colaborador que mais lhe inspira respeito — junto com Speer, é claro, mas em gêneros bem diferentes.

Com Speer ele pode falar de outra coisa que não de política, de guerra, de judeus. Pode falar de música, de pintura, de literatura, e sonhar com a Alemanha, a futura Berlim cujos planos eles desenharam juntos e que seu genial arquiteto é encarregado de fazer sair do chão. Speer, para Hitler, é uma lufada de ar. É seu divertimento, sua janela aberta ao mundo exterior no labirinto nacional-socialista que ele criou e no qual vive encerrado. É verdade que Speer não tem folga e está inteiramente devotado à causa. Aplica toda a sua inteligência e o seu talento para reorganizar a produção desde que foi nomeado, além do título de arquiteto oficial, ministro do Armamento. Sua lealdade e sua eficácia estão acima de qualquer suspeita. Mas não é por isso que Hitler o prefere. Em matéria de lealdade, é Himmler, seu fiel Heinrich, como ele o chama, que lhe parece imbatível. E em matéria de eficácia também, certamente... Mas Speer tem muito mais classe, muito mais elegância nos seus ternos bem cortados, muito mais desembaraço em todas as situações. No entanto, ele é um daqueles intelectuais que Hitler, o artista malgrado, o ex-mendigo de Munique, deveria abominar. Mas Speer lhe dá, de forma manifesta, o que ninguém mais lhe deu: a amizade e a admiração de um homem brilhante cujo desembaraço social lhe vale ser reconhecido como tal em todos os meios.

Claro que as razões pelas quais Hitler apreciava Heydrich são muito diferentes e mesmo opostas. Enquanto Speer encarna a elite do mundo "normal" ao qual Hitler nunca pôde pertencer, Heydrich é o protótipo do nazista perfeito: alto, loiro, cruel, totalmente obediente e de uma eficiência mortal. A ironia do destino quis que ele tivesse sangue judeu, segundo Himmler. Mas a violência manifesta com que ele combate e vence essa sua parte corrupta prova, aos olhos de Hitler, a superioridade da essência ariana sobre a judaica. E, se Hitler o crê realmente de origem judaica, é mais saboroso para ele fazê-lo o anjo exterminador do povo de Israel, confiando-lhe a responsabilidade da Solução Final.

167

Conheço bem estas imagens: Himmler e Heydrich, em trajes civis, conversando com o Führer no terraço do seu ninho de águia, o Berghof, gigantesco bunker de luxo no alto dos Alpes bávaros. Mas eu ignorava que elas haviam sido filmadas pela amante de Hitler, Eva Braun. Fiquei sabendo por ocasião de um programa sobre ela, na TV a cabo. Para mim é uma festa. Gosto de penetrar o máximo possível na intimidade dos meus personagens. Assim, revejo com prazer as imagens de Heydrich recebido por Hitler, esse loiro de nariz aquilino, uma cabeça mais alto que todos os seus interlocutores, sorridente e descontraído, num terno bege de mangas muito curtas. Mas falta o som e isso, evidentemente, é frustrante. Ora, os realizadores do documentário sobre Eva Braun resolveram o problema: pediram a especialistas que fizessem a leitura dos lábios. E eis o que Himmler confia a Heydrich, diante da balaustrada de pedra que domina o vale ensolarado: “Nada deve nos desviar da nossa tarefa”. Certo. Vejo que eles tinham concatenação nas ideias. Fico um pouco decepcionado e contente ao mesmo tempo. É melhor que nada. E, afinal, o que eu esperava? Ele não ia lhe dizer: “Sabe, Heydrich, acho que esse pequeno Lee Harvey Oswald dará um ótimo recruta”.

168

Apesar do peso crescente de suas enormes responsabilidades na organização da Solução Final, Heydrich não descuida dos assuntos internos do protetorado. No mês de janeiro de 1942, encontra o tempo de decidir um remanejamento ministerial no governo tcheco, suspenso de fato desde sua retumbante chegada a Praga, em setembro. Na véspera mesma da Conferência de Wannsee, ou seja, dia 19, ele nomeia um novo primeiro-ministro, mas isso não significa nada, já que o cargo não conserva realidade funcional nenhuma. Os dois postos-chave desse governo fantoche são o ministério da Economia, confiado a um alemão, cujo nome não importa conhecer nessa história, e o ministério da Educação, atribuído a Emanuel Moravec. Ao nomear um alemão como ministro da Economia, Heydrich impõe o alemão como língua de trabalho na equipe governamental. Ao nomear Moravec para a Educação, ele conta com os serviços de um homem no qual soube reconhecer uma enorme predisposição a colaborar. Os dois ministérios estão ligados por um mesmo objetivo: manter e desenvolver uma produção industrial que atenda às necessidades do Reich. Para tanto, o papel do ministro da Economia consiste em submeter todas as empresas tchecas ao esforço de guerra alemão. Quanto a Moravec, seu papel será desenvolver um sistema educativo que tenha por vocação única a formação de operários. Em vista disso, as crianças tchecas receberão apenas como ensino o estritamente necessário à sua futura profissão, um saber essencialmente manual, completado por um mínimo de conhecimentos técnicos.

Em 4 de fevereiro de 1942, Heydrich faz este discurso, que me interessa porque diz respeito à honorável corporação a que pertencço:

“É essencial punir os professores tchecos, pois o corpo docente é um viveiro para a oposição. É preciso destruí-lo e fechar os colégios tchecos. Naturalmente, a juventude tcheca deverá então ser levada a um lugar onde poderá ser educada fora da escola e arrancada dessa atmosfera subversiva. Não vejo melhor lugar para isso que um campo de esporte. Com a educação física e o esporte, asseguraremos ao mesmo tempo um desenvolvimento, uma reeducação e uma educação.”

Eis aí todo um programa, é o caso de dizer!

Evidentemente, a possibilidade de reabrir as universidades tchecas, interditadas por três anos desde novembro de 1939 por causa da agitação política, não é sequer considerada. Ele incumbe Moravec de encontrar um motivo para prolongar o fechamento, transcorrido o prazo de três anos.

Esse discurso me inspira três observações:

1. Na Tchéquia, como noutros lugares, a honra da educação nacional nunca foi tão mal defendida quanto por seu ministro. Antinazista virulento na origem, Emanuel Moravec tornou-se, depois de Munique, o colaborador mais ativo do governo tcheco nomeado por Heydrich e o interlocutor privilegiado dos alemães, bem mais do que Emil Hácha, o velho presidente caquético. Os livros de história local habituaram-se a designá-lo

como o “Quisling tcheco”, referindo-se ao famoso colaborador norueguês, Vidkun Quisling, cujo sobrenome, por antonomásia, significa agora “colaborador” na maioria das línguas europeias.

2. A honra da educação nacional é de fato defendida pelos professores que, não importa o que pensem deles, têm vocação de ser elementos subversivos e merecem ser homenageados por isso.

3. O esporte é, apesar de tudo, uma bela empulhação fascista.

169

Tocamos mais uma vez nas servidões do gênero. Nenhum romance normal se embaraçaria, exceto ao visar um efeito muito especial, com três personagens que têm o mesmo nome. Ora, no meu caso devo lidar com o coronel Moravec, valoroso chefe dos serviços secretos tchecos em Londres; com a família Moravec, de comportamento heroico na resistência interior; com Emanuel Moravec, o infame ministro colaborador. Sem contar o capitão Václav Morávek, chefe da rede de resistência “Tṛi králové”. Essa homonímia lamentável deve ser uma penosa fonte de confusão para o leitor. Uma ficção logo teria posto ordem nisso, transformando o coronel Moravec em coronel Novak, por exemplo, a família Moravec em família vigar, por que não? E o traidor seria rebatizado com um nome de fantasia como Nutella, Kodak, Prada, sei lá. Naturalmente, não quero entrar nesse jogo. Minha única concessão ao conforto do leitor consistirá em não declinar os nomes próprios: se a forma feminina de Moravec deveria ser, em toda a lógica, Moravcová, conservarei a forma de base para designar a tia Moravec, a fim de não redobrar uma complicação (as homonímias de personagens reais) por outra (a declinação no feminino ou no plural dos nomes próprios em língua eslava). Não escrevo um romance russo. Aliás, nas traduções francesas de Guerra e paz, Natacha Rostova volta a ser, ou permanece, Natacha Rostov.

170

Diário de Göbbels, 6 de fevereiro de 1942:

“Gregory me apresentou um relatório sobre o protetorado. O ambiente é muito bom. Heydrich trabalhou brilhantemente. Demonstrou inteligência política e circunspecção, de modo que não se pode mais falar de crise. Por outro lado, Heydrich gostaria de substituir Gregory por um ss-Führer. Não estou de acordo. Gregory possui um excelente conhecimento do protetorado e da população tcheca, e a política de pessoal conduzida por Heydrich nem sempre é muito inteligente e, sobretudo, nem sempre acertada. É a razão pela qual insisto em Gregory.”

Quem é esse Gregory, meu Deus? Não faço a menor ideia. E não se enganem com meu tom falsamente desenvolto: eu pesquisei!

171

Diário de Göbbels, 15 de fevereiro de 1942:

“Tive uma longa conversa com Heydrich sobre a situação no protetorado. A atmosfera lá melhorou muito. As medidas tomadas por Heydrich produzem bons resultados. A intelectualidade, porém, ainda se mostra hostil conosco. Seja como for, o perigo que os elementos tchecos representam para a Alemanha foi completamente neutralizado. Heydrich manobra com sucesso. Brinca de gato e rato com os tchecos e eles engolem tudo o que ele diz. Lançou uma série de medidas particularmente populares, sendo a primeira delas a repressão ativa ao mercado negro. Diga-se de passagem, é espantoso ver a quantidade de reservas alimentares estocadas pela população que sua luta contra o mercado negro fez aparecer. Ele está tendo sucesso com uma política de germanização forçada de grande parte dos tchecos. Avança com prudência nesse campo, mas com o tempo

obterá, sem dúvida nenhuma, resultados admiráveis. Os eslavos, ele diz, não podem ser educados como se educam os alemães. Deve-se ou quebrá-los, ou fazer com que se curvem permanentemente. Ele está tendo sucesso, num piscar de olhos, nesta segunda via, e isso com sucesso (sic). Nossa tarefa no protetorado é perfeitamente clara. Neurath se extraviou por completo, o que explica por que a crise surgiu em Praga.

“Por outro lado, Heydrich está montando um Serviço de Segurança para todos os setores ocupados. A Wehrmacht colocou-lhe um monte de problemas, mas as dificuldades tendem a se aplainar. Quanto mais a situação evolui, mais a Wehrmacht se mostra incapaz de resolver essas questões.

“Além disso, Heydrich sabe o que se passa com alguns corpos da Wehrmacht: eles não estão dispostos a uma política nem a uma guerra nacional-socialistas, e, quanto a dirigir o povo, não compreendem absolutamente nada.”

172

Em 16 de fevereiro, o tenente Bartoš, chefe da Operação Silver A, transmite, por intermédio do radiotelégrafo Libuše com o qual seu grupo foi lançado de paraquedas na mesma noite que Gabčík e Kubiš, as seguintes recomendações a Londres, que nos permitem ter uma ideia bastante precisa das dificuldades encontradas pelos paraquedistas em sua vida clandestina:

“Munam de bastante dinheiro e vistam convenientemente os grupos que vão enviar. Uma pistola de pequeno calibre, uma pasta, difícil de encontrar aqui, convêm perfeitamente. O veneno deve ser levado num tubo apropriado, menor. Conforme as possibilidades, lancem os grupos de paraquedistas em regiões que não aquelas onde devem ir, isso torna mais difíceis as buscas dos organismos de segurança alemã. A maior dificuldade aqui é achar trabalho. Ninguém aceita contratar quem não possui uma licença de trabalho, e seu titular é colocado pelo Departamento do Trabalho. O perigo do trabalho obrigatório aumenta muito na primavera e não é possível admitir um maior número de clandestinos sem aumentar o risco de descoberta do sistema inteiro. Por isso acho mais vantajoso utilizar ao máximo os que estão aqui e limitar ao mínimo indispensável a chegada de novos homens. Assinado Ice.”

173

Diário de Göbbels, 26 de fevereiro de 1942:

“Heydrich me envia um relatório muito detalhado sobre a situação no protetorado. Ela realmente não mudou. Mas o que sobressai de forma muito clara é que a tática de Heydrich é a correta. Ele se comporta com os ministros tchecos como se eles fossem seus súditos. Hácha coloca-se completamente a serviço da nova política de Heydrich. No que se refere ao protetorado, neste momento, não precisamos nos afligir.”

174

Heydrich não esquece a cultura. Em março, organiza o maior evento cultural de seu reinado: uma exposição, intitulada Das Sowjet Paradies [O paraíso soviético], que faz inaugurar com grande pompa pelo imundo Frank, em presença do velho presidente Hácha e de seu infame ministro colaborador, Emanuel Moravec.

Não sei exatamente a que se assemelha a exposição, mas a ideia é mostrar que a União Soviética é um país bárbaro e subdesenvolvido, com condições de vida absolutamente deploráveis, sublinhando ao mesmo tempo, claro, o caráter intrinsecamente perverso do bolchevismo. É também uma ocasião de exaltar as vitórias alemãs na front do Leste, exibindo como troféus tanques e material militar tomados dos russos.

A exposição dura quatro semanas, atrai meio milhão de visitantes, entre os quais Gabčík e Kubiš. É



No início me parecia uma história simples de contar. Dois homens devem matar um terceiro. Conseguem, ou não, e acabou. Era aproximadamente isso. Todos os outros, eu pensava, eram fantasmas que figurariam elegantemente na tapeçaria da História. A gente deve se ocupar dos fantasmas e isso requer muito cuidado, eu sabia. O que eu ignorava, porém, e o que deveria ter suspeitado, é que um fantasma só almeja uma coisa: reviver. Tudo bem, concordo, mas, dominado pelos imperativos da minha história, não posso dar todo o espaço que eu gostaria a esse exército de sombras que não para de aumentar e que, para vingar-se talvez da pouca atenção que lhe dou, me persegue.

Mas isso não é tudo.

Pardubice é uma cidade situada na Boêmia oriental, atravessada pelo Elba. Com uma população de cerca de noventa mil habitantes, possui uma graciosa praça central e belos prédios estilo Renascimento. É ali que nasceu Dominik Hašek, o mítico goleiro, um dos maiores jogadores de hóquei no gelo de todos os tempos.

Há um hotel-restaurant bastante chique, chamado Veselka. Como todas as noites, está repleto de alemães. Homens da Gestapo conversam ruidosamente à mesa. Eles comeram e beberam bem. Chamam o garçom. Este se aproxima, impecável e obsequioso. Vejo que eles querem um brandy. O garçom anota o pedido. Um dos alemães leva um cigarro aos lábios. O garçom tira então um isqueiro do bolso, acende-o e, com uma leve mesura, oferece fogo ao alemão.

Esse garçom é muito esbelto. Foi contratado recentemente. Jovem, sorridente, de olhos claros e olhar franco, os traços finos desenhavam um rosto maciço. Aqui, em Pardubice, ele responde pelo nome de Mirek olc. Em princípio, nada parece justificar que alguém se interesse por esse garçom, mas a Gestapo está interessada nele.

Uma bela manhã, de fato, ela convoca o dono do hotel. Quer ter informações sobre Mirek olc: de onde vem, quem frequenta, se às vezes se ausenta e para ir aonde. O dono responde que olc vem de Ostrava, onde seu pai também possui um hotel. Os policiais pegam o telefone e ligam para Ostrava. Lá ninguém nunca ouviu falar de um hoteleiro com o nome de olc. Então a Gestapo de Pardubice torna a convocar o dono do Veselka e olc junto com ele. O dono comparece sozinho. Explica que demitiu o garçom porque ele quebrara pratos. A Gestapo o solta e passa a vigiá-lo. Mas Mirek olc desapareceu para sempre.

Todos os paraquedistas que agiram no protetorado utilizaram um número incalculável de falsas identidades. Miroslav olc era uma delas. É àquele que a utilizou que devo agora dar toda a atenção que merece seu papel na história por vir. Seu verdadeiro nome é Josef Valčík e, contrariamente a Mirek olc, é um nome que será preciso reter. Valčík, portanto, é um belo jovem de vinte e sete anos que trabalhava como garçom em Pardubice. Agora monta uma égua e tenta chegar à Morávia para ir descansar na casa dos pais, pois Valčík é morávio, como Kubiš, embora esse não seja o ponto comum mais significativo entre os dois. Pois o sargento Valčík também estava no Halifax que lançou de paraquedas Gabčík e Kubiš na noite de 28 de dezembro, mas pertencia a um outro grupo, o Silver A, cuja tarefa consistia em ser lançado com um radiotelégrafo, de codinome Libuše, para restabelecer o contato entre Londres e A54, o superespião alemão de informações preciosas, por intermédio de Morávek (com k), o último dos três reis, o chefe da rede que teve o dedo cortado.

Claro que nada funcionou conforme o previsto. Valčík, ao se lançar de paraquedas, ficou separado dos outros membros da equipe e conheceu as piores dificuldades para recuperar o radiotelégrafo: após tentar transportá-lo num trenó de neve, acabou chegando a Pardubice de táxi, onde agentes locais lhe arranjaram

esse emprego de garçom, excelente disfarce, e o fato de os alemães frequentarem o local deleitou seu senso da ironia.

Agora o disfarce está perdido e é uma pena. Mas, num certo sentido, isso o obriga a ir a Praga, onde o esperam outros paraquedistas e seu destino.

Se a minha história fosse um romance, eu não teria a menor necessidade desse personagem. Pelo contrário, ele me atrapalharia mais que qualquer outra coisa, por competir com os dois heróis, na medida em que também se revelará tão alegre, otimista, corajoso e simpático quanto o são Gabčík e Kubiš. Mas não cabe a mim decidir o que a Operação Antropoide necessita. E a Operação Antropoide vai necessitar de um vigilante.

177

Os dois homens se conhecem, são amigos desde a Inglaterra, onde compartilharam o mesmo treinamento com as forças especiais do SOE, e talvez desde a França, onde podem ter se conhecido na Legião Estrangeira, ou ainda numa das divisões do exército de libertação tchecoslovaco, combatendo ao lado dos franceses. Ambos têm o mesmo prenome. No entanto, quando se apertam energicamente a mão, com uma alegria não dissimulada, apresentam-se:

— Bom dia, sou Zdenek.

— Bom dia, também sou Zdenek!

Eles sorriem da coincidência. Jozef Gabčík e Josef Valčík receberam o mesmo falso prenome por Londres. Se eu fosse paranoico e egocêntrico, acreditaria que Londres fez de propósito, para aumentar a confusão da minha história. Mas, de todo modo, isso não tem importância nenhuma, pois ambos utilizam um nome diferente quase para cada interlocutor. Não dei muita importância à leviandade com que Gabčík e Kubiš falavam às vezes abertamente de sua missão, mas eles sabiam ser rigorosos quando necessário, e deviam ser muito profissionais para reconhecer e lembrar qual identidade adotar com qual interlocutor.

Claro, entre paraquedistas é diferente, e se Valčík e Gabčík se apresentam como se eles se vissem pela primeira vez é só para que cada um saiba como o outro se faz chamar, ou melhor, já que isso varia, qual prenome é mencionado no jogo de falsos papéis que ele utiliza neste momento.

— Está hospedado na casa da tia?

— Sim, mas vou me mudar em breve. Onde posso te encontrar?

— Deixe uma mensagem com o zelador, ele é seguro. Peça para ver sua coleção de chaves, isso lhe dará confiança. A senha é “Jan”.

— A tia me disse, mas... Jan, como Jan?

— Não, aqui ele se chama Ota, é só um acaso.

— Ah, entendo.

Essa cena não é muito proveitosa e, além do mais, praticamente a inventei; não creio que vou conservá-la.

178

Com a chegada de Valčík a Praga, há uma dezena de paraquedistas que agora andam pela cidade. Cada um, em teoria, prossegue a missão para a qual seu grupo foi enviado. Para que isso funcione, é desejável que os grupos se comuniquem o mínimo possível entre si, a fim de que, se um cair, não arraste os outros consigo. Na prática é quase impossível. O número de endereços onde os paraquedistas podem encontrar abrigo é limitado, mesmo que a prudência os obrigue a se mudar com a maior frequência possível. Na realidade, quando um grupo ou um paraquedista deixa um endereço, um outro toma seu lugar e todos os membros de todos os grupos se cruzam mais ou menos regularmente.

No apartamento dos Moravec, em particular, já passaram quase todos os paraquedistas que há em Praga.

O pai não faz perguntas; a mãe, que eles chamam afetuosamente “a tia”, lhes prepara bolos; o filho, Ata, fica boquiaberto de admiração por esses homens misteriosos que escondem pistolas na manga.

Resulta desse balé que Valčík, na origem ligado ao grupo Silver A, rapidamente se aproxima da Antropoide. Ele não tarda a ajudar Gabčík e Kubiš a efetuar seus reconhecimentos.

Resulta também que Karel Čurda, do grupo Out Distance, conhece mais ou menos todo mundo, os paraquedistas e aqueles que os abrigam — seja para dar nomes, seja para indicar endereços.

179

“Adoro Kundera, o que não impede que eu goste menos do único de seus romances que se passa em Paris. Porque aí ele não está realmente no seu elemento. É como se vestisse um belo casaco, mas cujo corte fosse ou muito grande, ou muito pequeno para ele (risos). No entanto, acredito nele quando Milos e Pavel andam em Praga.”

É o que diz Marjane Satrapi, numa entrevista dada à revista Inrocks para a estreia do seu belíssimo filme de animação, *Persépolis*. Ao ler, sinto-me vagamente inquieto. A jovem em cuja casa folheio a revista e a quem confesso essa inquietação me tranquiliza: “Sim, mas você foi a Praga, viveu lá, ama essa cidade”. Sim, mas para Kundera ocorre o mesmo em relação a Paris. E Marjane Satrapi também acrescenta: “Mesmo se eu vivesse mais vinte anos na França, não cresci aqui. Haverá sempre um pequeno fundo do Irã na minha obra. Claro que amo Rimbaud, mas Omar Khayam [sábio e poeta persa do século XII] sempre me falará mais”. É estranho, nunca havia me colocado o problema nesses termos. Será que Desnos me fala mais do que Nezval? Não sei. Também não penso que Flaubert, Camus ou Aragon me falem mais do que Kafka, Hašek ou Holan. Nem mais que García Marquez, Hemingway ou Anatoli Rybakov. Será que Marjane Satrapi perceberá que não cresci em Praga? Será que, quando o Mercedes surgir na curva, ela não acreditará nisso? Ela diz ainda: “Por mais que Lubitsch tenha se tornado um cineasta hollywoodiano, ele sempre reinventou e refantasiou a Europa, uma Europa de judeu europeu do Leste. Mesmo quando seus filmes se passam nos Estados Unidos, para mim é como se fosse em Viena ou Budapeste. E tanto melhor assim”. Mas então ela teria a impressão de que minha história se passa em Paris, onde nasci, e não em Praga, para onde todo o meu ser se volta? Imagens da periferia parisiense lhe virão ao espírito quando eu conduzir o Mercedes até a curva da Holešovice, perto da ponte de Troja, nos arrabaldes de Praga?

Não, minha história começa numa cidade do norte da Alemanha, prossegue em Kiel, Munique, Berlim, depois se desloca para a Eslováquia oriental, passa muito brevemente pela França, continua em Londres, em Kiev, retorna a Berlim. E vai terminar em Praga, Praga, Praga! Praga, a cidade das cem torres, esse coração do mundo, olho do furacão do meu imaginário, Praga com dedos de chuva, sonho barroco de imperador, lar de pedra da Idade Média, música da alma que escoia sob as pontes, Carlos IV, o imperador, Jan Neruda, Mozart e Venceslau, Jan Hus, Jan Žižka, Joseph K., Praha s prsty deště, o shem incrustado na testa do Golem, o cavaleiro sem cabeça da rua Liliova, o homem de ferro que uma vez por século espera de uma jovem sua libertação, a espada escondida numa arcada da ponte, e hoje esses ruídos de botas que ressoam não se sabe por quanto tempo ainda. Um ano. Talvez dois. Três, na realidade. Estou em Praga, não em Paris. Em Praga. Estamos em 1942. É o começo da primavera e estou sem casaco. “O exotismo é algo que detesto”, desfere ainda Marjane. Praga nada tem de exótico porque é o coração do mundo, o hipercentro da Europa, pois é lá, nessa primavera de 1942, que se passará uma das maiores cenas da grande tragédia do universo.

Claro, contrariamente a Marjane Satrapi, a Milan Kundera, a Jan Kubiš e a Jozef Gabčík, não sou um exilado político. Mas é justamente por isso, talvez, que posso falar de onde quero sem ser sempre reconduzido ao meu ponto de partida, porque não tenho contas a exigir nem a prestar em relação à minha terra natal. Não tenho por Paris a saudade dilacerante ou a melancolia desencantada dos grandes exilados. Assim, posso sonhar, livremente, em Praga.

Valčík ajuda seus dois companheiros em busca do lugar ideal. Num dia em que percorre a cidade, ele chama a atenção de um cachorro vadio. Que familiaridade ou que estranheza o animal reconhece nesse homem? O cachorro segue-lhe os passos. Valčík não tarda a sentir uma presença às suas costas. Vira-se, o cachorro para. Torna a partir, o cachorro parte com ele. Juntos atravessam a cidade. Quando Valčík chega à casa do zelador dos Moravec, onde está hospedado, ele o adotou e batizou. Ao chegar o zelador, por sua vez, ele lhe apresenta Moula. Daí por diante os dois farão juntos os reconhecimentos de locais e, quando Valčík não pode levá-lo, pede ao bravo zelador para “cuidar do seu dragão” (devia ser um cachorro grande ou então muito pequeno, se Valčík se exprimia por antífrase). Quando o dono se ausenta, Moula o espera comportadamente deitado sob a mesa da sala, sem se mexer durante horas. Por certo o animal não terá um papel decisivo na Operação Antropoide, mas prefiro relatar um detalhe inútil do que correr o risco de deixar de lado um detalhe essencial.

Speer volta a Praga, mas desta vez com menos pompa que na visita precedente. Trata-se sempre, suponho, de conversas sobre mão de obra entre o ministro do Armamento e o protetor de um dos maiores polos industriais do Reich. Na primavera de 1942, mais ainda que em dezembro de 1941, quando milhões de homens combatem no front do Leste, quando os tanques soviéticos continuam a suplantar os dos alemães, quando a aviação soviética torna a levantar a cabeça e os bombardeiros ingleses sobrevoam e atacam com frequência cada vez maior as cidades alemãs, a questão é vital. É preciso sempre mais e mais operários para produzir mais tanques, mais aviões, mais canhões, mais fuzis, mais granadas, mais submarinos e as novas armas que devem permitir ao Reich alcançar a vitória.

Desta vez Speer é dispensado de visita à cidade e de cortejo oficial. Veio sozinho, sem a mulher, para uma reunião de trabalho com Heydrich. Nenhum dos dois tem tempo para mundanidades. Speer, cuja eficiência no seu domínio é tão reconhecida quanto a de Heydrich no dele, certamente se felicita por isso. Mas não pode deixar de observar que Heydrich, desta vez, não só se desloca sem escolta, mas percorre tranquilamente as ruas de Praga num carro descoberto, não blindado, sem outra proteção pessoal a não ser o motorista. Ele manifesta essa inquietação a Heydrich, que lhe responde: “Por que acha que os meus tchecos atirariam em mim?”. Heydrich certamente não leu o que escreveu o judeu Joseph Roth, escritor vienense refugiado em Paris que, num artigo de jornal, zombava, já em 1937, do abuso de meios e homens mobilizados para garantir a segurança dos dignitários nazistas. Nesse artigo, ele lhes fazia dizer: “Sim, veja, tornei-me tão importante que sou até obrigado a ter medo; sou tão precioso que não tenho o direito de morrer; creio tanto em minha estrela que desconfio do acaso que pode ser fatal a muitas estrelas. Quem ousa ganha! — Quem ganhou três vezes não tem mais necessidade de ousar!”. Desde então Joseph Roth não zomba de mais ninguém, pois morreu em 1939, mas é possível, afinal, que Heydrich tivesse lido o artigo, publicado num jornal de refugiados dissidentes, portanto de elementos subversivos cuja vigilância não devia escapar ao SD. O fato é que ele, o homem de ação, o atleta, o piloto, o combatente, deve explicar uma parte da sua Weltanschauung ao civil manicurado que é Speer: cercar-se de guarda pessoal é um comportamento pequeno-burguês muito deselegante. Ele deixa isso para Bormann e outros hierarcas do partido. Na verdade, quer desmentir Joseph Roth: melhor morrer do que fazer pensarem que ele tem medo.

Essa reação de Heydrich deve ter perturbado Speer: por que atentar contra a vida de Heydrich? Como se faltassem razões para matar os chefes nazistas em geral e Heydrich em particular! Speer não tem ilusões sobre a popularidade dos alemães nos territórios ocupados e imagina que Heydrich tampouco as tenha. Mas o homem parece muito seguro de si: Speer não sabe se o tom paternalista de Heydrich ao falar dos “seus” tchecos é uma fanfarronada ou se Heydrich realmente é tão forte quanto diz. É possível que ele, Speer, tenha reflexos

pequeno-burgueses e que, no Mercedes descoberto que percorre as ruas de Praga, não se sinta inteiramente à vontade.

182

O capitão Morávek, último dos três reis ainda vivos, derradeiro chefe da organização tricéfala da Resistência tcheca, sabe que não deveria ir ao encontro que lhe marcou seu velho amigo René, dito coronel Paul Thümmel, oficial da Abwehr, dito A54, o maior espião que jamais trabalhou para a Tchecoslováquia. A54 conseguiu avisá-lo: ele está queimado e esse encontro é uma armadilha. Mas Morávek pensa certamente que sua audácia o protege. Não foi ela que lhe salvou a vida tantas vezes? Aquele que se habituou a enviar cartões-postais ao chefe da Gestapo de Praga para assinar suas façanhas não se deixa assustar por tão pouco. Vá saber por quê, ele não quer se preocupar com isso. Chegando ao parque de Praga onde o encontro foi marcado, ele reconhece seu contato, mas também os homens encarregados de vigiá-lo. Prepara-se para retirar-se, mas dois homens de impermeável, chegados às suas costas, o interpelam. Pessoalmente nunca assisti a um tiroteio e mal consigo imaginá-lo numa cidade tão pacífica como é hoje Praga. Mais de cinquenta tiros são trocados na perseguição que se inicia. Morávek atravessa correndo uma das pontes que cruzam o Vltava (infelizmente ignoro qual) e pula para dentro de um bonde em movimento. Mas os homens da Gestapo se multiplicaram, chegam de toda parte, é como se fossem teletransportados, estão também no bonde. Morávek salta, mas é atingido nas pernas. Cai sobre os trilhos e, cercado de todos os lados, vira sua arma contra si mesmo. É evidentemente o meio mais seguro de nada dizer ao inimigo. Mas seus bolsos vão falar: junto ao cadáver, os alemães encontram a foto de um homem que eles ainda ignoram ser Josef Valčík.

Essa história marca o fim do último chefe dos “três reis”, a legendária rede tcheca. É igualmente um espinho no pé da Antropoide, pois nessa data, 20 de março de 1942, Valčík já está estreitamente associado à operação. Além disso, ela permite a Heydrich marcar mais um ponto a favor, tanto como protetor da Boêmia-Morávia que acaba de decapitar uma das mais perigosas organizações da Resistência ainda ativa, cumprindo assim a missão para a qual foi enviado, quanto como chefe do SD, já que ele desmascara um superespião que é um oficial da Abwehr, o serviço concorrente do seu rival e ex-mentor Canaris. Não é o primeiro nem o último dia ruim que a História atravessará, mas esse 20 de março de 1942 definitivamente não é uma data a ser lembrada na guerra secreta que os Aliados travam contra os alemães.

183

Em Londres estão impacientes. Já faz cinco meses que Antropoide foi lançada de paraquedas e quase não há notícias. Londres sabe, porém, que Gabčík e Kubiš ainda estão vivos e em condições operacionais. Libuše, codinome do único radiotelégrafo clandestino em atividade, transmite esse tipo de informação, quando a tem. Por seu intermédio, Londres decide então designar uma nova missão aos dois agentes. Os empregadores são sempre obcecados com o rendimento de seus empregados. Essa missão não anula a precedente, mas na prática a suspende. Gabčík e Kubiš ficam furiosos. Devem ir a Pilsen para participar de uma operação de sabotagem.

Pilsen é uma grande cidade industrial a oeste do país, bastante próxima da fronteira alemã, renomada por sua cerveja, a Pilsner Urquell. Mas não é pela cerveja que Pilsen interessa a Londres, mas por suas fábricas koda. Pois a koda, em 1942, não produz automóveis, mas canhões. Um raide aéreo está programado para a noite de 25 para 26 de abril. A missão dos paraquedistas é acender fogos de sinalização nos quatro cantos do complexo industrial para permitir aos bombardeiros ingleses identificar o alvo.

Assim, pelo menos quatro paraquedistas vão a Pilsen, separadamente, tendo em vista a operação. Reúnem-se na cidade, num ponto de encontro marcado de antemão (o restaurante Tivoli; pergunto-me se

ainda existe), e, ao chegar a noite, põem fogo num estábulo e numa meda de palha, nas proximidades da fábrica.

Quando os bombardeiros chegam, eles não precisam mais que largar as bombas entre os dois pontos luminosos. Mas não acertam o alvo. A missão é um fracasso total, embora os paraquedistas tenham feito exatamente o que lhes foi pedido.

Durante sua breve estadia em Pilsen, Kubiš fica conhecendo uma jovem vendedora, membro da Resistência, que ajuda o grupo a efetuar sua missão. Por onde passou, com sua pinta de ator americano que poderia ser filho de Cary Grant e Tony Curtis, se eles tivessem tido um filho juntos, Kubiš sempre fez muito sucesso. E, se a missão em Pilsen foi um fracasso, ele não terá perdido seu tempo. Duas semanas mais tarde, ou seja, duas semanas antes do atentado, escreverá uma carta a essa mulher, Maria Žilanová. Uma imprudência a mais, sem consequência. Eu gostaria muito de ter conhecido o conteúdo da carta, deveria tê-la copiado em tcheco quando a tive sob os olhos.

De volta a Praga, os paraquedistas estão muito irritados. Fizeram com que corressem perigo, sob o risco de comprometer sua missão principal, sua missão histórica, e isso por causa de alguns canhões. Fazem enviar a Londres uma mensagem áspera em que pedem que, da próxima vez, lhes enviem pilotos que conheçam a região.

A bem dizer, nessa missão parêntese de Pilsen, nem mesmo estou certo de que Gabčík estivesse presente. Sei apenas que Kubiš, Valčík e Čurda participaram.

E percebo agora que, fora uma rápida alusão no capítulo 178, ainda não falei de Karel Čurda, que, no entanto, desempenhará histórica e dramaturgicamente um papel essencial.

184

Em toda boa história é preciso um traidor. E, na minha, há um. Chama-se Karel Čurda. Tem trinta anos e não sei, pelas fotos de que disponho, se a traição pode se ler no seu rosto. É um paraquedista tcheco cuja trajetória se assemelha, a ponto de se confundir, às de Gabčík, Kubiš ou Valčík. Alistado no Exército e desmobilizado após a ocupação alemã, ele deixa o país pela Polônia e chega à França, onde entra na Legião Estrangeira, depois integra o Exército tchecoslovaco no exílio e passa à Inglaterra após a derrota da França. Ao contrário de Gabčík, Kubiš e Valčík, porém, ele não é enviado ao front durante a retirada francesa. Mas não é isso que o distingue fundamentalmente dos outros paraquedistas. Na Inglaterra ele se oferece como voluntário para missões especiais e segue o mesmo treinamento intensivo. É lançado de paraquedas no protetorado com dois outros membros de equipe na noite de 27 para 28 de março de 1942. O resto, ainda é cedo para contar.

Mas é a partir da Inglaterra que o drama se instala, pois é lá que ele deveria ter sido evitado: é lá que se revela aos poucos o caráter duvidoso de Karel Čurda. Ele bebe muito, e naturalmente isso não é crime. Mas, quando bebe demais, diz coisas que espantam seus colegas de regimento. Diz que admira Hitler. Diz que lamenta ter deixado o protetorado e que viveria bem melhor agora se tivesse ficado lá. Os colegas suspeitam tanto dele, acham-no tão pouco confiável, que escrevem uma carta para revelar seu comportamento e suas palavras ao general Ingr, ministro da Defesa do governo tcheco no exílio. Acrescentam que ele também tentou falsos casamentos com duas famílias inglesas. Heydrich, no seu tempo, foi expulso da Marinha por menos que isso. O ministro transmite as informações ao coronel Moravec, chefe dos serviços secretos e responsável pelas operações especiais. E é precisamente aí que a sorte de muitos homens se decide. O que faz Moravec? Nada. Teria se limitado a anotar no dossiê de Čurda que o homem é um bom esportista e que possui certas capacidades físicas. Em todo caso, não o afasta da seleção dos paraquedistas para as missões especiais. E, na noite de 27 para 28 de março de 1942, Čurda é lançado com mais dois paraquedistas acima da Morávia. Ajudado pela Resistência local, ele consegue chegar a Praga.

Depois da guerra, alguém fará esta constatação: entre as dezenas de paraquedistas selecionados para missões no protetorado, a quase totalidade declarou-se motivada por um sentimento patriótico. Apenas dois,

um deles č urda, declararam ter se apresentado como voluntários pelo gosto da aventura, e esses dois traíram. Mas a traição do outro, por seu alcance, não vai se comparar à de Karel č urda.

185

A estação ferroviária de Praga é um magnífico prédio de pedra escura, enfeitado de torres estranhas que lembram um cenário de histórias em quadrinhos de Enki Bilal. Hoje, 20 de abril de 1942, dia de aniversário do Führer, o presidente Hácha, em nome do povo tcheco, dá um presente a Hitler: oferece-lhe um trem-hospital. Assim a cerimônia oficial, cujo ponto alto é a visita ao trem por Heydrich, se realiza na estação. Enquanto ele visita o trem, uma multidão de basbaques está reunida no lado de fora, no lugar mesmo onde se pode ler num cartaz plantado no chão: "Aqui se erguia o memorial de Wilson, retirado por ordem do Reichprotektor, ss-Obergruppenführer Heydrich". Eu gostaria de dizer que na multidão se acham Gabčík e Kubiš, mas nada sei a esse respeito e até mesmo duvido. Ver Heydrich nessas condições não tem interesse prático nenhum para eles, pois se trata de um acontecimento pontual que não deve se repetir e, como o lugar está evidentemente muito guardado para a ocasião, sua presença os exporia a riscos inúteis.

Em compensação, tenho quase certeza de que a piada que imediatamente se espalhou na cidade partiu daqui. Imagino que alguém, na multidão, certamente um velho tcheco detentor do espírito tcheco, disse em voz alta para que os vizinhos o escutassem: "Pobre Hitler! Deve estar bem doente, se precisa de todo um trem para ser tratado...". Puro soldado Chvéik.

186

Jozef Gabčík, estendido em seu pequeno leito de ferro, escuta na rua o tilintar do bonde que retorna em direção à Karlovo náměstí, a praça Carlos. Muito perto daqui, a rua Resslova, que desce até o rio, ainda ignora a tragédia da qual em breve será o palco. Alguns raios de luz filtram-se pelas persianas fechadas do apartamento que, nesses dias, acolhe e esconde o paraquedista. De vez em quando se ouve o assoalho ranger no corredor, junto à escada, ou no apartamento de um vizinho. Gabčík está à espreita, como sempre, mas calmo. Seus olhos fixos no teto desenham mentalmente mapas da Europa. Num deles, a Tchecoslováquia reencontrou seu lugar e suas fronteiras. Num outro, a peste nazista cruzou a Mancha para agarrar a Grã-Bretanha numa das pontas da suástica. Mas Gabčík, assim como Kubiš, repete a quem quiser ouvi-lo que a guerra estará terminada em menos de um ano. Certamente eles creem nisso. E não como os alemães esperam, evidentemente. Declarar guerra à União Soviética, erro fatal do grande Reich. Declarar guerra aos Estados Unidos para honrar sua aliança com o Japão, segundo erro. É bastante irônico que, se a França foi vencida em 1940 por não ter honrado seus compromissos com a Tchecoslováquia em 1938, seja agora a Alemanha que se prepara para perder a guerra por ter honrado seus compromissos com o Japão. Mas um ano! Retrospectivamente, é demonstrar um singelo otimismo.

Estou certo de que essas considerações geopolíticas ocupam o espírito de Gabčík e seus amigos, levando-os a discussões intermináveis, à noite, quando eles não conseguem encontrar o sono e tentam relaxar um pouco batendo papo, com a condição de esquecer a eventualidade de uma visita noturna da Gestapo, de parar de ficar atento ao menor ruído na rua, na escada, na casa, sem ouvir toques de campainha imaginários na cabeça, mas também sem ficar à espreita dos toques de campainha reais.

É uma outra época, essa em que as pessoas esperam com impaciência, todo dia, não resultados esportivos, mas notícias do front russo.

No entanto, o front russo não é a preocupação primeira de Gabčík. A coisa mais importante da guerra, hoje, é sua missão. Quantos acreditam nela? Gabčík e Kubiš estão convencidos. Valčík, o belo paraquedista que vai ajudá-los, também. O coronel Moravec, chefe dos serviços secretos tchecos em Londres. O presidente Beneš,

por enquanto. E eu. Acho que é tudo. De qualquer forma, o objetivo da Antropoide só é conhecido de um punhado de homens. Mas, mesmo entre eles, alguns o desaprovam.

É o caso dos oficiais paraquedistas em atividade em Praga e também dos líderes da Resistência interior (ou o que dela resta), porque temem as represálias em caso de sucesso. Há pouco Gabčík teve uma discussão penosa com eles. Queriam convencê-lo a renunciar à sua missão ou pelo menos a mudar de alvo, tomando um eminente tcheco colaboracionista, Emanuel Moravec, por exemplo, em lugar de Heydrich. Esse medo do alemão! É como um dono que bate no seu cão: o cão pode às vezes não obedecer ao dono, mas nunca consegue voltar-se contra ele.

O tenente Bartoš, enviado por Londres para cumprir outras missões de resistência, quis dar a ordem de anular a operação. Ele é o mais graduado entre os paraquedistas em Praga. Mas aqui as graduações nada significam. A equipe da Antropoide, composta apenas por Gabčík e Kubiš, recebeu suas instruções em Londres, do presidente Beneš em pessoa. Ela não deve receber ordens de mais ninguém, deve apenas executar com sucesso sua missão, só isso. Gabčík e Kubiš são homens, e todos os que os conheceram sublinharam suas qualidades humanas, sua generosidade, seu bom humor, seu devotamento. Mas Antropoide é uma máquina.

Bartoš pediu a Londres para deter Antropoide. Em resposta, ele recebeu uma mensagem codificada indecifrável, a não ser por Gabčík e Kubiš. Estendido no seu pequeno leito de ferro, Gabčík está com o texto na mão. Ninguém conseguiu recuperar esse documento que a História escreveu. Mas, em algumas linhas cifradas, o destino escolheu seu caminho: o objetivo permanece inalterado. A missão de Antropoide é confirmada. Heydrich vai morrer. Na rua, um bonde se afasta com um rangido metálico.

187

O Standartenführer ss Paul Blobel, encarregado do Sonderkommando 4a do Einsatzgruppe C, aquele que com tanto zelo cumpriu sua tarefa em Babi Yar, na Ucrânia, está ficando louco. Quando, na noite de Kiev, volta a passar de carro diante do lugar de seus crimes e contempla à luz dos faróis o espetáculo alucinante oferecido pela ravina maldita, ele é como Macbeth que vê os fantasmas de suas vítimas. É preciso dizer que os mortos de Babi Yar não se deixam facilmente esquecer, pois a terra que serviu para sepultá-los, essa terra está viva. Ela fumega, montículos saltam como rolhas de champanhe, e bolhas produzidas pelos gases dos corpos em decomposição escapam do solo. O cheiro é horrível. Blobel, agitado por um riso demente, explica a seus visitantes: "Aqui repousam meus trinta mil judeus!". E faz um gesto amplo que abarca toda a ravina, esse imenso ventre gorgolejante.

Se continuar assim, os mortos de Babi Yar se vingarão dele. Não aguentando mais, ele viaja até Berlim para pedir a Heydrich pessoalmente que o transfira para outro lugar. O chefe do RSHA o recebe como convém: "Então é isso, está se cagando. Você é um frouxo, um veado. Não podemos mais enviá-lo senão a lojas de porcelana. Mas vou fazê-lo enfiar o nariz bem no fundo, eu!". Não sei se é uma expressão idiomática em alemão. Mas Heydrich não tarda a recobrar a calma. O homem que está à sua frente é um farrapo, um bêbado incapaz de assumir por mais tempo a tarefa que lhe foi confiada. Seria inútil e perigoso mantê-lo no cargo contra sua vontade. "Você se apresentará ao Gruppenführer Müller, dirá a ele que deseja férias, ele lhe retirará seu comando em Kiev."

188

O bairro operário de Žižkov, situado no leste de Praga, é tido por possuir a maior concentração de bares da cidade. Comporta igualmente muitas igrejas, como é de esperar numa capital chamada de "a cidade dos cem campanários". Numa delas, um padre recorda que um jovem casal, "quando as tulipas estavam em flor", veio procurá-lo. O homem era baixo, tinha o olhar penetrante e os lábios finos. A moça era encantadora, respirava a



alegria de viver, eu sei. Pareciam se amar. Queriam se casar, mas não em seguida. Desejavam reservar uma data precisa, embora aleatória: “quinze dias depois da guerra”.

189

Pergunto-me de que maneira Jonathan Littell sabe que Blobel, o responsável alcoólatra pelo Sonderkommando 4a do Einsatzgruppe C, na Ucrânia, tinha um Opel. Se Blobel dirigia realmente um Opel, eu me inclino. Admito que sua documentação é superior à minha. Mas, se for blefe, toda a sua obra se fragiliza. É verdade que os nazistas se abasteciam em massa na Opel, então é muito provável que Blobel possuísse, ou dispusesse de, um veículo dessa marca. Mas provável não é verificado. Repito sempre a mesma coisa, não? As pessoas a quem digo isso me tomam por maníaco. Elas não veem o problema.

190

Valčík e Ata, o filho adolescente dos Moravec, acabam de escapar milagrosamente de uma batida policial que resultou na morte de dois paraquedistas. Eles se refugiaram junto ao zelador do prédio dos Moravec, a quem contam sua desventura. Eu também poderia contá-la, mas me pergunto: para que mais uma cena de romance de espionagem? Os romances modernos são econômicos e o meu não poderia escapar continuamente a essa lógica mesquinha. Limito-me a dizer que foi graças ao sangue-frio de Valčík e à sua perfeita apreciação da situação que os dois não foram detidos e não estão mortos.

Valčík, aproveitando a forte impressão que essa aventura e ele mesmo produziram sobre o adolescente, diz-lhe isto, para qualquer eventualidade:

— Está vendo esta caixa de madeira, Ata? Os boches poderiam bater nela até que ela começasse a falar. Mas você, num caso assim, não deve dizer nada, nada, compreende?

Esse trecho de diálogo não me parece inútil na economia narrativa da minha história.

191

Evidentemente terão suspeitado que a publicação do livro de Jonathan Littell e seu sucesso me perturbaram um pouco. Sempre posso me tranquilizar dizendo-me que não temos o mesmo projeto, mas sou obrigado a reconhecer que nossos temas são bastante próximos. Estou lendo o livro e cada página me dá vontade de fazer comentários. Preciso reprimir essa vontade. Mencionei apenas que há um retrato de Heydrich no começo do livro. Citarei uma única frase: “suas mãos pareciam muito compridas, como algas nervosas presas aos braços”. Não sei por quê, gosto muito dessa imagem.

192

Digo que inventar um personagem para compreender fatos históricos é como maquiar as provas. Ou melhor, como diz meu meio-irmão, com quem discuto essas coisas, introduzir elementos de acusação no local do crime quando há provas abundantes no chão...

193

É um ambiente de foto em preto e branco que fatalmente paira sobre Praga em 1942. Os passantes

homens usam chapéus de feltro mole e ternos escuros, enquanto as mulheres vestem saia justa que lhes dá o aspecto de secretárias. Sei disso, tenho as fotos à minha frente. Está bem, confesso, exagero um pouco: nem todas parecem secretárias. Parecem enfermeiras também.

Policiais tchecos, postados nos cruzamentos para orientar a circulação, assemelham-se aos bobbies londrinos com seus curiosos capacetes, justamente no momento em que se acaba de adotar a condução pela pista da direita, vá saber por quê...

Os bondes que passam emitindo toques de sineta têm a aparência de velhos vagões de trem vermelho e branco (mas como posso saber, se as fotos são em preto e branco? Não sei, é tudo). Eles têm faróis redondos na frente.

As fachadas dos prédios na Nové Meřsto exibem letreiros luminosos com propaganda de todo tipo de coisas: cervejas, marcas de roupas, além de Bata, o célebre fabricante de calçados, junto à praça Venceslau, essa praça que lembra uma avenida gigante, quase tão larga e comprida quanto os Champs-Élysées.

Na verdade, a cidade inteira parece coberta de inscrições, não só de propagandas. O V prolifera em toda parte, no início símbolo da Resistência tcheca, depois recuperado pelos nazistas como uma exortação à vitória final do Reich na guerra. V nos bondes, nos carros, às vezes pintado no chão, V em tudo, disputado pelas forças ideológicas em confronto.

Num muro nu, grafites: Židi ven, fora judeus! Nas vitrines, esclarecimentos tranquilizadores: Cřiste arijský obchod, loja puramente ariana. E no pub: Žádá se zdvorřile, by se nehovorřilo o politice, pede-se à nossa amável clientela abster-se de falar de política.

E também os sinistros cartazes vermelhos, bilíngues como todos os painéis indicadores da cidade.

Nem falo das bandeiras e outros estandartes, evidentemente. Nunca bandeira nenhuma terá dito tanto quanto quer dizer essa cruz preta sobre um disco branco sobre fundo vermelho. Por sinal, alguém me observou um dia que eram exatamente as cores da loja de departamentos Darty, confesso que isso me deixou perplexo...

Seja como for, o clima de Praga nos anos 1940 tem a marca da originalidade, na falta de serenidade. Nas fotos se poderia esperar reconhecer Humphrey Bogart entre os passantes, ou Lida Baarová, a belíssima e celeberrima atriz tcheca (tenho sua foto sob os olhos, na capa de uma revista de cinema), que foi também amante de Göbbels antes da guerra. Época estranha.

Conheço um restaurante chamado Aux deux chats, na Cidade Velha, sob arcadas acima das quais um afresco representa dois gatos enormes desenhados de um lado e de outro do arco, mas não sei onde fica, e se ainda existe também o albergue Aux Trois Chats.

Três homens bebem ali uma cerveja e não falam de política. Eles discutem horários. Gabčřk e Kubiř estão sentados à mesa diante de um carpinteiro. Mas não se trata de um carpinteiro comum. É o carpinteiro do castelo que vê chegar todo dia o Mercedes de Heydrich, e o vê partir de volta todo fim de tarde.

Kubiř é quem lhe fala, porque o carpinteiro é um morávio como ele e seu sotaque o tranquiliza. "Não se preocupe, você vai nos ajudar antes, mas não durante. Estará longe quando o tivermos abatido."

Então é assim? Esse é o segredo da Operação Antropoide? Mesmo o carpinteiro a quem pedem simplesmente que forneça horários está sabendo de tudo. Li em algum lugar que os paraquedistas nem sempre eram de uma discrição extrema. Por outro lado, de que serviria dissimular demais? O carpinteiro certamente suspeita que esses horários que lhe pedem sobre Heydrich não se destinam a montar estatísticas sobre a circulação dos Mercedes em Praga. E releio também, em seu testemunho, que Kubiř lhe falou claramente, com seu belo sotaque morávio: "Nenhuma palavra sobre isso na sua casa!". Certo. Afinal, se ele falou...

O carpinteiro deverá, portanto, anotar todo dia a hora de chegada e a hora de partida de Heydrich, precisando a cada vez se está acompanhado ou não de uma escolta.

Nos salões decorados do hotel Majestic é o general de polícia, chefe do SD, cumprindo ordens de Göring, que recebe os principais oficiais superiores das tropas de ocupação da SS, para informá-los do dossiê do qual é encarregado e que nem o mundo, nem seus homens conhecem ainda sob o nome de Solução Final.

Nesse mês de maio de 1942, as matanças dos Einsatzgruppen foram definitivamente julgadas penosas demais para os soldados que delas participam. São progressivamente abandonadas em favor das câmaras de gás móveis. O novo sistema é ao mesmo tempo muito simples e engenhoso: trata-se de fazer os judeus subirem num caminhão cujo cano de escapamento é voltado para o interior, e de asfixiar as vítimas com monóxido de carbono. A vantagem é dupla: pode-se, assim, matar mais judeus de uma só vez, sem fatigar demais os nervos dos executores. Há também uma curiosidade considerada divertida pelos responsáveis: os corpos ficam rosados. O único inconveniente é que os homens que estão sendo asfixiados têm tendência a defecar, e é preciso limpar os excrementos que cobrem o piso do caminhão após cada gaseamento.

Mas essas câmaras de gás móveis, explica Heydrich, ainda são uma técnica insuficiente. Ele diz: "Soluções maiores, mais aperfeiçoadas e de maior rendimento vão chegar". Depois acrescenta abruptamente, o auditório suspenso a seus lábios: "A condenação à morte foi pronunciada para a totalidade dos judeus da Europa". Considerando que os Einsatzgruppen já haviam executado mais de um milhão de judeus, pergunto-me quem, na assistência, ainda não havia compreendido.

É a segunda vez que surpreendo Heydrich querendo impressionar ao formular esse tipo de enunciado. Pouco antes de Wannsee, quando informou Eichmann que o Führer decidira a eliminação física de todos os judeus, ele fizera acompanhar esse anúncio de um silêncio que impressionou seu colaborador. Ora, em ambos os casos, mesmo se nada estava realmente oficializado, não se pode dizer que se tratava de uma surpresa. Mais do que o prazer de uma jogada de pôquer, penso que Heydrich saboreia o de verbalizar o inusitado e o impensável, como para já dar um pouco de corpo à inimaginável verdade. Eis o que tenho a lhes dizer, vocês já sabem, mas cabe a mim dizer e cabe a nós fazê-lo. Vertigem do orador que deve tratar do inominável. Embriaguez do monstro ao evocar monstruosidades que se anunciam e das quais ele é o arauto.

195

O carpinteiro lhes mostra o lugar onde Heydrich toda manhã desce de seu carro. Gabčík e Kubiš olham ao redor. Veem um canto atrás de uma casa onde poderiam esperá-lo e abatê-lo. Mas o setor é muito bem vigiado, evidentemente. O carpinteiro lhes garante que não teriam tempo de fugir e que não sairiam vivos do castelo. Ora, desde o início, Gabčík e Kubiš estão prontos para morrer, não resta dúvida. Mas agora eles querem mesmo assim tentar se safar. Querem um plano que lhes dê chances de escapar, mínimas, mas razoáveis, pois ambos têm projetos para depois da guerra. No seio da Resistência interior, entre os tchecos que arriscam a vida para ajudá-los, há belas e corajosas mulheres. Ignoro quase todos os detalhes da vida amorosa dos meus heróis, mas o resultado desses poucos meses passados em Praga na clandestinidade é que Gabčík quer desposar Libena, a filha dos Fafek, e Kubiš a bela Anna Malinova de lábios de framboesa. Depois da guerra... Eles não acalentam ilusões. Sabem que têm uma chance em mil de sobreviver à guerra. Mas querem apostar nessa chance. Cumprir a missão acima de tudo, de acordo. Mas sem necessariamente se suicidar. Pensamento terrível.

Os dois homens descem de volta a Nerudova, a longa rua com tabuletas de alquimistas que liga o castelo ao bairro de Malá Strana, o Pequeno Lado. Embaixo, o Mercedes deve fazer uma bela curva. É preciso ver.

196

Contrariamente ao que pensa Heydrich, a Resistência tcheca ainda se mexe. E até mesmo um pouco mais que isso. Para recolher as informações diárias que o carpinteiro passa à equipe da Antropoide sobre os horários

de Heydrich, há uma casa ao pé do castelo, uma casa térrea. Sempre que necessário (ou seja, todos os dias, suponho), o carpinteiro vem bater à vidraça. Uma moça abre a janela (como são duas que se alternam, o carpinteiro as julga irmãs e namoradas dos dois paraquedistas, o que talvez elas sejam). Eles nunca trocam palavras. O carpinteiro entrega um papelzinho e vai embora. Hoje ele escreveu: "9-5 (sem)". Ou seja: nove horas, cinco horas da tarde, sem escolta.

Gabčík e Kubiš estão diante de um problema insolúvel. Não têm meio nenhum de prever de antemão a presença ou a ausência de uma escolta. As estatísticas efetuadas com base nas informações do carpinteiro não permitem revelar uma alternância fixa. Há vezes sem, há vezes com. Sem: eles terão uma pequena chance de escapar. Com: nenhuma.

Para realizar com sucesso a missão, os dois paraquedistas vão, portanto, se entregar a uma loteria atroz: escolher uma data sem saber se sem, ou com. Se a missão deles é extremamente arriscada, ou se é uma missão suicida.

197

De curva em curva, os dois homens, munidos de suas bicicletas, fazem e refazem sem parar o trajeto do domicílio de Heydrich ao castelo. Heydrich mora em Panenské Br̃ežany, pequena localidade na periferia, a um quarto de hora de carro do centro da cidade. Uma porção do trajeto é particularmente isolada, uma longa linha reta sem nenhuma habitação em volta; se eles conseguissem imobilizar o veículo, poderiam abater Heydrich longe de todos os olhares. Pensam em deter o Mercedes com o auxílio de um cabo de aço estendido transversalmente à estrada. Mas como fugir em seguida? Eles mesmos precisariam de um carro ou de uma moto, e a Resistência tcheca não dispõe de nenhum dos dois. Não, terá de ser na cidade, em pleno dia, em meio à multidão. E terá de ser numa curva. Os pensamentos de Gabčík e Kubiš são apenas curvas e emboscadas. Eles sonham com a curva ideal.

E acabam por encontrá-la.

Bem, ideal não é exatamente a palavra.

198

A curva da rua de Holešovice (ulice v Holešovičkách, em tcheco), situada no bairro de Libeň, possui várias vantagens. Primeiro, é uma curva muito fechada e obriga o Mercedes a reduzir fortemente a marcha. Depois, fica na base de uma elevação onde pode se postar um espia para prevenir a chegada do Mercedes. Enfim, situa-se a meia distância entre Panenské Br̃ežany e o Hradčany, nos arrabaldes de Praga, não em pleno centro, tampouco em pleno campo. Assim, oferece possibilidades de fuga.

A curva da Holešovice possui também inconvenientes. Ali há um cruzamento de linhas de bonde. Se um bonde passar no mesmo momento que o Mercedes, há o risco de perturbar a operação, ocultando o carro ou expondo civis.

Nunca cometi um assassinato, mas suponho que as condições ideais não existem, há um momento em que é preciso decidir e, de todo modo, não há mais tempo de encontrar algo melhor. Portanto, será Holešovice, essa curva que hoje não existe mais, devorada por uma alça de autopista e pela modernidade que zomba das minhas lembranças.

Pois agora eu lembro. A cada dia, a cada hora, a lembrança se faz mais nítida. Nessa curva da rua de Holešovice, tenho a impressão de que espero desde sempre.

199

Passo alguns dias de férias numa bela casa, em Toulon, e escrevo um pouco. Não é uma casa qualquer. É a antiga moradia de um tipógrafo alsaciano que conheceu Éluard e Elsa Triolet (e também Claudel) no âmbito de suas atividades profissionais. Durante a guerra ele estava em Lyon, onde imprimia falsos documentos para os judeus e onde armazenava o patrimônio das Éditions de Minuit. No mesmo momento, seu terreno de Toulon era ocupado por acampamentos do Exército alemão, mas parece que ninguém habitou a casa, que permaneceu como era. Os móveis e os livros não saíram do lugar e ainda estão lá.

Sua sobrinha-neta, que conhece meu interesse pelo período, mostra-me um pequeno livro que tira da biblioteca familiar. É a edição original de *Le silence de la mer*, de Vercors, publicado em 25 de julho de 1943, “dia da queda do tirano de Roma”, como é mencionado no final do volume, e dedicado pelo autor ao tio-avô:

“À sra. e a Pierre Braun, com os sentimentos que ligam aqueles que O silêncio do mar submergiu nos dias sombrios, e em homenagem sincera de Vercors.”

Estou de férias e tenho um pouco de História entre os dedos, é uma sensação muito doce e agradável.

200

Correm rumores alarmantes sobre Heydrich. Ele deixaria Praga. Definitivamente. Amanhã deve tomar o avião para Berlim. Não se sabe se voltará. Seria evidentemente um alívio para a população tcheca. Mas significaria também o fiasco da Antropoide. Essas notícias são alarmantes para os paraquedistas e também, embora eles não suspeitem de nada, para... os franceses. De fato, murmura-se entre os historiadores que Heydrich, cumprida sua missão de pôr na linha o protetorado, estaria de olho, diríamos hoje, num “novo desafio”. Após ter maltratado a Boêmia-Morávia com a incrível brutalidade que vimos, Heydrich se ocuparia da França.

Ele deve ir a Berlim para discutir com Hitler modalidades. A França se agita, Pétain e Laval são larvas; se Heydrich puder se ocupar da Resistência francesa como se ocupou da Resistência tcheca, será perfeito.

É só uma hipótese, mas que se baseia na ida de Heydrich a Paris, quinze dias atrás.

201

Nesse mês de maio de 1942, portanto, Heydrich passou uma semana em Paris. Encontrei a resenha filmada da sua visita nos arquivos do Institut National de l’Audiouvisuel: um trecho das atualidades francesas da época, ou seja, cinquenta e nove segundos de reportagem filmada sobre a visita de Heydrich, cujo comentário, com aquela voz nasalada típica dos anos 1940, dizia o seguinte:

“Paris. Chegada do sr. Heydrich, general da ss, chefe da segurança, representante do Reich em Praga, encarregado pelo chefe da ss e da polícia alemã, sr. Himmler, de instalar em suas funções o sr. Oberg, general de divisão da ss e da polícia em territórios ocupados. Sabe-se que a comissão internacional da Polícia Criminal tem por presidente o sr. Heydrich e que a França sempre esteve representada nessa comissão. O general aproveitou sua estadia em Paris para receber o sr. Bousquet, secretário-geral da polícia, e o sr. Hilaire, secretário-geral da administração. O sr. Heydrich também entrou em contato com o sr. Darquier de Pellepoix, que acaba de ser nomeado comissário-geral para a Questão Judaica, e com o sr. de Brinon.”

Esse encontro de Heydrich e de Bousquet sempre me intrigou, eu gostaria de ter o registro da conversa. Depois da guerra, Bousquet pôde por muito tempo fazer acreditar que se opôs a Heydrich. É verdade que ele se recusou categoricamente a ceder num ponto: as prerrogativas da polícia francesa não devem ser restringidas, prerrogativas que consistem essencialmente em prender pessoas. Judeus, em particular. Na realidade, Heydrich não vê inconveniente nenhum em que a polícia local aja dessa maneira, é um trabalho a menos para os alemães. Ele confia a Oberg que, com base em sua experiência no protetorado, uma ampla autonomia da polícia e da administração produzirá os melhores resultados. Com a condição, naturalmente, de que Bousquet

dirija a polícia “com o mesmo espírito que a polícia alemã”. Mas Heydrich não tem a menor dúvida de que Bousquet é o homem da situação. No final de sua estadia na França, ele diz: “A única personalidade que possui ao mesmo tempo juventude, inteligência e autoridade é Bousquet. Com homens como ele, poderemos preparar a Europa de amanhã, uma Europa muito diferente da que é hoje”.

Quando Heydrich anuncia a René Bousquet a deportação próxima dos judeus apátridas (isto é, não franceses) internados em Drancy, Bousquet propõe espontaneamente acrescentar a dos judeus apátridas internados na zona livre. Não se poderia ser mais servil.

202

René Bousquet continuou sendo amigo a vida inteira, como todos sabem, de François Mitterrand, mas não é isso que lhe reprovam mais.

Bousquet não é um tira como Barbie, ou um militante como Touvier, nem mesmo um prefeito como Papon em Bordeaux. É um político de altíssimo nível destinado a uma brilhante carreira, mas que escolhe a viada colaboração e é cúmplice na deportação de judeus. É ele que assegura que a prisão em massa no Velódromo de Inverno (operação com o codinome “Vento Primavera”), em julho de 1942, foi efetuada de fato pela polícia francesa, e não pelos alemães. Portanto, é o responsável pelo que é provavelmente a maior infâmia ligada à história da nação francesa. Se chamarmos de Estado francês, isso não altera em nada a situação. Quantas Copas do Mundo teremos de ganhar para lavar essa mancha?

Depois da guerra, Bousquet consegue escapar das garras da Depuração, mas sua participação em Vichy o priva da carreira política a que parecia destinado. Não obstante, continua ativo e participa de vários conselhos administrativos, entre os quais o do jornal *La Dépêche du Midi*, ao qual dita uma linha antigaullista muito dura de... 1959 a 1971. Em suma, ele se beneficia da sempre grande tolerância das classes dirigentes para com seus elementos mais comprometidos. Posteriormente, compraz-se em frequentar — não sem malícia, imagino — Simone Veil, poupada de Auschwitz e ignorante de suas atividades vichystas.

No entanto, seu passado acaba por pegá-lo nos anos 1980 e, em 1991, ele é acusado de crime contra a humanidade.

O processo se interrompe, dois anos mais tarde, quando ele é abatido em seu domicílio por um fanático. Lembro muito bem desse cara, dando uma entrevista à imprensa pouco depois de ter matado Bousquet e pouco antes de ser preso. Lembro de seu ar satisfeito, explicando tranquilamente que matou apenas para ser famoso. Já na época achei isso completamente estúpido.

Esse imbecil da sociedade do espetáculo, gerado por um pesadelo como o próprio Debord jamais ousou imaginar, nos privou de um processo que teria sido dez vezes mais interessante que o de Papon e o de Barbie reunidos, mais interessante que o de Pétain e o de Laval, mais interessante que o de Landru e Petiot, o processo do século. Por esse escandaloso atentado contra a História, o insondável cretino pegou dez anos de prisão, dos quais cumpriu sete e hoje está livre. Sinto uma imensa repulsa e um profundo desprezo por alguém como Bousquet, mas quando penso na estupidez do seu assassino, na enormidade da perda que seu gesto representa para os historiadores, nas revelações que não deixariam de vir à tona no processo e das quais ele irremediavelmente nos privou, é no ódio que mergulho. Ele não matou inocentes, é certo, mas é um coveiro da verdade. E tudo isso para aparecer três minutos na tv! Monstruosa, estúpida excrescência warholiana! Os únicos que teriam direito a um olhar moral sobre a vida e a morte desse homem são suas vítimas, os vivos e os mortos que caíram nas garras nazistas por culpa de homens como ele, mas tenho certeza de que eles o queriam vivo. Que decepção lhes deve ter sido o anúncio desse assassinato absurdo! A sociedade que produz tais comportamentos, tais alienados, me enoja. “Não gosto de pessoas indiferentes à verdade”, escreveu Pasternak. Piores ainda são os vermes indiferentes a ela, mas que agem contra ela de maneira tão ativa. Todos os segredos que Bousquet levou para o túmulo... Preciso parar de pensar nisso, me deixa doente.

O processo Bousquet deveria ter sido o equivalente francês de Eichmann em Jerusalém.

Puxa, tem mais outra coisa! Encontro por acaso o testemunho de Helmut Knochen, nomeado por Heydrich chefe das polícias alemãs na França, durante a passagem deste em Paris. Ele afirma revelar uma confidência que Heydrich lhe fez nessa ocasião e que ainda não havia revelado a ninguém. Esse testemunho data de... junho de 2000, cinquenta e oito anos mais tarde!

Heydrich lhe teria dito: "A guerra não pode mais ser ganha, teremos de fazer um acordo de paz e temo que Hitler não consiga admiti-lo. Devemos pensar nisso". Essa reflexão teria sido feita em maio de 1942, portanto antes de Stalingrado, quando o Reich nunca pareceu tão forte!

Knochen vê aí a extraordinária clarividência de Heydrich, que ele considera muito mais inteligente que todos os outros dignitários nazistas. Ele acha também que Heydrich considerava a possibilidade de derrubar Hitler. E a partir daí nos apresenta esta teoria inédita: a eliminação de Heydrich teria sido uma prioridade absoluta para Churchill, que em hipótese nenhuma queria que o privassem de uma vitória total sobre Hitler. Em suma, os ingleses teriam apoiado os tchecos porque temiam que um nazista avisado como Heydrich afastasse Hitler e salvasse o regime nazista graças a um acordo de paz negociado.

Suspeito que é do interesse de Knochen associar-se à hipótese de um complô contra Hitler, para minimizar seu papel muito claro no aparelho policial do Terceiro Reich. É muito plausível que, sessenta anos mais tarde, ele próprio estivesse convencido do que conta. De minha parte, penso que isso não tem o menor valor. Mesmo assim relato.

Li num fórum um leitor muito convicto que dizia, a propósito do personagem de Littell: "Max Aue soa verdadeiro porque ele é o espelho da sua época". Não! Soa verdadeiro (para certos leitores fáceis de enganar) porque é o espelho da nossa época: niilista pós-moderno, para dizer em duas palavras. Em momento nenhum é sugerido que esse personagem adere ao nazismo. Ao contrário, ele ostenta um desapego geralmente crítico em relação à doutrina nacional-socialista e nisso não se pode dizer que reflete o fanatismo delirante que reinava na sua época. E esse desapego que ele exhibe, esse ar blasé desencantado de tudo, esse mal-estar permanente, essa amoralidade assumida, esse sadismo rabugento e essa terrível frustração sexual que lhe rói sem parar as entranhas... mas é claro! Como não pensei nisso antes? As benevolentes é, muito simplesmente, "Houellebecq entre os nazistas"!

Acho que começo a compreender: estou escrevendo um infrarromance.

O momento se aproxima, eu sinto. O Mercedes está a caminho, está chegando. Flutua no ar de Praga alguma coisa que me perfura até os ossos. Os zigue-zagues do caminho desenharam o destino de um homem, e de um outro, e mais um outro, e mais um outro. Vejo pombos levantando voo da cabeça de bronze de Jan Hus e, ao fundo, o mais belo cenário do mundo, Nossa Senhora de Týn, a catedral de torres agudas, a mesma que me dá vontade de cair de joelhos sempre que posso admirar a majestade sombria da sua fachada maléfica. O coração de Praga bate em meu peito. Ouço as sinetas dos bondes. Vejo homens de uniforme verde-oxidado, cujas botas ressoam na calçada. Estou quase lá, devo ir até lá. Preciso ir a Praga. Devo estar lá no momento em que aquilo vai acontecer.

Devo escrever isso lá.

Ouço o motor do Mercedes preto que desliza no caminho como uma serpente. Ouço a respiração de Gabčík cingido no seu impermeável, esperando na calçada, vejo Kubiš defronte, e Valčík, postado no alto da colina. Sinto a face polida do espelho, no fundo de um bolso do seu casaco. Ainda não, ainda não, už nie, noch nicht.

Ainda não.

Sinto o vento que fustiga o rosto dos dois alemães no carro. O motorista dirige rápido, eu sei, tenho um monte de testemunhos que o comprovam, não estou inquieto quanto a isso. O Mercedes circula a toda a velocidade e a parte mais preciosa do meu imaginário, a de que mais me orgulho, é a que desliza silenciosamente na sua esteira. O ar se engolfa, o motor ronca, o passageiro não cessa de dizer ao motorista, um gigante, "schneller! schneller!". Mais depressa, mais depressa, mas ele ignora que o tempo já começou a retardar sua marcha. Em breve o curso do mundo vai se imobilizar numa curva. A terra cessará de girar exatamente ao mesmo tempo que o Mercedes.

Mas ainda não. Sei que ainda é muito cedo. Nem tudo ainda está inteiramente em seu lugar. Nem tudo está dito. Certamente eu gostaria de poder recuar esse instante eternamente, embora todo o meu ser tenda a ele com tanta intensidade.

O eslovaco, o morávio e o tcheco da Boêmia esperam também, e eu daria tudo para sentir o que eles sentem então. Mas estou corrompido demais pela literatura. "Sinto crescer dentro de mim algo de perigoso", diz Hamlet, é ainda uma frase de Shakespeare que me vem à memória. Perdoem-me. Que eles me perdoem. Faço isso por eles. Foi preciso pôr em marcha o Mercedes preto, e não foi fácil. Pôr as coisas no lugar, ocupar-se dos preparativos, tudo bem; tecer a trama dessa aventura, montar o patíbulo da Resistência, envolver o rolo medonho da morte na cortina suntuosa da luta. E isso, evidentemente, não é nada. Foi preciso, a despeito de todo pudor, associar-me a homens tão altos que, olhando para baixo, não suspeitariam sequer de minha existência de inseto.

Foi preciso trapacear, às vezes, e renegar aquilo em que acredito porque minhas crenças literárias não têm importância nenhuma em relação ao que acontece agora. Ao que vai acontecer dentro de alguns minutos. Aqui. Agora. Nessa curva de Praga, nessa rua de Holešovice, onde mais tarde, bem mais tarde, construirão uma alça rodoviária, porque infelizmente as formas de uma cidade mudam mais depressa que a memória dos homens.

Na realidade, isso tem pouca importância. Um Mercedes preto desliza no caminho como uma serpente, daqui por diante é a única coisa que conta. Nunca me senti tão próximo da minha história.

Praga.

Sinto o atrito do metal contra o couro. E a ansiedade que cresce nos três homens, e a calma que eles demonstram. Não a segurança máscula dos que sabem que vão morrer, pois, embora estejam preparados para a morte, a possibilidade de escapar nunca foi descartada, o que a meu ver torna a tensão psicológica ainda mais insuportável. Não sei que inacreditável resistência nervosa eles precisaram para se controlar. Repasso rapidamente as ocasiões de minha vida em que tive de mostrar sangue-frio. Que irrisão! Os desafios sempre foram ridículos: uma perna quebrada, uma noite na delegacia ou uma resposta torta, eis mais ou menos tudo que arrisquei da minha pobre existência. Como eu poderia dar nem que fosse uma ideia ínfima do que viveram esses três homens?

Mas certamente não há mais tempo para esse tipo de estados de alma. Eu também, afinal, tenho responsabilidades e devo enfrentá-las. Permanecer fixado na esteira do Mercedes. Escutar os ruídos da vida nessa manhã de maio. Sentir o vento da História que se põe suavemente a soprar. Fazer desfilar a lista de todos os atores, desde a aurora dos tempos no século XII até os nossos dias e Natacha. E então conservar apenas cinco nomes: Heydrich, Klein, Valčík, Kubiš e Gabčík.

No túnel dessa história, esses cinco começam a ver a luz.



Em 26 de maio de 1942, de tarde, a poucas horas do concerto inaugural da semana de música organizada em Praga ao qual ele vai assistir e para o qual programou uma obra de seu pai, Heydrich declara numa entrevista à imprensa, diante dos jornalistas do protetorado:

“Sou obrigado a constatar que as incivildades e mesmo as indelicadezas, para não dizer as insolências, particularmente contra os alemães, estão de novo em alta. Vocês bem sabem, senhores, que sou generoso e que encorajo todos os planos de renovação. Mas também sabem que, apesar de toda a minha paciência, não hesitarei em golpear com o mais extremo rigor, se eu vier a ter o sentimento ou a impressão de que julgam o Reich fraco e de que tomam minha bondade de alma por fraqueza.”

Sou uma criança. Esse discurso é interessante em mais de um aspecto, ele mostra Heydrich no auge de seu poder, seguro de sua força, exprimindo-se como o monarca esclarecido que acredita ser, o vice-rei orgulhoso de seu governo, o mestre severo mas justo, como se o título de “protetor” estivesse impresso na consciência de seu portador, como se Heydrich se considerasse realmente um “protetor” — Heydrich, envaidecido de seu senso agudo da política, manejando a cenoura e o bastão em cada um de seus discursos; emblemático do escândalo retórico de todos os discursos totalitários, Heydrich, o carrasco, Heydrich, o açougueiro, invocando ingenuamente sua generosidade e seu progressismo, manipulando a antífrase com a insolência e a habilidade dos tiranos mais astutos. Mas não é isso que chama minha atenção nesse discurso. O que chama minha atenção é o termo “incivildades” que ele emprega.

208

No fim da tarde de 26 de maio, Libena vem ver Gabčík, seu noivo. Mas ele saiu para acalmar os nervos, porque não suporta mais as hesitações dos membros da Resistência que temem as consequências do atentado. É Kubiš que a recebe. Ela traz cigarros. Hesita um pouco, depois os entrega a Kubiš. “Mas, Jeniček (é o diminutivo afetuoso que ela emprega para Jan, o que indica que conhece o verdadeiro nome dele), você não deve fumar todos eles...” E vai embora em seguida, sem saber se tornará a ver o noivo.

209

Penso que todo homem ao qual a vida reservou apenas uma série de infortúnios sem fim deve conhecer, pelo menos uma vez, um momento que ele considera, com ou sem razão, como a apoteose de sua existência, e penso que para Heydrich, com quem a vida soube se mostrar muito generosa, esse momento chegou. Por um desses saborosos acasos nos quais, crédulos, forjamos os destinos, ele intervém na véspera do atentado.

Quando Heydrich penetra na igreja do palácio Wallenstein, todos os convidados se levantam. Ele caminha, solene e sorridente, o olhar altivo, na borda de um tapete vermelho que deve conduzi-lo a seu lugar, na primeira fila. Na outra borda, sua mulher Lina, grávida e radiosa, com um vestido escuro, o acompanha. Todos os olhares se voltam para eles, e os homens da plateia que estão de uniforme fazem a saudação nazista à sua passagem. Heydrich deixa-se invadir pela majestade do lugar; leio nos seus olhos que ele contempla com orgulho o altar, coberto de faustosos baixos-relevos, ao pé do qual os músicos se instalarão.

Nessa noite ele lembra, se havia esquecido, que a música é sua vida inteira: ela o acompanha desde o nascimento e nunca o abandonou. Nele, o artista sempre disputou com o homem de ação. Foi o curso do mundo que decidiu sua carreira. Mas a música o habita sempre, e o acompanhará até a morte.

Cada convidado segura na mão o programa da noite no qual se pode ler a prosa ruim que o protetor interino julgou conveniente redigir à guisa de introdução:

“A música é a linguagem criativa dos que são artistas e melômanos, o meio de expressão de sua vida interior. Nos tempos difíceis, ela traz o alívio àquele que a escuta e o encoraja nos tempos de grandeza e de combate. Mas a música é acima de tudo a maior expressão da produção cultural da raça alemã. Nesse sentido,

o festival de música de Praga é uma contribuição à excelência do presente, concebido como o fundamento de uma vida musical vigorosa nessa região no centro do Reich para os anos vindouros.” Heydrich não escreve tão bem quanto toca violino, mas ele não se preocupa com isso, pois a música é que é a verdadeira linguagem das almas artistas.

A programação é excepcional. Ele propôs os maiores músicos para tocar música alemã. Beethoven, Haendel, Mozart também, é claro; por uma vez Wagner foi esquecido essa noite (não tenho certeza, pois não pude obter o programa completo). Mas no momento em que se elevam as notas do concerto para piano em dó menor de Bruno Heydrich, seu pai, tocadas por um célebre pianista virtuose, acompanhado por ex-alunos do conservatório de Halle, é nesse momento que Heydrich, deixando a música escoar dentro dele como uma onda benfazeja, deve experimentar esse sentimento de apoteose. Eu teria curiosidade de escutar essa obra. Quando Heydrich aplaude, no final, posso ler em seu rosto o orgulhoso devaneio dos grandes egocêntricos melômanos. Heydrich saboreia seu triunfo pessoal através do triunfo póstumo do pai. Mas triunfo e apoteose não são exatamente a mesma coisa.

210

Gabčík voltou. Nem ele nem Kubiš fumam no apartamento, para não incomodar a corajosa família Ogoun, que os acolhe, e para não levantar as suspeitas dos vizinhos.

Pela janela, pode-se ver o perfil do castelo na noite. Kubiš, perdido na contemplação da sua massa imponente, sonha em voz alta: “Pergunto-me o que se passará amanhã, à mesma hora...”. A sra. Ogounová pergunta: “E o que deveria se passar?”. É Gabčík que lhe responde: “Nada, senhora”.

211

Na manhã de 27 de maio, Gabčík e Kubiš se preparam para partir, mais cedo que de costume. O jovem da família Ogoun que os abriga revisa uma última vez suas anotações, pois hoje é o exame de conclusão do colégio e ele está muito nervoso. Kubiš lhe diz: “Fique calmo, Lubos, você conseguirá, vai conseguir. E esta noite festejaremos todos juntos seu sucesso...”.

212

Heydrich, como de costume, tomou seu café da manhã consultando os jornais que lhe trazem de Praga ao raiar do dia. Às nove horas, o Mercedes preto ou verde-escuro chegou, conduzido por seu motorista, um gigante ss de quase dois metros e que responde pelo nome de Klein. Mas, nessa manhã, Heydrich o fez esperar. Ele brincou com os filhos (pergunto-me que tipo de cena poderia ser essa, Heydrich brincando com os filhos) e passeou com a mulher pelos vastos jardins de sua propriedade. Lina deve ter lhe falado dos projetos de jardinagem. Freixos a cortar, parece, para plantar no lugar árvores frutíferas. Mas não sei se Ivanov não inventou. Segundo ele, a filha caçula, Silke, teria dito ao pai que um certo Herbert, que não se sabe quem é, lhe teria ensinado a carregar um revólver. Ora, ela tem só três anos de idade. Certo, nesses tempos confusos, nada mais deveria me surpreender.

213

Estamos na manhã de 27 de maio, dia do aniversário da morte de Joseph Roth, morto de alcoolismo e de tristeza três anos antes em Paris, observador feroz e visionário do regime nazista em seus dias de ascensão,

que escrevia, já em 1934: “Que formigamento neste mundo, uma hora antes do seu fim!”.

Dois homens sobem num bonde, dizendo-se a si mesmos que é talvez sua última viagem, e olham avidamente as ruas de Praga desfilarem pela janela. Poderiam ter escolhido, ao contrário, nada ver, fazer um vazio dentro deles, buscar a concentração abstraindo-se do mundo exterior, mas duvidou muito. Estar à espreita tornou-se há algum tempo uma segunda natureza. Ao subir no bonde, eles verificam maquinalmente a atitude de todos os passageiros homens: quem sobe e quem desce, quem fica diante das portas, podem dizer imediatamente quem fala alemão, mesmo na outra ponta do vagão. Sabem que veículo precede o bonde, que veículo o segue, a que distância, identificam o sidecar da Wehrmacht que dobra à direita, notam os dois impermeáveis de couro que fazem vigilância diante de um prédio (está bem, eu paro). Gabčík também veste um impermeável, mas, embora haja sol, a temperatura é suficientemente fresca a essa hora para não se fazer notar com ele. Ou então o carrega no braço. Ele e Kubiš, de certo modo, fizeram-se elegantes para o grande dia. E cada um deles carrega uma pesada pasta.

Eles descem em algum ponto em Žižkov (a pronúncia é “Jijkow”), o bairro que traz o nome do legendário Jan Žižka, o maior e mais feroz general hussita, o cego de um olho que soube enfrentar durante catorze anos os exércitos do Sacro Império Romano Germânico, o chefe taborita que fez abater a cólera do céu sobre todos os inimigos da Boêmia. Lá, eles vão à casa de um contato para recuperar seus veículos, duas bicicletas. Uma delas pertence à tia Moravcová. No caminho de Holešovice, param para saudar uma outra dama resistente, uma outra mãe substituta que os escondeu e lhes fez bolos, uma sra. Khodlová, a quem querem agradecer. Vocês não vieram para se despedir, vieram? Não, mãezinha, passaremos em breve para vê-la, talvez hoje mesmo, estará em casa? Mas claro, venham...

Quando chegam, enfim, Valčík já está lá. Há talvez um quarto paraquedista, o tenente Opálka, do Out Distance, que veio ajudá-los; mas como seu papel nunca foi esclarecido, nem sua presença realmente atestada, vou me limitar ao que sei. Ainda não são nove horas e os três homens, após uma breve troca de palavras, ocupam seus postos.

214

São quase dez horas e Heydrich ainda não partiu para o trabalho. Nessa mesma noite ele deve voar a Berlim, onde tem um encontro marcado com Hitler. É possível que dispense um cuidado particular preparando esse encontro. Burocrata meticoloso, ele certamente verifica uma última vez os documentos que leva na pasta. O fato é que já são dez horas quando Heydrich enfim se instala no assento dianteiro do Mercedes. Klein dá a partida, os portões do castelo se abrem, os sentinelas, de braço estendido, saúdam à passagem do protetor, e o Mercedes conversível se lança na estrada.

215

Enquanto o Mercedes de Heydrich serpenteia sobre o fio do seu destino nodoso, enquanto os três paraquedistas, ansiosos, espreitam com todos os sentidos despertados na curva da morte, releio a história de Jan Žižka, contada por George Sand num livro pouco conhecido, intitulado Jean Žižka. E, mais uma vez, deixo-me distrair. Vejo o feroz general no alto da sua montanha, cego, de crânio raspado, os bigodes trançados à gaulesa pendendo sobre o torso como cipós. Ao pé da sua fortaleza improvisada, o Exército imperial de Sigismundo prepara-se para o assalto. Os combates, os massacres, as capturas de guerra, os cercos desfilam sob meus olhos. Žižka era camareiro-mor do rei em Praga. Dizem que se lançou na guerra contra a Igreja Católica por ódio aos padres, porque um padre havia violado sua irmã. É a época das primeiras famosas defenestrações em Praga. Ainda não se sabe que no centro da Boêmia vão arder por mais de um século as terríveis guerras de religião, e que das cinzas de Jan Hus o protestantismo vai surgir. Fico sabendo que a palavra “pistola” vem do tcheco píšťala. Fico sabendo que foi Žižka que quase inventou os combates de blindados, ao organizar

batalhões de carroças pesadamente armadas. Conta-se que Žižka encontrou o violador da irmã e que o castigou duramente. Dizem também que Žižka é um dos maiores chefes de guerra que já houve, porque nunca conheceu a derrota. Disperso-me. Leio coisas que me afastam da curva. E então deparo com esta frase de George Sand: "Pobres laboriosos ou inválidos, sempre a lutar contra os que lhes dizem ainda: 'Trabalhem muito para viver muito mal'". Mais que um convite à digressão, uma verdadeira provocação! Mas daqui por diante, concentrado no meu objetivo, não me deixarei mais distrair. Um Mercedes preto desliza como uma serpente no caminho, eu o avisto.

216

Heydrich está atrasado. Já são dez horas. O movimento na rua diminuiu e a presença de Gabčík e de Kubiš na calçada da Holešovice faz-se mais visível. Em 1942, em qualquer lugar da Europa, dois homens sozinhos parados por muito tempo no mesmo lugar se tornam rapidamente suspeitos.

Tenho certeza de que eles acham que não deu certo. E cada minuto que passa os expõe ao risco de serem notados e detidos por uma patrulha. Mas eles ainda esperam. Há mais de uma hora que o Mercedes deveria ter passado. Segundo os horários indicados pelo carpinteiro, Heydrich nunca chegou ao castelo depois das dez. Tudo leva a pensar, portanto, que ele não virá mais. Pode ter mudado de trajeto ou então ido diretamente ao aeroporto. Levantado voo para sempre, talvez.

Kubiš está encostado num poste de luz, no interior da curva. Gabčík, do outro lado do cruzamento, finge esperar o bonde. Deve ter visto passar uns dez e não os conta mais. O fluxo de trabalhadores tchecos diminui aos poucos. Os dois homens estão cada vez mais sozinhos. Os rumores da cidade vão silenciando e a calma que se instala na curva ressoa como o eco irônico do fracasso da missão. Heydrich nunca se atrasou. Ele não virá mais.

Mas não escrevi todo este livro, claro, para que Heydrich não viesse.

De repente, às dez e meia, os dois homens são atingidos pelo raio, ou melhor, pelo sol que se reflete, no alto da colina, no espelhinho que Valčík tirou do bolso. É o sinal. Então é ele. Está chegando. Dentro de alguns segundos estará ali. Gabčík atravessa a rua correndo e vai se postar à saída da curva, encoberto por ela até o último momento. Contrariamente a Kubiš, mais avançado (a menos que este esteja colocado atrás de Gabčík, como afirmam algumas reconstituições, mas me parece menos provável), ele não pode ver que o Mercedes que desponta no horizonte não tem escolta. Aposto que nem pensou nisso. Nesse instante, forçosamente, uma única ideia ocupa por inteiro seu cérebro em fogo: abater o alvo. Mas, com certeza, ele percebe o ruído característico de um bonde que chega às suas costas.

O Mercedes surge. Como se previa, ele freia. Mas, como se temia, ele vai cruzar um bonde repleto de civis no pior momento, no instante exato em que estará ao alcance de Gabčík. Azar. O risco de expor civis foi avaliado e foi decidido assumi-lo. Gabčík e Kubiš são Justos menos escrupulosos que os de Camus, mas isso porque a existência deles se inscreve mais além ou aquém de simples caracteres pretos que formam linhas num papel.

217

Você é forte, você é poderoso, você está contente consigo. Você matou pessoas e vai matar muitas, muitas outras. Tem sucesso em tudo e nada lhe resiste. Em apenas dez anos, tornou-se "o homem mais perigoso do Terceiro Reich". Ninguém mais lhe faz zombarias. Não lhe chamam mais "a cabra", mas "a besta loira": inegavelmente você mudou de categoria na escala das espécies animais. Hoje todos o temem, mesmo seu chefe, que é um pequeno hamster de óculos, embora também seja muito perigoso.

Você está instalado no assento do seu Mercedes com a capota descoberta e o vento fustiga seu rosto. Você

vai ao escritório e seu escritório é um castelo. Vive num país onde todos os habitantes são seus súditos, tem o direito de vida e de morte sobre eles. Se quisesse, poderia matar todos, até o último. Aliás, é talvez o que os espera.

Mas você não estará mais aí para ver, pois outras aventuras o solicitam. Tem novos desafios pela frente. Daqui a pouco levantará voo e abandonará seu reino. Sua tarefa era pôr o país em ordem e você cumpriu brilhantemente a tarefa. Curvou a espinha de um povo inteiro, dirigiu o protetorado com mão de ferro, fez política, governou, reinou. Deixará a um sucessor a pesada tarefa de tornar perene sua herança, ou seja: impedir qualquer ressurgimento da Resistência que você liquidou; manter todo o aparelho de produção tcheca a serviço do esforço de guerra alemão; levar adiante o processo de germanização que você iniciou e cujas modalidades definiu.

Ao pensar no seu passado como no seu futuro, você está imerso num enorme sentimento de autossatisfação. Aperta a pasta de couro pousada sobre os joelhos. Pensa em Halle, na Marinha, na França que o espera, nos judeus que vão morrer, nesse Reich imortal no qual plantou as fundações mais sólidas, enterrou as raízes mais profundas. Mas você esquece o presente. Está seu instinto de policial anestesiado pelos devaneios que atravessam seu cérebro enquanto o Mercedes corre? Você não vê nesse homem que segura um impermeável no braço num dia quente de primavera, e que atravessa à sua frente, a imagem do presente que o alcança.

O que faz esse imbecil?

Ele para no meio da rua.

Dá meia-volta para ficar em frente ao carro.

Cruza seu olhar.

Faz voar o impermeável.

Descobre uma arma automática.

Aponta a arma na sua direção.

Mira.

E atira.

218

Atira e nada acontece. Não sei como evitar os efeitos fáceis. Nada acontece. O gatilho resiste ou, ao contrário, move-se frouxamente e percute o vazio. Meses de preparação para que a Sten, essa merda de metralhadora inglesa, emperre. Heydrich ali, diante dele, à sua mercê, e a arma de Gabčík não funciona. Ele aperta o gatilho e a Sten, em vez de cuspir balas, se cala. Os dedos de Gabčík se crispam sobre a haste de metal inútil.

O carro parou, e dessa vez o tempo realmente parou. O mundo inteiro não se mexe mais, não respira mais. Os dois homens, no carro, estão medusados. Somente o bonde continua sua marcha como se nada houvesse, com a única diferença de que alguns passageiros já têm esse mesmo olhar petrificado, pois viram o que aconteceu, isto é, nada. O rangido das rodas no aço dos trilhos rasga o tempo imobilizado. Nada acontece, exceto na cabeça de Gabčík. Na sua cabeça há um turbilhão e tudo gira muito rápido. Estou absolutamente convencido de que, se pudesse estar na cabeça dele nesse instante preciso, teria o que contar por centenas de páginas. Mas eu não estava na cabeça dele e não faço a menor ideia do que ele sentiu, não poderia sequer encontrar, na minha vida pequena, uma circunstância que me aproximasse de um sentimento, mesmo degradado, comparável ao que o invadiu naquele instante. Surpresa, medo, com uma torrente de adrenalina despejada nas veias, como se todas as comportas do seu corpo se abrissem ao mesmo tempo.

“Nós que morreremos talvez um dia, digamos o homem imortal no centro do instante.” Desprezo Saint-John Perse, mas não desprezo necessariamente sua poesia. É esse verso que escolho agora para homenagear meus combatentes, embora eles estejam acima de todo elogio.

Alguns lançaram uma hipótese: a Sten estava numa sacola que Gabčík enchera de capim, para ocultar a arma. Ideia estranha! Como justificar, em caso de batida policial, andar pela cidade com uma sacola cheia de capim? Bem, é fácil: basta responder que é para o coelho. De fato, muitos tchecos, para melhorar seus rendimentos, criavam coelhos em casa e iam aos parques recolher capim para alimentá-los. Seja como for, esse capim é que teria se insinuado no mecanismo.

A Sten não atira, portanto. E todos ficam imóveis de estupor durante longos décimos de segundos. Gabčík, Heydrich, Klein, Kubiš. É muito cômico! Muito western espaguete! Esses quatro homens transformados em estátuas de pedra, todos com o olhar apontado para a Sten, todos fazendo o cérebro girar a uma velocidade louca, uma velocidade inconcebível para homens comuns. No final dessa história, há esses quatro homens nessa curva. E ainda por cima há um segundo bonde que chega atrás do Mercedes.

219

Quer dizer, não dá para esperar o dia todo. É a hora de Kubiš entrar em ação, Kubiš que os dois alemães, medusados pela aparição de Gabčík, não viram, às suas costas, o calmo e gentil Kubiš que vai tirar uma bomba de sua sacola.

220

Medusado fico eu também, pela leitura de *Central Europe*, de William T. Vollmann, que acaba de ser publicado em francês. Febril, leio enfim o livro que eu gostaria de escrever e me pergunto, à leitura do primeiro capítulo, que dura, dura, não se sabe quanto tempo vai durar esse estilo, esse tom, essa surdina inacreditável. Na realidade, dura apenas oito páginas, mas oito páginas mágicas durante as quais as frases desfilam como num sonho, não se compreende nada e se compreende tudo. A voz da História ressoa talvez pela primeira vez com justeza, e sou atingido por esta revelação: a História é uma pítia que diz “nós”. O primeiro capítulo intitula-se “Aço em movimento” e leio: “Dentro de um instante o aço vai entrar em movimento, lentamente no início, como trens de tropa deixando as estações, depois mais depressa e em toda parte, multidões de homens de capacete em pelotão, avançando, flanqueados por fileiras de aviões que brilham; a seguir os tanques, os aviões e outros projéteis, numa aceleração implacável”. E mais adiante: “Sempre pronto a maravilhar o sonâmbulo, Göring promete que seguirão, num relâmpago, quinhentos outros aviões a jato. E logo corre a um encontro galante com a vedete de cinema Lida Baarova”. A tcheca. Devo prestar atenção, quando cito um autor, em cortar minhas citações a cada sete linhas. Não mais de sete linhas, como os espiões ao telefone, não mais de trinta segundos para não se deixar localizar. “Em Moscou, o marechal Tukhatchevsky anuncia que as operações da próxima guerra serão semelhantes a empreendimentos de grande manobra que se desenvolvem numa escala maciça. Ele será abatido em seguida. E os ministros do *Central Europe*, que também serão abatidos, aparecem em balcões suportados por marmóreas mulheres nuas, nos quais pronunciam discursos sonhadores, ao mesmo tempo que espreitam a campainha do telefone.” No jornal, alguém me explica: é um relato “de baixa intensidade”, um “romance maravilhoso, mais do que histórico” cuja leitura “requer uma escuta flutuante”. Compreendo. Vou me lembrar disso.

Onde eu estava?

221

Estou exatamente ali onde eu queria chegar. Um vulcão de adrenalina inflama a curva da Holešovice. É o momento preciso em que a soma de microdecisões individuais, movidas unicamente pelas forças do instinto e do medo, vai permitir à História conhecer um de seus sobressaltos, ou de seus soluços, mais sonoros.

O corpo de cada um assume suas responsabilidades. Klein, o motorista, não repõe o carro em marcha, e é um erro.

Heydrich levanta-se e tira o revólver do coldre. Segundo erro. Se Klein tivesse mostrado a mesma vivacidade que Heydrich, ou se Heydrich tivesse ficado imóvel no assento como Klein, certamente tudo teria sido diferente, e eu talvez não estivesse aqui falando com vocês.

O braço de Kubiš descreve um arco de círculo e a bomba voa. Mas ninguém, decididamente, nunca faz exatamente o que deve fazer. Kubiš visa o assento dianteiro, a bomba aterriza ao lado da roda traseira direita. No entanto, ela explode.

---

<sup>4</sup> A cenoura que atrai a mula a andar à frente ao mesmo tempo que é atizada às costas pelo bastão. (N. T.)

Uma notícia alarmante chega de Praga.  
Diário de Göbbels, 28 de maio de 1942



A bomba explode e instantaneamente faz rachar os vidros do bonde em frente. O Mercedes levanta cerca de um metro. Estilhaços atingem Kubiš no rosto e o projetam para trás. Uma nuvem de fumaça inunda o espaço. Gritos se elevam do bonde. Um casaco de ss, pousado no banco de trás, levanta voo. Durante alguns segundos, as testemunhas sufocadas não verão mais que esse casaco de uniforme flutuando nos ares acima de uma nuvem de poeira. Eu, em todo caso, vejo apenas ele. Como uma folha morta, o casaco descreve no ar amplas circunvoluções enquanto o eco da deflagração vai tranquilamente ressoar até Berlim e Londres. Só se mexem o som que se propaga e o casaco esvoaçante. Nenhum outro sinal de vida na curva da Holešovice. Falo em segundos, daqui por diante. O segundo seguinte será outra coisa. Mas aqui, ali, nessa manhã clara de quarta-feira, 27 de maio de 1942, o tempo suspende seu curso pela segunda vez em dois minutos, embora de um modo um pouco diferente.

O Mercedes torna a cair pesadamente no asfalto. Em Berlim, Hitler não pode imaginar por um instante que Heydrich não honrará seu encontro dessa noite. Em Londres, Beneš quer ainda acreditar no sucesso da Antropoide. Que orgulho, em ambos os casos. Quando o pneu arrebentado da roda traseira direita, último dos quatro em suspensão no ar, recupera o contato com o chão, o tempo recomeça a andar. Heydrich leva instintivamente a mão às costas, sua mão direita, a que segura a pistola. Kubiš se levanta. Os passageiros do segundo bonde colam-se às vidraças para ver o que se passa, enquanto os do primeiro tosse, gritam e se acotovelam para descer. Hitler ainda dorme. Beneš folheia nervosamente os relatórios de Moravec. Churchill já está no seu segundo uísque. Valčík observa, do alto da colina, a confusão que reina no cruzamento obstruído por estes veículos: um Mercedes, dois bondes, duas bicicletas. Opálka se encontra em alguma parte nas imediações, mas não consigo localizá-lo. Roosevelt envia aviadores americanos à Inglaterra para ajudar os pilotos da RAF. Lindbergh não quer devolver a medalha que Göring lhe deu em 1938. De Gaulle se esforça por legitimar a França livre junto aos Aliados. O exército de Von Manstein faz o cerco de Sebastopol. O Afrika Korps começou o ataque de Bir Hakeim ontem. Bousquet planeja a prisão em massa do Velódromo de Inverno. Na Bélgica, os judeus são obrigados a usar a estrela amarela a partir de hoje. Os primeiros maquis aparecem na Grécia. Duzentos e sessenta aviões da Luftwaffe estão a caminho para interceptar um comboio marítimo aliado que se dirige à União Soviética, tentando contornar a Noruega pelo oceano Ártico. Após seis meses de bombardeios diários, a invasão de Malta é adiada sine die pelos alemães. O casaco de ss vem delicadamente pousar sobre os fios elétricos do bonde, como um pano que se teria posto a secar. É aí que estamos. Mas Gabčík ainda não se mexeu. O clique trágico da Sten, bem mais que a explosão, produziu-lhe o efeito de uma bofetada mental. Como num sonho, ele vê os dois alemães descenderem do carro e, como numa manobra militar, cobrirem-se mutuamente. Duplo desafio cruzado, Klein volta-se para Kubiš enquanto Heydrich, titubeando, apresenta-se sozinho, diante dele, com a arma na mão. Heydrich, o homem mais perigoso do Terceiro Reich, o carrasco de Praga, o açougueiro, a besta loira, a cabra, o judeu Süß, o homem do coração de ferro, a pior criatura jamais forjada pelo fogo dos infernos, o homem mais feroz jamais saído de um útero de mulher, seu alvo, diante dele, titubeando e armado. Subitamente tirado do pasmo que o paralisou, Gabčík recupera a acuidade necessária a uma compreensão imediata da situação, livre de toda apreciação mitológica ou grandiloquente, e toma uma decisão rápida e certa que lhe permite fazer exatamente o que tem de melhor a fazer: lança sua Sten e corre. As primeiras detonações espocam. É Heydrich que faz disparos contra ele. Heydrich, o carrasco, o açougueiro, a besta loira etc. Mas o Reichprotektor, campeão em todas as categorias de

quase todas as disciplinas humanas, não está no seu melhor dia. Não acerta um único tiro. Por enquanto, Gabčík consegue proteger-se atrás de um poste telegráfico que devia ser muito espesso, pois decide ficar ali. Ele não sabe, de fato, a partir de que momento Heydrich pode recobrar suas faculdades e atirar com precisão. Enquanto isso, a trovoadade repercute. Do outro lado, Kubiš, enxugando o sangue que lhe escorre no rosto e lhe embaraça a visão, distingue a silhueta gigantesca de Klein, que avança em sua direção. Que loucura ou que esforço de lucidez supremo o faz lembrar-se da existência da bicicleta? Ele pega o guidom e monta. Todos os que já andaram de bicicleta sabem que um ciclista, em relação a um homem a pé, é vulnerável durante os primeiros dez, quinze, digamos vinte metros após a partida, para só então distanciar-se dele irremediavelmente. Kubiš, considerando a decisão que seu cérebro o faz tomar, deve ter isso em mente. Pois, em vez de fugir exatamente na direção oposta à de Klein, como pareceria natural a noventa e nove por cento do gênero humano confrontado com uma situação semelhante, ou seja, uma situação em que se trata de empreender uma fuga muito rápida de um nazista armado que tem pelo menos uma boa razão para querer matá-lo, ele escolhe pedalar em direção ao bonde, do qual os passageiros atordoados começam a sair, descrevendo um ângulo, em relação a Klein, inferior a noventa graus. Não gosto de me pôr na cabeça das pessoas, mas creio poder explicar o cálculo de Kubiš, que, aliás, talvez seja duplo. De um lado, para compensar a relativa lentidão da partida e ganhar velocidade o mais rapidamente possível, ele dirige a bicicleta no sentido da descida. Muito provavelmente, ele julgou que pedalar numa subida com um ss nervoso às suas costas não seria uma boa opção. De outro lado, para ter uma chance mesmo ínfima de sair vivo, deve responder a duas exigências contraditórias: não se expor e colocar-se fora de alcance dos tiros inimigos. Mas, para ficar fora de alcance, primeiro ele precisa atravessar uma certa distância que permanece irredutivelmente a descoberto. Kubiš faz a aposta inversa de Gabčík, ele tenta a chance agora. Mas não se entrega exatamente ao acaso: esse bonde, cuja presença os paraquedistas temiam desde que escolheram a curva da Holešovice, Kubiš decide servir-se dele. Os passageiros que desceram não são tão numerosos para formar uma multidão, mas mesmo assim ele tenta utilizá-los como um escudo. Suponho que não conta muito com os escrúpulos de um ss para não atirar através de um grupo de civis inocentes, mas pelo menos a visibilidade do atirador será reduzida. Esse plano de evasão me parece genialmente concebido, sobretudo se pensarmos que o homem que o bolou acaba de ser atingido por estilhaços, que tem sangue nos olhos e dispôs de apenas três segundos para elaborá-lo. No entanto, há um momento em que Kubiš só pode entregar-se à pura sorte, aquele que o separa do escudo dos passageiros atordoados. Ora, o acaso, como acontece tantas vezes, decide distribuir equitativamente seus engasgos: Klein, ainda chocado pela explosão, crisma-se sobre sua arma, o percussor, o gatilho, a culatra ou seja lá o que for, que também trava. O plano de Kubiš vai então dar certo? Não, porque o escudo dos passageiros se ergue um pouco compacto demais à sua frente. No amontoado, alguns já voltaram a si e, por serem talvez alemães, simpatizantes ávidos de façanha ou de recompensa, ou por estarem aterrorizados com a ideia de poderem acusá-los de cumplicidade, ou ainda, para outros, por estarem simplesmente atônitos e incapazes de se mover um centímetro, não parecem dispostos a se afastar à sua passagem. Duvido que algum deles tenha manifestado a veleidade de prendê-lo, mas é possível que tenham lhe mostrado um ar vagamente ameaçador. Chegamos assim a esta cena burlesca (parece que em cada episódio é preciso haver uma) na qual Kubiš, de bicicleta, dispara tiros no ar para abrir passagem entre os passageiros do bonde atordoados. E ele passa. Klein, aparvalhado, compreende que sua presa escapa, lembra que tem um chefe a proteger e volta-se para Heydrich, que continua a atirar. Mas de repente o corpo do Reichprotektor se curva sobre si mesmo e desaba. Klein acorre. O silêncio que segue à interrupção dos tiros não vem em vão. Gabčík decide que, se quiser tentar a sorte, é agora ou nunca. Ele abandona o abrigo precário do poste telegráfico e põe-se a correr. Já recuperou todas as suas faculdades e também consegue refletir: para otimizar as chances de Kubiš, ele deve tomar uma direção diferente. E então se lança rua acima. Mas a análise não é absolutamente impecável, pois, ao fazer isso, dirige-se ao posto de observação de Valčík. Mas Valčík, por ora, não é identificado como um participante da operação. Heydrich consegue erguer-se sobre um cotovelo. A Klein, que vem ao seu encontro, ele late: "Pegue o Schweinehund!" Pegue o cão miserável! Klein consegue enfim armar sua maldita pistola e a perseguição começa. Ele atira e Gabčík, munido do Colt 9 mm que felizmente trazia como reserva da Sten,

responde. Não sei quantos metros à frente ele estava. Nesse momento, não penso que Gabčík atire — por cima do ombro, por assim dizer — para atingir o adversário, mas sim para adverti-lo de que há um risco em aproximar-se demais. Na corrida, os dois homens deixam para trás o cruzamento entregue ao caos. Mas, diante deles, uma silhueta aparece cada vez mais nítida: é Valčík, que vem na direção oposta. Gabčík o vê correr com a arma em punho, parar para fazer pontaria e depois cair antes de ter atirado.

“Do píči!” No momento em que cai, com uma dor violenta na coxa, Valčík não consegue dizer outra coisa senão: “Merda, mas que estupidez!”. Atingido por uma bala do alemão, ele não tem chance. E agora o gigante alemão está a apenas alguns metros. Valčík julga-se perdido. Não terá tempo de recuperar a arma, que deixou cair. Mas, quando Klein chega à sua altura, milagre: ele continua correndo. Ou porque dá importância prioritária a Gabčík, ou porque, concentrado no alvo, não viu que Valčík estava armado e prestes a atirar, ou porque não o viu simplesmente, o alemão passa a seu lado sem se deter, sem sequer olhar para ele. Valčík pode se considerar feliz, mas mesmo assim pragueja: provavelmente foi atingido por uma bala perdida. Que irrisão! Quando se vira, os dois homens desapareceram.

Embaixo a situação é só um pouco menos confusa. Uma mulher loira, porém, compreendeu a situação. Ela é alemã e reconheceu Heydrich, que jaz atravessado na rua com a mão nas costas. Com a autoridade conferida pela convicção de pertencer a uma raça de líderes, ela detém um carro e ordena aos dois ocupantes que levem o Reichprotektor ao hospital mais próximo. O motorista protesta: seu carro está repleto de caixas de bombons que se amontoam no banco de trás. “Descarregue! Sofort!”, late a loira. Nova cena surreal, relatada pelo próprio motorista: os dois tchecos, manifestamente pouco motivados, começam a descarregar as caixas de bombons, como em câmera lenta, enquanto a loira, bonita e elegante em seu tailleur, gira ao redor de Heydrich no chão, murmurando-lhe frases em alemão que ele parece não ouvir. Mas o dia era dessa alemã. No cruzamento surge um outro veículo que, numa rápida inspeção, ela julga mais funcional. É uma pequena caminhonete Tatra que faz entregas de cera de chão e graxa de sapato. A loira corre em sua direção, gritando que pare.

— Que houve?

— Um atentado!

— E aí?

— Você deve levar Herr Obergruppenführer ao hospital.

— Mas... por que eu?

— Seu carro está vazio.

— Mas não vai ser muito confortável, há latas de cera, o cheiro é ruim, não convém transportar o protetor em tais condições...

— Schnell!

Não há chance para o trabalhador da Tatra e ele se cala. Um agente de polícia, chegado nesse meio-tempo, leva Heydrich, sustentando-o. Percebe-se que o Reichprotektor tenta andar direito, mas não consegue. O sangue escorre de seu uniforme rasgado. Ele instala com dificuldade seu corpanzil no assento dianteiro, apertando numa das mãos o revólver, na outra a pasta. A caminhonete dá a partida e põe-se a rodar na descida. Mas o motorista se dá conta de que o hospital é do outro lado e dá meia-volta. A manobra não escapa a Heydrich, que berra: “Wohin fahren wir?”. Meu nível elementar de alemão me permite compreender a pergunta: para onde vamos? O motorista também compreende, mas não lembra como se diz “hospital” (Krankenhaus) e nada responde, então Heydrich começa a esbravejar, ameaçando-o com a arma. Felizmente a caminhonete voltou ao ponto de partida. O motorista avista a loira, que ainda está lá e que, ao vê-los, também acode. O motorista explica. Mas Heydrich murmura qualquer coisa à loira. Ele não consegue ficar no banco da frente, é muito baixo para ele. Então o ajudam a sair e depois o instalam no banco traseiro, de bruços, no meio das latas de cera e graxa de sapato. Heydrich pede que lhe deem sua pasta. Atiram-na ao lado dele. A Tatra parte novamente. Heydrich permanece com uma das mãos nas costas e esconde o rosto com a outra.

Enquanto isso, Gabčík continuava correndo. Com a gravata ao vento, os cabelos despenteados, ele parece Cary Grant em *Intriga internacional* ou Belmondo em *O homem do Rio*. Mas Gabčík, mesmo muito bem

treinado, não tem evidentemente a resistência sobrenatural que o ator francês mostrará no seu papel extravagante. Gabčík, ao contrário de Belmondo, não pode correr indefinidamente. Ele conseguiu, ziguezagueando no bairro residencial em torno, tomar um pouco de distância sobre seu perseguidor, sem todavia despistá-lo. Mas, sempre que dobra a esquina de uma rua, possui alguns segundos durante os quais desaparece do campo de visão dele, e deve aproveitar esse momento. Sem fôlego, ele vê uma casa de comércio aberta e se lança no interior, justo nesse lapso de tempo em que Klein não pode vê-lo. Mas infelizmente não pôde ler o nome do estabelecimento: açougue Brauner. Quando pede, ofegante, ao comerciante para ajudar a escondê-lo, este se precipita para fora, avista Klein, que vem correndo, e, sem dizer uma palavra, aponta-lhe sua loja com o dedo. Esse Brauner é não apenas um tcheco alemão, como ainda por cima tem um irmão na Gestapo. Péssimo esconderijo para Gabčík, portanto, que se vê encurralado nos fundos de um açougue nazista. Mas Klein, durante a perseguição, teve tempo de notar que o fugitivo está armado. Ele não entra, abriga-se atrás de um mastro no jardim e põe-se a atirar feito doido para dentro. Desde que esperou atrás do poste telegráfico que Heydrich parasse de atirar contra ele, a situação de Gabčík, portanto, não evoluiu muito. Contudo, ou porque se lembra de suas qualidades de atirador, ou porque um simples ss de dois metros de altura o impressiona menos que o carrasco de Praga em pessoa, ele se sente mais capaz de reagir. Descobre-se por um segundo, vê um pedaço do corpo ultrapassando o mastro, mira, atira e Klein tomba, ferido na perna. Sem esperar mais, Gabčík salta, passa diante do alemão caído, lança-se na rua, põe-se de novo a correr. Mas está perdido num dédalo de ruazinhas de casas baixas. Ao chegar ao cruzamento seguinte, ele para. No final da rua que se preparava para percorrer, distingue o começo da curva. Na sua fuga desvairada, ele girou em círculo e está voltando ao ponto de partida. É como um pesadelo de Kafka em ritmo acelerado. Ele toma a outra rua do cruzamento, que desce, esta, em direção ao rio. E eu, que manco nas ruas de Praga e subo a Porůčí arrastando a perna, vejo-o correr ao longe.

A Tatra chega ao hospital. Heydrich está amarelo, mal se sustenta sobre as pernas. Levam-no imediatamente à sala de operação e retiram-lhe o casaco. De torso nu, ele olha friamente a enfermeira, que se retira sem dizer nada. Fica sozinho, sentado na mesa de operação. Eu daria tudo para saber quanto tempo exatamente dura essa pequena solidão. Chega um homem de capa preta. Ele vê Heydrich, arregala os olhos, examina rapidamente a peça ao redor e parte em seguida para telefonar: “Não, não é um falso alerta! Enviem-me um esquadrão de ss imediatamente. Sim, Heydrich! Repito: o Reichprotektor está aqui e está ferido. Não, não sei. Schnell!”. Depois entra um primeiro médico, tcheco. Está pálido como cera, mas começa em seguida a examinar a ferida, com uma pinça e tampões. Ela tem oito centímetros de comprimento e contém uma série de estilhaços e pequenos detritos. Heydrich não protesta enquanto a pinça remexe a ferida. Um segundo médico, alemão, irrompe na peça. Pergunta o que se passa e vê Heydrich. Imediatamente bate os calcanhares e brada: “Heil!”. O exame da ferida prossegue. O rim não foi atingido, a coluna vertebral também não, o diagnóstico preliminar parece encorajador. Instalam Heydrich numa cadeira de rodas e levam-no à radiografia. Nos corredores, agentes ss invadem o hospital. As primeiras medidas de segurança são tomadas: pintam-se de branco os vidros das janelas que dão para fora, como proteção contra atiradores de elite, e metralhadoras pesadas são dispostas no telhado. E, naturalmente, transporta-se para outra parte o estorvo que são os enfermos. Heydrich levanta-se da cadeira e vai se instalar sozinho diante do aparelho de raios X, com esforços manifestos para parecer digno. A radiografia revela mais problemas: uma costela quebrada, o diafragma perfurado, danos na caixa torácica. Identifica-se alguma coisa alojada no baço, um estilhaço de bomba ou uma lasca de carroceria. O médico alemão inclina-se em direção ao ferido:

— Herr Protektor, vamos ter que operá-lo...

Heydrich, lívido, faz que não com a cabeça.

— Quero um cirurgião de Berlim!

— Mas seu estado exige... exigiria uma intervenção imediata...

Heydrich reflete. Compreende que arrisca a vida, que o tempo não é seu aliado, e aceita que façam vir o melhor especialista da clínica alemã de Praga. Reconduzem-no à sala de operação. Karl Hermann Frank e os primeiros membros do governo tcheco começam a chegar. O pequeno hospital de bairro conhece uma

efervescência como jamais conheceu e jamais conhecerá.

Kubiš vira-se a todo instante para trás, mas ninguém o segue. Ele conseguiu. Mas conseguiu o quê, exatamente? Não matar Heydrich, que parecia em plena forma quando ele o deixou preparando-se para atirar em Gabčík, nem ajudar Gabčík, que lhe parecia em séria dificuldade com sua Sten muda. Quanto a colocar-se fora de perigo, ele sabe que é muito provisório. A caçada vai começar de um minuto para outro e sua descrição não será muito complicada: um homem de bicicleta, ferido no rosto. Dificilmente haveria algo mais identificável. E mais um problema a resolver: a bicicleta permite-lhe uma mobilidade preciosa para afastar-se o mais rápido possível da área do atentado, mas o expõe muito mais a uma batida policial. Kubiš decide livrar-se dela. Reflete enquanto pedala. Contorna o lugar do atentado e vai depositar seu veículo defronte à loja de calçados Bata, no bairro de Libeň. Teria sido preferível mudar de área, mas a cada segundo passado na rua ele pode fazer-se prender. Assim, ele escolhe buscar refúgio em seu contato mais próximo, a família Novák. Entra num prédio de moradias operárias e sobe a escada de quatro em quatro degraus. Uma vizinha o interpela: “Procura alguém?”. Ele esconde desajeitadamente o rosto.

— A sra. Nováková.

— Ela não está, mas acabo de vê-la, ela volta logo.

— Vou esperá-la.

Kubiš sabe que a brava sra. Nováková não tranca a porta para que ele e seus amigos possam entrar quando quiserem. Ele entra no apartamento e se atira no sofá. Primeiro segundo de descanso nessa longa, longa e estafante manhã.

O hospital de bairro Bulovka se assemelha agora à chancelaria do Reich, ao bunker de Hitler e à sede da Gestapo reunidos. As tropas de choque ss, dispostas dentro, em cima e ao redor do prédio, estão prontas para enfrentar uma divisão de blindados soviéticos. Espera-se o cirurgião. Frank, o ex-livreiro de Karlovy Vary, fuma um cigarro atrás do outro, como se fosse ser papai. Na verdade, ele rumina: terá de informar Hitler.

Na cidade reina uma desordem de combate: é como se tudo que vestisse um uniforme, em Praga, fosse tomado de uma irresistível vontade de correr em todos os sentidos. A agitação atinge o auge, com uma eficácia mais ou menos nula. Se Gabčík e Kubiš tivessem pensado em pegar o trem na estação Wilson (desbatizada) para deixar a cidade nas duas horas que se seguiram ao atentado, teriam conseguido sem dificuldade.

Gabčík, justamente, que partiu em desvantagem, tem agora menos problemas: ele deve encontrar um impermeável, pois sua descrição mencionará que não o veste, já que abandonou o seu ao pé do Mercedes, e conservou toda a sua integridade física: nenhum ferimento corporal, visível ou invisível. Depois de muito correr, ele chega ao bairro de Žižkov. Lá, recupera o fôlego e a calma, compra um buquê de violetas e toca a campanha do professor Zelenka, membro da Jindra, a organização de resistência dos Sokols. Oferece o buquê à sra. Zelenka, pede emprestado um impermeável e torna a partir. Ou então pega o impermeável na casa dos Svatoš, que já lhe tinham emprestado a pasta, deixada também na curva, mas os Svatoš moram mais longe, no centro da cidade, perto da praça Venceslau; aqui os testemunhos não são claros e me perco um pouco. Seja como for, ele vai em seguida ao domicílio dos Fafek, onde um banho quente o espera e onde reencontra sua jovem noiva, Libena. O que eles fazem, o que dizem, não sei. Mas sabemos que Libena estava a par de tudo. Ela deve ter ficado muito feliz de revê-lo vivo.

Kubiš lava o rosto, a sra. Novák lhe aplica tintura de iodo, a vizinha, simplória, lhe empresta uma camisa do marido para que ele possa se trocar, uma camisa branca com listas azuis. O disfarce se completa com um uniforme de ferroviário, emprestado pelo sr. Novák. Com um traje de operário, seu rosto intumescido chamará menos a atenção: todos sabem que os trabalhadores são mais sujeitos a acidentes que os senhores de terno. Resta um problema: seria preciso recuperar a bicicleta deixada diante da Bata. É muito perto da curva, a polícia logo irá encontrá-la. Vindo a calhar, a pequena Jindriska, a caçula dos Novák, chega muito alegre, da escola certamente, e está com fome, na Tchecoslováquia almoçam cedo. Enquanto prepara a refeição, a mãe lhe confia uma missão: “Um conhecido meu deixou sua bicicleta diante da loja Bata. Vá até lá e traga-a de volta ao pátio. E se alguém te perguntar de quem é essa bicicleta, não responda, ele sofreu um acidente e poderia ter problemas...”. A menina parte, a mãe grita-lhe ainda: “E não tente andar com ela, você não sabe! E preste

atenção aos carros!”.

Um quarto de hora mais tarde, a menina retorna com a bicicleta. Uma senhora a interrogou, mas, respeitando as instruções, ela não disse nada. Missão cumprida. Kubiš pode ir embora com o coração mais tranquilo. Tranquilo é modo de dizer, evidentemente, tão tranquilo como pode estar alguém que se sabe votado a ser um dos dois homens mais procurados do Reich nas próximas horas ou nos próximos minutos.

A situação de Valčík, na medida em que sua participação não está ainda claramente estabelecida, é talvez um pouco menos delicada. Mas andar à toa numa Praga em estado de alerta máximo, mancando e ferido por bala, não permite evidentemente considerar o futuro próximo com serenidade. Ele se refugia na casa de um colega e amigo de Alois Moravec, como ele empregado ferroviário, como ele resistente e protetor de paraquedistas, e como ele casado com uma mulher totalmente devotada aos que combatem o ocupante. É ela que faz entrar Valčík, muito pálido, Valčík que ela conhece bem por tê-lo várias vezes recebido, abrigado e escondido, mas a quem chama Mirek, porque ignora sua verdadeira identidade. Como a cidade inteira já ferve de boatos, ela lhe pergunta em seguida: “Está sabendo, Mirek? Houve um atentado contra Heydrich”. Valčík levanta a cabeça: “Ele morreu?”. Ainda não, ela diz, e Valčík torna a baixar a cabeça. Mas ela não consegue deixar de fazer uma pergunta que lhe queima os lábios: “Você participou?”. Valčík consegue formar um sorriso: “Que ideia! Meu coração é muito sensível para isso”. Ela teve a ocasião de avaliar a fibra de que é feito esse homem e sabe, portanto, que ele mente. Aliás, Valčík disse isso apenas por reflexo e não espera ser acreditado. Ela não percebe de imediato que ele manca, mas lhe pergunta se precisa de alguma coisa. “Um café bem forte, por favor.” Valčík pede também que ela dê uma volta na cidade para lhe trazer notícias do que contam. Depois vai tomar um bom banho, porque está com dor nas pernas. A mulher e o marido se dizem que ele talvez caminhou demais. Só no dia seguinte de manhã, quando encontrarem manchas de sangue nos lençóis, é que compreenderão que foi ferido.

Por volta do meio-dia, o cirurgião chega ao hospital e a operação começa em seguida.

Ao meio-dia e quinze, Frank engole em seco e liga para Hitler. Como previsto, o Führer não está nada contente. O pior é quando Frank deve confessar que Heydrich circulava sem escolta, num Mercedes não blindado e descoberto. Na outra ponta da linha, para variar, berros. As vociferações hitlerianas podem se dividir em duas partes: de um lado, essa cachorrada que constitui o povo tcheco vai pagar caro sua audácia. De outro, como é possível que Heydrich, seu melhor elemento, um homem de tal envergadura, de tal importância para o bom funcionamento do Reich como um todo, exatamente, como um todo, tenha sido tão cretino para demonstrar uma negligência tão culpável, sim, culpável! A coisa é simples, é preciso imediatamente:

1. Fuzilar dez mil tchecos.
2. Prometer um milhão de Reichsmark a quem ajudar a prender os criminosos.

Hitler sempre foi apaixonado por números, de preferência números redondos.

À tarde, Gabčík, acompanhado de Libena, porque um casal sempre parece menos suspeito que um homem sozinho, vai comprar um chapéu tirolês, para passar por alemão, um chapeuzinho verde com uma pena de faisão. E o disfarce aproximado não tarda a funcionar para além de suas expectativas: um ss uniformizado o interpela, pede-lhe fogo. Gabčík, cerimoniosamente, tira o isqueiro e acende-lhe o cigarro.

Também acendo um. Sinto-me um pouco como um grafômano neurastênico vagando por Praga. Vou fazer talvez uma pequena pausa.

Mas não há pausa que resista. É preciso passar essa quarta-feira.

O comissário Pannwitz, o homem de capa preta entrevistado no hospital que a Gestapo enviara em busca de notícias, é encarregado do inquérito. Os indícios deixados no local do crime, uma Sten, uma sacola com uma bomba antitanque de fabricação inglesa no interior, não deixam dúvidas sobre a origem do atentado: é assinado por Londres. Ele faz seu relatório a Frank, que chama Hitler. Não foi a Resistência interior que deu o golpe. Frank desaconselha represálias em massa, que sugeririam a existência de uma forte oposição no seio da população local. Execuções individuais de suspeitos ou de cúmplices com sua família, sim, para se mostrar generoso e reduzir o acontecimento a suas justas proporções: uma ação individual organizada no estrangeiro. O importante é conjurar junto à opinião pública a impressão desagradável de que o atentado é a expressão de

uma revolta nacional. Surpreendentemente, Hitler deixa-se mais ou menos convencer por essa incitação relativa à moderação. As represálias em massa são provisoriamente suspensas. Mas, assim que desliga, Hitler insurge-se junto a Himmler. Então é assim, os tchecos não gostam de Heydrich? Pois bem, eles terão algo pior! Aqui, evidentemente, um tempo de reflexão se impõe, pois é difícil haver algo pior que Heydrich. Hitler e Himmler pensam no que fazer. Há alguns ss de alto nível capazes de organizar uma matança, mas todos estão mobilizados no front do Leste, onde, nessa primavera de 1942, estão muito ocupados. Finalmente a escolha recai em Kurt Dalüge, já que este se encontra oportunamente em Praga por razões médicas. Por ironia, Dalüge, chefe das polícias regulares do Reich e recentemente nomeado Oberstgruppenführer, é um rival direto de Heydrich. Só que está muito longe de ter sua envergadura. Heydrich nunca o nomeia senão como “o idiota”. Se ele se restabelecer da operação, ficará muito vexado e será preciso pensar em dar-lhe uma promoção.

E ele se restabelece, de fato. A operação é bem-sucedida, o cirurgião alemão está bastante otimista. Certamente foi preciso fazer incisões no baço, mas não houve complicações maiores. A única coisa um pouco surpreendente são umas mechas de cabelo encontradas na ferida e dispersas pelo corpo. Os doutores levaram algum tempo para compreender de onde provinham: o assento de couro do Mercedes, arrebatado sob o choque, estava forrado com crina de cavalo. Na radiografia, temia-se que pequenos estilhaços de metal tivessem se alojado nos órgãos vitais. Isso não aconteceu e a elite germano-praguense começa a respirar. Lina, que só foi avisada às três horas da tarde, está a seu lado. Ainda grogue, ele articula debilmente, dirigindo-se à mulher: “Cuide de nossos filhos”. Nesse momento, não parece muito seguro de seu futuro.

A tia Moravec está louca de alegria. Ela irrompe na moradia de seu zelador e pergunta: “Estão sabendo o que houve com Heydrich?”. Sim, estão sabendo, no rádio só se fala disso. Mas deram também o número da placa da segunda bicicleta abandonada no local. A bicicleta dela. Sua alegria cessa imediatamente e transforma-se em queixa amarga. Pálida, ela reprova a negligência dos rapazes. Mesmo assim está disposta a ajudá-los. Essa senhora é decididamente uma mulher de ação e não é o momento de lamentar-se. Não sabe onde eles estão, precisa encontrá-los. Infatigável, ela torna a partir.

Nos muros da cidade são afixados os cartazes vermelhos bilíngues utilizados sempre que há um comunicado a fazer à população local, e este, que será sem dúvida o mais lembrado da coleção, proclama:

1. Em 27 de maio de 1942, foi cometido em Praga um atentado contra o Reichprotektor interino, SS-Obergruppenführer Heydrich. Para a detenção dos culpados, uma recompensa de dez milhões de coroas está prevista. Todo aquele que abrigar esses criminosos, fornecer-lhes ajuda ou, conhecendo-os, não os denunciar, será fuzilado com toda a sua família.
2. Na região da Oberlandrat de Praga, o estado de sítio é proclamado pela leitura deste decreto no rádio. As seguintes medidas são tomadas:
  - a) Proibição à população civil, sem exceção, de sair à rua, de 27 de maio às 21 horas a 28 de maio às seis horas;
  - b) Fechamento absoluto de hotéis e restaurantes, cinemas, teatros, locais de lazer, e suspensão de todo tráfego em via pública durante as mesmas horas;
  - c) Todo aquele que, a despeito dessa interdição, for visto na rua, será fuzilado se não se detiver à primeira intimação;
  - d) Outras medidas são previstas e, se necessário, serão anunciadas pelo rádio.

A partir das quatro e meia da tarde, esse decreto é lido na rádio alemã. A partir das cinco, a rádio tcheca começa a difundir-lo a cada meia hora e, das oito e vinte às nove da noite, a cada cinco minutos. Suponho que os que viveram essa jornada em Praga, caso continuem vivos, podem ainda hoje recitar de cor esse texto na íntegra. Às nove e meia da noite, o estado de sítio é estendido a todo o protetorado. Nesse meio-tempo, Himmler chamou Frank para transmitir as novas diretivas de Hitler: executar imediatamente as cem personalidades mais significativas entre os reféns encarcerados, por qualquer motivo, desde a chegada de Heydrich a Praga em outubro do ano anterior.

No hospital esvaziam-se os armários de toda morfina que se puder encontrar para aliviar o grande ferido. Ao anoitecer, uma batida policial demente é organizada. Quatro mil e quinhentos homens das ss, sd, NSKK, Gestapo, Kripo, mais três batalhões da Wehrmacht, assaltam a cidade. Com o concurso da polícia tcheca, são mais de vinte mil homens que participam da operação. Todas as vias de acesso e os grandes eixos são bloqueados, montam-se barreiras nas ruas, prédios são invadidos, pessoas interrogadas. Vejo em toda parte

homens armados saltar de caminhões com toldo descoberto, correr em coluna de um prédio a outro, subir escadas com o martelar das botas e o tilintar do aço, bater às portas, bradar ordens em alemão, tirar as pessoas da cama, revistar seu apartamento, tratá-las com a maior aspereza. Os ss, em particular, parecem ter perdido completamente o controle dos nervos e percorrem as ruas feito loucos furiosos, disparando contra janelas iluminadas ou simplesmente abertas, esperando a todo instante serem alvos de atiradores emboscados. Praga está mais do que em estado de sítio, parece em guerra. A operação de polícia, tal como é conduzida, mergulha a cidade num caos indescritível. Trinta e seis mil apartamentos são visitados durante a noite, para um rendimento irrisório, diante dos meios empregados. São detidas 541 pessoas, entre elas três ou quatro mendigos, uma prostituta, um delinquente juvenil, mas também um chefe da Resistência comunista, embora sem ligação nenhuma com a Antropoide. Quatrocentos e trinta são imediatamente soltos. E nenhuma pista de paraquedistas clandestinos é encontrada. Pior, nem mesmo a sombra de um começo de pista. Gabčík, Kubiš, Valčík e seus amigos devem ter passado uma noite estranha. Pergunto-me se algum deles conseguiu dormir. Seria muito surpreendente. Eu, em todo caso, durmo muito mal neste momento.

223

No segundo andar do hospital, esvaziado de todos os outros enfermos, Heydrich está estendido em seu leito, fraco, com os sentidos entorpecidos, o corpo dolorido, mas consciente. A porta se abre. Um guarda deixa entrar sua mulher, Lina. Ele tenta lhe sorrir, está contente de vê-la. Ela também está aliviada de ver o marido acamado, muito pálido, mas vivo. Ontem, quando o viu logo após a operação, inconsciente e muito branco, pensou que ele estivesse morto; e seu estado, ao despertar, não parecia muito melhor. Ela não acreditou nas palavras tranquilizadoras dos médicos. Se os paraquedistas não encontraram o sono, a noite dela também não foi boa.

Esta manhã ela lhe traz uma sopa quente numa térmica. Ontem vítima de um atentado, hoje já na pele de um convalescente. A besta loira tem o pelo duro. Ele vai sair dessa, como sempre.

224

A sra. Moravec vem buscar Valčík. O bravo ferroviário em cuja casa ele dormiu não quer deixá-lo partir assim, sem mais. Dá-lhe um livro para que leia nos bondes, a fim de ocultar o rosto: Trinta anos de jornalismo, de H. W. Steed. Valčík lhe agradece. Após sua partida, a mulher do ferroviário limpa o quarto e, ao arrumar a cama, descobre sangue nos lençóis. Não conheço a gravidade do ferimento, mas sei que todos os médicos do protetorado são obrigados, por decreto, a declarar à polícia qualquer ferimento por bala, sob pena de morte.

225

Reunião de crise atrás das paredes negras do palácio Peček. O comissário Pannwitz resume: considerando os indícios recolhidos no local do crime, as primeiras conclusões são de que se trata de um atentado planejado por Londres e executado por dois paraquedistas. É também a opinião de Frank. Mas Dalüge, nomeado na véspera, teme que o atentado seja o sinal de um levante nacional organizado. Como medida preventiva, ele quer fuzilar sem piedade e chamar todos os efetivos de polícia da região para reforçar a presença policial na cidade. Frank está verde. Mesmo se o atentado é evidentemente assinado por Beneš, não convém agir desse modo! Politicamente, pouco lhe importa saber se a Resistência interior está implicada ou não: "A impressão de que se trata de uma revolta nacional deve desaparecer da opinião mundial! Devemos dizer que se trata de um ato individual". Além do mais, uma campanha de prisões e execuções em massa arrisca-se a desorganizar a produção. "Devo lembrar-lhe a importância vital da indústria tcheca para o esforço de guerra alemão, Herr



Oberstgruppenführer?” (Por que inventei essa frase? Na certa porque ele a pronunciou realmente.) O vizir pensava ter chegado sua hora. Em vez disso, impõem-lhe esse Dalüge, que não tem experiência nenhuma de homem de Estado, que nada conhece dos dossiês do protetorado e mal deve saber localizar Praga num mapa. Frank não é contra uma demonstração de força: fazer reinar o terror nas ruas não custa muito e é algo que ele conhece. Mas Frank reteve as lições políticas de seu mestre: nada de bastão sem cenoura. A blitz histórica da noite passada mostrou claramente a inutilidade desse tipo de ação. Uma boa campanha de apelo à delação, bem conduzida, sem regatear, dará melhores resultados.

Frank deixa a reunião. Já perdeu tempo demais com esse Dalüge. Um avião o espera para levá-lo em seguida a Berlim, onde tem um encontro com Hitler. Ele espera que o gênio político do Führer não ceda à sua raiva proverbial. Pela conversa telefônica do dia anterior, Frank acha que pode ser convincente. No avião, ele prepara com cuidado a exposição das medidas que preconiza. A fim de não passar por frouxo, recomenda invadir a cidade com tanques e regimentos, cortar algumas cabeças; porém, mais uma vez, evitar as represálias em massa. Aconselha, sobretudo, pressionar Hácha e seu governo, ameaçando-lhes suprimir a autonomia do protetorado e fazer passar os organismos tchecos de toda natureza ao controle alemão. Mais as medidas de intimidação habituais, chantagens, vexações etc., mas, por enquanto, na forma de ultimato. O ideal seria fazer os próprios tchecos lhes entregar os paraquedistas.

As preocupações de Pannwitz são diferentes. Seu domínio é a investigação, não a política. Ele colabora com dois superdetetives enviados por Berlim, que ainda estão boquiabertos com as “proporções catastróficas” do caos que encontraram ao chegar. Diante de Dalüge eles se calam, mas a Pannwitz se queixam de terem precisado de uma escolta para chegar ao hotel sãos e salvos. Sobre o comportamento de cães raivosos dos ss, o diagnóstico é sem apelação: “Estão completamente loucos. Não poderão sequer achar o caminho de volta para sair do caos que estão criando, muito menos descobrir os assassinos”. É preciso proceder com mais método. Em menos de vinte e quatro horas, os três investigadores já obtiveram resultados não negligenciáveis: graças aos testemunhos recolhidos, são capazes de reconstituir com bastante exatidão o desenrolar do atentado e possuem, embora um tanto vaga (essas malditas testemunhas nunca conseguem pôr-se de acordo sobre o que viram!), uma descrição dos dois terroristas. Mas, para chegar a eles, ainda não têm a menor pista. Então pesquisam. Longe da agitação da rua, vasculham os dossiês da Gestapo.

E encontram uma velha foto recolhida com o cadáver do valente capitão Morávek, o último dos Três Reis, o chefe da rede abatido durante um tiroteio ao saltar de um bonde, há dois meses. Nessa foto, o belo Valčík tem o rosto inexplicavelmente inchado. Mas é Valčík, mesmo assim. Os policiais não dispõem de indício nenhum que ligue esse homem ao atentado. Podem passar ao dossiê seguinte ou decidir explorar essa foto para qualquer eventualidade. Se estivéssemos numa novela policial de Maigret, chamaríamos isso de faro.

226

Hanka, uma jovem tcheca e agente de ligação, bate à porta dos Moravec. É introduzida à cozinha onde encontra, sentado numa cadeira, Valčík, que ela conhece desde a época em que ele foi garçom em Pardubice, cidade na qual vive com o marido. Sempre afável, ele sorri, desculpando-se: torceu o tornozelo e não pode se levantar.

Hanka está encarregada de transmitir o relatório de Valčík ao grupo de Bartoš, que ficou em Pardubice, para que este possa informar Londres com o auxílio do Libuše, o precioso radiotelégrafo. Valčík pede à jovem para não mencionar seu ferimento. Como responsável pela Operação Silver A, o capitão Bartoš continua sendo oficialmente seu chefe de missão. Mas ele desaprova o atentado desde o início. De certo modo, Valčík transferiu-se por conta própria da Silver A para a Antropoide. Diante do curso dos acontecimentos, julga só ter contas a prestar a seus dois amigos, Gabčík e Kubiš, que espera estejam salvos, a Beneš em pessoa e a Deus, talvez (disseram-me que ele era crente).

A moça vai até a estação. Mas, antes de pegar o trem, descobre com susto um novo cartaz vermelho.

Telefona imediatamente aos Moravec: “Acabo de ver uma coisa importante”. No cartaz aparece a foto de Valčík, e abaixo: cem mil coroas de recompensa. Segue-se uma descrição um tanto imprecisa do paraquedista — e é uma sorte que ele não tenha saído bem na foto. Seu nome de família é mencionado, mas o prenome e a data de nascimento (que o rejuvenesce em cinco anos) estão errados. Uma pequena nota, ao final, lembra o que dá todo o sabor aos avisos de Procura-se: “A recompensa será entregue com a maior discrição”.

227

Mas há mais coisas a ver além desse cartaz.

Bata construiu seu império antes da guerra. A partir de uma loja de calçados na cidade de Zlín, ele criou uma imensa empresa com sucursais em várias partes do mundo e, em primeiro lugar, na Tchecoslováquia. A ocupação alemã o fez emigrar para a América. Mas, durante o exílio do patrão, as lojas continuaram abertas. Logo no começo da grande avenida Venceslau, no 6, ergue-se um prédio que é uma gigantesca loja Bata. Na vitrine, esta manhã, não são calçados que estão expostos, mas outros artigos: uma bicicleta, duas sacolas de couro e, num cabide, um impermeável e um gorro, peças de acusação encontradas no local do crime, acompanhadas de um apelo a testemunhas. Os passantes que param diante da vitrine podem ler:

Considerando a recompensa prometida de dez milhões de coroas para as indicações que levem à detenção dos culpados e que será paga integralmente, convém indicar que as seguintes perguntas se colocam:

1. Quem pode dar informações sobre os criminosos?
2. Quem percebeu a presença deles no local do crime?
3. A quem pertencem os objetos descritos e, antes de tudo, quem perdeu essa bicicleta feminina, a capa, o gorro e a pasta?

Todo aquele que puder fornecer as informações solicitadas e não as comunicar voluntariamente será fuzilado com sua família, nos termos do decreto de 27 de maio sobre a proclamação do estado de sítio.

Todas as pessoas podem estar certas de que suas indicações serão recebidas de maneira estritamente confidencial.

Além disso, desde 28 de maio de 1942, é dever de todos os proprietários de casa, apartamento, hotel etc. declarar à polícia todas as pessoas, no protetorado inteiro, cuja morada ainda não tiver sido anunciada às delegacias de polícia. A infração a essa norma será punida com a morte.

SS-Obergruppenführer

Chefe de Polícia

junto ao Reichprotektor

da Boêmia-Morávia

K. H. Frank

228

O governo tcheco no exílio declara que o atentado perpetrado contra o monstro Heydrich é ao mesmo tempo um ato de vingança, uma rejeição do jugo nazista e um símbolo dado a todos os povos oprimidos da Europa. Os golpes desferidos pelos patriotas tchecos são um testemunho de solidariedade aos Aliados e de fé na vitória final que repercutirá no mundo inteiro. Novas vítimas entre os tchecos já tombam sob as balas dos pelotões de execução alemães. Mas esse novo acesso de fúria nazista será mais uma vez destruído pela resistência inflexível do povo tcheco e não fará senão reforçar sua vontade e sua determinação.

O governo tcheco no exílio encoraja a população a ocultar os heróis desconhecidos e ameaça com um justo castigo todo aquele que os trair.

229

Em sua caixa postal de Zurique, o coronel Moravec recebe um telegrama enviado pelo agente A54: “Wunderbar — Karl”. Paul Thümmel, o A54, também chamado René ou Karl, nunca encontrou Gabčík e Kubiš e não participou diretamente dos preparativos do atentado. Mas com esta simples palavra, “Maravilhoso”, ele

transmite o sentimento de poderosa alegria experimentado ao anúncio da notícia por todos os combatentes do nazismo no mundo.

230

Batem à porta do zelador. É Ata, o filho adolescente dos Moravec, que vem buscar Valčík. O zelador não quer que ele parta. Poderia ficar no sótão, no quinto andar do prédio, ninguém iria procurá-lo lá em cima... Valčík gosta muito dos bolos que a mulher do zelador lhe prepara, diz que são tão bons quanto os de sua mãe. Aqui ele joga cartas, enquanto escuta a BBC. Na primeira noite foi se esconder no porão, porque um agente da Gestapo passou no prédio. Mas ele se sente seguro entre essas pessoas. Por que não ficar, então?, insiste o zelador. Valčík explica que recebeu ordens, que é um soldado, que deve obedecer e juntar-se a seus companheiros. O zelador não precisa se preocupar, encontrarão para ele um abrigo seguro. O problema é que ainda faz muito frio, ele precisará de cobertores e roupas quentes. Valčík veste um casacão, põe um par de óculos ray-ban sobre o nariz e acompanha Ata, que deve levá-lo a seu novo esconderijo. Esquece na casado zelador o livro que seu anfitrião precedente lhe deu. No interior do livro há uma inscrição com o nome do proprietário. Este terá a vida salva graças a esse esquecimento.

231

Capitulação e servilismo são as duas tetas do petainismo, uma arte na qual o velho presidente Hácha, não menos caquético que seu homólogo francês, é um mestre consumado. Como prova de sua boa vontade, ele decide, em nome do governo fantoche que dirige, dobrar a recompensa oferecida para a captura dos assassinos. As cabeças de Gabčík e Kubiš passam assim a valer dez milhões de coroas cada uma.

232

Os dois homens que se apresentam à porta da igreja não vêm assistir à missa. A igreja ortodoxa São Carlos Borromeu, hoje rebatizada igreja de São Cirilo e São Metódio, é um prédio maciço situado na rua Resslova, que parte em declive da praça Carlos até o rio, em pleno centro de Praga. O professor Zelenka, o "tio Hajsky" da organização Jindra, é recebido pelo padre ortodoxo Petrůek. Ele lhe traz um amigo, o sétimo: é Gabčík. Fazem-no entrar por um alçapão na cripta da igreja. Ali, em meio aos túmulos de pedra onde outrora eram guardados os mortos, ele reencontra seus amigos: Kubiš, Valčík, mas também o tenente Opálka e outros três paraquedistas, Bublík, varc e Hrubý. Um por um, Zelenka os reuniu ali, porque a Gestapo continua sem descanso a fazer buscas nos apartamentos da cidade, mas ainda não teve a ideia de vasculhar as igrejas. Há somente um paraquedista do qual não se tem notícia, Karel ěurda; ninguém sabe onde se encontra, se está escondido ou se foi preso, ou mesmo se ainda está vivo.

A chegada de Gabčík causa sensação na cripta. Seus companheiros precipitam-se para abraçá-lo. Ele reconhece Valčík, disfarçado com cabelos e bigode castanhos, e Kubiš, de olho inchado, o rosto ainda marcado, que mais ruidosamente manifestam a alegria de revê-lo. Gabčík, emocionado, chora ou ri às gargalhadas. Evidentemente está muito feliz de reencontrar os amigos mais ou menos sãos e salvos. Mas se sente muito desolado pelo curso dos acontecimentos. Passado o primeiro momento, Gabčík começa uma litania amarga a que seus amigos deverão se habituar: mistura de escusa e lamentação, ele amaldiçoa a Sten que travou no momento em que tinha Heydrich na mira. Tudo é culpa minha, ele diz. Eu o tinha à minha frente, era um homem morto. E então essa merda da Sten... É ridículo demais! Mas ele está ferido, você o atingiu, não foi, Jan? Gravemente? Acha mesmo? Rapazes, estou muito desolado, a culpa é toda minha. Deveria tê-lo liquidado com o revólver. Foi tiro por todo lado, corri com o outro, o gigante, atrás de mim... Gabčík culpa-se

mortalmente e seus amigos não conseguem consolá-lo. Não importa, Jozef. O que foi feito já é enorme, não percebe? O carrasco em pessoa! Vocês o feriram! É verdade, Heydrich está ferido, ele o viu cair, mas disseram que aos poucos se recupera no hospital. Dentro de um mês estará de volta, talvez até antes, isso é certo, bicho ruim não morre. E os nazistas, parece, sempre têm uma chance insolente de escapar aos atentados (lembro-me de Hitler, em 1939, que deveria pronunciar seu discurso anual na famosa cervejaria de Munique entre as oito e as dez da noite, mas que deixa a sala às nove horas e sete minutos para não perder o trem, e a bomba explode às nove e meia, matando oito pessoas). A Antropoide lamentavelmente fracassou, é o que ele pensa, e a culpa é dele. Jan nada tem a se reprovar. Atirou a granada, não acertou em cheio, mas foi ele que feriu Heydrich. Ainda bem que Jan estava lá. Eles não cumpriram a missão, mas graças a ele atingiram o alvo. Todos sabem agora que Praga não é Berlim e que os alemães não podem se comportar ali como se estivessem em casa. Mas amedrontar os alemães não era o objetivo da Antropoide. Talvez esse objetivo fosse ambicioso demais: um dignitário nazista desse nível nunca foi abatido. Mas o que é que estou dizendo? Não fosse a maldita Sten, esse porco estaria liquidado... A Sten, a Sten! Uma verdadeira merda, é o que ela é.

233

O estado de Heydrich piorou de maneira brutal e inexplicável. Uma febre alta apoderou-se do protetor. Himmler acorre à sua cabeceira. O corpo longo de Heydrich está estendido sem forças sob um fino lençol branco molhado de suor. Os dois homens filosofam sobre a vida e a morte. Heydrich cita uma frase tirada da ópera de seu pai: "O mundo é um realejo que Nosso Senhor faz girar e devemos todos dançar à sua música".

Himmler pede explicações aos médicos. A cura do paciente lhes parecia encaminhar-se bem, mas uma súbita e violenta infecção manifestou-se. A bomba talvez contivesse veneno ou então as crinas do assento penetraram no baço, há várias hipóteses, eles não saberiam dizer qual é a correta. Mas se, como creem, é um começo de septicemia, a infecção irá propagar-se rapidamente e a morte ocorrerá dentro de quarenta e oito horas. Para salvar Heydrich seria preciso uma coisa que o Reich não possui em parte nenhuma, em todo o seu imenso território: penicilina. E não é a Inglaterra que vai lhe fornecer.

234

Em 3 de junho, o radiotelégrafo Libuše recebe esta mensagem de felicitação endereçada à Antropoide:

"Da parte do presidente. Estou muito feliz de que tenham conseguido manter o contato. Agradeço-lhes sinceramente. Constato a absoluta determinação de vocês e de seus amigos. Isso prova que a nação inteira está unida. Posso lhes assegurar que os frutos virão. Os acontecimentos de Praga estão tendo grande impacto aqui e fazem muito pelo reconhecimento da resistência do povo tcheco."

Mas Beneš não sabe que o melhor está por vir. E também o pior.

235

Anna Maruščáková é uma jovem e bonita operária que hoje se ausentou do trabalho por motivo de doença. Assim, quando o correio da tarde chega com uma carta que lhe é endereçada, o diretor da fábrica, sem o menor constrangimento, a abre e a lê. Foi escrita por um jovem e diz o seguinte:

"Querida Ania, desculpe-me por te escrever com tanta demora, mas espero que compreenda, pois sabe que ando muito ocupado. O que eu queria fazer, fiz. No dia fatal, dormi em čabárna. Estou bem e irei te ver esta semana, depois nunca mais nos veremos. Milan."

O dono da fábrica é um simpatizante nazista, ou quem sabe nem isso, apenas um sujeito com aquela mentalidade ignóbil que grassa um pouco em toda parte e se exprime tão claramente nos países ocupados. Ele

decide que talvez haja aí algo de suspeito e transmite a carta a quem de direito. Como o inquérito não avança, a Gestapo busca um osso para roer. Lança-se ao caso com tanta diligência quanto, depois de mais de três mil detenções, nada de sério foi encontrado, mas logo descobre que se trata de uma aventura amorosa: o autor da carta é um jovem casado — certamente ele deseja pôr fim a uma relação extraconjugal. Os detalhes da história não são muito claros, mas é verdade que algumas frases da carta se prestam ao equívoco — pode ser que esse jovem quisesse sugerir em meias palavras um engajamento imaginário na Resistência, a fim de impressionar a amante, ou então buscasse simplesmente criar um clima de mistério para romper sem precisar justificar-se. O fato é que ele nada tem a ver, nem de perto nem de longe, com Gabčík, Kubiš e seus amigos, que nunca ouviram falar dele, e vice-versa. Mas a Gestapo está tão mal de pistas que decide seguir esta, que a conduz a Lídice.

Lídice é uma pequena aldeia pacífica e pitoresca de onde saíram dois tchecos que se alistaram na RAF. Em matéria de pista, é tudo o que os alemães conseguem descobrir. É evidente, mesmo para eles, que o caminho não leva a nada. Mas a lógica nazista tem algo de impenetrável. Ou melhor, é muito simples: eles fincam pé e querem sangue.

Contemplo longamente a foto de Anna. A pobre moça posa como para um retrato de Harcourt, quando se trata de uma foto de identidade na sua carteira de trabalho. Quanto mais examino esse retrato, mais a acho bela. Ela se parece um pouco com Natacha, a testa alta, a boca bem desenhada, com o mesmo ar de doçura e amor nos olhos, ligeiramente sombreados, talvez, pela premonição de uma felicidade não realizada.

236

“Senhores, por favor...” Frank e Dalüge têm um sobressalto. No corredor tudo está em perfeito silêncio e não sei há quanto tempo eles andam em círculo. Os dois entram no quarto retendo a respiração. O silêncio é ainda mais esmagador. Lina está ali, hierática, pálida. Eles se aproximam do leito na ponta dos pés, como se temessem despertar uma fera ou uma serpente. Mas o rosto de Heydrich permanece impassível. No registro do hospital estão assinaladas a hora do trespassse, quatro e meia, e a causa da morte: infecção devida a um ferimento.

237

“Uma vez que é a ocasião que faz não somente o ladrão mas também o assassino, comportamentos heroicos como expor-se num veículo descoberto e sem blindagem ou andar nas ruas sem escolta não são mais que pura estupidez e não servem de maneira nenhuma aos interesses do país. Que um homem tão insubstituível quanto Heydrich tenha exposto sua pessoa ao perigo, é idiota e estúpido! Homens da importância de Heydrich deveriam saber que são eternamente alvos de feira e que muitos espreitam a menor ocasião para abatê-los.”

Göbbels assiste a um espetáculo que tornará a ver cada vez com mais frequência até 2 de maio de 1945: Hitler tentando dominar a cólera, adotando um tom sentencioso de quem dá lições à terra inteira, sem conseguir. Himmler aprova em silêncio. Ele não tem o hábito de contradizer o Führer e, além do mais, está tão furioso quanto este, contra os tchecos e contra Heydrich. Claro, Himmler desconfiava da ambição de seu braço direito. Mas sem ele, privado das competências dessa máquina implacável de terror e de morte, sabe-se mais vulnerável. Com Heydrich ele perde um rival potencial, mas também um trunfo importante no seu jogo. Heydrich era o seu valete de paus. E conhecemos a história: quando Lancelote deixa o reino de Logres, é o começo do fim.

Pela terceira vez, Heydrich faz solenemente o trajeto que o leva ao Hradchine, mas desta vez num ataúde. Uma cenografia wagneriana foi orquestrada para a ocasião. O ataúde, envolto num gigantesco estandarte ss, é depositado numa carroça de canhão. Uma procissão de archotes parte do hospital. Uma fila interminável de veículos meias-lagartas avança lentamente na noite. A bordo, ss em armas brandem tochas que iluminam o caminho, enquanto soldados em continência, nas margens, saúdam o comboio que passa. Não foi autorizada a presença de nenhum civil e, na verdade, ninguém na população deseja aventurar-se fora de casa. Frank, Dalüge, Böhme, Nebe, de capacete e traje de combate, fazem parte da guarda de honra que acompanha o ataúde a pé. Ao final de um trajeto iniciado em 27 de maio às dez horas, Heydrich chega enfim ao destino. Pela última vez, cruza os batentes de porta trabalhados, passa sob a estátua que empunha uma espada e penetra no recinto do castelo dos reis da Boêmia.

Eu gostaria de passar meus dias com os paraquedistas na cripta, relatar suas conversas, descrever como se organiza sua vida cotidiana na friagem e na umidade, o que eles comem, o que eles leem, o que ouvem do rumor da cidade, o que fazem com a namorada quando ela os visita, seus projetos, suas dúvidas, seus temores, suas esperanças, o que eles sonham, o que eles pensam. Mas isso não é possível, pois não sei quase nada a esse respeito. Não sei sequer como reagiram quando lhes vieram anunciar a morte de Heydrich, quando esse deveria ter sido um dos momentos fortes do meu livro. Sei que os paraquedistas sentiam tanto frio nessa cripta que, ao anoitecer, alguns instalavam seu colchão na galeria que domina a nave da igreja, onde a temperatura era mais amena. É muito pouco. No entanto sei que Valčík estava febril (certamente por causa do ferimento) e que Kubiš fazia parte dos que tentavam encontrar o sono na igreja e não na cripta. Enfim, que ele pelo menos tentou uma vez.

Inversamente, disponho de uma documentação enorme sobre os funerais nacionais organizados para Heydrich, da sua partida do castelo de Praga à cerimônia em Berlim, passando pelo transporte em trem. Dezenas de fotos, dezenas de páginas de discursos pronunciados em homenagem ao grande homem. Mas a vida é curta para que eu me importe com isso. Não vou copiar o elogio fúnebre de Dalüge (embora saboroso, porque os dois homens se odiavam), nem a interminável apologia que Himmler faz de seu subordinado. Farei como Hitler, na sua vontade de ser sumário:

“Limitar-me-ei a poucas palavras para homenagear o falecido. Foi um dos melhores nacional-socialistas, um dos mais ardorosos defensores da ideia do Reich alemão, um dos maiores adversários de todos os inimigos do Reich. Tombou como mártir para a preservação e a proteção do Reich. Enquanto chefe do partido e Führer do Reich alemão, concedo-lhe, meu caro companheiro Heydrich, a mais alta condecoração que posso atribuir: a medalha da ordem alemã.”

Minha história é esburacada como um romance, mas, num romance comum, é o romancista que decide onde pôr os buracos, direito que me é negado porque sou escravo de meus escrúpulos. Folheio as fotos do cortejo que atravessa a ponte Carlos, sobe até a praça Venceslau, passa diante do museu. Vejo as belas estátuas de pedra que bordejam a ponte inclinarem-se ante as suásticas e sinto-me vagamente enojado. Prefiro ir instalar meu colchão na galeria da igreja, se resta um lugarzinho.

É noite e está tudo calmo. Os homens voltaram do trabalho e nas pequenas casas, onde as luzes vão se apagando, ainda resta um cheiro bom da janta, apesar do cheiro um pouco forte de repolho. A noite cai sobre

Lídice. Os habitantes se deitam cedo, pois amanhã, como sempre, terão de madrugar para ir à mina ou à fábrica. Mineiros e metalúrgicos já dormem quando um ruído distante de motores em marcha se faz ouvir. O ruído se aproxima lentamente. Caminhões cobertos de toldo avançam em fila indiana no silêncio do campo. Então os motores silenciam. Sucedem-se ruídos breves e secos, contínuos, que invadem as ruas como um líquido precipitado em tubos. Sombras negras se espalham por toda parte na aldeia. Depois, quando as silhuetas se aglutinaram em grupos compactos e cada uma encontrou sua posição, o ruído cessa. Uma voz humana rasga a noite. É uma ordem bradada em alemão. E a ação começa.

Os habitantes de Lídice, arrancados do sono, não compreendem o que lhes acontece, ou compreendem bem demais. Tirados da cama e de suas casas a coronhadas, todos são reunidos na praça da aldeia, diante da igreja. Cerca de quinhentos homens, mulheres e crianças, vestidos às pressas, veem-se cercados por homens em uniforme da Schutzpolizei. Aturdidos e aterrorizados, não podem saber que se trata de uma unidade mandada vir especialmente de Halle-an-der-Saale, a cidade natal de Heydrich. Mas já sabem que amanhã ninguém irá ao trabalho. Então os alemães começam o que em breve será sua ocupação favorita: fazer uma triagem. Mulheres e crianças são encerradas na escola. Os homens são conduzidos a uma propriedade rural e amontoados num porão. E tem início a espera interminável, a angústia absoluta que devora os rostos. No interior da escola as crianças choram. Na rua, os alemães entregam-se à violência, destroem, saqueiam, de maneira conscienciosa e frenética, cada uma das oitenta e seis casas e todos os prédios públicos, inclusive a igreja. Os livros e os quadros, julgados inúteis, são atirados pelas janelas, empilhados na praça e queimados. Quanto ao resto, eles aproveitam rádios, bicicletas, máquinas de costura... Esse trabalho lhes toma várias horas, ao final das quais Lídice é transformada em campo de ruínas.

Às cinco da manhã, eles voltam para buscar os habitantes. Estes veem o espetáculo de sua aldeia em completa desordem e os policiais que continuam a correr por toda parte e a levar tudo que podem. As mulheres e as crianças são embarcadas em caminhões que tomam a direção de Kladno, a cidade vizinha. Para as mulheres, é uma etapa antes de Ravensbrück. As crianças serão separadas das mães e asfixiadas a gás em Chelmno, com exceção de um punhado delas julgadas aptas à germanização, que serão adotadas por famílias alemãs. Os homens são reunidos diante de um muro coberto de colchões. O mais jovem tem quinze anos, o mais velho, oitenta e quatro. Cinco deles são alinhados e fuzilados. Depois outros cinco, e assim sucessivamente. Os colchões servem para evitar que as balas ricocheteiem. Mas os homens da Schupo não têm a experiência dos Einsatzgruppen. Com as pausas, o amontoamento dos corpos e a formação de um novo pelotão, a coisa não tem fim, as horas passam, durante as quais cada um espera sua vez. Para ir mais depressa, decide-se dobrar o ritmo e fuzilar dez de cada vez. O prefeito da cidade, encarregado de identificar os habitantes um por um antes da execução, faz parte da última série. Graças a ele, os alemães poupam nove homens que não são da aldeia, mas que visitavam amigos e foram retidos pelo toque de recolher ou convidados a se hospedar numa família à noite. Mesmo assim, serão executados em Praga. Quando dezenove trabalhadores retornam do serviço noturno, encontram a aldeia devastada, a família desaparecida, os cadáveres de amigos ainda quentes. E, como os alemães ainda estão lá, também eles são imediatamente fuzilados. Até os cães são abatidos.

Mas não é tudo. Hitler decidiu que Lídice servirá de desrecalque catártico e simbólico à sua sede de vingança. A frustração engendrada pela incapacidade do Reich de encontrar e punir os assassinos de Heydrich provoca uma histeria sistêmica para além de toda medida. A ordem é riscar Lídice do mapa, literalmente. O cemitério é profanado, as hortas são reviradas, todas as construções são incendiadas e lança-se sal na terra para ter certeza de que nada brotará. A aldeia não é mais que um braseiro infernal. Tratores são enviados para limpar as ruínas. Não deve restar vestígio nenhum, nem mesmo da localização da aldeia.

Hitler quer mostrar quanto custa desafiar o Reich, e Lídice lhe serve de vítima expiatória. Mas ele acaba de cometer um grave erro. Tendo há muito perdido a noção de qualquer medida, nem Hitler nem qualquer outro membro do aparelho nazista perceberam a repercussão mundial que a publicidade dada voluntariamente à destruição de Lídice provocará. Até então os nazistas, se não mostravam empenho em dissimular seus crimes, aplicavam pelo menos uma discrição de fachada que permitia a alguns, se quisessem, cobrir o rosto quanto à

natureza profunda do regime. Com Lídice, a máscara da Alemanha nazista cai aos olhos do mundo inteiro. É o que Hitler compreenderá nos dias que seguem. Dessa vez não são os ss que se põem em fúria, mas uma entidade cujo poder ele não percebe inteiramente: a opinião mundial. Os jornais soviéticos declaram que dali por diante os homens lutarão com o nome de Lídice nos lábios. E eles têm razão. Na Inglaterra, os mineiros de Birmingham lançam uma campanha em favor da reconstrução futura da aldeia e criam um slogan que dará a volta ao mundo: "Lídice viverá!". Nos Estados Unidos, no México, em Cuba, na Venezuela, no Uruguai, no Brasil, praças, bairros e até vilarejos são rebatizados com o nome de Lídice. O Egito e a Índia manifestam oficialmente sua solidariedade. Escritores, compositores, cineastas, dramaturgos homenageiam Lídice em suas obras. Os jornais, as rádios, as televisões difundem a notícia. Em Washington, o secretário da Navy declara: "Se as gerações futuras nos perguntarem por que combatemos nessa guerra, contaremos a elas a história de Lídice". Nas bombas lançadas pelos Aliados sobre as cidades alemãs é escrito com pincel o nome da aldeia mártir e, no Leste, nas peças dos tanques T34, os soldados soviéticos fazem o mesmo. Ao reagir como o psicopata vulgar que é, e não como o chefe de Estado que também é, Hitler conhecerá com Lídice sua maior derrota num domínio em que pensava ser o mestre: no final do mês, a guerra da propaganda, em nível internacional, está irremediavelmente perdida.

Mas, em 10 de junho de 1942, nem ele nem ninguém ainda têm consciência disso, sobretudo Gabčík e Kubiš. A notícia da destruição da aldeia mergulha os dois paraquedistas no horror e no desespero. Mais do que nunca, a culpa os devora. Por mais que digam que cumpriram sua missão, que a besta morreu, que livraram a Tchecoslováquia e o mundo de uma de suas criaturas mais maléficas, os dois sentem como se eles mesmos tivessem matado os habitantes de Lídice, e também que, enquanto Hitler não os souber mortos, as represálias continuarão indefinidamente. Encerrados na cripta, eles repetem isso em suas pobres cabeças exaustas pela tensão nervosa e chegam à única conclusão possível: é preciso render-se. O cérebro em brasa dos dois imagina uma saída delirante: eles pedirão para ser recebidos por Emanuel Moravec, o colaboracionista tcheco. Uma vez introduzidos, entregarão a ele uma carta em que confessam ser os responsáveis pelo atentado, o abaterão e se matarão em sua sala. Será preciso toda a paciência, a amizade, a força de persuasão e a diplomacia do tenente Opálka, de Valčík e dos companheiros com os quais vivem na cripta, para que eles renunciem a esse projeto insensato. Em primeiro lugar, ele é impraticável tecnicamente. A seguir, os alemães não acreditarão na sinceridade deles. Enfim, mesmo que os dois conseguissem realizar o plano, o terror e os massacres haviam começado bem antes da morte de Heydrich, e continuariam após a morte deles. Seria um sacrifício completamente em vão. Gabčík e Kubiš devem ter chorado de raiva e de impotência. Mas acabam por se deixar convencer. Contudo, não conseguem se persuadir completamente de que a morte de Heydrich serviu para alguma coisa.

Escrevo este livro, talvez, para fazê-los compreender que se enganam.

241

"Polêmica na internet tcheca.

"Um site criado para provocar o interesse dos jovens tchecos pela história da aldeia de Lídice, inteiramente destruída pelos nazistas em junho de 1942, propõe um jogo interativo que consiste em 'destruir Lídice num intervalo de tempo o mais curto possível'."

Libération, 6 de setembro de 2006.

242

A Gestapo obtém tão poucos resultados que é como se não buscasse mais os assassinos de Heydrich. Ela



busca bodes expiatórios para explicar sua incúria e acredita ter encontrado um. É um funcionário do Ministério do Trabalho que, em 27 de maio à noite, autorizou a partida de um trem repleto de trabalhadores tchecos com destino a Berlim. Já que os três paraquedistas permanecem inencontráveis, essa pista vale como qualquer outra e a Gestapo “estabeleceu” que os três assassinos (sim, o inquérito apesar de tudo avançou um pouco, eles sabem agora que eram três) estavam a bordo. Os homens do palácio Peček são capazes mesmo de dar detalhes muito espantosos: os fugitivos ficaram escondidos debaixo dos bancos durante o trajeto e aproveitaram uma breve parada em Dresden para descer do trem e desaparecer no mato. Certo, a ideia de que os terroristas tenham podido deixar o país para se refugiar na Alemanha pode parecer ligeiramente audaciosa, mas é preciso mais para fazer recuar a Gestapo. Em contrapartida, o funcionário não está disposto a ceder, e sua defesa os pega de surpresa: sim, ele autorizou de fato a partida do trem, mas foi a pedido expresso do Ministério da Aeronáutica em Berlim. Vale dizer, de Göring. Além disso, esse funcionário meticuloso conservou uma cópia da autorização de circulação carimbada pelos serviços de polícia de Praga. Se houve erro, a Gestapo deverá então assumir sua parte de responsabilidade. No palácio Peček, decidem não levar adiante essa história.

243

É o comissário Pannwitz, esse velho matreiro, um fino conhecedor da alma humana, que encontra uma ideia para desbloquear a situação. Pannwitz parte desta constatação: o clima de terror criado deliberadamente desde 27 de maio é contraproducente. Ele não tem nada contra o terror, mas há um inconveniente: ele produz um efeito absolutamente desestimulante sobre todos os delatores de boa vontade. Mais de duas semanas após o atentado, ninguém vai correr o risco de vir explicar à Gestapo que tem informações, mas que até então hesitava em fornecê-las. É preciso prometer — e conceder — uma anistia a todos os que vierem de livre e espontânea vontade fazer revelações sobre o caso, mesmo que estejam implicados.

Frank deixa-se convencer: ele decreta uma anistia para todo aquele que fornecer, em cinco dias, informações que permitam a captura dos assassinos. Depois, ele não poderá mais conter a sede de sangue de Hitler e de Himmler.

Ao ficar sabendo a notícia, a sra. Moravec compreende de imediato o que isso significa: os alemães jogam sua última cartada. Se daqui a cinco dias ninguém denunciar os rapazes, eles estarão protegidos contra a delação e suas chances de sobrevivência aumentarão consideravelmente. De fato, uma vez expirado o período de anistia, ninguém mais ousará ir até a Gestapo. Estamos em 13 de junho de 1942. No mesmo dia, um desconhecido passa na casa dela, mas não há ninguém. O homem pergunta ao zelador se ela não deixou uma pasta para ele. É tcheco, mas não dá a senha, “Jan”. O zelador responde que não sabe de nada. O desconhecido vai embora. Karel č urda esteve a ponto de voltar à tona.

244

A tia Moravec enviou a família ao campo por alguns dias, mas ela mesma tem muito a fazer em Praga. Lava e passa roupa, leva recados, corre a toda parte. Para não chamar a atenção, faz-se ajudar pela mulher do zelador. Não convém que a vejam seguidamente cheia de pacotes nos braços. Além disso, o lugar onde se escondem os paraquedistas deve permanecer secreto. Assim, as duas mulheres marcam encontro na praça Carlos e a zeladora lhe entrega os pacotes de provisões em meio à multidão e aos canteiros de flores. A seguir, a tia desce a rua Resslerova, entra na igreja e desaparece. Uma outra vez elas tomam o mesmo bonde, mas a zeladora desce dois ou três pontos antes do local, deixando os pacotes, que a tia recupera. Na cripta, ela leva bolos recém-saídos do forno, cigarros, álcool para fazer funcionar um velho fogareiro e notícias do mundo exterior. Os rapazes estão todos um pouco adoentados por causa do frio, mas o moral melhorou. A morte de Heydrich não pode fazer esquecer Lídice, mas mesmo assim eles percebem aos poucos o alcance do que realizaram. Valčík recebe a tia vestido de um robe. É verdade que está um tanto pálido, mas agora usa um

bigode fino que o faz parecer um senhor distinto. Ele lhe pede notícias de Moula, seu cachorro. Moula vai bem, os zeladores o confiaram a uma família que tem um amplo jardim. O rosto de Kubiš desinchou e mesmo Gabčík recuperou um pouco da sua jovialidade natural. A pequena comunidade dos sete se organiza: eles fizeram um coador com um tecido de malha, gostariam muito de tomar café. A tia promete que tentará lhes trazer. Enquanto isso, o professor Zelenka elabora com a Resistência planos de evasão muito hipotéticos. A Antropoide foi concebida como uma missão suicida e ninguém havia realmente imaginado que a questão do retorno se colocaria. Num primeiro momento seria preciso transferir todos ao campo. Mas a Gestapo não dá trégua, a cidade está em alerta máximo, é preciso esperar. Logo será o dia de santo Adolfo e, para festejá-lo (Adolfo é também o prenome do tenente Opálka), a tia gostaria de trazer-lhes escalopes e também preparar-lhes almôndegas de fígado ao molho. É muito natural, os rapazes não a chamam mais de “tia”, mas de “mamãe”. Sete homens supertreinados reduzidos à inação, tão vulneráveis como crianças, enclausurados nessa cripta úmida, entregam-se inteiramente às mãos dessa senhora maternal. “É preciso resistir até o dia 18”, ela repete a si mesma. Estamos no dia 16.

245

Karel Čurda está em pé na calçada, bem no alto da rua Bredovska, que os tchecos, em lembrança, rebatizaram de “rua dos Prisioneiros” e que desemboca na estação central, ex-estação Wilsonovo. Defronte, o palácio Peček é um imponente prédio em pedra escura, lúgubre e perfeitamente inquietante, de esquina. Essa construção maciça foi edificada após a Primeira Guerra Mundial por um banqueiro tcheco que possuía a quase totalidade das minas de carvão na Boêmia do Norte. O antracito que cobre a fachada do prédio talvez fosse como uma lembrança da origem carbonífera da fortuna dele. Mas o banqueiro cedeu palácio e minas ao governo, preferindo deixar prudentemente o país para ir à Inglaterra pouco antes da invasão alemã. Ainda hoje o palácio Peček é um prédio oficial que abriga o Ministério do Comércio e da Indústria. Mas, em 1942, é o quartel-general da Gestapo para a Boêmia-Morávia. Cerca de mil empregados ocupam-se ali de tarefas as mais obscuras, em corredores tão sombrios que mesmo em pleno dia se tem a impressão de ser noite. Situado no centro da capital, dotado de um equipamento ultramoderno, com uma gráfica, um laboratório, uma agência postal e uma central telefônica, o prédio é, de um ponto de vista funcional, perfeito para a polícia nazista. Seus inúmeros subsolos e porões foram, como era de prever, cuidadosamente reaproveitados. A casa é dirigida pelo dr. Geschke, um jovem Standartenführer cuja simples visão numa foto me gela o sangue, com uma cicatriz na cara, pele de mulher, olhos loucos, lábios cruéis, o cabelo com uma risca lateral e o crânio semirraspado. Em suma, o palácio Peček é a imagem mesma do terror nazista em Praga e, nem que seja apenas para ficar parado diante do prédio, é preciso uma certa coragem. Karel Čurda a teve, mas porque é motivado por vinte milhões de coroas. É preciso coragem para denunciar seus companheiros. E ele deve pesar bem os prós e os contras. Nada garante que os nazistas cumprirão sua palavra. Ele se prepara para jogar a vida numa única cartada: a fortuna ou a morte. Mas Čurda é um aventureiro. Foi por gosto da aventura que se alistou nas forças tchecoslovacas livres. Foi o mesmo gosto da aventura que o fez apresentar-se como voluntário para missões especiais no protetorado. Mas seu retorno ao país não lhe agradou, a clandestinidade nada tendo, afinal, de atraente. Desde o atentado ele vive na casa da mãe, no interior, na pequena cidade de Kolín, a sessenta quilômetros a leste de Praga. Antes, porém, teve tempo de encontrar várias pessoas envolvidas na Resistência, entre as quais Kubiš e Valčík, com quem participou da Operação Skoda em Pilsen, e também Gabčík e Opálka, que cruzou várias vezes nas mudanças de esconderijo em Praga. Ele conhece, entre outros, o apartamento dos Svatoš, que forneceram uma bicicleta e uma pasta para o atentado. Conhece, sobretudo, o endereço dos Moravec. Não sei por que razão há três dias ele passou na casa deles. Já tinha a intenção de trair? Ou buscava retomar contato com a rede da qual estava sem notícias? Mas por que teria voltado a Praga, a não ser pela recompensa? Não estava mais seguro na casa da mãe, na pitoresca cidadezinha de Kolín? Na verdade, não: Kolín, em 1942, é um centro administrativo alemão; é lá também que são agrupados os judeus da Boêmia

central, e a estação serve de ligação ferroviária para as deportações rumo a Terezín. É possível, portanto, que Čurda não quisesse colocar por mais tempo a família em perigo — além da mãe, sua irmã vivia em Kolín — e que tenha voltado a Praga para buscar apoio e refúgio junto aos companheiros. Qual terá sido então o peso da porta fechada que ele encontrou ao ir até a casa dos Moravec? Sabemos que a tia Moravec o esperava, pois perguntou ao zelador, que lhe falou de um misterioso visitante, se ele vinha de Kolín. Mas ela havia saído... Nunca podemos saber o que faz, se o acaso travesso ou poderosas forças de uma vontade em marcha, com que as coisas aconteçam como acontecem. Seja como for, nessa terça-feira, 16 de junho de 1942, Karel Čurda parece ter tomado uma decisão. Ele não sabe onde se escondem seus companheiros paraquedistas. Mas sabe muito a respeito deles.

Karel Čurda atravessa a rua, apresenta-se à sentinela que guarda o pesado pórtico de madeira, diz que tem revelações a fazer, sobe os largos degraus cobertos de um tapete vermelho que o conduzem ao vasto saguão de entrada, e mergulha no ventre de pedra do palácio negro.

246

Ignoro quando e por que os Moravec, pai e filho, retornaram a Praga. Partiram e voltaram em seguida, após poucos dias no campo; a razão foi a impaciência do jovem adolescente em ajudar os paraquedistas? Não deixar a mãe sozinha? Ou talvez o trabalho do pai? Dizem que este não sabia de nada, mas não posso acreditar. Quando sua mulher acolhia paraquedistas em casa, ele via que não eram escoteiros. Aliás, várias vezes o pai recorreu a amigos em busca de uma roupa, uma bicicleta, um médico, um esconderijo... Toda a família, portanto, participou da luta, inclusive o filho mais velho, refugiado na Inglaterra, piloto da RAF, do qual não se tinha notícias e que morrerá em 7 de junho de 1944 ao ter seu caça derrubado logo após o Desembarque, dentro de quase dois anos — ou seja, nos tempos que correm, uma eternidade.

247

Čurda cruzou o Rubicão, mas não é acolhido exatamente como triunfador. Após uma noite inteira de interrogatório, durante a qual a Gestapo logo reconheceu a importância capital de seu depoimento espancando-o com moderação, ele espera ajuizadamente num banco de madeira, num dos corredores sombrios, que decidam sobre sua sorte. Deixado a sós um momento com ele, o intérprete requisitado lhe pergunta:

— Por que fez isso?

— Eu não aguentava mais todos esses assassinatos de inocentes.

E também por vinte milhões de coroas. Que ele vai receber.

248

O que toda família teme nesses anos de ferro e de horror acontece uma manhã na casa dos Moravec. Batem à porta, é a Gestapo. Os alemães encostam à parede a mãe, o pai e o filho, põem-se a revistar freneticamente o apartamento. “Onde estão os paraquedistas?”, late o comissário alemão, e o tradutor que o acompanha traduz. O pai responde brandamente que não conhece ninguém. O comissário volta a examinar os quartos. A sra. Moravec pergunta se pode ir ao banheiro. Um agente da Gestapo a esbofeteia. Mas logo após este é chamado por seu chefe e desaparece. Ela insiste junto ao tradutor, que a autoriza. Ela sabe que dispõe de apenas alguns segundos. Assim, rapidamente fecha-se no banheiro. Tira a cápsula de cianureto e a mastiga sem hesitar. Morre instantaneamente.

De volta à sala, o comissário pergunta onde está a mulher. O tradutor lhe explica. O alemão compreende de imediato. Louco de raiva, corre até o banheiro e com um encontrão arromba a porta. A sra. Moravcová ainda

está em pé, tem um sorriso nos lábios. Depois desaba. “Wasser!”, berra o comissário. Seus homens trazem água e tentam em vão reanimá-la. Está morta.

Mas seu marido ainda está vivo. E seu filho ainda está vivo. Ata vê os homens da Gestapo transportar o corpo da mãe. O comissário da Gestapo se aproxima dele sorrindo. Ata e o pai são levados à prisão, de pijama.

249

Eles o torturaram de maneira atroz, evidentemente. Parece que lhe trouxeram a cabeça da mãe flutuando num balde. “Está vendo essa caixa, Ata...” As palavras de Valčík com certeza lhe voltaram à memória. Mas uma caixa não tem mãe.

250

Sou Gabčík, enfim. Habito meu personagem, como dizem. Vejo-me andar por Praga libertada, de braço dado com Libena, as pessoas riem e falam tcheco e me oferecem cigarros. Estamos casados, ela espera um filho, fui promovido a capitão, o presidente Beneš governa a Tchecoslováquia reunificada, Jan vem nos ver com Anna ao volante de um Skoda último tipo, ele veste um boné de atravessado, vamos beber uma cerveja numa kavárna à beira do rio fumando cigarros ingleses, rimos às gargalhadas ao relembrar os tempos de luta. Lembra-se da cripta? Que frio que fazia! É um domingo à beira do rio, abraço minha mulher, Valčík veio nos encontrar, e Opálka com sua noiva da Morávia de quem ele tanto nos falou, os Moravec também estão presentes, e o coronel, que me oferece um charuto, e Beneš, que nos traz linguças, ele oferece flores às mulheres, quer fazer um discurso em nossa honra, Jan e eu nos defendemos, não, não, discurso ainda não, Libena ri, me contraria com doçura, ela me chama seu herói, e Beneš começa o discurso na igreja de Vyšehrad, o tempo está agradável, visto um terno de noivo, ouço as pessoas que entram na igreja atrás de mim, ouço as pessoas e Nezval, que recita um poema, uma história de judeu, de Golem, de Fausto na praça Carlos, com chaves de ouro e dizeres da rua Nerudova, e números numa parede formam minha data de nascimento antes de serem levados pelo vento...

Não sei que horas são.

Não sou Gabčík e nunca o serei. Resisto ao máximo à tentação do monólogo interior e assim me salvo talvez do ridículo neste instante decisivo. A gravidade da situação não constitui uma escusa, sei muito bem que horas são e estou perfeitamente desperto.

São quatro horas da madrugada. Não durmo sobre os túmulos de pedra reservados aos monges mortos da igreja de São Cirilo e São Metódio.

Na rua, formas negras recomeçam seu balé furtivo, só que não estamos mais em Lídice, e sim no centro de Praga. É tarde demais para se lamentar daqui por diante. Caminhões cobertos de toldos chegam de todos os lados, formando as pontas de uma estrela cujo centro seria a igreja. Numa tela de controle veríamos os rastros luminosos dos veículos convergindo em direção ao alvo, mas se detendo antes de se juntarem. Os dois pontos principais de estacionamento são as margens do Vltava e a praça Carlos, nas duas extremidades da rua Resslova. Apagam-se os faróis, desligam-se os motores. De baixo dos toldos emergem as tropas de choque. Diante dos portões de garagem, sobre cada boca de esgoto, um ss é postado. Metralhadoras pesadas se instalam nos telhados. A noite prudentemente se retira. Os primeiros raios da aurora já começaram a clarear o céu, porque o horário de verão ainda não foi inventado e porque Praga, embora um pouco mais a oeste que Viena, por exemplo, está suficientemente voltada para o leste para que a friagem das manhãs a surpreenda muito cedo em seu sono. O quartirão já está cercado quando chega o comissário Pannwitz escoltado por um pequeno grupo de seus agentes. O intérprete que o acompanha aspira o cheiro agradável exalado dos canteiros de flores da praça Carlos (para estar ainda lá após ter permitido à sra. Moravec ir suicidar-se no banheiro, deve

ser um intérprete muito bom). O comissário Pannwitz foi encarregado do cerco e da prisão; é uma honra, mas também uma pesada responsabilidade: é importante sobretudo não repetir o fiasco de 28 de maio, toda aquela agitação inútil da qual, felizmente, ele não participou. Se tudo correr bem, será o coroamento da sua carreira; se a operação resultar em outra coisa que não a prisão ou a morte dos terroristas, seguramente ele terá sérios problemas. Nessa história todos correm perigo, mesmo do lado alemão, onde a ausência de resultados equivale a sabotagem aos olhos dos chefes, ainda mais quando se trata de dissimular os erros ou de estancar a sede de vingança deles (e aqui os dois fatores se combinam). Bodes expiatórios custe o que custar, podia ter sido essa a divisa do Reich; assim, Pannwitz não poupa esforços para ficar do lado bom da barreira, como lhe querer mal? É um tira, um profissional que age com método. Deu instruções rigorosas a seus homens. Silêncio absoluto. Vários cordões de segurança. Esquadrinhamento completo do local. Ninguém atira sem sua autorização. É preciso pegá-los vivos. Não que ele se importe se forem mortos, mas capturar um inimigo vivo é a promessa de dez novas detenções. Os mortos não falam. Muito embora, de certo modo, o cadáver da Moravcová soube encontrar as palavras. Pannwitz ri interiormente? Na hora de enfim prender os assassinos de Heydrich que há três semanas zombam das polícias do Reich, ele deve pelo menos sentir um certo nervosismo. Afinal, ignora o que o espera no interior. Prudentemente, envia um homem para fazer abrir a porta da igreja. Nesse instante ninguém pode saber que o silêncio que cobre Praga vive seus últimos minutos. O agente toca a campainha. Um longo momento transcorre. As dobradiças giram, por fim. Um sacristão sonolento aparece à porta. É golpeado e algemado antes de ter podido abrir a boca. Mas é preciso explicar-lhe o motivo dessa visita matinal. Desejam ver a igreja. O intérprete traduz. O grupo atravessa um corredor, faz abrir uma segunda porta e penetra na nave. Os homens de preto se deslocam como aranhas, com a diferença de que não sobem pelas paredes, mas o eco de seus passos repercute na alta nave de pedra. Procuram por toda parte mas não encontram ninguém. Resta examinar a galeria no alto da nave. Pannwitz localiza uma escada em espiral atrás de um portão fechado à chave. Pede a chave ao sacristão, que jura que não a possui. Pannwitz manda quebrar a fechadura a coronhadas. No momento em que abrem o portão, um objeto esférico e ligeiramente oblongo rola na escada e, enquanto ouve o metal tilintar nos degraus, Pannwitz compreende tudo, tenho certeza. Compreende que descobriu o reduto dos paraquedistas, que eles estão refugiados no coro, que estão armados e não vão se render. A granada explode. Uma cortina de fumaça se espalha na igreja. Simultaneamente, as Sten entram em ação. Um dos agentes presentes, o mais zeloso de todos, segundo o intérprete, solta um grito. Pannwitz dá imediatamente a ordem de recuar, mas seus homens, cegos e desorientados, põem-se a correr e a atirar em todas as direções, sob um fogo cruzado de cima para baixo. A batalha da igreja acaba de começar. Visivelmente, os visitantes não estavam preparados para isso. Acreditaram talvez que seria fácil, pois geralmente o simples cheiro de couro de seus impermeáveis basta para petrificar qualquer um. O efeito surpresa é total, portanto, em favor dos defensores. Do jeito que pode, a Gestapo recolhe seus feridos e consegue evacuar. Os tiros cessam de ambos os lados. Pannwitz vai buscar um esquadrão SS que ele lança ao assalto e que recebe a mesma acolhida. Lá no alto, invisíveis atiradores conhecem seu ofício. Muito bem posicionados para cobrir todos os ângulos da nave, escolhem a melhor ocasião, miram com cuidado, atiram com parcimônia e seguidamente acertam. Cada rajada faz o invasor gritar. A escada estreita e incômoda torna a galeria tão pouco acessível quanto a mais sólida barricada. O assalto termina com uma segunda retirada. Pannwitz compreende que é ilusório querer pegá-los vivos. Para aumentar o caos, alguém ordena às metralhadoras postadas no telhado defronte a abrir fogo. As MG42 esvaziam seus carregadores contra os vitrais, que voam em pedaços.

Na galeria, três homens recebem uma chuva de vidros coloridos, três homens apenas — são Kubiš da Antropoide, Opálka da Out Distance e Bublík da Bioscope, que sabem exatamente o que têm a fazer: barrar o acesso à escada (é Opálka que a protege), economizar munições, atirar e matar quantos puderem. Fora, os assaltantes deixam-se dominar pela febrilidade. Quando as metralhadoras se calam, ondas de assalto invadem a nave. Ouve-se Pannwitz gritar: "Attacke! Attacke!". Curtas rajadas judiciosamente emitidas são suficientes para rechaçá-las. Os alemães precipitam-se na igreja e saem em seguida ganindo como cães de caça. Entre duas ondas, as metralhadoras alemãs despejam rajadas longas e pesadas, que roem a pedra e dilaceram o

resto. Quando a palavra está com as metralhadoras pesadas, Kubiš e seus dois companheiros não podem responder, mas são obrigados a deixar passar a tempestade protegendo-se da melhor maneira possível atrás de largas colunas. Felizmente para eles, os assaltantes também não podem se expor a esses tiros de cobertura, de modo que a ação das mg42 neutraliza tanto o ataque quanto a defesa. A situação é assim precária para os três paraquedistas, mas os minutos passam, minutos que viram horas, e eles resistem.

Quando Karl Hermann Frank chega ao local, ele pensa talvez ingenuamente que tudo já estaria terminado; em vez disso, vê com estupefação o caos que reina na rua e Pannwitz, que transpira sob seu traje civil e sua gravata muito apertada. "Attacke! Attacke!" As ondas de assalto são esmagadas umas após as outras. O rosto dos feridos exprime o alívio quando os tiram desse inferno para levá-los ao centro de socorro. Frank, em troca, tem o rosto muito contrariado. O céu está azul, é um dia lindo, mas o trovão das armas deve ter despertado a população inteira. O que vão dizer na cidade? A coisa não cheira bem. De acordo com um procedimento multissecular em situações de crise, o chefe dá um ultimato a seu subordinado. Exige que os terroristas sejam neutralizados de imediato. Uma hora mais tarde, as balas continuam a silvar de todos os lados. Pannwitz grita com excitação redobrada: "Attacke! Attacke!". Mas os ss compreenderam que nunca tomarão a escada e resolvem mudar de tática. É preciso limpar o ninho de cima para baixo, com tiros de cobertura, fuzilaria e lançamentos de granadas, até que atiradores mais hábeis ou com mais sorte atinjam o alvo. Após três horas de confrontos, há uma série de explosões entre as vigas do coro e o silêncio se faz, enfim. Durante longos minutos, ninguém ousa se mexer. Finalmente decidem ir ver lá em cima. O soldado designado para subir a escada espera com resignação e ansiedade a rajada que vai derrubá-lo, mas ela não vem. Ele entra na galeria. Quando a fumaça se dissipa, vê três corpos inanimados: um cadáver e dois feridos inconscientes. Opálka está morto, mas Bublík e Kubiš ainda respiram. Informado, Pannwitz chama uma ambulância. A ocasião é inesperada, é preciso salvar esses homens para poder interrogá-los. Um deles tem as pernas quebradas, o outro não está em melhor estado. A ambulância corre pelas ruas de Praga com a sirene ligada. Mas, quando chega ao hospital, Bublík está morto. Vinte minutos mais tarde, Kubiš sucumbe a seus ferimentos.

Kubiš está morto. Lamento ter que escrever isso. Gostaria de tê-lo conhecido melhor. Gostaria de tê-lo podido salvar. Segundo depoimentos, parece que havia no final da galeria uma porta condenada que se comunicava com os prédios vizinhos e que poderia ter permitido aos três homens escapar. Por que não a tomaram? A História é a única verdadeira fatalidade: pode-se relê-la em todos os sentidos, mas não se pode reescrevê-la. Não importa o que eu faça, o que eu diga, não ressuscitarei Jan Kubiš, o bravo, o heroico Jan Kubiš, o homem que matou Heydrich. Não sinto absolutamente prazer nenhum em contar essa cena cuja redação me custou longas semanas laboriosas, e para qual resultado? Três páginas de vaivém numa igreja e três mortos. Kubiš, Opálka, Bublík, mortos como heróis, mas mesmo assim mortos. Não tenho sequer o tempo de chorar por eles, pois a História, essa fatalidade em marcha, nunca se detém.

Os alemães examinam os escombros e não encontram nada. Depositam o cadáver do terceiro homem na calçada e fazem vir č urda para a identificação. O traidor baixa a cabeça e murmura: "Opálka". Pannwitz rejubila-se: bem adivinhado. Ele supõe que os dois homens na ambulância são os dois autores presumidos do atentado, cujos nomes č urda forneceu durante seu interrogatório, Jozef Gabčík e Jan Kubiš. Ele ignora que Gabčík se encontra bem sob seus pés.

Gabčík certamente compreendeu, quando os tiros cessaram, que seu amigo estava morto, pois eles jamais teriam se entregado vivos às mãos da Gestapo. Agora, ao lado de Valčík e de dois outros companheiros, Jan Hrubý, da Bioscope, e Jaroslav varc, da Tin, este último recentemente enviado por Londres para cometer um outro atentado, desta vez contra Emanuel Moravec, o ministro colaborador, ele espera que os alemães irrompam na cripta ou que partam sem tê-los procurado.

Acima deles a agitação continua, mas nada é encontrado. A igreja parece ter sido destruída por um terremoto, e o alçapão que dá acesso à cripta está coberto por um tapete que ninguém tem a ideia de levantar. Quando não se sabe o que se busca, evidentemente, toda investigação perde em eficácia, sem contar que os nervos dos policiais e dos soldados foram duramente postos à prova. Todos se dizem que provavelmente não há nada mais a fazer ali, a missão foi cumprida e Pannwitz vai propor a Frank levantar acampamento. Mas eis

que um homem descobre alguma coisa e leva a seu chefe: uma peça de roupa, não sei se um casaco, um pulôver, uma camisa ou um sapato, que recolheu num canto. O instinto do policial logo se põe alerta. De que maneira ele decide que essa roupa não pertence a um dos três homens abatidos na galeria, ignoro, mas sua ordem é continuar as buscas.

São sete horas passadas quando eles encontram o alçapão.

Gabčík, Valčík e seus dois companheiros estão encurralados como ratos. O esconderijo torna-se prisão e tudo leva a crer que será seu túmulo, mas até lá farão dele um bunker. O alçapão é levantado. Quando as pernas de um uniforme ss aparecem, eles disparam uma curta rajada, como a assinatura do sangue-frio que possuem. Um grito. As pernas desaparecem. A situação deles é muito ruim e desesperada, mas, de certa maneira, também bastante sólida, pelo menos a curto prazo, mais ainda que na galeria. Kubiš e seus dois companheiros beneficiavam-se de uma posição do alto que lhes permitia dominar os agressores. Aqui é o contrário, já que o assaltante chega por cima, mas a estreita via de acesso obriga os ss a descer um por um, dando tempo aos defensores de mirá-los e abatê-los um após o outro. É um pouco como nas Termópilas, se quiserem, só que aqui a tarefa de Leônidas já foi cumprida por Kubiš. Protegidos por espessas paredes de pedra, Gabčík, Valčík, Hrubý e varc dispõem assim de um pouco de tempo, pelo menos para refletir. Como sair dali? Acima, eles ouvem: "Rendam-se, não lhes faremos mal nenhum". O único acesso à cripta é esse alçapão. Há também um respiradouro, uma abertura horizontal, três metros acima do piso: eles dispõem de uma escada para alcançá-la, mas é muito estreita para deixar passar um homem e, de qualquer forma, dá diretamente na rua Resslova, invadida por centenas de ss. "Vocês serão tratados como prisioneiros de guerra." Há também alguns degraus que conduzem a uma antiga porta condenada, mas esta, supondo que conseguissem abri-la, daria acesso apenas ao interior da nave, que fervilha de alemães. "Pedem-me para dizer a vocês que devem se render. Assim eu lhes digo. Que nada de mal lhes acontecerá, que serão tratados como prisioneiros de guerra." Os paraquedistas reconhecem a voz do padre Petr̃ek, que os acolheu e escondeu na igreja. Um deles responde. "Somos tchecos! Não nos renderemos jamais, estão ouvindo? Jamais, jamais!" Certamente não foi Gabčík, que teria dito: "tchecos e eslovacos"; na minha opinião, foi Valčík. Mas uma voz repete: "Jamais!" e pontua com uma rajada. Aí reconheço mais o estilo de Gabčík (mas, na verdade, não sei absolutamente nada).

O fato é que a situação está bloqueada. Ninguém pode entrar nem sair da cripta. Fora, alto-falantes repetem sem parar: "Rendam-se e saiam com as mãos para cima. Se não se renderem, faremos explodir toda a igreja e serão sepultados sob os escombros". A cada anúncio, os ocupantes da cripta respondem com uma salva. A Resistência, embora frequentemente desprovida de palavra, exprime-se também com uma maravilhosa eloquência. Fora, pede-se aos ss alinhados em fila que se apresentem como voluntários para descer na cripta. Ninguém se mexe. O comandante reitera, ameaçador. Alguns soldados, lívidos, dão um passo. O resto é designado por dever. Um novo homem é escolhido para descer pelo alçapão. Mesma punição: uma rajada nas pernas, um grito horrível, mais um estropiado entre os super-homens. Se os paraquedistas dispõem de munições em quantidade, a coisa pode durar muito tempo.

A verdade é que não quero terminar esta história. Gostaria de suspender eternamente esse momento em que os quatro homens na cripta decidem não se resignar e cavar um túnel. Sob a espécie de fresta ou abertura horizontal, não sei com quais instrumentos, eles constatarem que a parede, situada abaixo do nível da rua, é feita de tijolos que se esfarelam e se extraem facilmente. Afinal talvez haja um meio, talvez, se pudermos abrir uma passagem. Por trás da frágil parede de tijolos, eles atingem a terra fofa que os faz redobrar os esforços. Que distância haveria até encontrar uma canalização, um esgoto, um caminho que os leve ao rio? Vinte metros? Dez? Menos? Os setecentos ss estão do lado de fora com o dedo no gatilho, paralisados ou excitados pelo medo desses quatro homens, pela perspectiva de ter que desalojar inimigos entrincheirados, decididos e não intimidados, que sabem combater e cujo número, aliás, eles ignoram, como se pudesse haver batalhões inteiros lá dentro (a cripta tem quinze metros de comprimento!). Fora, há uma agitação em todos os sentidos e Pannwitz dá ordens. Dentro, cava-se com a energia do desespero, talvez seja um esforço inútil, talvez ninguém acredite nesse plano de evasão insensato, delirante, pré-hollywoodiano, mas eu acredito. Os quatro homens retiram a terra, revezam-se para cavar. Enquanto isso, é uma sirene de bombeiros que se ouve na rua? Ou não

há sirene e devo consultar de novo o depoimento do bombeiro que participou dessa jornada terrível? Gabčík arqueja ao cavar a terra, agora transpira, ele, que sentia tanto frio ali, tenho certeza de que foi ele que teve a ideia do túnel, é um otimista por natureza, e é ele que cava também, não suporta a inação, a espera mortal de um destino fatal. Não fazer nada, não tentar alguma coisa, isso não. Kubiš não terá morrido por nada. Não se dirá que Kubiš morreu por nada. Começaram eles a cavar durante o assalto à nave, aproveitando o tumulto das explosões para cobrir o ruído das marteladas? Também ignoro. Como se pode saber tanta coisa e ao mesmo tempo tão pouco sobre pessoas, sobre uma história, sobre acontecimentos históricos com os quais se vive há anos? Mas no fundo de mim sei que eles vão conseguir, eu sinto, vão sair desse antro, vão escapar de Pannwitz. Frank ficará louco de raiva e se farão filmes sobre eles.

Onde está esse maldito depoimento do bombeiro?

Hoje estamos em 27 de maio de 2008. Quando os bombeiros chegam, por volta das oito horas, eles veem ss por toda parte e um cadáver na calçada, pois não levaram o corpo de Opálka. Pannwitz lhes explica o que devem fazer. Foi ele que teve esta ideia luminosa: enchê-los de fumaça ou, se não der certo, afogá-los como ratos. Nenhum bombeiro quer se encarregar da tarefa e ouve-se a voz de alguém murmurar nas fileiras: "Não contem conosco". O chefe dos bombeiros dá um berro: "Quem disse isso?". Mas que homem teria entrado nos bombeiros para realizar semelhante trabalho? Um voluntário, portanto, é escolhido para derrubar a grade que obstrui a abertura na parede. Ela cai após alguns golpes. Frank aplaude. Uma nova batalha começa então em torno desse orifício horizontal, com menos de um metro de comprimento e trinta centímetros de altura, buraco negro que se abre ao desconhecido e à morte para os alemães, traço de luz igualmente mortal para os ocupantes da cripta. Essa lucarna torna-se a casa do tabuleiro de xadrez cobijada por todas as peças ainda em pé, a fim de obter uma posição vantajosa decisiva numa partida em que as peças brancas (pois aqui são as pretas que começam e aproveitam a iniciativa) se defenderiam na base de um contra cem.

Vinte e oito de maio de 2008. Os bombeiros conseguem enfiar sua mangueira de incêndio no orifício. A mangueira está ligada a um hidrante na rua. O hidrante é ativado. A água entra pelo orifício.

Vinte e nove de maio de 2008. A água começa a subir. Gabčík, Valčík e seus dois companheiros têm os pés na água. Assim que uma sombra se aproxima do orifício, eles disparam uma rajada. Mas a água sobe.

Trinta de maio de 2008. A água sobe, mas muito lentamente. Frank se impacienta. Os alemães lançam granadas de gás lacrimogêneo na cripta para asfixiar os ocupantes, mas não funciona porque elas caem na água. Por que não tentaram isso desde o início? Mistério. Não excluo que eles agem, como é comum acontecer, na desordem e na precipitação. Pannwitz me parece um homem muito experiente, mas suponho que hoje não é ele que controla as operações militares, além do mais é possível que também ele ceda ao pânico. Gabčík e seus companheiros têm os pés na água, mas a esse ritmo morrerão de velhice antes de serem afogados.

Primeiro de junho de 2008. Frank está extremamente nervoso. Quanto mais o tempo passa, mais ele teme que os paraquedistas encontrem uma passagem para escapar. A água poderia mesmo ajudá-los, se conseguissem localizar por onde ela escoar, pois manifestamente a cripta não se distingue por uma vedação a toda prova. No interior, os quatro se organizam. Um se ocupa de juntar as granadas e mandá-las de volta à rua. Um outro obstina-se no túnel que começaram a cavar. Um terceiro, armado de uma escada, serve-se dela para rechaçar a mangueira do orifício. O último dispara rajadas assim que alguém se aproxima. Do outro lado da parede de pedra, soldados e bombeiros são encarregados de juntar a mangueira e recolocá-la no lugar, evitando as balas.

Dois de junho de 2008. Os alemães instalam um gigantesco holofote para ofuscar os ocupantes da cripta e impedi-los de fazer pontaria. Antes mesmo de ser aceso, uma rajada, como uma pontuação irônica, o inutiliza.

Três de junho de 2008. Os alemães insistem em enfiar mangueiras na cripta, para afogá-los ou enchê-los de fumaça, mas a cada vez os ocupantes utilizam a escada como um braço telescópico para rechaçá-las. Não compreendo por que não fizeram passar as mangueiras pelo alçapão, que permanece aberto, que eu saiba, no interior da nave. Seriam as mangueiras muito curtas, o acesso pela nave impraticável com esse tipo de material? Ou se trata de uma improvável providência que retira toda lucidez tática aos assaltantes?

Quatro de junho de 2008. Os paraquedistas têm água até os joelhos. Fora, fazem vir č urda e Ata Moravec.



Ata recusa-se a falar, mas ĉ urda lança através da fenda: “Rendam-se, rapazes! Eles me trataram bem. Vocês serão prisioneiros de guerra, tudo correrá bem”. Gabĉík e Valĉík reconhecem a voz, agora sabem quem os traiu. Envia a resposta habitual: uma rajada. Ata tem a cabeça baixa, o rosto intumescido, o ar ausente de um jovem que já entrou em parte no mundo dos mortos.

Cinco de junho de 2008. Após alguns metros, a terra do túnel fica dura. Os paraquedistas suspendem a escavação para se concentrar nos tiros? Não posso acreditar. Eles se obstinam contra a terra. Cavarão com as unhas, se for preciso.

Nove de junho de 2008. Frank não aguenta mais. Pannwitz reflete. Deve haver uma outra entrada. Os monges mortos eram depositados na cripta. Por onde desciam os corpos? A igreja continua a ser vasculhada, varrem-se os escombros, arrancam-se os tapetes, demole-se o altar, sonda-se a pedra, procura-se por toda parte.

Dez de junho de 2008. E mais uma vez encontram. Sob o altar, é localizada uma pesada laje que soa oca. Pannwitz faz vir os bombeiros e lhes pede para retirar a laje. Uma cena dupla mostraria os bombeiros cavando a pedra na superfície, enquanto os paraquedistas cavam a terra no subsolo. O quadro se intitularia: “Corrida contra a morte de cem contra um”.

Treze de junho de 2008. Vinte minutos se passaram durante os quais os bombeiros se esfalfaram em vão contra a laje. Eles se queixam em mau alemão, aos soldados armados às suas costas, que é impossível retirar a pedra com os instrumentos de que dispõem. Os ss furiosos os mandam embora e trazem dinamite. Esta é colocada em torno da laje e, quando tudo está pronto, evacua-se a igreja. Na rua faz-se todo mundo recuar. Embaixo, os paraquedistas certamente pararam de cavar. O silêncio que sucede ao alarido deve tê-los alertado. Alguma coisa se prepara, eles fatalmente têm consciência disso. A explosão vem confirmar. Uma nuvem de poeira se abate sobre eles.

Dezesseis de junho de 2008. Pannwitz ordena que limpem os detritos. A laje partiu-se em dois. Um agente da Gestapo põe a cabeça no buraco. Imediatamente as balas silvam a seu redor. Pannwitz sorri com um ar satisfeito. Eles encontraram a entrada. Os ss podem descer, mas se coloca de novo o problema da via de acesso: uma escada de madeira exígua impede novamente que passe mais de um homem por vez. Os primeiros infortunados são abatidos como pinos de boliche. Mas agora os paraquedistas devem vigiar três brechas diferentes. Aproveitando que sua atenção é desviada da abertura horizontal, um bombeiro apodera-se da escada no momento em que um dos ocupantes rechaçava a mangueira pela enésima vez e consegue puxá-la para fora. Na rua, Frank aplaude. O bombeiro será recompensado por seu zelo (mas punido no momento da Libertação).

Dezessete de junho de 2008. A situação complica-se horrivelmente. Os defensores estão agora privados de seu braço telescópico e o bunker verte água por todo lado, no sentido próprio e no figurado. A partir do momento em que os ss dispõem de duas vias de acesso, além do perigo que vem da abertura no alto, os paraquedistas compreendem que é o fim. Sabem que estão perdidos. Param de cavar, se já não o fizeram, para se concentrar unicamente nos tiros. Pannwitz ordena uma nova onda de assalto pela entrada principal, enquanto granadas são lançadas na cripta e um homem tenta de novo descer pelo alçapão. Dentro, as Sten cospem tudo que podem para repelir os agressores. A confusão é total, é como no filme Álamo, e o ataque dura, dura, não termina, vem de todos os lados, pelo alçapão, pela escada, pela fresta e, enquanto as granadas caem na água sem explodir, os quatro homens esvaziam seus carregadores sobre tudo que se mexe.

Dezoito de junho de 2008. Eles chegam ao último carregador e é o tipo de coisa que logo se percebe, suponho, mesmo e sobretudo no fogo da ação. Os quatro homens não têm necessidade de se falar. Gabĉík e seu amigo Valĉík trocam um sorriso, estou certo disso, eu os vejo. Eles sabem que combateram bem. É meio-dia quando quatro detonações abafadas rompem o tumulto das armas, que cessa imediatamente. O silêncio cai enfim sobre Praga como um manto de poeira. Entre os ss, todos se detiveram, ninguém ousa atirar nem se mexer. Eles esperam. Pannwitz está rígido. Faz sinal a um oficial ss, que, hesitante, muito longe da segurança máscula que deveria por princípio exibir em qualquer circunstância, pede a dois de seus homens para ir ver o que aconteceu. Eles descem prudentemente os primeiros degraus e param. Como dois rapazinhos, voltam-se

para o comandante, que lhes faz sinal para prosseguir, weiter, weiter! Todos os observadores presentes na igreja os acompanham com o olhar, retendo a respiração. Eles desaparecem na cripta. Longos segundos ainda transcorrem, depois ouve-se um chamado, literalmente do além-túmulo, em alemão. Com o revólver em punho, o oficial desce a escada. Torna a sair, com as calças molhadas até as coxas, e grita: "Fertig!". Terminado. Quatro corpos flutuam na água, os de Gabčík, Valčík, varc e Hrubý, mortos pelas próprias mãos para não cair nas do inimigo. Na superfície da água flutuam notas de dinheiro rasgadas e papéis de identidade também rasgados. Entre os objetos dispersos, um fogareiro, roupas, colchões, um livro. Nas paredes, salpicos de sangue, nos degraus da escada de madeira, poças de sangue (este, pelo menos, é alemão). E cartuchos vazios, nenhum carregado: eles guardaram o último para si.

É meio-dia, foi preciso cerca de oito horas para que oitocentos ss liquidassem sete homens.

251

Minha história chega ao fim e sinto-me completamente vazio, não somente vazio: esvaziado. Poderia deter-me aqui, mas não dá para ser assim. As pessoas que participaram desta história não são personagens ou, se passaram a sê-lo por minha culpa, não desejo tratá-las como tais. Com peso, sem fazer literatura ou, pelo menos, sem o desejo de fazê-lo, direi o que aconteceu àqueles que, em 18 de junho de 1942 ao meio-dia, ainda estavam vivos.

Quando olho o noticiário na tv, quando leio o jornal, quando encontro pessoas, quando frequento círculos de amigos e conhecidos, quando vejo como cada um se debate e se vira como pode nas sinuosidades absurdas da vida, digo-me que o mundo é ridículo, comovente e cruel. É um pouco a mesma coisa em relação a este livro: a história é cruel, os protagonistas são comoventes e eu sou ridículo. Mas estou em Praga.

Estou em Praga pela última vez, pressinto. Os fantasmas de pedra que povoam a cidade me cercam, como sempre, com sua presença ameaçadora, benévola ou indiferente. Vejo passar sob a ponte Carlos o corpo escultural-evanescente de uma jovem morena de pele branca, com um vestido de verão colado sobre o ventre e as coxas, a água escorrendo sobre o peito desnudo, tendo sobre os seios, como num cofre aberto, fórmulas mágicas em via de se apagarem. A água do rio lava o coração dos homens arrastados pela corrente. O cemitério já está fechado, como de costume. Da rua Liliova chega-me o eco dos cascos de um cavalo batendo nas pedras do calçamento. Nos contos e lendas da velha Praga dos alquimistas é dito que o Golem voltará quando a cidade estiver em perigo. O Golem não voltou para proteger os judeus nem os tchecos. O homem de ferro, imobilizado na sua maldição secular, também não se mexeu quando inauguraram Terezín, quando mataram as pessoas, quando as espoliaram, maltrataram, torturaram, deportaram, fuzilaram, asfixiaram a gás, executaram de todas as maneiras possíveis. Quando Gabčík e Kubiš chegaram, já era tarde, o desastre já havia acontecido, a hora era apenas de vingança. Foi uma vingança deslumbrante, mas pela qual eles, seus amigos, seu querido povo pagaram muito caro.

Leopold Trepper, chefe da rede Orquestra Vermelha, organização legendária que operou na França, observou uma coisa: quando um resistente caía nas mãos do inimigo e lhe ofereciam a possibilidade de cooperar, ele podia aceitar ou não. Se aceitasse, tinha ainda a possibilidade de limitar as perdas e dizer o mínimo possível, tergiversar, soltar as informações a conta-gotas, ganhar tempo. Foi a estratégia que ele adotou ao ser preso, e foi também o que fez A54. Mas em ambos os casos se tratava de profissionais, de espões de altíssimo nível. Na maioria das vezes, quem aceitava mudar de posição, mesmo se até então havia resistido às piores torturas, a partir do instante em que cedia, a partir do instante em que tomava sua decisão, Trepper constatou que este, lembro-me da sua expressão, geralmente "rolava na traição como na lama". Karel Čurda não se contentou em colocar a Gestapo na pista dos autores do atentado, ele forneceu igualmente os nomes de todos os contatos que tinha e de todas as pessoas que o ajudaram desde seu retorno ao país. Ele vendeu Gabčík e Kubiš, mas deu todos os outros. Nada o obrigava a mencionar a existência de Libuše, o radiotelégrafo, por exemplo. No entanto lançou a Gestapo atrás dos dois últimos foragidos do grupo de Valčík,

Silver A, o capitão Bartoš e o radiotelegrafista Potu<sup>o</sup>ček. A pista leva a Pardubice, onde Bartoš, cercado, suicida-se como seus companheiros ao cabo de uma perseguição pela cidade. Infelizmente, com ele é encontrada uma caderneta com um monte de endereços. E assim Pannwitz pode continuar a desenrolar o novelo. O fio passa por uma pequeníssima aldeia chamada Ležaky, que será a Nagasaki de Lídice. Em 26 de junho, o radiotelegrafista Potu<sup>o</sup>ček, único dos paraquedistas ainda vivo, emite o último despacho de Libuše: “A aldeia de Ležaky onde me encontrava com meu aparelho emissor foi arrasada. As pessoas que nos ajudaram foram presas [somente duas meninas loiras aptas à germanização sobreviverão]. Graças ao apoio delas, pude me salvar e salvar a estação. Nesse dia, Freda [Bartoš] não estava em Ležaky. Não sei onde ele está e ele não sabe onde estou atualmente. Mas espero que consigamos nos reencontrar. Agora estou sozinho. Próxima emissão em 28 de junho às vinte e três horas”. Ele vagueia nas florestas, é descoberto numa outra aldeia, consegue mais uma vez escapar abrindo caminho a tiros de revólver, mas, perseguido, faminto e exausto, é finalmente capturado e fuzilado em 2 de julho, perto de Pardubice. Eu disse que era o último paraquedista, mas não é verdade: resta č urda, o traidor que embolsa seu dinheiro, muda de nome, casa-se com uma alemã e torna-se agente duplo em tempo integral por conta de seus novos senhores. Nesse meio-tempo, A54, o superagente alemão, é enviado a Mauthausen, na Áustria, onde consegue adiar o mais que pode sua execução imitando Scherazade. Mas nem todos têm tantas histórias a contar.

Ata Moravec e seu pai, Anna Malinová, a noiva de Kubiš, Libena Fafek, a de Gabčík, dezenove anos, provavelmente grávida, com toda a sua família, e os Novák, os Svatoš, os Zelenka, Piskáček, Khodl, esqueço tantos outros, o padre ortodoxo da igreja e toda a sua hierarquia, as pessoas de Pardubice — todos os que, mais próximos ou mais afastados, foram acusados de ter ajudado os paraquedistas são detidos, deportados, fuzilados ou asfixiados a gás. O professor Zelenka, porém, teve tempo de morder sua cápsula de cianureto no momento de ser preso. Dizem que a sra. Nováková, a mãe da menina da bicicleta, ficou louca antes de ser levada à câmara de gás com os filhos. Muito poucos conseguiram passar através das malhas da rede, como o zelador dos Moravec. Mesmo o cachorro Moula, a quem Valčík lhe confiara a guarda, deixou-se morrer de tristeza por ter perdido o dono, dizem. Também o animal havia acompanhado Valčík em seus reconhecimentos. Mas a todos esses se somam os que não tinham relação nenhuma com o atentado, reféns, judeus, prisioneiros políticos executados em represália, aldeias inteiras, Anna Maruščáková e seu amante, cuja inocente correspondência engendrou o massacre de Lídice, e também as famílias dos paraquedistas cujo único crime era o parentesco, familiares de Kubiš e de Valčík, todos deportados e asfixiados a gás em Mauthausen. Só a família de Gabčík, seu pai, suas irmãs escaparam ao massacre por serem de nacionalidade eslovaca, pois a Eslováquia era um Estado satélite, mas não um Estado ocupado, e, para preservar as aparências da independência, não se decidiu a executar compatriotas, mesmo para agradar seu ameaçador aliado. O fato é que, ao todo, milhares de pessoas pereceram em consequência do atentado. Mas dizem que todas as que foram julgadas por terem dado ajuda e apoio aos paraquedistas declararam corajosamente, em face dos nazistas que as julgavam, que não estavam arrependidas e tinham orgulho de morrer por seu país. Os Moravec não traíram seu zelador. Os Fafek não traíram a família Ogoun, que sobreviveu igualmente. Respeito por esses homens e essas mulheres de boa vontade, é mais ou menos o que eu queria dizer, o que eu não queria esquecer de dizer, com toda a inabilidade, com toda a inerente inabilidade das homenagens ou das condolências.

Hoje Gabčík, Kubiš e Valčík são heróis em seu país, onde lhes celebram regularmente a memória. Cada um tem uma rua com seu nome, nas proximidades do local do atentado, e existe na Eslováquia uma pequena aldeia com o nome de Gabčíkovo. Eles continuam a subir de grau a título póstumo (creio que são capitães, atualmente). Os que os ajudaram direta ou indiretamente não são tão conhecidos e, extenuado pelos esforços desordenados que fiz para homenagear todas essas pessoas, tremo de culpa ao pensar nas centenas, nos milhares daquelas que deixei morrer anônimas, mas quero pensar que as pessoas existem mesmo se não falamos delas.

A mais justa homenagem prestada pelos nazistas à memória de Heydrich não foi o discurso pronunciado por Hitler nos funerais do seu zeloso servidor, mas provavelmente esta: em julho de 1942 começa o programa de extermínio de todos os judeus da Polônia, com a abertura dos campos de Belzec, Sobibor e Treblinka. De julho de 1942 a outubro de 1943, mais de dois milhões de judeus e cerca de cinquenta mil ciganos vão perecer no quadro desse programa. O codinome dado ao programa é Aktion Reinhard.

253

Em que pensa esse trabalhador tcheco ao volante da sua caminhonete, nessa manhã de outubro de 1943? Ele trafega pelas ruas sinuosas de Praga, com um cigarro nos lábios, e certamente sua cabeça está cheia de preocupações. Atrás ouve a carga que sacoleja, caixas de verduras que deslizam e batem contra as paredes do veículo nas curvas. Atrasado ou com pressa de terminar sua tarefa para ir beber um trago com os amigos, ele roda depressa na pista de macadame estragada pela neve. Não vê a pequena figura loira que corre na calçada. Quando ela atravessa a rua com a subitaneidade de que só as crianças são capazes, ele freia, mas é tarde. A caminhonete atropela a criança, que vai rolar na valeta. O condutor ainda não sabe que acaba de matar o pequeno Klaus, filho mais velho de Reinhard e Lina Heydrich, nem que será deportado por esse momento fatal de desatenção.

254

Paul Thümmel, também dito René, ou Karl, ou A54, pôde sobreviver em Terezín até abril de 1945. Mas, agora que os Aliados estão às portas de Praga, os nazistas evacuam o país e não querem deixar testemunhas incômodas atrás de si. Quando vêm buscá-lo para ser fuzilado, Paul Thümmel pede a seu colega de cela para transmitir seus cumprimentos ao coronel Moravec, se tiver a ocasião. E acrescenta esta mensagem: "Foi um real prazer trabalhar com os serviços de informação tchecoslovacos. Lamento que deva terminar assim. Meu reconforto é que nem tudo terá sido realizado em vão". A mensagem será transmitida.

255

— Como pôde trair seus companheiros?

— Penso que teria feito a mesma coisa por um milhão de marcos, Vossa Excelência!

Detido pela Resistência perto de Pilsen durante os últimos dias da guerra, Karel Čurda é julgado e condenado à morte. É enforcado em 1947. Ele sobe o cadafalso lançando ao carrasco gracejos obscenos.

256

Minha história acabou e meu livro deveria acabar também, mas descubro que é impossível dar um fim a uma história como esta. É meu pai, ainda, que me chama para ler-me um texto que copiou no Museu do Homem, onde viu uma exposição sobre Germaine Tillon, antropóloga e resistente, deportada para Ravensbrück, recentemente falecida. O texto dizia o seguinte:

"As experiências de vivisseção com setenta e quatro mulheres jovens detidas são uma das mais sinistras particularidades de Ravensbrück. As experiências, realizadas de agosto de 42 a agosto de 43, consistiam em operações muito mutilantes, destinadas a reproduzir os ferimentos que haviam custado a vida a Reinhard Heydrich, o Gauleiter da Tchecoslováquia. O professor Gerhardt, não tendo podido salvá-lo de uma gangrena gasosa, queria provar que o emprego de sulfas não teria adiantado nada. Assim, ele inoculou voluntariamente

germes infecciosos nas mulheres, muitas das quais morreram.”

Deixo de lado as aproximações (“Gauleiter”, “Tchecoslováquia”, “gangrena gasosa”...). Sei, portanto, que essa história nunca terminará realmente para mim, que continuarei sempre a saber de coisas relacionadas a esse caso, a extraordinária história do atentado organizado contra Heydrich em 27 de maio de 1942 por paraquedistas tchecoslovacos vindos de Londres. “Sobretudo, não procure ser exaustivo”, dizia Barthes. Eis aí uma recomendação que me havia escapado completamente...

257

É um pacote com a carcaça enferrujada que desliza no Báltico como um poema de Nezval. Jozef Gabčík deixa para trás o litoral sombrio da Polônia e alguns meses escondido nas ruelas de Cracóvia. Com ele, outros fantasmas do Exército tchecoslovaco conseguiram enfim embarcar para a França. Circulam a bordo, fatigados, incertos, inquietos, no entanto alegres ante a perspectiva de finalmente poder lutar contra o invasor, sem nada saber ainda da Legião Estrangeira, da Argélia, do campo francês ou da neblina de Londres. Nos corredores estreitos eles se esbarram uns contra os outros, em busca de uma cabine, de um cigarro ou de um conhecido. Debruçado na amurada, Gabčík olha o mar, tão estranho para os que vêm de um país encravado em terras como o dele. Certamente é por isso que seu olhar não se dirige ao horizonte, representação simbólica muito fácil do seu futuro, mas para a linha de flutuação do barco, ali onde as ondas se aproximam e se esmagam contra o casco, para depois se afastar e se esmagar de novo, num movimento oscilatório hipnótico e enganador. “Tem fogo, companheiro?” Gabčík reconhece o sotaque morávio. Ilumina com o isqueiro o rosto do compatriota. Uma covinha no queixo, lábios espessos para fumar e, nos olhos, isso o impressiona, um pouco da bondade do mundo. “Meu nome é Jan”, ele diz. Uma voluta se dispersa no ar. Gabčík sorri sem responder. Eles terão o tempo todo, durante a travessia, para se conhecer. Outras sombras se misturam às dos soldados em trajes civis que circulam pelo navio, velhos desamparados, senhoras solitárias de olhar velado, crianças ajuizadas que seguram o irmãozinho pela mão. Uma mulher jovem que se parece com Natacha está no convés, as mãos pousadas na amurada, uma perna dobrada brincando com a bainha da saia, e eu também, talvez, estou ali.

Cet ouvrage a bénéficié du soutien des Programmes d’aide à la publication de CulturesFrance/Ministère Français des Affaires étrangères et européennes.

Este livro, publicado no âmbito do Programa de apoio a publicação da CulturesFrance, contou com o apoio do Ministério Francês das Relações Exteriores e Europeias.

Ouvrage publié avec le concours du Ministère Français chargé de la Culture – Centre National du Livre.

Obra publicada com o apoio do Ministério Francês da Cultura – Centro Nacional do Livro.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original  
HHhH

Capa  
Elisa v. Randow

Preparação  
Silvana Afram

Revisão  
Marise Leal  
Huendel Viana

ISBN 978-85-8086-293-5

Todos os direitos desta edição reservados à  
editora schwarcz s.a.  
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)